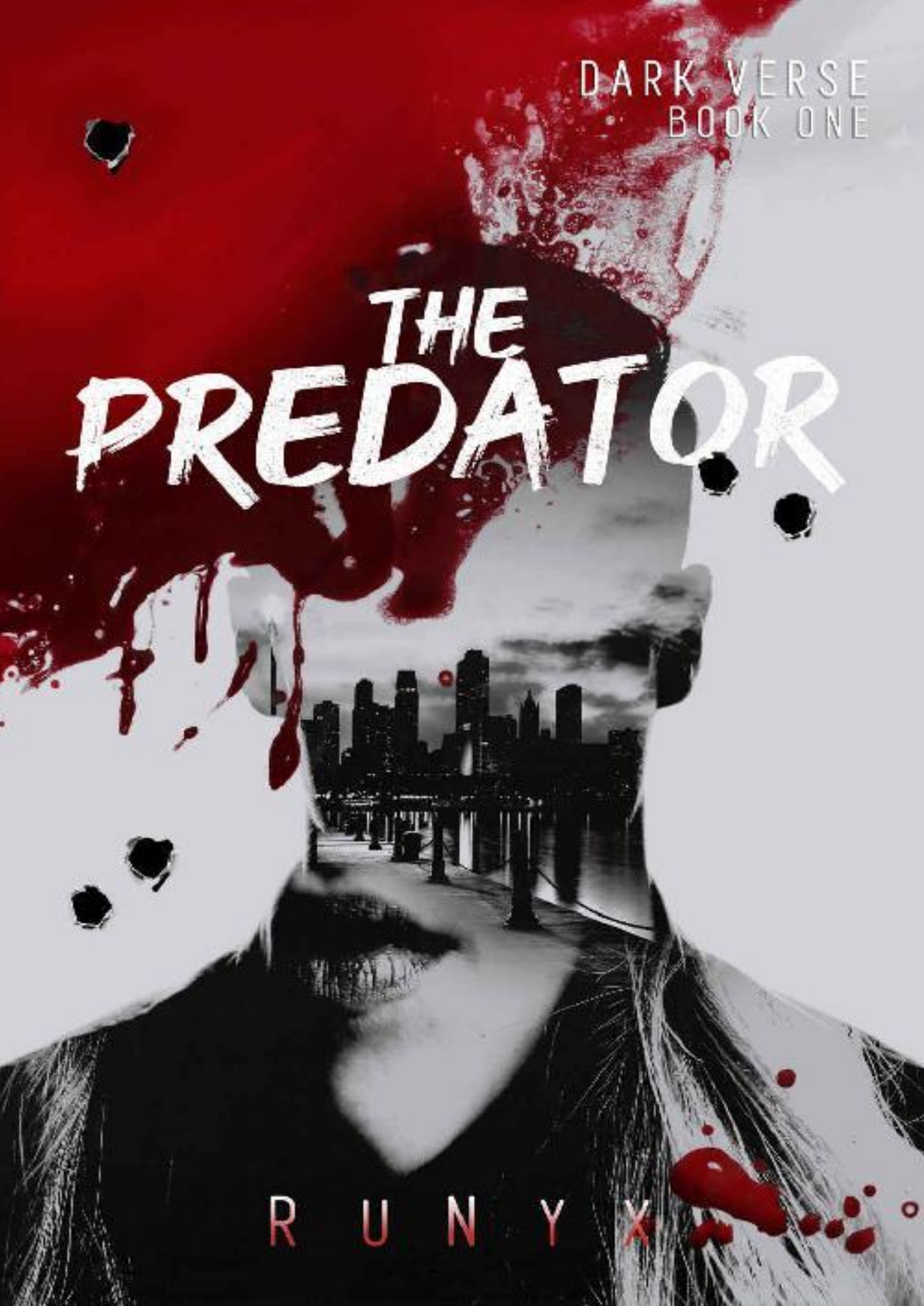

DARK VERSE
BOOK ONE
THE PREDATOR
RUNYX



AVISOS

Prezem pelo grupo, não distribuam livros feitos por nós em blogs, páginas de Facebook e grupos abertos.

Nunca falem sobre livros que foram feitos por nós para autoras, digam que leram no original.

Prestigiem sempre os autores comprando seus livros, afinal eles dependem disso não é mesmo?



A presente tradução foi efetuada pelo grupo WICKED LADY, de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra. Incentivando à posterior aquisição.

O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto. Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo WICKED LADY poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que foram lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo WICKED LADY de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

Wicked Lady

STAFF

DISTRIBUIÇÃO: Wicked Lady

TRADUÇÃO: Lady Zsadist

REVISÃO INICIAL: Lady Zsadist

REVISÃO FINAL: Lady Draconi

LEITURA FINAL: Lady Ward

FORMATAÇÃO: Lady Rexroth



THE PREDATOR

RUNYX

LIVRO UM

DARK VERSE

Wicked Lady

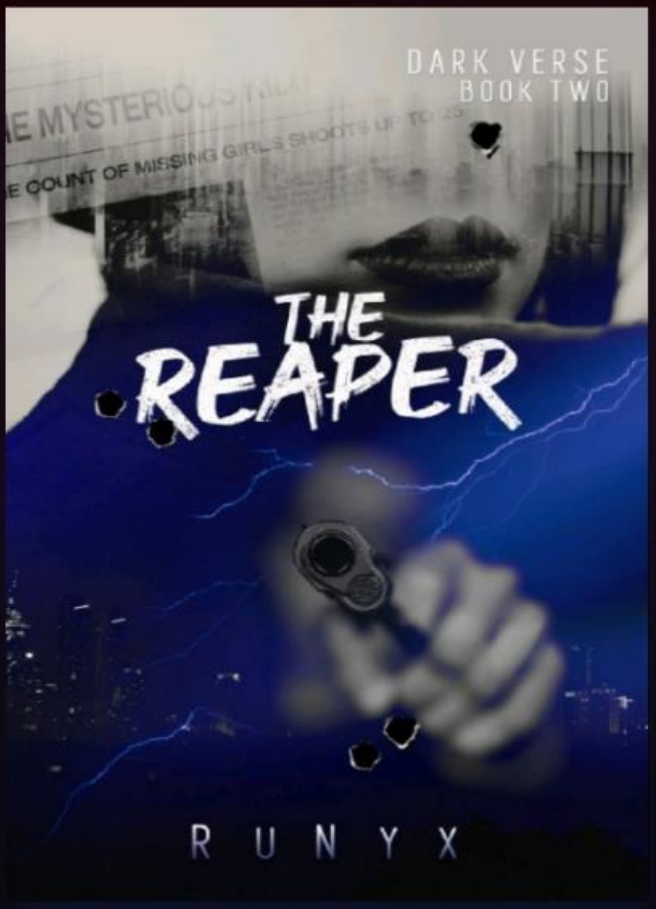
Série Dark Verse

Ordem de Leitura

LIVRO UM



LIVRO DOIS



RUNYX

Wicked Lady

Série

Dark Verse

LANÇAMENTO



LIVRO UM

RuNyx

A contagem de meninas desaparecidas chega em 25

LIVRO UM
DARK VERSE

THE PREDATOR
RUNYX

Para o fandom.

Aos leitores que estiveram comigo ao longo dos anos.

Eu estou aqui por causa de vocês.

NOTA DA AUTORA

Este é o primeiro livro da série *Dark Verse*. Como o nome sugere, tudo neste mundo será sombrio, brutal e cru. Os personagens, seus comportamentos e circunstâncias são todos resultado direto de seu mundo. A moralidade é cinza e a humanidade é questionável. Este não é um mundo de arco-íris e borboletas. Com cada livro, explorarei mais da escuridão e do bem que ainda pode existir nele. No entanto, se você tem certas expectativas de como um personagem deve se comportar, certas ideias que são cimentadas sobre o bem e o mal, ou se você não está totalmente pronto para mergulhar neste versículo, este livro pode não ser para você. Esse é escuro e feio. Se você não se sentir confortável com isso, peço sinceramente que faça uma pausa. Existem situações para adultos, conteúdo explícito, imagens brutais e ações questionáveis. Escrevi este verso com muito amor e, se você estiver viajando comigo, espero que goste de mergulhar nele.

Quando você olha para o abismo, o abismo também olha para você.

– Friedrich Nietzsche

SINOPSE

O que acontece quando uma força imparável encontra um objeto imóvel no campo da morte?

No ventre escuro da multidão, Tristan Caine tem sido uma anomalia. Como o único membro sem sangue no círculo superior da Outfit de Tenebrae, ele é um enigma para todos - suas habilidades sem paralelo, sua moral questionável e seus motivos desconhecidos.

Ele é letal e sabe disso.

Morana Vitalio, gênio extraordinária e a filha da família rival. O que Caine faz com armas, Morana faz com computadores.

Quando um mistério de vinte anos ressurge, Morana se infiltra na casa de Caine com a intenção de matá-lo, sem saber de um laço que os une.

O ódio, o calor e a história se chocam com faíscas inesperadas.

Mas algo maior, algo pior está acontecendo no mundo deles.

E, apesar de sua animosidade, somente eles podem combatê-lo.



A Aliança

Cidade de Tenebrae, 1985

Em uma noite fria e escura no inverno, com o vento uivando e o céu chorando em granizo, dois homens da Tenebrae Outfit encontraram os dois homens de Shadow Port no meio do nada. Embora as duas famílias fossem rivais há mais de uma década, estava se tornando ruim para os negócios. O mundo deles era pequeno e eles não podiam continuar mordendo a cabeça um do outro quando havia empreendimentos maiores e mais lucrativos que poderiam beneficiar os dois. Era hora de acabar com a rivalidade de uma década e iniciar uma parceria para o futuro.

O líder de Shadow Port estremeceu sob o casaco pesado, não acostumado às temperaturas congelantes de sua cidade no oeste. O líder da Ten Outfit riu. Eles viram o sol ainda menos do que ele via sua esposa. A conversa jovial foi trocada. O homem com cada líder permaneceu em silêncio.

E então, o negócio foi discutido. Armas e álcool – eles eram as frentes da operação. Era hora de começar um novo empreendimento, o primeiro com a família. O líder do

Tenebrae sugeriu a ideia. Era um comércio novo, ainda não comum no mundo, mas com um grande futuro e mais dinheiro do que eles sonhavam. O líder da Shadow concordou. Os homens juraram mantê-lo em segredo, manter um comércio oculto, permitindo que todos pensassem em armas e bebidas como seu negócio principal.

O líder Tenebrae abriu o porta-malas do carro. Duas meninas, com não mais de oito anos, permanecem inconscientes, sem saber o que as esperava.

Os líderes trocaram um pequeno sorriso e apertaram as mãos.

"Para o futuro", disse um deles.

"Para o futuro", o outro ecoou.

E assim, começou a Aliança.



Farejando

Nos Dias de Hoje

A faca estava cavando em sua coxa.

Ela não deveria estar aqui.

O pensamento continuava ecoando na cabeça de Morana repetidamente, seus nervos esticados, enquanto ela tentava parecer distante. Segurando a taça cheia de champanhe no alto, ela fingiu beber um gole, os olhos constantemente examinando a multidão. Enquanto ela sabia que tomar alguns goles do espumante faria maravilhas para acalmar seus nervos desgastados, Morana se conteve. Ela precisava de uma cabeça clara mais do que coragem líquida para esta noite. Talvez. *Esperançosamente.*

A festa estava a todo vapor, organizada nos amplos gramados da casa de alguém da família Maroni. Maldita Outfit. Foi uma boa coisa ela ter feito o máximo de pesquisa possível nos últimos dias.

Morana, nas sombras, olhou ao redor do jardim bem iluminado, vendo os rostos que vira nas notícias ao longo dos

anos. Alguns que ela viu em sua própria casa enquanto crescia. Ela viu os soldados da Outfit, circulando com rostos estoicos. Ela viu as mulheres, decorando principalmente os braços dos homens com quem estavam. Ela viu os inimigos.

Ignorando a coceira da peruca, Morana apenas observou. Ela tomou muito cuidado para se parecer com outra pessoa hoje à noite. O longo vestido preto que ela usava escondia as facas nas coxas, uma das quais, de alguma forma, torceu e estava tentando furá-la. A pulseira em sua mão havia sido comprada no mercado negro, com um compartimento escondido para um veneno de aerossol que não estava disponível no mercado. E ela escondeu os cabelos escuros sob uma peruca sedosa de cabelos loiros rosados, os lábios vermelhos como uma sereia. Não era ela. Mas era necessário. Ela estava planejando essa noite há dias. Ela estava contando com esse plano para trabalhar há dias. Ela não podia estragar tudo. Não depois de estar tão perto.

Ela olhou para a mansão, aparecendo atrás da multidão. Era uma fera. Não havia outra maneira de descrevê-la. Como um castelo antigo enterrado nas colinas da Escócia, a casa – um estranho híbrido de mansão moderna e castelo primitivo – era uma besta. Uma fera com algo dela no interior.

O ar fresco e perfumado com a noite floresce, Morana sorrateiramente sacudiu os calafrios tentando lamber sua pele.

O som da gargalhada barulhenta de um homem chamou sua atenção. Com os olhos no homem de cabelos grisalhos, rindo com outros homens no canto norte da propriedade, Morana o estudou. Seu rosto estava enrugado com a idade, mãos limpas de onde ela podia ver.

Oh, como ele tinha sangue nessas mãos. Então, muito sangue. Não que alguém em seu mundo não tenha. Mas ele havia criado um nicho para si mesmo como o mais sangrento de todos, incluindo o pai dela.

Lorenzo 'Bloodhound' Maroni era o chefe da Tenebrae Outfit, sua carreira por mais de quatro décadas, sua ficha criminal era mais longa que o braço dela, sua atitude de sangue frio era uma coisa de admiração no mundo deles. Morana já estava com pessoas como ele há tempo suficiente para não deixar isso abalá-la. Ou melhor, não deixar mostrar.

Ao lado de Lorenzo, estava seu filho mais velho, Dante 'The Wall' Maroni. Embora seu rosto bonito pudesse enganar alguns, Morana fez pesquisas suficientes para não o subestimar. Construído como uma parede, o homem se elevava sobre quase todo mundo com seu físico sólido. Se acreditar nos boatos, ele assumiu um papel fundamental na organização quase uma década atrás.

Morana fingiu tomar um gole de champanhe. Trocando um sorriso educado com uma mulher que olhou em sua direção, ela finalmente deixou seus olhos vagarem para o homem que estava em silêncio ao lado de Dante.

Tristan Caine.

Ele era uma anomalia. O único membro não-sangue a prestar juramento com sangue na família. O único membro não-sangue a ser tão alto no Outfit. Ninguém sabia exatamente onde ele estava colocado na hierarquia, mas as pessoas sabiam que ele estava muito alto. Todo mundo tinha teorias sobre o porquê, mas ninguém realmente sabia ao certo.

Morana o observou. Ele é alto, apenas uma polegada ou menos mais baixo que Dante, em um terno preto casual de três peças sem a gravata. Seu cabelo loiro escuro era quase castanho, cortado rente à cabeça, os olhos de uma cor clara à distância.

Morana sabia que eles eram azuis. Um azul impressionante. Ela tinha visto fotos dele, sempre fotos espontâneas nas quais ele parecia surpreendentemente vazio. Morana estava acostumada com rostos inexpressivos no mundo deles, mas ele elevou isso um pouco.

Enquanto sua estrutura muscular era atraente, não era por isso que Morana não conseguia desviar o olhar. Foi por causa das histórias que ela ouvira sobre ele nos últimos anos, principalmente ouvindo conversas, principalmente as do pai.

Segundo as histórias, Tristan Caine era filho do guarda-costas pessoal de Lorenzo Maroni, que havia morrido

enquanto protegia o chefe há quase vinte anos. Tristan era jovem, com uma mãe que partiu após a morte do marido.

Lorenzo, por razões desconhecidas, levou o jovem para baixo de suas asas e o treinou pessoalmente nas habilidades do ofício. E hoje, Tristan Caine era um filho para Bloodhound Maroni. Alguns disseram que Maroni o favorecia mais do que o próprio sangue. De fato, a notícia era que, após a aposentadoria de Maroni, Tristan seria o chefe de Outfit, não Dante.

Tristan 'O Predador' Caine.

Eles o chamavam de predador. Sua reputação o precedeu. Ele raramente ia à caçada, mas quando o fazia, era o fim. Quando ele fazia, iria direto para a jugular. Sem distrações. Sem brincadeira. Por toda a sua atitude despreocupada, o homem era mais letal do que a faca cortando sua coxa.

Ele também era o motivo de ela ter ido à festa.

Ela ia matar Tristan Caine.



A vida como filha do chefe da família Shadow Port a havia preparado para muitas coisas. Não isso. Apesar de crescer cercada pelo crime, Morana fora surpreendentemente protegida da feiura do mundo. Ela estudara em casa, foi para universidade e agora trabalhava como desenvolvedora freelancer. Tudo muito simples.

Era exatamente por isso que ela *não* estava tão preparada para lidar com isso. Ela não estava preparada para se infiltrar na casa dos inimigos de seu pai e, por extensão, dela. E ela definitivamente não estava preparada para assassinar o dito inimigo.

Talvez ela realmente não tivesse que matá-lo. Talvez sequestro também funcionasse.

Até parece.

Por mais de uma hora, Morana observou Tristan Caine cuidadosamente, sem ser muito óbvia, esperando que ele se movesse. Finalmente, depois de ficar colado ao lado de Maroni com uma carranca escura no rosto bonito, ele se separou e foi para o bar.

Morana debateu se deveria abordá-lo a céu aberto ou esperar que ele entrasse em casa. Depois de uma fração de segundo de indecisão, ela decidiu a segunda opção. A primeira era muito perigosa, e ela estava exposta, não apenas significaria sua sentença de morte, mas uma guerra entre as duas famílias. Uma guerra de multidões. Ela estremeceu, só

de pensar em todas as histórias mórbidas que ouvira ao longo dos anos.

Ela também se perguntou se estava sendo lógica em querer matar o homem.

Talvez não, mas ela precisava entrar na casa e descobrir onde ele estava escondendo seus códigos.

Tudo começou como um desafio do ex-namorado (não que alguém soubesse dele). Sendo ele próprio desenvolvedor, ele a desafiou a criar o conjunto mais complexo de códigos que ela podia. Sendo uma porcaria por desafios, ela sucumbiu.

Esses códigos eram o Frankenstein dela. Um monstro poderoso que deu errado, fora de seu controle. Eles poderiam desfigurar digitalmente qualquer pessoa, extrair todos os segredos sujos das partes mais profundas da web e destruir governos inteiros, multidões inteiras, se caíssem nas mãos erradas.

Caíram nas piores mãos possíveis. Seu imbecil de um ex – Jackson – havia roubado os códigos quando ela terminou há três semanas, e desapareceu.

Foi quando ela começou a rastreá-lo que descobriu que Jackson havia sido enviado para se aproximar dela pela Outfit. Mais especificamente, por Tristan Caine. Como ele soube sobre suas habilidades e os códigos, ela não sabia.

Ela estava ferrada. Muito, muito ferrada.

Não havia como ela contar ao pai. *Não.* As acusações contra ela eram muito altas. Namorando uma pessoa de fora, escrevendo uma bomba-relógio de códigos sem nenhuma proteção, mas, o pior de tudo, sabendo onde os códigos haviam terminado – seu pai a mataria sem pestanejar. Ela sabia disso e, francamente, não se importava. Mas pessoas inocentes e espectadores não mereciam ter suas vidas destruídas por seus erros.

Então, depois de semanas pesquisando e perseguindo, ela finalmente fraudou a si mesma um convite para a festa em Tenebrae. Seu pai achava que ela estava lá encontrando seus amigos inexistentes da faculdade. Seus seguranças pessoais achavam que ela estava bêbada e dormindo trancada em sua suíte de hotel.

Ela escapou. Chegou até aqui. Ela tinha que pegar esses códigos e dar o fora dali. E ela tinha que fazer tudo isso enquanto silenciava Tristan Caine. A única maneira de fazer isso era matá-lo.

Pensando em como ele planejou tudo com Jackson, seu sangue ferveu.

Ah, sim, matá-lo não será um problema. O desejo se intensificou toda vez que ela pensava no bastardo doente. Morana rangeu os dentes.

Finalmente, depois de virar uma dose de uísque, Tristan Caine foi em direção à mansão.

Hora do show.

Balançando a cabeça para si mesma, Morana colocou o copo na bandeja de um dos muitos garçons e, silenciosamente, foi em direção ao caminho isolado que ele seguiu. Aderindo às sombras, seu vestido escuro ajudou que ela não se destacasse. Alguns passos no caminho, ela viu a festa desaparecendo atrás dela, enquanto os arbustos que envolviam o caminho se tornavam mais espessos ao seu redor.

Mais à frente, ela viu a figura alta e larga de Caine caminhando agilmente em direção aos degraus da casa. Ele os escalou dois de cada vez, e ela correu sobre os calcanhares, tentando mantê-lo em sua linha de visão.

Seus olhos percorrendo a área, ela se abaixou e subiu os degraus. À sua esquerda, ela podia ver a festa e os guardas estacionados ao redor dos gramados.

Franzindo o cenho para a falta de segurança em torno da casa, Morana entrou pelo espaço entre as enormes portas duplas.

E viu um guarda indo direto em sua direção através do saguão.

Adrenalina batendo forte, ela se escondeu atrás do primeiro pilar que viu, seus olhos correndo pela enorme entrada com um lustre exagerado. O olhar dela seguiu Caine

pelo corredor à esquerda do saguão, suas costas desaparecendo de vista no final.

De repente, ela sentiu uma mão puxar seu braço.

O grande guarda franziu o cenho para ela.

"Você está perdida, senhorita?" Ele perguntou, seus olhos desconfiados, e antes que ela pudesse repensar, Morana pegou o vaso ao lado dela e o esmagou sobre sua cabeça. Os olhos do guarda se arregalaram antes que ele se encolhesse e Morana escapasse, repreendendo-se.

Foda-se, foda-se, foda-se.

Isso foi mais desleixado do que ela gostaria.

Respirando fundo, concentrando-se na tarefa em questão, Morana agachou-se, indo em direção ao corredor. Uma vez lá dentro, ela correu para ele, parando para pegar os sapatos nas mãos para evitar fazer barulho. Em segundos, ela estava na curva em algum lugar nos fundos da casa, olhando para um conjunto de escadas que levavam a uma única porta.

Engolindo, com o coração batendo forte, ela subiu.

Chegando ao patamar, ela caminhou na ponta dos pés até a porta. Respirando fundo, rapidamente, ela puxou a faca da bainha da coxa, ciente do pequeno machucado que havia deixado ali. Ela pegou a maçaneta, calçando os sapatos e a abriu.

Inclinando o pescoço para dentro, ela olhou ao redor do quarto de hóspedes semiescuro.

Estava vazio.

Franzindo a testa, ela entrou, fechando a porta atrás dela silenciosamente.

A porta do outro lado do grande quarto se abriu antes que ela tivesse a chance de observar o ambiente. Com o coração batendo forte, ela se agachou no canto, vendo Tristan Caine sair do banheiro, jogando o paletó na cama. Morana observou os suspensórios austeros contra a camisa branca, o tecido nítido desabotoado na gola, esticado em toda a ampla extensão do peito. Um peito muito musculoso. Ela apostou que ele também tinha abdominais.

Embora se odiasse por perceber, não podia negar que o homem era muito, muito atraente. Pena que ele era um bastardo para igualar.

Ela o viu tirar o telefone do bolso da calça, percorrendo a tela, concentrando-se inteiramente no que estava vendo. Observando suas costas musculosas em sua direção, ela se endireitou nas sombras.

Era agora ou nunca.

Andando atrás dele, com a mão tremendo levemente com a faca em suas juntas pálidas, ela avançou, nem ousando respirar para não o alertar. Quase dois passos atrás dele, ela colocou a faca nas costas dele, logo acima de onde

seu coração deveria estar, e proferiu o mais friamente possível.

"Você se mexe, você morre."

Ela viu os músculos de suas costas enrijecerem, um por um, mesmo antes de falar. Isso a teria fascinado se ela não estivesse tão assustada e louca.

"Interessante", ele comentou, como se sua vida não estivesse a dois centímetros de carne nas mãos trêmulas dela. Ela firmou seu aperto.

"Largue o telefone e levante as mãos", ela ordenou, observando-o obedecer sem hesitar.

Sua voz quebrou o silêncio tenso. "Como eu ainda não estou morto, presumo que você queira alguma coisa."

O tom de voz completamente tranquilo não fez nada para acalmar seus nervos. Por que ele não estava nem um pouco incomodado com isso? Ela poderia cortá-lo em pedaços. Ela estava perdendo alguma coisa?

O suor brotou nas costas dela, a peruca coçando no couro cabeludo, mas ela se concentrou nas costas dele. Puxando uma segunda faca da outra coxa, ela a empurrou contra o lado dele, contra o rim dele. Suas costas ficaram um pouco mais tensas, mas suas mãos não vacilaram, ficando completamente em pé.

"O que você quer?" Ele perguntou, o tom inabalável como as mãos.

Morana inalou profundamente, engoliu em seco e falou. "O pen drive que Jackson te deu."

"Jackson, quem?"

Morana cravou as lâminas um pouco mais fundo em advertência. “Não finja que não sabe de nada, Sr. Caine. Eu sei tudo sobre suas relações com Jackson Miller.”

Suas costas ficaram rígidas, as facas dela a um milímetro de cortar a pele. "Agora, onde está o pen drive?"

Houve silêncio por alguns instantes antes de ele inclinar a cabeça para a esquerda. "Meu paletó. Bolso interno. "

Morana piscou surpresa. Ela não esperava que ele desistisse tão fácil. Talvez ele fosse realmente um covarde sob toda essa porcaria de macho. Talvez todos os rumores e histórias tenham sido inventados.

Ela olhou para o paletó preto, e isso aconteceu na fração de segundo de sua distração.

Suas costas bateram na parede ao lado da porta, a mão direita segurando a faca na parede, contida por um aperto forte. Sua mão esquerda com a faca veio contra sua própria garganta, controlada por um Tristan Caine muito mais forte e muito mais irritado.

Morana piscou nos olhos dele - seus olhos muito azuis e muito irritados – atordoados com a mudança dos acontecimentos. Ela não estava preparada para isso. Merda, ela *não* estava preparada para isso.

Morana engoliu em seco. A lâmina de sua própria faca apertada em sua própria mão, agarrada pela dele, bem no seu pescoço. Ela sentiu o metal frio ameaçar sua pele bronzeada. A segunda mão dele, grande e áspera, segurava a outra mão acima da cabeça, os dedos enrolados como algemas ao redor do pulso dela. Ela sentiu seu corpo muito maior e musculoso pressionando o dela, seu peito quente contra seus seios, o perfume almiscarado de sua colônia invadindo seus sentidos, suas pernas retreinando as dela, deixando-a completamente imóvel.

Engolindo, ela olhou nos olhos dele, endireitando sua espinha. Se ela tivesse que morrer, ela não morreria como uma covarde, especialmente não nas mãos de alguém como ele.

Ele se inclinou para mais perto, seu rosto a poucos centímetros do dela, seus olhos frios e voz brutal enquanto falava. "Este ponto, bem aqui", ele falou baixinho, pressionando a ponta da faca contra um ponto logo abaixo da mandíbula no pescoço inclinado. "É um local fácil. Eu te acerto aqui e você morre antes que possa piscar."

Seu estômago revirou, mas ela cerrou os dentes, recusando-se a demonstrar medo, ouvindo silenciosamente

enquanto ele movia a faca para o pulso palpitante perto do centro do pescoço. "Este local. Você morre, mas não será limpo."

Seu coração trovejou de vingança no peito, as palmas das mãos suando com o olhar nos olhos dele. Ele moveu a faca novamente para um local próximo à base do pescoço dela. "E esse... Você sabe o que acontece se eu te cortar aqui?"

Morana ficou calada, apenas observando-o, sua voz provocadora, quase sedutora com a tentação da morte.

"Você sentirá dor", continuou ele, destemido. "Sangrando até a morte. Você sentirá cada gota de sangue que sai do seu corpo." A voz dele rolou sobre a pele dela. “A morte virá, mas muito, muito mais tarde. E a dor será insuportável.”

Ele segurou a faca firme no lugar, sua voz repentinamente gelada. "Agora, se você não quiser isso, diga-me quem a enviou e sobre o que você está falando."

Morana piscou para ele em confusão, antes que a ficha caísse. Ele não a reconheceu. Claro que não. Eles nunca realmente se conheceram e, como primeiros encontros, esse aqui foi muito insuficiente. Ele provavelmente viu as fotos dela de passagem, como ela viu as dele.

Molhando os lábios secos, Morana sussurrou. "O drive é meu."

Ela viu os olhos dele estreitarem um pouco. "Ah, é?"

Os dela também se estreitaram, a raiva que fugiu diante do medo retornando com vingança. "Sim, é, seu bastardo. Eu trabalhei duro nesses códigos e eu serei amaldiçoada se eu deixar você usá-lo. Jackson roubou isso de mim e eu vim de Shadow Port porque eu preciso de volta."

Houve uma batida de silêncio, seus olhos pairando sobre as feições dela antes que a surpresa brilhasse neles. "Morana Vitalio?"

Morana assentiu, tomando cuidado com a lâmina na garganta. Ele a olhou de cima a baixo, os olhos demorando-se na peruca e nos lábios dela, absorvendo cada centímetro dela que podia antes que seu olhar retornasse ao dela.

"Bem, bem, bem", ele murmurou, quase para si mesmo enquanto puxava a lâmina uma polegada, sua mandíbula desalinhada afrouxando agora que ele conhecia a identidade dela.

Ela abriu a boca para pedir que ele retirasse a faca, quando a porta ao lado deles bateu com força. Morana gritou um pouco de surpresa e ele soltou a mão acima da cabeça dela, colocando a mão livre sobre a boca dela.

Sério? O que ele achou que ela ia fazer? Gritar por ajuda na família Outfit?

"Tristan, você viu alguém na casa? Alguém nocauteou Matteo no andar de baixo", uma voz pesada falou do outro lado, com um leve sotaque no fundo.

Morana sentiu o chumbo assentar em seu intestino, seus olhos arregalando quando o olhar dele se fixou no dela, sua sobrancelha direita subindo quando ele respondeu de volta.

"Não, eu não vi." Os olhos dele nunca se afastaram dos dela. "Eu vou descer em alguns minutos."

Morana ouviu os passos se afastando e depois de alguns segundos, a mão de sua boca recuou. O corpo dele não.

"Você se importaria de remover a faca?" Ela perguntou baixinho, seus olhos fixos nele.

A sobrancelha levantada entalhou ainda mais alto antes que ele se recostasse, a faca nunca se movendo uma polegada do lugar. "Você deveria saber que não deve entrar na casa do inimigo, sozinha e desprotegida. E você nunca deveria se aproximar de um predador. Depois que captamos o cheiro do seu sangue, é uma questão de caçada."

Morana apertou a mandíbula, a palma da mão coçando para colocar uma sobre ele e sua atitude condescendente. "Eu quero aquele drive de volta."

Ele ficou em silêncio por um longo segundo, antes de recuar, soltando os braços dela, mas tirando as facas dela, verificando-as.

"Vir aqui foi uma tolice, senhorita Vitalio", ele falou baixinho, olhando para ela. "Se meu povo a tivesse encontrado, você estaria morta. Se seu pessoal descobrisse, você estaria morta. Você quer começar uma guerra?"

Hipócrita demais? Morana deu um passo mais perto dele, centímetros de espaço entre seus corpos, encarando. "De qualquer maneira, estarei morta, então não parece tolice. Você tem alguma ideia do que o conteúdo dessa unidade pode fazer? Nesta guerra hipotética que, você está me acusando de começar... imagine isso dez vezes pior." Ela inalou profundamente, tentando argumentar com ele. "Olha, apenas me dê os códigos, então eu os destruirei e seguirei o meu caminho."

Houve um silêncio pesado por longos minutos, seus olhos a contemplando, fazendo-a se contorcer um pouco sob o escrutínio. Entregando a faca depois de minutos que pareciam se alongar, ele falou. "Debaixo da escada, há uma porta. Isso a levará aos portões. Saia daqui antes que alguém a veja e o caos se instale. Estou em uma noite tranquila depois de meses, e a última coisa que quero fazer é limpar seu sangue."

Morana inalou profundamente, pegando as facas dele. "Por favor."

Pela primeira vez, Morana viu algo mais cintilar em seus olhos. Ele apenas cruzou os braços sobre o peito, inclinando a cabeça para olhar para ela. "Pegue a porta."

Suspirando, ela sabia que foi vencida. Não havia mais nada que ela pudesse fazer. E voltar para casa significava contar ao pai. O que significava morte ou exílio. *Porra.*

Assentindo, aceitando o gosto amargo em sua boca, ela girou nos calcanhares, a mão indo para a maçaneta da porta, sentindo os olhos dele nas costas dela.

“Senhorita Vitalio?”

Ela virou o pescoço para olhar para ele, para ver os olhos dele brilhando com algo que fez seu coração pular e o estômago palpitar. Ele a encarou por um longo momento, antes de falar.

"Você me deve."

Morana piscou surpresa, sem entender. "Desculpe?"

Seu olhar ficou ainda mais intenso, seus olhos azuis a queimando. "Você me deve", ele repetiu.

Os lábios dela torceram. "Por que diabos?"

"Pela sua vida", afirmou. "Qualquer outro que não fosse eu, e você não estaria respirando."

Morana franziu a testa em confusão e viu seus lábios tremerem com isso, mesmo quando seus olhos a encaravam com aquele olhar que ela não conseguia explicar.

"Eu não sou um cavalheiro para lhe dar um passe livre", ele falou em voz baixa. "Você está em dívida comigo."

E então, ele fechou o espaço entre eles. Morana engoliu em seco, apertando a mão na maçaneta enquanto seu coração batia forte e ela inclinou a cabeça para trás para manter os olhos trancados. Ele a encarou por um longo momento, antes de se inclinar, os olhares nunca se mexendo, e sussurrou, sua respiração fantasmagórica sobre o rosto dela, seu perfume almiscarado agudo no nariz.

"E eu vou cobrar um dia."

Morana sentiu a respiração falhar.

E então ela saiu correndo do quarto.



CAPÍTULO 02

Colidindo

Deus, ela seriamente não deveria estar aqui.

Poderia ser o título de sua autobiografia, visto como ela continuava se encontrando nessas situações. Se ela escrevesse uma, tinha certeza de que muita gente estaria interessada em lê-la. Afinal, quantas filhas geniais da máfia colocam suas vidas impressas para consumo público em massa? Poderia até ser um best-seller se ela realmente vivesse o suficiente para escrevê-la. Com a maneira como as coisas estavam acontecendo, ela duvidava que chegaria em casa em segurança.

O medo estava se instalando na boca do estômago como um peso pesado, ameaçando dobrar os joelhos enquanto caminhava com as pernas trêmulas em direção ao prédio abandonado. Ela era um gênio, mas deus, ela era uma *idiota*. Uma idiota estúpida e de classe mundial. Uma idiota que não bloqueou o número do ex-namorado traidor de seu telefone. Uma idiota que deixou o ex-namorado idiota deixar uma mensagem para ela. Uma idiota que, por algum motivo estúpido, deu ouvidos à essa mensagem.

Ela estava sentada em seu quarto, trabalhando em seu laptop, tentando desfazer os efeitos desastrosos de seu código quando Jackson deixou uma mensagem para ela.

Ela ainda podia ouvir o pânico em sua voz, quando ele sussurrou as palavras rapidamente. Ela ainda podia sentir as palavras sussurradas fazendo sua pele arranhar. Ela ainda conseguia se lembrar da mensagem inteira, palavra por palavra, porque a ouvira dez vezes. Não, não por qualquer amor perdido, mas porque ela estava debatendo seu curso de ação.

Ela era uma idiota.

A voz frenética dele estava estampada no cérebro dela.

"Morana! Morana, por favor, você precisa me ouvir. Preciso de sua ajuda. É vida ou morte. Os códigos... os códigos estão... me desculpe. Por favor, encontre-me em Huntington com a Oitava. Há um canteiro de obras lá. 6 da noite. Estarei escondido no prédio esperando por você. Prometo que vou explicar tudo, apenas vá sozinha. Por favor. Juro que eles vão me matar. Por favor, eu imploro. Os códigos estão..."

E a mensagem ficou muda.

Morana ficou sentada por uma hora, encarando o telefone, debatendo as possibilidades. As possibilidades são muito simples.

Possibilidade Um - Era uma armadilha.

Possibilidade Dois - Não era uma armadilha.

Simples, mas totalmente confuso. Jackson era uma cobra da mais alta ordem, ela sabia. Havia a possibilidade de ele ter sido pago para fazer a ligação, assim como havia sido pago para espioná-la. Ele fingiu sua afeição por ela por semanas. O que era um telefonema em pânico de meros segundos sobre tudo isso? Ele a enganou uma vez. Mas ele estava tentando enganá-la novamente? Isso poderia ser uma armadilha?

Mas foi isso que a superou. Quem colocaria uma armadilha para ela? A Outfit? Ela acabara de entrar no covil deles na semana passada. Ela entrara na cova do leão, esteve cara a cara com o famoso *Predador* e saiu ilesa. Ela sabia que eles não queriam começar uma guerra de máfias, ou Tristan Caine teria exposto sua pequena proeza naquela noite. Mas ele não fez. Ele a deixou ir. Não fazia sentido para eles colocarem uma armadilha para ela.

Mas se não é a Outfit, quem iria querer que Jackson fizesse um telefonema frenético para ela? É mesmo uma armadilha? Seria possível que ela estivesse sendo cautelosa? Ele estava realmente assustado, ou fingindo?

Morana, infelizmente, não tem o luxo de não se arriscar. Porque se ele estava com medo, e se ele realmente sabia algo sobre os códigos, então ela tinha que encontrá-lo. Ela devia deixá-lo falar. Ela devia recuperar os códigos, por bem ou por mal.

Não que a última vez que ela adotou essa abordagem tenha funcionado tão bem.

Ainda a surpreendia que ela estivesse à mercê de Tristan Caine. *O* Tristan Caine. O homem notório por sua crueldade. Ele a prendeu contra a parede com suas próprias facas na garganta. E ele a deixou ir. De fato, ele a dirigiu para a porta de sua liberdade, sua fuga desconhecida da fera da casa dos Maroni, bem no meio de uma festa.

Lembrou-se da descrença que sentira pegando uma carona de volta ao hotel. Descrença em suas próprias entranhas. Descrença por sua tentativa fracassada. Descrença em quão perto ela chegou. Descrença em Tristan Caine.

O encontro, embora fugaz, pulsava com algo que deixou Tenebrae nela. Fazia uma semana desde que ela voltou para casa, uma semana desde que ela se infiltrou nas instalações de Maroni, uma semana desde que não conseguiu recuperar o pen-drive. Uma semana escondendo a verdade do pai. Se ele descobrisse, quando descobrisse, haveria um inferno a pagar...

Sacudindo os pensamentos perturbadores, Morana ergueu os ombros, sentindo o frio tranquilizador do metal contra a cintura, onde enfiara a pequena Beretta e a cobriu com um top amarelo simples. Além das chaves do seu Mustang conversível vermelho, ela não carregava nada,

mantendo as mãos livres e o telefone no bolso das calças pretas largas.

Depois da última semana, ela tingiu seus cabelos loiros para castanhos, tentando afastar os restos sombrios do encontro. Ela fazia isso com frequência – mudava a cor do cabelo. Com tanto em sua vida que ela não conseguia controlar, ela gostava de dar as ordens quando se tratava de sua aparência. Seus novos cachos escuros estavam presos em um rabo de cavalo alto e seus óculos estavam empoleirados no nariz. Ela até usava sapatilhas caso precisasse correr.

Tendo dito a seu pai que estava indo fazer compras na cidade, ela partiu antes que os capangas de seu pai pudessem alcançá-la. Ela já havia feito isso várias vezes no passado para angariar nada além de olhares de advertência dele.

Com o pai, era menos sobre a segurança dela e mais sobre o controle dele. Seu controle de seus homens, de seus movimentos, de controlar a moeda de troca do inimigo. Os dois pararam de fingir que não sabiam a verdade há muito tempo. Ela parou de sentir a decepção há muito tempo. Isso a deixou em algum lugar entre destemida e imprudente.

Vir aqui é um estalo bem no meio desse território.

Entrando no canteiro de obras, dentro dos portões de ferro forjado que abrigavam o prédio único e incompleto da rua abandonada, Morana olhou em volta, observando a área.

O sol estava baixo no céu, pronto para pular abaixo do horizonte a qualquer momento, lançando luz o suficiente para deixar o edifício projetar sombras longas e assustadoras no chão, o céu lentamente se esvaindo de roxo a cinza frio enquanto a lua esperava sair.

Morana podia sentir o vento esfriando sua pele, fazendo um pequeno calafrio percorrer seus braços nus no frio, arrepios irromperam em sua pele como pequenos soldados se preparando para a batalha. Mas foi outra coisa que realmente a assustou.

Águias. Dezenas delas. Circulando pelo prédio, repetidamente, chamando uma às outras, a cacofonia de suas vozes se perdeu no bater das asas contra o vento.

O anoitecer estava chegando, e elas continuaram circulando o prédio alto, dizendo à Morana alguma coisa sobre a estrutura. Não era um canteiro de obras comum. Em algum lugar do local havia um cadáver – ela olhou para os pássaros, para o número deles - mais de um cadáver.

Ela não deveria estar aqui.

Atenuando o ataque repentino de nervos, Morana olhou para o relógio.

6 da noite.

Onde diabos estava Jackson?

O zumbido repentino do telefone no bolso a assustou. Expirando para acalmar seu coração acelerado, ela rapidamente o puxou e olhou para o número. Jackson. Colocando-o no ouvido, ela aceitou a ligação.

"Morana?" Ela ouviu a voz familiar de Jackson sussurrar no telefone e franziu a testa. Por que ele estava sussurrando?

"Onde você está?" Ela perguntou baixinho, olhando em volta, procurando por algo incomum. Qualquer coisa incomum, exceto as malditas águias, é isso.

"Você veio sozinha?" Perguntou Jackson.

Morana fez uma careta, com os sentidos em alerta. "Sim. Agora, você vai me dizer o que está acontecendo?"

Ela viu a cabeça de Jackson espreitar por trás da porta do prédio. Ele acenou para a frente. "Entre rapidamente", ela ouviu no telefone.

Os olhos de Morana vagaram para o prédio inacabado, erguendo-se alto no céu como um monstro em ruínas cercado por pássaros da morte. Ela estaria rindo muito com o óbvio clichê do cenário, se este fosse um filme que ela estava assistindo. A última coisa que ela queria agora era rir. Isso era realmente uma merda assustadora. E algo estava totalmente errado.

"Eu não vou me mexer um centímetro até que você me diga do que se trata", declarou Morana com firmeza,

mantendo-se do lado de fora do prédio, vendo Jackson espiar pela porta novamente.

"Droga, Morana!" Jackson xingou alto pela primeira vez, agitação evidente em seu tom. "Ela não vai entrar!"

Morana parou, ouvindo Jackson gritar para alguém atrás dele, e a certeza de sua segunda traição se estabeleceu em seu intestino. O babaca! Ele preparou uma armadilha para ela.

Sem esperar mais um segundo, ela se agachou no chão atrás de alguns escombros e tirou a arma da cintura. Preparando-a, endireitando os braços, ela se preparou para mirar e atirar em um piscar de olhos. Seu coração trovejou em seu peito, sua respiração trabalhosa quando a adrenalina subiu por sua corrente sanguínea, tudo menos o som de sua própria respiração muito quieta. Exceto pelas águias. Elas continuaram fazendo seus próprios ruídos, logo acima da cabeça no céu, cercando o prédio que cheirava a morte.

Ela precisava voltar para o carro.

Com os olhos voltados para o portão, ela mediu a distância entre a pilha de escombros e percebeu que estava a algumas centenas de metros de distância. Droga. Não havia como ela correr através do espaço aberto sem ser baleada se alguém já estivesse apontando para ela.

Pense. Ela precisava pensar.

"Morana!"

Ela ficou sentada, ouvindo Jackson chamando seu nome, a voz dele vindo da direção do prédio.

"Nós não vamos machucá-la! Nós apenas queremos conversar!"

Sim, e ela era um mico de circo.

Ela rangeu os dentes, a raiva a encheu, o desejo de socar seus dentes com força suficiente para fazê-lo sangrar surgindo através dela. Oh, como ela adoraria dar um soco nele.

"Eu sei que você gosta de jogos, baby, mas esse não é um!"

Ela odiava, absolutamente detestava, quando ele a chamava de "baby". Isso a fazia se sentir como uma daquelas prostitutas que cercavam os homens em seu mundo. Ela deveria ter derrubado ele.

"Olha, eu sei", Jackson continuou falando, sua voz avançando mais perto de onde ela se escondia. "Eu sei que você me odeia por pegar os códigos, mas foi tudo dinheiro, baby. Eu gostava de você. Podemos ajudá-la se você nos ajudar."

Ele estava chapado?

O aperto dela ficou maior na arma.

Um tiro foi disparado. As águias ficaram selvagens.

Morana se encolheu com o barulho, seu olhar deslizando para cima para ver as águias voando ao acaso no caos, completamente frenéticas, e sentiu seu coração bater em conjunto com as asas. Ela esperou que Jackson falasse novamente, mas ele não falou. O medo em seu estômago se apertou.

"Eu prefiro você loira."

A respiração dela ficou presa na garganta com a voz que vinha de trás dela. A voz que ela não conseguia esquecer há uma semana. A voz que sussurrou os modos de assassinato em sua pele como a carícia de um amante. A voz do uísque duro e do pecado.

Ela ergueu o olhar, os olhos nivelando com o cano de uma Glock apontada diretamente para a cabeça dela. Ela lentamente deixou seu olhar viajar até os dedos firmes, pelos antebraços expostos sob as mangas dobradas de uma camisa preta, musculosos, pelos ombros que ela sabia que possuíam força para prendê-la inútil contra uma parede, por aquela sombra de barba desarrumada na mandíbula quadrada e, finalmente, os olhos. Azuis, *olhos azuis*. Seus olhos azuis, limpos de qualquer expressão.

Foi apenas um segundo dessas observações, um segundo de apreciação feminina antes que ela se permitisse lembrar quem ele era.

E balançou o braço para cima, apontando a arma para o coração dele, com a dele apontada para a cabeça dela, em um impasse silencioso.

Levantando-se, seus olhos não tremendo nos dele, seu braço não tremendo em seu aperto, Morana inclinou a cabeça.

"Eu prefiro que você vá."

Seu rosto manteve a expressão estoica, os olhos estreitando-se um pouco. Eles ficaram em silêncio por alguns minutos, apenas com as armas apontadas um para o outro, e Morana percebeu que era inútil. Ela sabia que ele não a mataria. Ele teve muitas oportunidades na semana passada e não fez. Ele não faria isso de novo.

"Nós dois sabemos que você não vai atirar em mim, então vamos remover as armas, certo?" Ela sugeriu, sem piscar uma vez para dar-lhe qualquer oportunidade.

Seus lábios se curvaram, mas a diversão nunca alcançou seus olhos. Ele levantou o braço, puxando-o para trás, agitando a bandeira branca, e ela largou a dela, sem tirar os olhos dele. No momento em que a arma dela caiu, ele entrou no espaço pessoal dela, colocando a arma entre os seios dela, o rosto a centímetros do dela, o cheiro do suor e da colônia que se misturavam no ar ao seu redor, cada mancha azul nos olhos dele, de alguma forma destacada, mesmo na escuridão que desceu ao seu redor.

Ele se inclinou lentamente, falando suavemente, seus olhos duros, nunca se movendo dos dela, suas palavras fazendo a respiração dela engatar um pouco em seu peito. "Há lugares em seu corpo que eu conheço", ele falou, sua mão livre envolvendo a nuca dela, seu aperto forte, apenas na periferia da ameaça, enquanto a arma ficava logo acima do coração acelerado dela. "Lugares que você não conhece. Lugares onde eu posso atirar e machucar e você não vai morrer."

Ele se inclinou ainda mais, seu sussurro era apenas um sopro na pele dela enquanto o pescoço dela se esticava para manter os olhares bloqueados, a mão segurando a nuca dela, a altura pairando acima dela, os olhos nunca se movendo dos dela. "A morte não é o prato principal, querida. É a sobremesa."

Seus olhos endureceram ainda mais, seu tom frígido, seus dedos flexionando seu pescoço em aviso. "Nunca cometa o erro de pensar que você me conhece. Pode ser apenas o seu último."

Seu coração batia no peito como um animal selvagem correndo pela vida toda. Embora seu peito se agitasse com algo que ela não queria ver, Morana cerrou os dentes com a pura audácia do homem, a pura arrogância dele. Por que todos os homens ao seu redor se comportam como nomeados para o Idiota do Ano?

Fortalecendo a coluna, ela esticou o braço antes que pudesse detê-la, a perna enganchada no joelho dele, o treinamento clássico de autodefesa ultrapassando seus sentidos por um momento. Ela puxou a perna enquanto empurrava o peso dele com o braço, derrubando-o no chão duro, seu triunfo queimando ao ver a breve surpresa cruzar seu rosto. Em um piscar de olhos, ele estava de pé novamente, em um movimento ágil que a teria impressionado se ele fosse qualquer outra pessoa. Mas ela não terminou.

Desta vez, Morana entrou no espaço pessoal dele, o dedo dela passando por seus peitos duros sob a camisa preta de colarinho aberto, cutucando-o uma vez enquanto falava, a cabeça inclinada para trás para manter os olhos trancados, a voz mais fria do que a dele.

"Nunca cometa o erro de pensar que você me assusta. Será o seu último."

A mandíbula dele se apertou, os olhos fixos nos dela, a tensão era tão espessa entre eles que ela poderia cortá-la com uma faca de manteiga. Sua postura permaneceu gelada. Ela sentiu o fogo inundar suas veias enquanto seu peito arfava.

Outra voz interrompeu seu momento tenso.

"Devo dizer que é raro encontrar uma pessoa, muito menos uma mulher, sem medo de Tristan."

Morana se virou, seus olhos encontrando Dante Maroni parado a alguns metros de distância, seu corpo enorme

envolto em um terno que estava completamente fora de lugar neste canteiro de obras e que pertencia à festa em que o vira na semana passada. Seu cabelo escuro estava perfeitamente penteado, arrumado para trás na cabeça, expondo maçãs do rosto que modelos do mundo chorariam por ter iguais. Sua mandíbula estava barbeada, dois grandes anéis de prata adornando o dedo indicador direito e o dedo médio esquerdo. Com um sorriso suave no rosto em que Morana não confiava nem um pouco, ela observou a herança mediterrânea óbvia no bronze de sua pele e não podia negar que Dante Maroni era um homem bonito.

Ele avançou, estendendo a mão, mostrando um sorriso fácil em que Morana apostaria seu diploma que era pago todos os meses.

"Dante Maroni", ele falou em um tom suave e educado, a propósito da introdução, pegando a mão dela nas grandes e macias dele e apertando-a. Seus olhos castanhos traíram seu sorriso embora. "É um prazer conhecê-la, Srta. Vitalio. Eu gostaria que fosse em circunstâncias diferentes."

"Eu gostaria que não fosse nunca", respondeu Morana antes que ela pudesse se ajudar, anos de inimizade fervendo em seu sangue, juntamente com o conhecimento de que esse homem possivelmente tinha o impulso e o poder de destruí-la. E que ele possivelmente atirou em Jackson. Ela tinha certeza de que ele estava morto.

Dante Maroni deu outro sorriso, enquanto seus olhos escuros a observavam. "Sem medo, como eu disse. Pode ser uma coisa perigosa."

Ela deveria tatuar isso na testa. Talvez ela prestasse atenção a isso então.

Perdendo a paciência, ela olhou ao redor da área, sem notar nenhuma outra alma viva nas proximidades. OK. Então, ela estava em um canteiro de obras abandonado com dois homens de renome, super reputados, de uma família da máfia, que eram inimigos de sua família e que a atraíram aqui por um motivo. Não é o lugar mais seguro, mas eles não a mataram. Ainda. Tinha que contar, certo?

"Por que estou aqui, Sr. Maroni?" Ela perguntou, exasperada e realmente querendo entender tudo. "E onde está Jackson?"

"Dante, por favor", ele a corrigiu com outro sorriso. Tristan Caine saiu de trás dela e juntou-se a seu irmão de sangue ao seu lado, os braços musculosos cruzados sobre o peito musculoso, nenhum sinal de sorriso em seu rosto. Uma tatuagem apareceu debaixo das mangas.

Ela olhou para os dois homens, ambos reputados, ambos cruéis, e viu o forte contraste entre eles. Não era nada que ela pudesse identificar, exceto a intensidade em torno de Tristan Caine que o outro homem não possuía. A intensidade com que ele a observava, com um rosto bonito, desprovido de qualquer expressão.

Ela se afastou da intensidade, olhando para Dante. Ela podia sentir a intensidade queimando sua pele onde os olhos de Tristan Caine a tocavam. O olhar de Dante era fraco em comparação.

Focando, ela cerrou os dentes. "Dante".

O homem suspirou, a mão dela ainda na dele. "Jackson está morto."

Morana sentiu uma pontada no estômago, mas, nada mais. Ela não sabia o que aquilo dizia sobre ela como pessoa. Ela queria se sentir mal. Mas, por alguma razão, ela não sentia.

Ela apenas assentiu, sem dizer nada, sem saber o que dizer sem expor sua própria falta de reação à morte de seu ex-namorado.

Dante assentiu, falando, apertando a mão dela enquanto Tristan Caine permanecia calado ao lado dele, e simplesmente os observava como um falcão.

"Precisávamos encontrá-la sem acionar nenhum alarme", começou Dante. "E a única maneira de fazer isso era ter Jackson trazendo você aqui."

"Por que vocês precisavam me encontrar?" Morana perguntou, evitando cuidadosamente olhar para o outro homem silencioso.

Dante hesitou por um momento e, pela primeira vez desde o aparecimento de seu irmão de sangue, Tristan Caine falou, naquele tom áspero e baixo.

"Por causa dos códigos."

Seu coração parou quando ela olhou para ele, erguendo as sobrancelhas. "Explique", ela exigiu.

Tristan Caine olhou de volta para ela uniformemente, ou o mais uniformemente que pôde com aqueles olhos que estavam constantemente radiografando-a. "Você tem a impressão de que eu tenho esse código", afirmou.

Morana sentiu as sobrancelhas franzirem. "Eu sei que você os tem."

"Por quê?" Dante perguntou, fazendo-a se virar para ele. Morana considerou os dois homens por um segundo, confusão fazendo-a piscar repetidamente, antes de falar, abordando os dois.

"Quando Jackson roubou os códigos de mim", ela começou, girando a cabeça entre os dois homens. "Eu rastreei seus registros de celular e seus movimentos desde que ele me conheceu. Eles rastrearam até você", ela terminou, gesticulando em direção a Tristan Caine.

Houve um silêncio por um batimento cardíaco antes de Dante falar. "E você assumiu que Tristan contratou Jackson para espionar você?"

Morana assentiu, a incerteza tomando conta. "Eu não tinha motivos para acreditar no contrário."

"Exceto pelo fato de que eu nem sabia que você existia", Tristan Caine disse em tom seco. Mentiroso. Os olhos dela voaram para os dele, estreitando, a lembrança do reconhecimento do seu nome brilhando dentro dela. Oh, ele sabia da existência dela, tudo bem. Mas ele estava mentindo por algum motivo.

Seus olhos azuis a desafiaram abertamente a negar, ousar ou mencionar que ela estava na propriedade de Maroni sem ser convidada, naquele quarto, sozinha com ele.

Ela voltou-se para Dante, as mãos fechando em punhos e apertando o queixo. "Você está me dizendo que não contratou Jackson?"

Dante assentiu, seu rosto sério. "Nós nem sabíamos que esses códigos existiam. Eles têm muito poder e, se caírem em mãos erradas, nossas famílias estão ferradas. Foi por isso que voamos para o oeste, em direção à sua cidade. Encontrar você era importante."

"E como vocês souberam dos códigos?"

Dante fez um gesto para o homem ao seu lado. "Tristan me contou sobre eles depois que você ligou para ele na semana passada, exigindo seu retorno. Nós sentimos que deveríamos fazer uma visita a você nessas circunstâncias."

Ela ligou para ele? Ela olhou para ele, tentando descobrir exatamente por que ele estava escondendo a verdade de seu irmão de sangue. Ela não encontrou nada.

Morana zombou, olhando para os dois homens. "Vocês realmente esperam que eu acredite em vocês? Depois que vocês mataram Jackson?"

"Nós não matamos você", Tristan Caine falou suavemente, seus olhos duros, perigosos e enviando um arrepio na espinha.

Morana o fortaleceu. "Ainda. O que me garante que você não vai me matar agora?"

"Não queremos começar uma guerra", Dante finalmente soltou a mão dela, balançando a cabeça. "Por mais que nossas famílias se odeiem, o fato é que nenhum de nós pode pagar uma guerra no momento, não com forças externas se aproximando de nós. Matar Jackson era silenciá-lo. Ele estava genuinamente com a impressão de que estava lidando com Tristan. Matar você, por outro lado, criará atritos desnecessários."

A lógica fazia sentido. Mas ela não confiava que eles valessem seu dedinho. Os olhos dela se voltaram para os azuis que a observavam.

"Então você está dizendo que alguém se deu ao trabalho de elaborar você, detalhando a contratação de Jackson, sabendo que eu descobriria as pistas deles?"

Ele encolheu os ombros largos, os olhos fixos nela. "Eu não disse nada."

Onde toda sua eloquência de assassinato e caos foi diante de uma plateia? Enfurecida, Morana cruzou os braços sobre o peito, observando os olhos de Dante brilharem com a ação. Tristan Caine nunca desviou o olhar de seus olhos, nem uma vez.

Por hábito, ela empurrou os óculos pelo nariz. "Então agora o quê? Você quer que a gente se junte ou algo assim?"

"Ou algo assim", veio sua contribuição muito útil.

O toque de um telefone assustou o súbito silêncio da área, fazendo-a pular um pouco. Dante pegou o telefone, trocando um olhar com o homem silencioso, antes de se desculpar e sair na direção dos fundos. No momento em que ele virou a esquina, Morana foi em direção aos portões onde seu carro esperava, ignorando o homem parado atrás dela.

"Você realmente não deveria sair sem ouvir o nosso lado", observou ele quando ela se aproximou do portão.

"Não se você me pagar um milhão de dólares", ela jogou para trás sem interromper o passo, seu corpo inteiro vibrando com a tensão. Ela estava quase no carro quando, de repente, sem nenhum aviso, estava presa no capô, o mundo se inclinando quando o céu noturno apareceu, e junto com ele, o rosto de Tristan Caine. A mão dele agarrou as dela,

segurando-as acima da cabeça enquanto a outra empurrava seu estômago, mantendo-a plana no lugar.

Ela se encolheu. Ele não se mexeu.

Ela se contorceu. Ele não se mexeu.

Ela lutou. Ele não se mexeu.

Tentando escapar das algemas ao redor dos pulsos, ela se chocou contra o capô de seu próprio carro, chutando as pernas para fora, tentando morder os braços dele, mas ele pairou sobre ela, sem se mexer, sem falar, com o queixo cerrado.

"Eu não quero te tocar mais do que você quer ser tocada", ele grunhiu bruscamente, sua respiração abanando seu rosto, seus olhos duros.

"Oh, por favor", Morana revirou os olhos, um tom de sarcasmo pesado. "Nas duas vezes em que nos encontramos, posso ver o quanto você detesta me tocar. Prender-me em superfícies planas é repugnante."

Seus olhos brilharam, um rosnado enrolando sua boca, colocando a cicatriz no canto do lábio inferior em foco. "Você não é nada como as mulheres que eu gosto de prender. Eu certamente não as odeio."

"Você não me odeia", apontou Morana.

"Não", ele balançou a cabeça, seus olhos endurecendo a cada segundo, resolvendo entrar neles quando ela o viu inalar pesadamente. "Eu desprezo você."

Morana piscou surpresa com o ódio em sua voz, as sobrancelhas franzindo. Ela sabia que eles não eram fãs um do outro, mas não esperava esse ódio dele. Ele nem a conhecia.

"Por quê?" Ela expressou a pergunta em sua cabeça.

Ele a ignorou, inclinando-se para mais perto, seus olhos azuis gelados, enviando um arrepio de medo pelo corpo dela, enquanto seus braços ficavam acima da cabeça, falando em voz baixa e forte.

"Eu não vou te matar apenas porque não quero essa porra de guerra." Seu tom a fez estremecer. O olhar em seus olhos fez seu estômago revirar. "Só porque eu não posso te machucar, não significa que não vou."

Morana olhou para ele, atordoada com a ferocidade de seu ódio. "Você nem me conhece!"

Ele ficou em silêncio por um longo minuto, a mão em seu estômago afundando, seu coração batendo forte com o pânico. Ela lutou e a mão dele parou, logo abaixo do umbigo, o gesto de um amante e não o inimigo, os olhos fixos nela.

"Eu tenho pessoas que são minhas. Território que é meu. Nunca invada", sua mão inclinou-se um pouco mais abaixo do osso do quadril, a ameaça clara, fazendo seu pulso

disparar, seus olhos grudados nela, sua voz um sussurro certo contra a pele dela. "Lembre-se disso."

A porra da audácia dele! Atordoada, Morana lutou com mais força contra ele, chutando as pernas para fora. "Seu imbecil!"

Ele se inclinou para mais perto, seus lábios quase no ouvido dela. "Gata selvagem."

O som de passos o fez soltá-la. Ele se endireitou, seu rosto usando aquela máscara em branco como se nunca houvesse saído, como se ele não estivesse em cima dela, como se ele não fosse o humano detestável que era. Morana ficou com as pernas levemente trêmulas, o peito arfante, os olhos brilhando para ele enquanto suas mãos se fechavam em punhos, seu corpo tremendo com a raiva que ela mal podia conter.

Dante entrou na área, olhando-a de cima a baixo, franzindo a testa. "Você está bem?"

Morana sentiu o queixo tremer, o coração nem perto da calma. A vontade de puxar a arma e atirar nele era tão profunda que quase a derrubou de joelhos. Balançando a cabeça, ela levantou o queixo mais alto, endurecendo a coluna e olhou diretamente para ele, um rosnado curvando a boca.

"Vocês dois podem sangrar até a morte que não estou nem aí."

Abrindo a porta do carro, ela olhou de volta para o homem que a transformara nessa bagunça em segundos, os olhos fixos nos dele.

"Fique longe de mim."

Ela viu algo cintilar nos olhos dele, enquanto nada cruzava seu rosto, algo que ele disfarçava antes que ela pudesse vê-lo, e ela se virou, entrando no carro, saindo da rua. Ela nunca olhou para trás no espelho retrovisor. Nunca se deixou focar em nada, exceto na maneira como ela segurava o volante. Nunca se deixou sentir nada além do sangue batendo em seus ouvidos.

Tudo tinha seu tempo. Ela teria o dela.

Talvez não amanhã. Talvez não no dia seguinte. Mas no dia seguinte a esse. Ou no dia seguinte àquele.

Um dia, algum dia, ela jurou, com toda a raiva pulsando em seu corpo, fazendo-a tremer até que ela não conseguia sentir os dedos segurando o volante com tanta força, a raiva fazendo seu corpo esquentar como nunca, a raiva fazendo-a choramingar para uma tomada.

Um dia, ela prometeu, mataria Tristan Caine.



CAPÍTULO 03

Rondando

Ela precisava contar ao pai. Não havia outro caminho agora.

Morana viu os portões de metal da mansão se abrirem à frente, a própria casa aparecendo totalmente branca contra o céu nublado e cinzento, escondendo as camadas de vermelho que a cobriam. Não importava quantas vezes seu pai pintasse a casa, ela sabia do sangue que permanecia espalhado por baixo do pano, sabia dos horrores que o branco intocado escondia. Ela cresceu nesta casa, assim como o pai e o pai dele antes dele. A casa pertencia à família há três gerações, cada proprietário acrescentando algo mais à propriedade.

Sua família foi a primeira no ramo de negócios organizados. Shadow Port, naquela época, era conhecida como a cidade das docas. Localizado bem na costa oeste do país, conectada a águas internacionais através do mar e localmente através do rio que a atravessava, o Shadow Port foi e ainda é um dos locais de comércio. Seus ancestrais haviam visto o tipo de lucro que poderiam obter, e fizeram da cidade sua, expandindo-se lentamente ao longo dos anos por toda a região.

Essa propriedade residencial que a abrigava era originalmente apenas um edifício. O avô falecido e, mais tarde, o pai, expandiram-na para a imensa mansão que lhe sufocava. Especialmente a ala extra que seu pai havia acrescentado, onde ele lidava com assuntos comerciais "sensíveis". Ela nunca se aventurava naquela ala, a menos que fosse absolutamente necessário. Como hoje.

Engolindo, ela dirigiu lentamente pela entrada da garagem, observando a grama verde luxuriante nos jardins por onde passava, observando a janela do quarto dela no segundo andar. Uma suíte inteira para si mesma, com seu próprio quarto e um pequeno escritório onde trabalhava, seu próprio closet, tudo próprio. Ela sempre teve.

Morana cresceu sem lhe faltar nada, pelo menos não materialmente. Se ela queria um novo computador, ela o teria em poucas horas. Se ela queria um vestido novo, conseguia uma seleção inteira deles. Ela costumava pensar que era um sinal das afeições de seu pai – dando a ela o que ela queria. Ela se corrigiu dessa noção muito cedo na vida.

Ele a manteve no último andar acima do seu para vigiar seus movimentos. Seus desejos eram cumpridos para que ela não precisasse sair para cumpri-los. Ela parou de desejar quando percebeu isso e tomou suas próprias escolhas em suas próprias mãos. Pelo menos tanto quanto ela poderia ter.

Morana se perguntou, quando parou na frente da casa, comandada por dois guardas, como teria sido ter sua mãe enquanto crescia. A casa seria um lar então?

Sua mãe deixou o pai e esta vida alguns anos depois do nascimento de Morana. O casamento de Alice e Gabriel Vitalio foi feito por uma razão mais antiga que o amor – o negócio.

O pai de Alice era um homem de negócios sombrio trabalhando com Gabriel e eles fecharam um contrato vitalício com um casamento arranjado. Sua mãe tentou se adaptar a esta vida, a este mundo. Ela realmente tentou. Mas, no final, depois de quase dois anos de tentativas, ela decidiu sair. Pelo que Morana ouvira, ela tentara pegá-la também, mas o pai bateu o pé e lhe dera um ultimato - ou nos deixasse em paz ou nunca partiria. Mas Morana não sabia o quão verdadeiras essas histórias eram.

Ela não se lembrava muito de sua infância. Morana não sabia mais onde sua mãe estava. Ela tentou rastrear em mais de uma ocasião, sem o conhecimento de seu pai. Não produziu resultados. Sua mãe claramente não queria ser encontrada, e após o casamento com Gabriel Vitalio, ela não podia realmente culpá-la.

Seu pai nunca tentou guardá-la, protegê-la ou persuadi-la a uma falsa sensação de segurança. Desde que ela entendeu as coisas, ela sabia todas as coisas horríveis e

sangrentas que havia para saber sobre o mundo deles – coisas que os pais deveriam esconder das filhas.

Ironicamente, ela admirava e detestava isso nele. Ela sabia, por esse mesmo motivo, que ele veria os códigos como uma traição e a mataria por isso. Essa seria sua forma de misericórdia para a filha. Ele escolheria um especialista para matá-la e pediria que o tornasse indolor. Afinal, havia um exemplo a ser dado por traição contra Gabriel Vitalio, chefe de Shadow Port.

Estacionando o carro em seu espaço aberto, Morana saiu ao som de trovões retumbando no céu e olhou para a porta em arco acima das escadas baixas que levavam para dentro da casa. Um dos muitos capangas de seu pai estava de pé contra a porta e ela suspirou, ignorando-os como fez a maior parte de sua vida, e entrou. Exceto por alguns funcionários, ela nunca havia falado com os homens de seu pai, muito menos foi amigável. Eles a ignoraram e ela retribuiu o favor.

O interior da casa era de bom gosto, com o vestíbulo levando às escadas no andar de cima e o corredor à esquerda levando à outra ala. Morana fechou os olhos por um segundo, ciente de que estava caminhando para sua própria morte certa, mas sabendo que precisava. Manter o pai no escuro poderia custar muito mais vidas, vidas inocentes. Com suas conexões e seu conhecimento, ele poderá recuperar os códigos e destruí-los.

Lentamente, ela caminhou em direção à seção da casa que raramente visitava. Concentrando-se em manter a respiração calma e a cabeça limpa, ela manteve as palmas das mãos fechadas em punhos ao seu lado. O que quer que acontecesse, ela não imploraria. Ela não imploraria por sua vida, ou pelos códigos, ou por qualquer coisa.

Ela deixou sua mente percorrer o encontro que acabara de ter na cidade. Depois de se livrar dos guarda-costas novamente, ela foi à cidade encontrar um colega de faculdade, um homem altamente inteligente, para pedir alguns conselhos, esperando que ele pudesse ajudá-la a rastrear o código. Depois de uma semana se esforçando até que seus olhos ardessem e seus dedos doessem, esse era seu último recurso.

Então, ela explicou vagamente o problema para o cara, esperando uma solução milagrosa que lhe escapara. Não houve nenhuma. Devido à própria natureza dos códigos, ele observou que não seria possível recuperá-los, a menos que ela estivesse na proximidade de quinze metros. E isso era impossível porque A. ela não tinha os códigos e B. ela não sabia onde eles estavam. Jackson pensou que eles estavam com a Outfit. E como os filhos de The Outfit vieram lhe pedir ajuda, ela tinha certeza de que não estava com eles.

Ou talvez eles estejam.

Talvez Tristan Caine.

E se ele tivesse os códigos e estivesse guardando para si mesmo por algum motivo? Ela o viu mentir sem pestanejar para seu irmão de sangue e o viu tentar assustá-la. E se ele tivesse, de fato, contratado Jackson e falsamente se incriminou? O que ela sabia sobre o homem para confiar em sua palavra? Pelo que ela viu e ouviu, ele não era o que parecia, além de um idiota.

Quanto mais ela pensava, mais Morana ficava certa de que havia algo errado com ele. Toda a sua ameaça a ela foi por uma razão e apenas uma razão – ele estava tentando afastá-la e, fugindo, ela deu a ele exatamente o que ele queria. Mas a pergunta era por quê? Por que ele a deixou sair da festa Outfit ainda não descoberta? Por que ele mais tarde a encontrou com Dante, apenas para mentir para ele e matar Jackson? Por que ele a ameaçara se não queria sua ajuda? Qual era a dele? O que ele estava tramando? E Deus me livre se ele tivesse os códigos, por que fingir não os ter? Por que enviar ela e sua própria família em uma perseguição selvagem? O que os códigos poderiam significar para ele?

E, advogado do diabo, se ele não tinha os códigos, então por que a expulsar sendo que ela era sua melhor chance de encontrá-los?

O que diabos ele queria?

Porra, o homem era um livro de páginas em branco escritas com tinta invisível que ela não tinha ideia de como

descobrir. Tanta informação, tantas respostas no livro, e tudo o que ela conseguiu foi frustração.

Suspirando, Morana balançou a cabeça, removendo o homem agravante que era o número um em sua lista de acertos, se ela vivesse o suficiente para matá-lo. Mas ela não podia se dar ao luxo de se concentrar nele, ou em seu ódio confuso por ela agora.

Ela tinha outras coisas para focar.

Como bater à porta do pai.

"Basta acabar com isso", ela murmurou para si mesma, pedindo coragem. "Você não é uma covarde. Você é um gênio que criou algo igualmente surpreendente e aterrorizante. Apenas aceite isso."

Um trovão estalou lá fora, quase como se o céu estivesse rindo às suas custas. Suas mãos suavam quando ela levantou a mão, mas parou, ouvindo as vozes dentro.

"Ela sabe?" Ela reconheceu a voz acentuada do braço direito de seu pai, Tomas.

"Não", respondeu o profundo barítono de seu pai. "E ela nunca vai."

De quem eles estavam falando?

"É para a proteção da sua filha, eu entendo..."

Seu pai interrompeu o que Tomas estava prestes a dizer. “Não é a proteção dela que me preocupa. É a nossa."

Então, eles estavam falando sobre ela. Mas o que ela nunca deveria saber?

"O que você quer dizer?" Tomas fez sua própria pergunta.

Houve uma longa pausa antes que o pai falasse novamente. “Ela é perigosa, mas não tem ideia de quanto. É melhor mantê-lo entre nós.”

Tomas deve ter dado algum tipo de consentimento, porque a próxima coisa que ela soube foi que a porta se abriu. Tomas viu o braço erguido, pronto para bater, e acenou com a cabeça. Seu corpo curto e atarracado se afastou dela sem uma palavra, movendo-se com uma graça que ela testemunhou sendo letal.

Morana virou-se e viu o pai falando com alguém ao telefone, sua silhueta alta andando na frente da janela. Seu cabelo preto, à sombra de suas mechas originais (também a razão pela qual ela começou a tingir o dela), era destacado com uma única mecha grisalha acima da testa larga, que de alguma forma acrescentou peso ao rosto, para fazer as pessoas o levarem mais a sério. Sua barba era de corte francês, como sempre fora, e apenas as pequenas linhas ao lado de seus olhos indicavam seu envelhecimento. De longe, ele não parecia ter mais de trinta e tantos anos.

Os olhos escuros dele subiram para onde ela estava. A falta de prazer em seu olhar ao vê-la, a falta de descontentamento, a falta de qualquer reação era algo que nem sequer beliscava mais. Mas sua curiosidade foi totalmente exaltada.

"Espere", ele murmurou ao telefone, sua voz grave e retendo dicas de seu leve sotaque, enquanto levantava as sobrancelhas para ela.

"Eu preciso falar com você", Morana afirmou vagamente, as rodas em seu cérebro girando enquanto ela estava do lado de dentro da porta sobre o tapete macio.

Ele assentiu. "Depois do jantar. Jantaremos hoje à noite no *Carmesim*. 19h30h. Espero vê-la lá."

Ele voltou ao telefone.

Confusa com a conversa espontânea, Morana fechou a porta atrás dela quando saiu, olhando para o telefone no momento. Já era 18 horas.

Suspirando, Morana começou a subir as escadas, em direção à sua suíte, mantendo a respiração firme.

Ela ia descobrir.



Crimson era um dos restaurantes mais caros, bonitos e elitistas de Shadow Port, localizado bem no coração da cidade. Também é frequentado pelas famílias da máfia. Um dos favoritos de seu pai, exibia classe e sabor em todas as paredes, o interior foi projetado em vários tons de vermelho, luzes amarelas suaves, criando um ambiente íntimo e sombrio.

Morana odiava isso.

Tudo – o ambiente, a clientela, tudo. Alguém poderia pensar que pessoas com muito vermelho em suas vidas evitariam essa cor. Em vez disso, eles pareciam se deliciar.

Ela odiava isso. Ela odiava a maneira como os homens com quem seu pai fazia negócios às vezes a olhavam de cima a baixo como se ela fosse um manequim em exibição. Ela odiava como era esperado que ela ficasse em silêncio e apenas aparentasse estar bem sem uma opinião, quando tinha mais QI do que a mesa inteira junta. E ela odiava como o pai não se abalava por nada.

Havia apenas uma graça salvadora. Ela não sorria se não estivesse com vontade, e felizmente isso era algo que seu pai nunca a obrigou a fazer. Na maioria das vezes, ela apenas ficava lá ouvindo os homens falarem e fazia uma careta. Às vezes, ela jogava no telefone. Outras vezes, ela apenas olhava pela janela, assistindo casais rindo passearem de mãos

dadas, observando famílias felizes sem muito além um do outro.

E embora seus companheiros de mesa tivessem comentado sobre o comportamento dela anteriormente, seu pai nunca prestou atenção nele. Era um entendimento simples entre eles. Ela vinha ao referido restaurante em seu próprio carro, sentava-se e comia em silêncio, brincava de filha obediente e saía em seu próprio carro. E em seus 24 anos, o arranjo nunca foi mudado.

Sentada à mesa regular deles de seis lugares, Morana fechou os olhos, ouvindo as nuvens estrondosas e a multidão murmurante. O céu ameaçava chover ao longo do dia, mas nunca ultrapassou o limiar desde a tarde. O vento frio lá fora chamou por ela. Em vez disso, ela estava presa por dentro com o ar condicionado frio que causava arrepios nos braços nus.

Ela chegou meia hora atrás, em seu vestido azul simples e sem mangas, que caía em seus joelhos em ondas da cintura e abraçava o tronco, as tiras nos ombros mostram metade das costas e apenas dá uma sugestão dos seios, com o par favorito de salto alto nude. Como ela realmente não se importava muito com a impressão que causava em quem seu pai estava encontrando, ela usava o cabelo solto e abandonou as lentes de contato, com maquiagem mínima. E meia hora se passou. A multidão no restaurante estava zumbindo e seus companheiros de jantar continuavam conversando sobre algum novo empreendimento marítimo.

Mas Morana estava distraída com a conversa iminente que precisava ter com o pai.

Suspirando, ela olhou em volta para o restaurante, para os garçons agitados e a multidão tagarelando, deixando seus olhos percorrerem por eles, deixando sua mente vagar também.

E, de repente, ela se sentou ereta.

Dante Maroni sentou-se a algumas mesas com dois outros homens que ela não reconheceu, mas tinha certeza de que eram da Outfit, absorvido em qualquer conversa que estivesse tendo.

Morana desviou o olhar rapidamente, as sobrancelhas franzindo. Fazia uma semana desde que ela o amaldiçoara e a seu irmão de sangue, e os deixara no prédio abandonado. Uma semana. O que ele ainda estava fazendo na cidade? E quais eram as chances de seu pai jantar no *Crimson* na mesma noite em que Maroni estava lá?

E então seu sangue correu, a lembrança de fortes olhos azuis a invadindo.

Tristan Caine ainda estava na cidade também?

Seu estômago afundou.

Discretamente, Morana se desculpou da mesa, acenando para os companheiros e se levantou. Seu pai

colocou os olhos escuros nela brevemente, antes de voltar para os companheiros.

Evitando o máximo de atenção possível, ela olhou silenciosamente para a mesa Maroni, aliviada ao perceber que Dante Maroni não a havia visto. Ou, se viu, não dava nenhuma indicação. Os companheiros de jantar também não. Nenhum dos quais eram homens de olhos azuis com uma propensão para prendê-la através de superfícies planas.

Silenciosamente, estreitando os olhos, Morana se escondeu atrás de uma alcova escura com vista para todo o restaurante e ficou nas sombras, deixando seus olhos vagarem pelo lugar e, mais importante, pelas pessoas.

Lugar algum.

Ele não estava em lugar nenhum.

Uma expiração alta a deixou quando seu corpo tenso relaxou.

E então, seu coração parou.

Ele estava lá. Ali.

Andando, não passeando, em direção à mesa como se ele fosse o dono do restaurante, como se fosse dono de cada grama de ar naquela sala, como se ele ordenasse o que quisesse. Uma pequena parte de Morana não pôde deixar de admirar aquela graça letal e poderosa. A maior parte dela não pôde deixar de empurrar suas defesas em alerta.

Ele viu, ao lado de Dante.

E seus olhos chegaram até ela como se ele soubesse exatamente onde ela estava escondida na alcova o tempo todo.

Morana não desviou o olhar. Não dessa vez.

Ela não estava intimidada. Não pelo foco total daquela intensidade direcionada para ela, não pela maneira como seu coração batia tão alto que ela tinha certeza de que todos podiam ouvir, não pela maneira como Dante e os outros dois homens seguiram seu olhar e a olharam. Morana não os olhou de relance, não deixou de encarar, sem recuar, sem querer admitir a derrota. Ela nem piscou.

Endireitando a coluna, mantendo os olhares bloqueados, ela caminhou silenciosamente de volta para a mesa, ciente da maneira como os olhos dele a seguravam e os dela nos dele a cada passo, ciente da maneira como seu sangue pulsava em seus ouvidos. Os sons do restaurante escureceram em nada além de um zumbido distante quando ele se recostou na cadeira como se tivesse o direito de olhar para ela, muito menos encarar.

Foi uma invasão. Ela revidou em espécie, sentando-se.

Ela podia sentir as mãos dele mantendo-a cativa naquele olhar. Ela podia sentir o corpo duro dele pressionando o dela naquele olhar. Ela podia sentir a frieza de suas ameaças deliberadas naquele olhar.

O peito dela quase arfava. Ela controlou.

Uma gota de suor percorreu sua espinha, esfriando o ar frio e fazendo um pequeno arrepio percorrer seu corpo. Um arrepio que, aparentemente, ele detectou a três mesas abaixo, porque enquanto ela tremia, seus olhos brilharam com *algo,* algo que ela não podia colocar em palavras, algo que não era triunfo, algo que não estava exultante. Ela nunca viu *algo* que fosse dirigido diretamente a ela antes com essa intensidade.

De repente, ela sentiu profundamente a presença de seu pai e de seus companheiros de jantar, percebendo subitamente que um movimento errado em qualquer uma das partes e o caos poderia pintar o C*rimson de vermelho*.

"Morana".

Separada de seus pensamentos, ela se virou para ver o pai em pé com o resto da mesa, esperando para sair. Corando levemente, ela se levantou, acenando um adeus para as pessoas das quais provavelmente nem se lembraria dos rostos, consciente do olhar intenso que a perfurava. Um dos companheiros de jantar, um homem com quase trinta e poucos anos pela aparência dele, pegou a mão dela e deu um beijo nas juntas dos dedos, bloqueando seus agradáveis olhos azuis nos dela.

"Foi um prazer conhece-la."

Okay, certo. Ela duvidava que ele soubesse o nome dela.

Ela assentiu, puxando a mão para trás, reprimindo o desejo de limpá-la no vestido e virou-se para o pai.

"Vejo você em casa em alguns minutos. Podemos conversar então."

"Seu guarda a seguirá."

Assentindo, ele acompanhou seus companheiros para fora, sua equipe de segurança seguindo-o, apenas um deles permanecendo para trás para segui-la enquanto ela estava no mesmo local, respirando fundo, aquele olhar nunca a deixando o tempo todo. A verdade pesava sobre ela.

Balançando a cabeça, ela se virou, seus olhos trancando novamente com os intensos azuis, logo antes de pegar sua bolsa e seguir para a entrada dos fundos.

“Srta. Vitalio”, o gerente assentiu respeitosamente. Morana acenou com a cabeça, acostumada à equipe que sabia quem ela era aqui.

Com mais alguns acenos, ela alcançou a entrada dos fundos e saiu para o beco atrás do restaurante, pronta para levar o atalho para o carro estacionado. No momento em que entrou no beco com o homem do pai nos calcanhares, um trovão cortou o céu. Apressando-se nos saltos quando eles clicaram na calçada, ela estava quase no fim do beco escuro quando outro conjunto de passos se juntou aos que a seguiam.

Parando, ela se virou e viu Tristan Caine caminhando em sua direção propositalmente, seu corpo enorme vestido casualmente em uma jaqueta de couro marrom e jeans escuros. Seus passos longos e seguros foram direcionados para ela. Ela ficou quieta mesmo quando uma pequena parte dela a pediu para correr. Ela reprimiu, mantendo-se firme, observando-o quando ele parou a alguns metros de distância, assim como o homem de seu pai apontou uma arma para ele.

"Dê um passo para trás, ou eu atiro em você."

Tristan Caine levantou uma sobrancelha para ele, nem mesmo poupando a arma apontada para seu coração. Quase casualmente, ele agarrou o pulso de sua guarda. E então, em um movimento que quase derrubou o queixo de Morana, ele torceu o pulso, aplicando pressão e dobrando-o para trás, fazendo o homem cair de joelhos com um grito agudo, a arma agora apontada para ele, como ele apontou suas próprias facas para ela naquela primeira noite, as mesas viraram.

Tudo sem piscar para longe dela.

Mensagem enviada.

Morana enroscou os dedos nas palmas das mãos, desejando que seu coração se acalmasse, quando outra percepção ocorreu, observando-o tirar a arma das mãos do homem. Ela estava desarmada. Porra.

Com o coração batendo forte, ela manteve os olhos cuidadosamente nele, esperando para ver o que ele faria, a

escuridão no beco projetando sombras sobre metade de seu corpo, fazendo-o parecer ainda mais letal.

Tristan Caine pegou a arma do homem de seu pai, descarregou-a e deu um soco na cara, nocauteando-o. Impressionante. Se ela não soubesse melhor, teria o chamado de exibido. Mas ela sabia melhor. Observando a facilidade com que ele fez tudo isso, Morana, de repente, percebeu o quão fácil seria para ele matá-la a qualquer momento. E esse não era um conhecimento que ela gostava de ter.

Ela cruzou os braços sobre o peito, avaliando-o silenciosamente, sem vontade de interromper o contato visual, ou o silêncio primeiro.

Ele parecia estar na mesma página.

Suas ações a confundiram, assim como ele fez. Ela sabia que não havia amor perdido entre eles, e sabia que eles se veriam no fundo do oceano assim que pudessem.

Ela só não sabia o que ele queria até agora, seguindo-a como tem feito e eliminando seus guardas de proteção como ele fez, mas, com certeza não era apenas olhá-la através de um metro e meio de espaço, com uma tempestade chegando. E ela, com certeza, não ficaria por aqui. Dirigir na chuva era uma merda.

Suspirando, ela se virou para o carro, apenas para parar de andar, vendo o beco bloqueado por Dante e os outros dois homens, afastados o suficiente para não a ouvir, mas perto o

suficiente para não a deixar escapar. Um frisson de medo percorreu seu corpo antes que ela o apertasse.

"Eu não sabia que seu pai atirava você para seus amigos, Srta. Vitalio", Tristan Caine disse calmamente atrás dela.

Morana sentiu o medo ser substituído lentamente pela fúria apenas com o som da voz dele, a mesma voz que tentara assustá-la na semana passada, a mesma voz que recitava assassinato em sua pele pela primeira vez. A fúria aumentou com as palavras dele, mas ela controlou. Ela se virou para encará-lo, mantendo a voz calma.

"Por que a formalidade, especialmente com o tipo de liberdade que você toma?" Ela falou em tom de conversa.

Seus olhos se estreitaram um pouco, seu rosto permanecendo limpo de qualquer expressão contrária. "Eu não tomei nenhuma liberdade", ele respondeu no mesmo tom de conversa que ela usou. "Ainda."

Um raio dividiu o céu, iluminando todo o beco em uma luz forte para os olhos dela, mostrando-lhe o homem diante dela.

Morana o estudou por um segundo, desejando permanecer calma e objetiva. Tristan Caine tinha algo. Ela seria condenada se não conseguisse descobrir.

Ela deu um passo em sua direção, quase em seu espaço pessoal, a diferença de altura em desvantagem. Mesmo em

seus saltos, ela mal alcançou o queixo dele. Ela inclinou a cabeça para trás para manter os olhos juntos, o coração batendo forte no peito, observando-o atentamente para qualquer reação. Não havia nenhuma.

"Eu me pergunto", Morana sorriu deliberadamente para ele, seu corpo queimando de raiva. "Isso deveria me intimidar?"

E isso deu a ela uma reação. Uma sobrancelha levantada. Olhos azuis que perfuraram os dela. "Você é estúpida se isso não acontecer."

Ela se deixou zombar disso. “Sou muitas coisas, Sr. Caine, mas não sou idiota. É exatamente por isso que sei que suas ameaças não significam nada.”

Seus olhos, de repente, queimaram do mesmo *modo indefinível* que ela viu no restaurante, a cabeça inclinada para o lado. Ele ficou em silêncio, esperando.

Morana deu outro passo mais perto, sem saber de onde vinha a bravata de provocá-lo, sem se importar, apenas precisando. Seu pescoço torceu mesmo com os saltos, mas ela nunca desviou o olhar dele.

"Ah, sim", ela falou suavemente, inclinando-se para mais perto, com o queixo quase tocando o peito dele, "você honestamente pensou que toda aquela coisa de 'Não invada meu território' no carro me assustou? Nem um pouco. Isso só me irritou."

Ele não pronunciou uma palavra, não moveu um músculo. Ele apenas olhou para ela, com aqueles olhos, e seu coração disparou enquanto ela prosseguia.

"Por que você não acaba logo com isso?" Ela desafiou, chamando seu blefe, seu olhar direto nele. "Há uma parede ali mesmo. Há até um carro. Prenda-me e 'invada meu território'. Ou se você me odeia como diz, machuque-me. Mate-me. Por que não?"

Morana sentiu o corpo tremer ao final de seu discurso enquanto ele permanecia imóvel, os olhares bloqueados, os corpos quase se tocando. Por longos momentos, ele apenas olhou para ela com aqueles olhos gelados, algo queimando dentro dele, e seu coração batia em um pulso selvagem contra as costelas, batendo com uma vingança, quase repreendendo-a por suas palavras, enquanto ela controlava e mantinha a respiração, seu peito arfante. Ele atacaria com um único sinal de vulnerabilidade.

Lentamente, depois de longos e longos segundos, a mão dele subiu para a parte de trás do pescoço dela, quase como a de um amante, a mão enorme envolvendo a nuca inteira. Morana congelou, seus músculos parando, de repente percebendo que isso tinha sido muito tolo. E se ele não estivesse blefando e ela tivesse provocado a fera? Ele poderia matá-la naquele momento e fazê-la desaparecer da face da Terra e ninguém saberia.

O polegar dele lentamente traçou a mandíbula dela, enquanto a mão dele segurava sua nuca, mantendo a cabeça inclinada para trás e os olhos presos, a ponta áspera do polegar acariciando sua pele macia quase como uma carícia. Um calafrio sacudiu seu corpo sob o olhar de falcão dele, um calafrio que ela não pôde controlar quando seu corpo reagiu, e sua boca sem sorrir torceu um pouco, sua mandíbula parecia ainda mais viril tão perto, a pequena cicatriz no canto de seu lábio espreitando. O polegar dele pousou em seu pulso acelerado, e seu coração começou a bater ainda mais forte, o pulso disparando ainda mais, quando ela apertou os lábios.

"Seu coração está batendo rápido demais para alguém que está no controle", ele murmurou baixinho, as palavras fantasmagóricas em seu rosto, o leve cheiro de uísque que ele tinha no hálito, seu próprio perfume, uma estranha mistura de suor e colônia e algo almiscarado invadindo seus sentidos. Ela manteve esses sentidos em alerta, vendo os anéis azuis nos olhos dele, os longos cílios quando ele piscou uma vez, percebendo tudo.

Ele se inclinou para mais perto, sua boca quase centímetros de distância, e ele falou suavemente, letalmente. "Eu te avisei para não pensar, por um segundo, que você me conhece."

"E eu te avisei para não pensar, por um segundo, que você me assusta", ela lembrou no mesmo sussurro.

"Não pense", ele começou, com os olhos endurecidos, "que se eu tiver a chance, não vou te matar."

"Mas é isso, Sr. Caine. Você não tem chance."

Endireitando a coluna, ela deu um passo para trás, retirando a mão dele de sua pele, ignorando a sensação de formigamento ao sentir o músculo dos antebraços dele e cerrou os dentes. "Então, por enquanto, você entende uma coisa. Este é o meu território, minha cidade, minha casa. E você prolongou demais sua visita. Saia antes de ser jogado fora com ossos quebrados."

Tristan Caine a encarou com os olhos mais uma vez, assim que o vento aumentou, girando o vestido em volta das pernas.

"Um dia, senhorita Vitalio", ele falou calmamente, "eu vou gostar de cobrar muito essa dívida."

Ele se inclinou, forçando a boca com a orelha dela, sua nuca raspando contra a pele dela enquanto as mãos dela se punham para manter outro calafrio. "E você sabe o quê? Você vai gostar de retribuir."

De todas as...

Antes que ela pudesse pronunciar uma única palavra, ele estava se afastando dela em direção ao carro, onde a comitiva esperava, deixando-a sozinha no beco, as linhas duras de seu corpo se movendo rapidamente para o carro, enquanto ele se dirigia ao seu povo.

"Nós terminamos aqui."

Oh, eles não terminaram. Eles não terminaram.

Mas por que eles a interceptaram no beco? Se fosse sobre códigos, por que sair antes de falar sobre eles? E se não, então por que encontrá-la?

Que diabos esse homem queria?

Morana não sabia o que ele queria dela, por que ele parecia ter a intenção de cobrar uma dívida que ela nem sequer considerava uma. Ele ainda era o livro de tinta invisível que ela não conseguia decifrar. Um livro que ela absolutamente não queria ler. Não. Ela queria queimar o livro e soprar as cinzas ao vento. Ela queria rasgar as páginas e desmanchá-las na chuva.

Mas, quando todos entraram no carro e ela ficou no beco, quando um raio iluminou o céu novamente quando ele abriu a porta do carro, ele se virou pela última vez para vê-la. Ela trancou os olhos com ele uma última vez e viu a mesma coisa ferver naquele olhar intenso.

Enquanto seu coração batia como um pássaro batendo freneticamente as asas na gaiola para se libertar, Morana o viu pelo que ele era.

Um predador na pele de um homem.

E ela sabia uma coisa inegavelmente, profundamente em seus ossos.

Eles não terminaram.



Sangrando

Morana gemeu na tela do laptop, ignorando o chiado no pescoço por encará-lo por muito tempo. Ela estava tentando todas as combinações e permutações de ideias possíveis para rastrear os códigos e atingindo uma parede todas as vezes. Mordendo os lábios, os dedos voando sobre os teclados, Morana digitou os códigos mais recentes e pressionou o botão de escape, verificando se o sistema de segurança funcionaria e viu a tela ficar em branco.

Novamente.

Droga!

Frustrada além da crença, ela bateu as palmas das mãos na mesa e se afastou, andando em direção à janela do quarto, puxando os óculos para baixo, uma pequena pulsação começando a bater bem embaixo das têmporas. Já passava da meia-noite e ela não estava nem perto de encontrar algum tipo de solução. Embora essa não fosse sua única fonte de frustração. Ela queria falar com o pai depois do jantar duas noites atrás, e assim que voltou para a mansão depois de ser retida por Tristan Caine, ela foi

comunicada pelo homem de seu pai que ele teve que sair da cidade para algo extremamente urgente, e não sabia quando retornaria. Embora uma parte de Morana tenha ficado aliviada com o atraso naquela conversa inevitável, outra ficou tensa, querendo enfrentar qualquer ira e simplesmente acabar com ela.

Por dois dias, Morana tentou e falhou, apenas aumentando sua frustração.

O que adicionava gasolina a esse fogo, no entanto, eram pensamentos dispersos sobre Tristan Caine, surgindo completamente do nada na maioria das vezes, aleatoriamente. Não sua aparência áspera ou sua reputação. Não. A intensidade dele. Por alguma razão, ele a pegou desprevenida, seu ódio ardente por ela, sua aura constante de ameaça, algo que ela nunca havia experimentado antes, e algo que apenas alimentava sua própria repugnância pelo homem.

Ela rangeu os dentes, virando o rosto para a janela, olhando para o jardim escuro abaixo. Um enorme olmo sombreava sua suíte da entrada da garagem, o suficiente para dar a ela uma visão dos visitantes, mas não os deixava vê-la.

A propriedade estava dormindo, apenas uma leve brisa soprando na noite suave, a lua com uma forma oval incompleta no céu escuro cheio de estrelas.

E ela estava cansada. Tão cansada. A responsabilidade constante de suas ações a estava atacando lentamente por dentro, seus próprios esforços desesperados fracassados apenas ajudando nisso. Ela só queria divulgar tudo para seu pai e enfrentar qualquer punição que ele considerasse necessário. Ela só queria terminar com isso, de uma maneira ou de outra, para poder se concentrar em obter os códigos antes que caíssem em mãos erradas. Isso supõe que ela estaria viva para fazê-lo. Assombrar o ladrão do além-túmulo não era realmente o estilo dela.

Ela também precisava se limpar por outro motivo. Para quaisquer que fossem as intenções e propósitos, os filhos de Outfit tinham conhecimento e interesse nos códigos. O que ela não sabia era se Tristan Caine tinha os códigos e estava fingindo não os ter, ou se ele estava realmente procurando por eles. Nada sobre o homem era genuíno. Camadas enterradas sob camadas. Ele a impediu de ser descoberta e morta em um instante e ameaçou sua vida no outro. Qual era o jogo dele? Um homem que pode mentir para seu próprio irmão de sangue tão facilmente quanto ele, poderia ser honesto sobre qualquer coisa? E mesmo que ele fosse, ela não tinha motivos para acreditar nele.

Mas, com a intenção de interpretar a advogada do diabo, seu cérebro surgiu com a outra possibilidade muito flagrante e perigosa. Se, por alguma razão, Tristan Caine estivesse realmente sendo sincero, isso implicava que alguém havia contratado Jackson para acompanhá-la e coletar

informações, alguém que poderia estar no equipamento, mas provavelmente não, uma vez que Dante Maroni e Tristan Caine ficariam a salvo. E, a menos que o próprio Bloodhound Maroni se interessasse por ela, o que era altamente duvidoso, ela não conseguia pensar em outra pessoa na Outfit que sequer soubesse sobre suas habilidades.

O que significava que poderia haver um possível terceiro envolvido. Um terceiro misterioso, que nunca foi uma coisa boa. Quem eram eles e como poderiam saber sobre o trabalho dela?

E olhando para a lua, outra possibilidade bateu em seu cérebro. Poderia ser alguém do seu lado? Alguém quer começar uma guerra, usando-a como peão? Não havia escassez de pessoas deste lado que adorariam ver Outfit cair, mas alguém poderia realmente ser descarado o suficiente para ir atrás dela?

A vibração repentina de seu telefone quebrou o silêncio, assustando-a, um grito constrangedor saindo de sua boca antes que ela pudesse detê-lo. Com o coração acelerado, Morana respirou fundo, balançando a cabeça para si mesma. Caminhando de volta para a mesa onde seu telefone continuava vibrando, ela olhou para o identificador de chamadas. Um desconhecido.

Hesitante, ela atendeu, pressionando o ícone de resposta e ficou em silêncio, esperando a pessoa falar.

Houve silêncio por alguns instantes.

“Srta. Vitalio.”

Atordoada, ela inalou profundamente, ignorando o ligeiro arrepio que percorreu sua espinha, ignorando a maneira como seu coração começou a bater, seus olhos se fechando quando a lembrança do polegar dele acariciando sua mandíbula a inundou, seus músculos apertando. Ela odiava isso. Ela odiava sua carne traidora reagindo àquela voz baixa e rouca. Ela odiava o fôlego extra que respirava por causa do modo como a inundava. Ela odiava que ele a pegou desprevenida novamente.

Mas ela havia aprendido esse jogo no berço.

"Quem é?" Ela perguntou, mantendo o tom plano, entediada.

Houve uma pausa por alguns segundos, e Morana pôde sentir a tensão do outro lado da linha. Ela se sentou na cadeira, olhando para o número e rapidamente o digitou em seu laptop, executando-o para obter detalhes.

"É bom ver que sua língua afiada não segue um relógio", disse a voz, sem nada, absolutamente nada, o tom deliberadamente plano como o dela. O resultado no laptop foi embaralhado. Bastardo sorrateiro.

"Diz o homem que me liga à meia-noite", ela respondeu, digitando outro comando para anular o mais antigo, rastreando o número. "Como você conseguiu meu número?"

Algo entrou em sua voz. "Você realmente não sabe com quem está falando, não é?"

Idiota arrogante. Mas engenhoso. Ela sabia disso. A dor de cabeça foi empurrada para o fundo de sua mente enquanto o traço progredia para 89%.

"A coisa é..."

Se as vozes podiam ser bebidas, ele era um uísque vintage de séculos de idade, rolando da língua para baixo da garganta, deixando um rastro de fogo dentro, deixando todas as células do corpo cientes de que haviam sido consumidas. Morana fechou os olhos, tomando um gole de uísque, antes de perceber o que estava fazendo. Ela estava no telefone, à meia-noite, com o inimigo, saboreando a voz dele. O que diabos havia de errado com ela?

Antes que ele pudesse pronunciar outra palavra, ela desligou a ligação, colocando o telefone na mesa, expirando alto. Ao controle. Isso foi ridículo. Ela precisava parar de deixá-lo jogá-la ao vento. Ou então, ele a jogaria para os lobos.

O laptop dela fez um ping com os resultados de rastreamento concluídos. Ela abriu os olhos.

E ofegou em choque.

A ligação se originou em sua propriedade. Do lado de fora da casa, para ser mais preciso. Que porra ele estava fazendo lá?!

Pondo-se de pé antes que ela pudesse se conter, Morana tirou uma das facas da gaveta, as mesmas facas que ele a vira. Pegando o telefone na outra mão, ela lentamente deslizou ao lado da janela onde estava parada momentos atrás. Espreitando para fora, Morana deixou-se olhar em volta, tentando ver as sombras.

O telefone tocou novamente e ela mordeu o lábio antes de atender.

"Nunca desligue minha ligação", disse ele, sua voz ameaçadora, dura.

Morana engoliu em seco, mas falou levemente. "Desculpe, eu devo ter perdido o memorando. Eu machuquei seu ego gigantesco?"

Pausa difícil. "Por mais que eu deteste isso, estou aqui para conversar sobre negócios."

"Desde quando a Outfit negocia com a filha do inimigo?"

"Desde que ela criou códigos que podem destruir os dois lados".

Morana rangeu os dentes, a raiva corando em seu sistema. "E você está aqui para o quê? Fazer-me concordar com sua personalidade encantadora? Deveria ter enviado Dante para isso."

Ela podia sentir o tenso silêncio pulsando entre eles, o desejo de cortar a conexão novamente aguda.

"Eu teria, mas ele não pode fazer o que estou prestes a fazer."

Antes que Morana pudesse piscar, a linha ficou muda. Franzindo a testa, ela colocou o telefone no bolso da bermuda, segurando a faca com a outra e olhou novamente, confusa sobre o que ele quis dizer.

Vendo uma sombra se mover um pouco, Morana olhou através dos óculos, mal conseguindo distinguir a figura dele. Não havia como ele sair das sombras da propriedade. Do seu ponto de vista, ela podia ver os guardas patrulhando no outro extremo, a segurança ainda mais rígida, especialmente com o pai fora. Eles virariam e seguiriam em direção à ala dela em dois minutos.

Tristan Caine estava sombrio.

Mas ele era uma sombra suave.

Ela viu a suavidade em seus movimentos enquanto ele se afastava das sombras, fundindo-se com os novos, quase invisíveis até da sua vista. Não havia como ele passar pela porta da frente sem ser detectado. De jeito nenhum.

Só que ele não parecia ir em direção à porta da frente à sua esquerda. Com uma graça ágil, ela não pôde deixar de admirar, mesmo quando se repreendeu por isso, Morana observou, confusa, enquanto ele se dirigia diretamente para a parede. O que ele ia fazer – abrir caminho através deles?

Ele parou em direção à direita, ainda nas sombras, mas visível o suficiente para que ela pudesse ver o conjunto preto que ele estava vestindo. Confusa, e mais do que curiosa para ver o que ele faria em seguida, Morana sentiu o queixo cair quando ele pulou no parapeito da janela do escritório do térreo, segurando os canos de metal que corriam ao lado dele, erguendo o corpo.

Ele ia subir.

Ele ia subir?

Ele morreria esta noite, ela estava certa disso. Tristan Caine, o sangue da Outfit, ia se espalhar no chão embaixo da janela, morrer em sua propriedade e começar uma guerra de merda. Ele era louco? Ela não dava a mínima se ele queria quebrar seu pescoço grosso, mas ele não podia fazer isso longe da cidade dela sob a janela de outra pessoa? Seria melhor se os guardas o pegassem vivo.

Mesmo quando sua mente lhe disse para alertar os guardas, sua língua ficou presa no céu da boca, os olhos paralisados em sua forma. Para um grandalhão, ele era muito, muito atlético. Ela não queria apreciar nada sobre ele, mas observando-o se mover, não havia como negar. Ela era uma cadela para ele, não cega.

Sua mão agarrou a grade de metal da varanda do primeiro andar e ele soltou o pé, pairando no ar pela força de um braço. Então, ele agarrou a balaustrada com a outra mão e levantou os pés, pulando na varanda com uma graça que

ele não deveria ser capaz, não com aqueles músculos todos no corpo, músculos que ela sabia que eram muito duros e reais de ser pressionada contra eles, repetidamente.

O momento do seu salto coincidiu perfeitamente com os guardas patrulheiros, que fizeram as rondas, completamente inconscientes do intruso na propriedade. Tristan Caine ficou agachado na varanda, observando silenciosamente os guardas abaixo enquanto se afastavam. Era para ser o melhor serviço de segurança da cidade. Claramente, ela precisava demiti-los.

Balançando a cabeça, ela olhou para a janela, incapaz de ver como ele alcançaria a janela da varanda abaixo, já que não havia canos, trilhos, nada. Apenas parede. A área estava limpa novamente.

Justo quando ela pensou que não poderia ficar mais surpresa, ela o viu pular no parapeito, seu equilíbrio perfeito. Ele nem respirou antes de caminhar em direção ao lado da varanda, no corrimão, com os pés ágeis, parando quando encarava a parede.

E agora, espertalhão?

Ele olhou em volta com cuidado, antes de tirar algo do bolso de sua calça cargo preta e, antes que Morana pudesse pensar em 'bomba', ele a estava balançando e prendendo no parapeito da janela dela. E a próxima coisa que ela soube foi que as mãos dele estavam no peitoril da janela e ele estava levantando todo o corpo, pronto para entrar na segunda

janela em que ela estava atrás. Uma missão impossível de andar e falar, era o que ele era. E o estômago de Morana estava em um nó, exatamente como sempre havia assistido ao cinema, com o coração batendo forte nos ouvidos, como se ela tivesse escalado dois andares de seu prédio.

Pelo menos o disfarce dela foi mais secreto, menos exibicionista.

No momento em que ele levantou o corpo, Morana deu um passo para trás, segurando a faca ao lado da cabeça, sua postura combativa, como o instrutor lhe ensinara.

Ele aterrissou no chão acarpetado, rolando de costas no mesmo movimento e se levantando, sua camisa preta de mangas compridas abraçando todos os tendões e músculos de seu tronco, as calças largas enfiadas nas botas pretas do exército, um comunicador anexado ao ouvido. Ele parecia pronto para se infiltrar em uma fortaleza. Ela deveria estar lisonjeada, ela supôs.

Só que ela percebeu, naquele exato momento que seu próprio inventário estava completo e o dele começou, que ela estava vestida para dormir, em seu short de coelho e camiseta larga da universidade que quase pendia de um ombro, e sem sutiã.

Mesmo quando o calor correu para o rosto dela, ela ficou na mesma posição, ameaçando, mantendo o rosto completamente em branco, observando-o. Seus olhos azuis afiados se fixaram nos dela, enviando um frisson de

formigamento pelo corpo antes que ela o pressionasse, os dedos flexionando a faca. Ele tocou o fone de ouvido, nunca tirando o olhar do dela, e falou baixinho.

"Estou dentro. Silencioso."

Quão eloquente.

Seus olhos se voltaram para a faca dela, antes de voltar para os dela, seu queixo desalinhado relaxado, toda a sua postura não ameaçadora. Mas ela sabia melhor. Ela aprendeu a rapidez com que ele trocou em primeira mão, e não tinha a menor intenção de respirar com facilidade, desde que ele estivesse a pelo menos de um metro e meio dela.

Ele não falou uma palavra, apenas olhando para ela com aqueles olhos enervantes. Ela sabia o que ele estava tentando fazer. Agitá-la. E mesmo que funcionasse, ela não deixou transparecer.

"A maneira como você escalou as paredes", ela começou, em um tom de conversa tão falso que ela podia revirar os olhos ", você acabou de confirmar o que eu sempre soube que você era".

Ele apenas levantou uma sobrancelha solitária.

"Um réptil", ela forneceu, sorrindo vigorosamente para ele.

O lado de seu lábio com a maldita cicatriz se contraiu, seus olhos nunca perdendo a dureza. "Predador".

"Ilusões de grandeza", ela assentiu, ignorando a maneira como a intensidade do olhar a fazia querer parar de respirar. Se ela fosse um cachorro, esse era o tipo de olhar que a faria querer rolar de costas e oferecer sua barriga quente. Ela não era um cachorro, apenas uma fêmea proverbial equivalente a ele. Ela tinha que continuar assim. Foco. "O seu psiquiatra sabe que você sofre disso?"

Ele deu um passo mais perto, e ela se endireitou, apontando a faca para ele, mantendo a mão firme. "Nuh-uh. Você se move uma polegada e ganha uma cicatriz."

Ele parou, seu olhar se intensificando. "E você me chama de ilusório."

Morana rangeu os dentes, aumentando o desejo de lhe dar um soco simples e comum no rosto e possivelmente quebrar seu nariz. Ela ficou para trás. Quanto mais cedo ela acabar com isso, melhor.

"Tenho certeza que você não está aqui para me encarar, por mais que pareça gostar disso", ela começou, nunca tirando os olhos dos dele. "Por que você está aqui?"

Ele piscou uma vez, seu corpo completamente imóvel, como se estivesse pronto para atacar a respiração de um movimento. "Você invadiu minha casa. Pensei em retribuir o favor."

Morana ficou de boca fechada, esperando-o sair. Seu sangue estava correndo muito rápido em seu corpo, sua pele

muito quente para o conforto, seu pulso muito mais alto do que o normal. Adrenalina. Ela estava inundada de adrenalina. Nada mais. Lutar e fugir. Instinto. Sim, isso explicava.

Ele inclinou a cabeça para o lado, seus olhos nunca vacilando, o movimento fazendo-o parecer ainda mais letal nas luzes abafadas da sala.

"Como eu disse", ele começou, naquela voz que a fez desligar o telefone, a voz do uísque, a voz que a fez querer revirar os olhos em sua cabeça. Ela se sacudiu mentalmente, concentrando-se nas palavras dele. "Isso é negócio. Dante e eu somos os únicos que sabemos sobre os códigos do nosso lado. Você é a única do seu, eu acredito?"

Ela não respondeu, apenas esperou. Ele continuou. "Queremos mantê-lo assim, contido. Mesmo as informações corretas nas mãos erradas podem ser desastrosas."

Zombando, ela levantou as sobrancelhas. "E eu devo assumir que vocês são homens de honra quando, de fato, eu vi você mentir para o seu lado sem piscar. Diga-me, Sr. Caine, por que eu deveria acreditar em uma palavra que sai da sua boca?"

Seus olhos endureceram e ele deu outro passo. Morana bateu a faca no ar em aviso. Ele parou.

"Eu preferiria que você não acreditasse", ele falou, a frieza entrando em seus olhos enviando um arrepio na espinha dela.

Antes que ela pudesse dizer outra palavra, ela ouviu os principais portões da mansão se abrirem, o som de buzinas soando na noite quando carros entraram na propriedade. A essa hora da noite, significava apenas que seu pai havia retornado.

Ela manteve os olhos nele, observando cada movimento dele, seu coração começou a bater mais rápido ao perceber que seu pai estava em casa, junto com Tristan Caine. Se ela fosse pega, sua morte estava garantida.

Morana suspirou, a dor de cabeça de antes retornando com vingança. "Como eu sei que você não tem os códigos?"

"Eu não tenho", ele simplesmente disse. Ela viu a convicção em seus olhos. Ela viu o calor neles. Ela ignorou os dois.

"Tudo bem", ela assentiu. "Supondo que você não os tenha, eu estou tentando encontrar uma maneira de destruí-los por conta própria há dias. Não está funcionando." Sua frustração diminuiu, lembrando-se de seus esforços fúteis. "Eu me infiltrei em sua casa, pelo amor de Deus, como último recurso! Confie em mim, Sr. Caine, fazer negócios comigo não é uma boa opção agora."

Os olhos dele se estreitaram nela, avaliando-a. "Isso não é decisão sua. Você nos envolveu nisso e agora precisa levar até o fim."

"Ou?", ela exigiu, erguendo as sobrancelhas, seu braço começando a doer onde ela o segurava ao seu lado.

Um canto de seus lábios se levantou. "Ou eu desço agora para encontrar seu pai e contar a ele o que está acontecendo."

Morana revirou os olhos, chamando seu blefe. "Você não faria isso. Você disse que quer ficar quieto. Além disso, eu já ia contar ao meu pai."

"Você ia mesmo?" ele perguntou, e ela sentiu seus arrepios subirem ao tom dele.

Antes que ela pudesse endireitar a coluna, a mão dele estava subitamente em seu pulso, torcendo o braço dela enquanto a outra mão a girava. Morana levantou a perna, tentando acertá-lo no joelho, mas ele desviou, segurando os pulsos dela com uma mão enorme, pressionando o peito nas costas dela, não lhe dando espaço para se mover, a outra mão segurando o cabelo sem dor, mas com firmeza, inclinando a cabeça para trás para poder vê-lo atrás dela, a faca na mão batendo no chão acarpetado com um baque abafado. Morana lutou contra seu aperto, mas como era a tendência deles, não conseguia se mexer.

"Não brinque com brinquedos que você não conhece", sua voz sussurrou contra seu ouvido, sua respiração fantasmagórica sobre o ombro exposto onde a camiseta dela havia caído, enviando um calafrio através dela antes que ela pudesse pará-lo, arrepio, ela tinha certeza de que ele podia sentir, um arrepio que fez seus seios tremerem. Mas a condescendência em seu tom a fez apertar a mandíbula.

Fortalecendo os nervos, sabendo que as mãos dele estavam ocupadas, Morana jogou a cabeça de volta para o rosto dele e errou quando ele se abaixou no último minuto, o aperto nas mãos dela afrouxando. Era tudo o que ela precisava. Caindo no chão, ela passou os pés por baixo dele enquanto pegava a faca ao mesmo tempo. No momento em que ele caiu de costas, ela subiu no peito dele, pressionando a faca bem embaixo do pomo de Adão, olhando para ele.

Ele olhou para ela, as luzes abafadas no quarto lançando seu rosto meio às sombras, nenhum sinal de medo nos olhos azuis, nem um pouco perturbado, as mãos presas ao lado dele pelas coxas.

Morana se inclinou para frente, mantendo os olhos trancados, e sussurrou, com toda a raiva e ódio percorrendo seu corpo. "Um dia, eu vou arrancar seu coração e guardá-lo como lembrança. Eu juro."

Ela pensou que ele responderia em silêncio, ou com o queixo cerrado, ou com outro golpe nela. Ele não fez.

Ele riu.

Sério?

"Você acha que eu tenho um coração, gata selvagem."

Mas a diversão desapareceu de seus olhos assim que entrou. Ele ficou parado embaixo dela, observando-a, o silêncio entre eles ficou tenso, a tensão entre eles se espessando. A consciência deslizou por sua espinha, penetrando em seus ossos. Ela podia sentir o batimento cardíaco dele contra sua coxa, onde ela montou nele, seus shorts subindo na luta, expondo mais de sua pele do que ela estava confortável. Seus mamilos endureceram sob o algodão, por causa da luta e não por causa dos músculos quentes dele, ou de seus olhos intensos perfurando os dela. Não por isso.

Agora que ela o tinha sob ela, ela não sabia o que fazer. Ela não podia sentar-se nele por toda a eternidade, mesmo que fosse tentador. Ela não podia matá-lo em sua própria casa, mesmo que isso fosse mais do que tentador. Ela não podia fazer nada. E o bastardo que ele era, sabia disso. Portanto, a postura relaxada.

Desgostosa consigo mesma, Morana levantou-se, retirando a faca do pescoço dele e caminhou em direção à janela, frustrada pela inundação, substituindo o calor agora que ela desviou o olhar dele. Isso não os levava a lugar nenhum. Ela fechou os olhos uma vez, antes de abri-los, a decisão tomada e virou-se para encará-lo, onde ele estava a

poucos metros de distância, observando-a com aquele maldito olhar focado dele.

"Então, você basicamente quer que eu trabalhe com você para encontrar os códigos, destruí-los e guarde isso para mim?", ela perguntou, mantendo a voz calma.

"Sim", ele respondeu simplesmente.

Morana assentiu. "E como vamos fazer isso?"

"Seja como for," ele respondeu, naquele tom simples que não considerava argumentos. "Onde quer que as pistas nos levem."

Morana assentiu novamente, respirando fundo, os olhos observando-o atentamente. "Eu tenho uma condição."

Os segundos passando. As luzes piscaram. Eles respiraram.

Ele ficou em silêncio, esperando-a sair. Ela hesitou, por algum motivo, antes de engolir, dizendo.

"Eu trabalho com Dante, não você."

Silêncio.

Seus olhos brilharam com algo antes que ele os pressionasse, o ar entre eles crepitava de tensão, seu olhar quase elétrico em sua intensidade. O coração de Morana bateu forte, o estômago apertando, a consciência de si mesma, de tudo ao seu redor, chiando através dela.

Ele começou a caminhar em direção a ela com passos lentos e medidos do predador que era chamado, seus olhos azuis brilhando com um fogo que ela não conseguia colocar, seu rosto duro, mandíbula cerrada, músculos tensos. Morana manteve-se firme com os pés descalços, levando a faca até a garganta quando ele entrava em seu espaço pessoal, o metal pressionando seu pescoço, a outra mão chegando ao lado de sua cabeça no parapeito da janela. Ele olhou para ela, sua garganta trabalhando, sua respiração quente contra o rosto dela, aquele cheiro almiscarado de sua colônia desapareceu e se misturou ao suor, envolvendo-a, fazendo sua pele formigar e seu coração trovejar enquanto seus olhos ficavam trancados.

De repente, ele levantou a mão livre, entre a faca e a garganta, e os olhos de Morana se arregalaram, atordoados, enquanto ela o observava afastá-lo de sua pele, a lâmina afiada cortando sua mão, o sangue subitamente descendo pelo pulso até o dela, o líquido quente viajando sobre o cotovelo. O tempo todo ele nunca desviou o olhar, mesmo quando ela se engasgou, mesmo enquanto tentava puxar a faca, enquanto engolia em seco. Ele segurou a faca no punho, os olhos inflamados nos dela, o sangue pingando na pele dela, os rostos a centímetros de distância, os olhos inabaláveis, azuis em castanhos.

Algo estava acontecendo naquele momento. Algo que seu cérebro não conseguia entender, mas seu corpo estava intuitivamente consciente. A corrente de sangue em seus

ouvidos não diminuiu. As batidas do seu coração não diminuíram. O peso do seu peito não diminuiu. Seus joelhos enfraqueceram, seu estômago deu um nó, sua descrença percorrendo seu corpo, transformando-se em outra coisa, algo que nunca havia ocupado seu corpo antes.

Ele olhou para ela como uma força da natureza, e ela olhou para trás, incapaz de desviar o olhar, capturada por seu olhar – seu olhar duro e implacável.

E, de repente, ele soltou a faca.

"Feito."

Seu tom duro e gutural a alcançou, e ele a afastou sem lhe lançar outro olhar, pulando pela janela antes que ela pudesse respirar novamente.

Morana não olhou para ver se ele tinha conseguido, não se inclinou para vê-lo se fundir com as sombras, não se moveu do lugar.

Ela não respirou.

Seu coração trovejou em seu peito como uma nuvem de tempestade desencadeada, sua respiração rápida como se tivesse corrido uma maratona. Ela estava tremendo. Por toda parte. Suas mãos tremiam, a faca caindo mais uma vez no chão, coberta de sangue.

Morana olhou para a faca caída, sentindo como se uma espada tivesse perfurado seu peito, o aperto na garganta

inexplicável, a lógica em nenhum lugar nas proximidades de seus pensamentos embaralhados enquanto ela ficava parada ali, congelada, incapaz de se mover, incapaz de respirar.

Os olhos dela passaram da faca para as mãos trêmulas, vendo uma trilha vermelha e solitária à direita, começando pelo pulso e terminando no antebraço, quase como se sua pele tivesse chorado e engolido uma lágrima sangrenta.

O sangue do seu inimigo. O sangue do único homem que ela odiava.

O sangue dele.

A visão disso deveria tê-la preenchido com satisfação. O fato de ele ter concordado com os termos dela deveria tê-la preenchido com satisfação. O fato de ele ter saído sem problemas e não ter transformado esta noite em um desastre deveria tê-la preenchido com satisfação.

Curvando-se, ela pegou a faca, movendo-se quase no piloto automático, seus pensamentos dispersos na sequência do tsunami dentro de seu corpo, suas emoções se misturaram em uma confusão irreconhecível, seu corpo tremendo como uma folha perdida na tempestade. Andando para frente, ela largou a faca ensanguentada na lata de lixo, olhando enquanto o vermelho rodopiava e se infiltrava no papel branco ao redor, infiltrando-o, cicatrizando-o, trocando-o.

Ao sentir o vento soprando sobre a pele exposta, sobre os nervos desgastados, sobre a carne vestida, Morana sentiu-se preenchida.

Mas não foi com satisfação.

Foi tudo menos satisfação.



Esperando

Dante Maroni: *Vamos nos encontrar hoje à noite no Cyanide. 20:00h. Vou esperar por você na sala VIP.*

Cyanide era a boate mais popular e mais noturna da cidade. Também passou a pertencer à Outfit.

Morana nunca foi à uma boate.

Lembrou-se de ter visto uma pela primeira vez na TV quando tinha 12 anos. As luzes hipnóticas, os corpos giratórios, a música alta – tudo montado no cenário da dança de acasalamento dos dois principais, como eles flertaram com seus olhos do outro lado do clube antes de dançarem de uma forma quente, cercados por corpos, tão perto que ela queria bater a cabeça deles apenas para fazê-los se beijar. Foi uma experiência esclarecedora. Uma experiência que ela sabia que não era algo para ela.

Mesmo quando criança, ela já sabia que não desejava coisas que não podia ter. Naquela época, ela estava com medo – de seu pai, de seus inimigos, de si mesma. Ela tinha

pavor de todas as coisas que sabia que iria querer se saísse de sua bolha. Boates também a aterrorizavam. As notícias e relatos de meninas expostas a drinks batizados e drogas de estupro apenas a tornaram mais cautelosa.

Mais de uma década, e lá estava ela, de pé na frente do espelho em sua penteadeira. Ela estudou seu reflexo por um longo minuto. Com suas mechas tingidas de castanho caindo livremente em seu rosto em ondas suaves, ela terminou de colocar suas lentes claras.

Ela tinha um rosto bonito, nada sobre o que alguém escreveria sonetos, mas agradável de se olhar. Ligeiramente arredondada, com lábios de tamanho médio, ela pintara de um vermelho escuro, um nariz reto, embora curto, que ela havia perfurado uma vez e claros olhos castanhos com manchas verdes.

Seu corpo era pequeno, tamanho pequeno, com seios decentes, uma bunda boa e uma barriguinha teimosa da qual ela não conseguia se livrar. Alisando o vinco de seu vestido verde esmeralda que se amontoava sob os peitos e caía nos joelhos, ela inclinou a cabeça para o lado, perguntando-se se ela se parecia com a mãe. Além da cor original do cabelo, ela realmente não podia vê-la nela.

O vestido em si era um que ela nunca usara antes. Foi um presente de aniversário que ela comprou para si mesma, sem saber quando ou se alguma vez, ela o usaria. Esta noite parecia perfeita para a ocasião.

O tecido macio do vestido sem alças se agarrava ao torso, modelando perfeitamente os seios, o material apertando-se bem embaixo deles, antes de brilhar em tons de verde sombreado, as ondas da saia parando logo acima do joelho em uma bainha irregular. O decote nas costas era profundo, mas simples, e os saltos pretos adornavam seus pés. Ela nunca se vestiu assim. Mas então, ela nunca tinha realmente ido a uma boate também.

Ela leu a mensagem no telefone novamente, verificando a hora.

Cyanide era uma boate da Outfit na cidade de seu pai. Ela não entendia.

Aparentemente, o lado dela e a Outfit foram aliados uma vez, há muito tempo, pelo que as pessoas diziam. Mas algo mudou e a inimizade nasceu. E embora agora os dois lados se odiassem com ferocidade, ambos tinham negócios no território um do outro, e era silencioso o entendimento de que, embora os negócios não fossem prejudicados, qualquer indício de hostilidade eliminaria todas as apostas.

Ela ficou surpresa ao ser convidada, para dizer o mínimo. Ela meio que esperava outro canteiro de obras abandonado com um bando de águias voando acima. Mas aparentemente esse era o local para reuniões assassinas. Ela supôs que deveria ficar aliviada.

Enquanto a garotinha dentro dela borbulhava de empolgação, a mulher em que ela se tornara estava

cautelosa. Era um lugar público, onde ela duvidava que alguém tentasse alguma coisa, mas ainda era o local deles.

Afastando-se do reflexo, ela pegou a bolsa preta - que continha uma pequena Beretta – e o telefone, e saiu do quarto, fechando a porta atrás de si. Descendo as escadas, Morana sentiu as palmas das mãos suarem um pouco quando o nervosismo a assaltou, a ala da casa vazia, exceto por alguns guardas aqui e ali. Guardas inúteis, dada a facilidade com que foram invadidos duas noites atrás.

Balançando a cabeça antes que ela pudesse deixar-se ir por aquela estrada, ela saiu de casa e seguiu para o carro parado na entrada, os gramados atrás dele envoltos em escuridão, quando o telefone tocou.

Era o pai dela.

"Pegue os guardas", seu comando curto e cortante veio pelo telefone assim que ela atendeu.

Ela ficou rígida, parando, seus olhos balançando em direção à outra ala onde ela sabia que estava o escritório dele. Não 'para onde você vai', ou 'quando voltará', ou 'tenha cuidado'.

"Não", ela respondeu com a mesma voz plana que vinha usando com ele há anos, parando a pontada antes que pudesse beliscar. Ela desligou a ligação antes que ele pudesse dizer algo, não o que ele diria, e caminhou rapidamente para o carro dela. Não. O pai dela não discutia

nem argumentava assuntos. Ele simplesmente decidia. O que significava que ela teria um rabo.

Chegando ao volante, ela ligou a ignição e saiu da estrada, seu bebê querido ronronando sob seu controle enquanto dirigia o carro para fora dos portões gigantescos. Deixando a casa, seus olhos se voltaram para o espelho retrovisor. Assim como ela suspeitava, ela viu um veículo preto saindo atrás dela.

Algo semelhante à exasperação encheu suas veias. Fazia isso há anos, recusando proteção e despistando os guardas. Ela era uma especialista agora e, no entanto, seu pai nunca parava de tentar colocá-la sob sua guarda.

Mudando de faixa habilmente assim que atingiu o tráfego, Morana pressionou o acelerador no chão e sentiu a velocidade rastejar sobre ela enquanto passava por outros veículos. Motocicletas e carros buzinavam ao seu redor, o ar fresco e condicionado do carro impedia que o suor escorresse em sua pele, mesmo quando uma dose de adrenalina a encheu. Ela sabia que os homens de seu pai tentariam alcançá-la. Ela também sabia que eles fracassariam, porque pegar Morana Vitalio quando ela não queria ser pega era algo que poucos poderiam fazer.

E essa também era uma razão pela qual ela o odiava.

Porque, de alguma forma, sempre a colocava em desvantagem quando ela não queria estar, colocava-a em

posições que sublinhavam quanto controle ele tinha sobre seus corpos enquanto ela se atrapalhava.

Morana rangeu os dentes quando sua mente, sem querer, foi para Tristan Caine. Novamente.

Ela tirou o episódio inteiro de duas noites atrás da cabeça, prometendo não pensar nisso novamente. Porque a bagunça que estava no quarto dela com o sangue da mão dele, a massa confusa de membros que não ousavam respirar porque tudo tinha sido tão desconcertante – não era ela. Morana Vitalio não se comportava como uma garotinha patética sendo atingida por um osso. Morana Vitalio não mostrava vulnerabilidades para ninguém além de si mesma. Morana Vitalio não expunha a jugular a um homem que foi direto para ela.

Ela foi criada em torno de tubarões. E ela aprendeu a não sangrar.

Mas ela o odiava porque ele sangrara. Porque ele a jogou desprevenida. Porque ele fez algo que ela nunca acreditou que ele faria. Porque ele a fez reagir não como Morana Vitalio, mas como outra pessoa. E ela detestava admitir que o alívio que pensara sentir por sua condição simples tinha sido destruído por gotas de sangue, e ela não tinha ideia do porquê. Ela nem queria examinar o porquê. Esse foi um episódio de sua vida que ela alegremente deixou para trás.

Virando à esquerda em direção à boate, Morana sacudiu a cabeça e afastou todos os pensamentos, concentrando-se

apenas na reunião e em aproveitar sua primeira experiência em uma boate o máximo possível. Não que ela quisesse dançar bêbada ou quente com um idiota aleatório. Não, ela só queria sentir aquelas luzes deslizarem sobre sua pele, sentir a música pulsar em sua garganta, sentir os aromas lavarem seu corpo.

A alguns quilômetros de estrada isolada à frente, ela viu um armazém alto e cinza subir em direção ao céu. Uma enorme placa azul gelo brilhava no topo do prédio, dizendo que ela estava no lugar certo. Estacionando o carro do lado de fora em um lugar quando um manobrista veio até ela, ela saiu, recusando a oferta dele, mas agradecendo. O frio do vento provocou arrepios nas costas nuas enquanto ela corria em direção ao prédio, o barulho abafado ficando mais alto a cada passo que dava para as altas portas de metal.

Um segurança musculoso quase três vezes maior do que o seu tamanho a olhou de cima a baixo quando ela se aproximou, a mão na maçaneta, a cicatriz cobrindo a metade direita do rosto escondida por trás de óculos escuros. Ela nunca entendeu por que as pessoas usavam óculos escuros à noite.

"Somente convidados", ele falou com uma voz rouca, sem se mexer uma única polegada.

Morana levantou as sobrancelhas. "Morana Vitalio. Convidada de Dante Maroni."

O rosto escuro do homem não mostrou expressão, mas ele abriu a porta, o barulho repentino explodindo em seus ouvidos, e a deixou passar. Respirando fundo, Morana entrou na boate, ciente da porta se fechando atrás dela. Uma parte pequena e cautelosa dela a lembrou de que ela era filha do inimigo em uma boate de Outfit, sozinha e sem segurança, fazendo seu coração disparar quando uma lasca de medo percorreu sua espinha. Empurrando para fora, ela ficou bem na entrada, absorvendo toda a área.

Feito em cromo e azul gelo, com luzes azuis diminuindo e queimando alternadamente com as batidas pesadas da música que saíam da cabine do DJ em sua extrema esquerda, todo o piso convertido do armazém era a área de dança. O bar se alinhava à direita e os garçons de bar atendiam à multidão pesada. Os seguranças cobriam os cantos do espaço discretamente, observando os corpos deslizando um contra o outro.

Observando a multidão, Morana não se sentia mal vestida. Na verdade, ela tinha certeza de que o tecido de seu vestido poderia cobrir pelo menos cinco mulheres lá.

Sobrancelhas na linha do cabelo, mesmo quando um sorriso perseguia seus lábios, a pura alegria de estar longe de sua casa, de sua vida, tão, tão preciosa, mesmo por um segundo. Ela respirou os aromas mistos de colônia e perfumes e suor e álcool. Ela inclinou a cabeça para o lado enquanto a música batia contra seus tímpanos. Ela sentiu seus pés de salto baterem com o ritmo.

Era tudo uma novidade.

Ela olhou para cima e viu Dante Maroni caminhando em sua direção, vestido com uma camisa escura casual e calça que gritava 'rico e carregado', seus lábios em um sorriso educado, seu corpo enorme se movendo com graça, mesmo quando seus olhos escuros a mediram. Morana olhou em volta para se certificar de que ele viria sozinho, como ela exigiu. Ele estava. Mas isso não a relaxou, apesar do sorriso convidativo em seu belo rosto.

Apontando para uma área atrás do bar, que ela imaginou ser a seção VIP, ele fez um gesto para que ela o seguisse. Ela o fez lentamente, notando o braço dele atrás dela, mantendo a multidão dançando longe de seu corpo em movimento. Por mais que ela não quisesse, ela apreciava o gesto, especialmente quando a multidão dançava sobre ela, e algumas mãos perdidas tentaram reprimir uma sensação, fazendo-a querer vomitar.

Quando chegaram ao bar, seu coração estava batendo mais rápido do que as batidas da música, a adrenalina atingindo seu sistema. Engolindo, ela seguiu Dante para uma seção isolada, separada pelo bar, onde a música não era tão alta por algum motivo. Sofás cor de vinho borgonha apareceram, revestindo as paredes, as luzes mais escuras criando áreas de estar íntimas.

Morana entrou na seção que ele indicou, ocupando o espaço, e de repente parou, seu corpo endurecendo.

Tristan Caine, sentado em um dos sofás à sua direita, estava vestido com um paletó e uma camisa branca que brilhava em azul sob as luzes, com um colarinho aberto e sem gravata. Não havia nada do homem de duas noites atrás nele. Os olhos dela se voltaram para a gaze branca envolvida em torno da mão dele, um lembrete rápido de que ele era praticamente o mesmo homem. O mesmo ser primitivo envolto em civilização.

Uma mulher estava sentada ao lado dele – uma mulher alta, de cabelos negros e absolutamente deslumbrante em um vestido prateado que foi derramado sobre ela, sua linguagem corporal aberta era uma indicação clara de que ela era amiga do homem ao seu lado.

Morana desviou o olhar antes que ela pudesse olhar para qualquer um deles.

Dante a levou para a esquerda, do lado oposto, onde a área estava relativamente vazia, e fez um gesto para ela se sentar. Ela deliberadamente se sentou de frente para a parede, de costas para o outro homem, e viu Dante dobrar seu corpo enorme no banco à sua frente.

Ela esperou sua nuca formigar com a consciência de seus olhos nela, os arrepios irromperem sobre sua carne, mas nada aconteceu. Ele não estava queimando um buraco nas costas dela com os olhos. *Boa.*

"É uma coincidência que ele esteja aqui", começou Dante. "Eu sei que você solicitou que ele não estivesse

presente, então eu não disse a ele onde nos encontraríamos. Ele acabou de chegar alguns minutos atrás com Amara." Seu tom era um pouco de desculpas, mesmo quando seus olhos castanhos se moveram atrás dela, uma sombra piscando em seu rosto enquanto observava o que estava acontecendo em um silêncio sombrio. A sombra era por causa de seu irmão de sangue ou por causa da mulher?

Morana pigarreou, trazendo os olhos escuros de volta para ela. As sombras clarearam quando seus olhos se fecharam, sua expressão era de interesse educado, uma que ela tinha certeza de que ele usava há muito tempo. "Podemos nos concentrar nos códigos?"

"É claro", ele assentiu, recostando-se nas almofadas enquanto uma garçonete trazia alguns aperitivos. "Gostaria algo para beber?"

Morana balançou a cabeça, cruzando os tornozelos e cruzando as mãos no colo, um pouco desconfortável com toda a situação. Um frisson de consciência deslizou por sua espinha.

Os olhos dele estavam nela.

Respirando fundo, Morana parou o corpo, sem trair nenhum movimento.

"Deixe-me ser honesto com você, Morana", Dante falou, esticando um braço sobre as costas do sofá, sua camisa esticada sobre o peito bem construído. "Não tenho nada

pessoal contra você; assim, desde que você não ameace ou machuque a mim ou ao meu pessoal, podemos trabalhar bem."

Morana estreitou os olhos e assentiu. "O mesmo vale para você."

"Bom", ele assentiu, os cabelos escuros na cabeça captando as luzes azuis, os olhos piscando novamente para a cena atrás dela momentaneamente antes de voltar. E nessa única piscada, Morana sabia que era a mulher – Amara – que chamava sua atenção. Ela tinha a sensação de que havia muito mais em sua distração do que uma mulher gostosa em um ótimo vestido. Ignorando a pontada de compaixão que provocou, ela mordeu o lábio.

"Sr. Maroni, como eu disse ao Sr. Caine", Morana resmunga, ainda ciente de que o homem estava atrás dela, observando-a esporadicamente: "Estou perplexa. Criei os códigos e antes que eu pudesse instalar um sistema à prova de falhas no lugar, Jackson os roubou. Não tenho esperanças de encontrá-lo assim, muito menos destruí-lo sem realmente tê-lo."

"Tristan me disse", disse o homem, sua voz subitamente extremamente séria, o ar de responsabilidade ao seu redor tão forte que a fez perceber que ele era o filho mais velho da Outfit. "Seja qual for a hostilidade existente entre nossas famílias, o fato é que o código é letal para ambos os lados, e

não podemos permitir nenhuma guerra entre nós mesmos e as forças externas que procuram uma maneira de entrar".

"Poderia ter sido alguém do lado de fora?" Morana perguntou, expressando suas próprias apreensões quando se recostou nas almofadas, sua nuca formigando.

Dante balançou a cabeça. "Eu não acredito. Somente alguém que conheceu sua família poderia saber o que você estava fazendo." Ele parou por um segundo. "Não tenho certeza absoluta de que não seja alguém do nosso lado, tentando derrubar Tristan."

"Por que alguém do seu lado o derrubaria?", ela perguntou curiosa.

O homem diante dela encolheu os ombros, mesmo quando seu rosto permaneceu sério. "Pode haver muitas razões. Ciúme por suas habilidades, pela preferência de meu pai por ele. Inferno, ele tem inimigos suficientes dentro da Outfit para que alguém possa querer retribuir."

O intestino de Morana se apertou quando ela lembrou o quão suavemente o homem em questão havia mentido para seu irmão de sangue. Ela não tinha certeza de que não era ele, fingindo suas próprias acusações.

"Nós rastreamos as transações de Jackson", a voz de Dante invadiu seus pensamentos, fazendo-a franzir a testa.

"Eu te disse, todas elas levam ao Sr. Caine."

"Elas levam, mas há anomalias quando olhamos com cuidado", ele a informou. "Estamos rastreando-as agora, mas como essa é sua área de especialização, talvez você possa acelerar?"

Parecia estranha essa aliança. Mas ela assentiu independentemente, segurando a palma da mão para o pen drive que ele colocou lá.

"Tudo o que conseguimos reunir até agora, todas as informações, está aqui".

Ela colocou o drive cuidadosamente na bolsa e se levantou, como ele. Desde que ele estava sendo amigável até agora, Morana disse calmamente: "Eu vou te avisar se conseguir alguma coisa."

Dante Maroni inclinou a cabeça levemente, os olhos afiados nela. "Posso perguntar por que você se recusou a trabalhar com Tristan?"

Morana levantou uma sobrancelha. "Posso perguntar o que está acontecendo entre você e Amara?"

O homem amigável diante dela repentinamente endureceu, a raiva brilhando em seu rosto antes de vestir a máscara educada, os lábios contraídos, fazendo-a perceber mais uma vez que ele não era um qualquer. Ele era o sangue real de Bloodhound Maroni. Ele olhou para ela um pouco, seus olhos piscando para a mulher em questão, antes de

balançar os olhos para ela novamente, um sorriso relutante em seus lábios.

"Coragem leva apenas um segundo para se tornar tolice", disse ele calmamente, seus olhos escuros alertas. "Tenha isso em mente."

Morana sorriu. Então, ela encontrou um nervo, não é?

"Siga o seu próprio conselho", ela respondeu no mesmo tom, antes de girar nos calcanhares e ir em direção ao bar, olhando absolutamente para a frente, sem lançar um olhar de ambos os lados, mas ciente dos olhos de Tristan Caine nela. Sua garganta trabalhou, uma gota de suor escorrendo pelo seu decote, seus músculos rígidos em seu corpo.

Seca, ela alcançou o balcão, a música mais alta do lado de fora e se inclinou, tentando chamar a atenção de um dos garçons.

Um homem de trinta e poucos anos, de camiseta preta, olhou para ela, com os olhos frios quando a olhou de cima a baixo. Morana franziu o cenho diante da reação, sem entender.

"O que eu posso pegar para você?", ele perguntou, sua voz alta sobre a música.

Ela observou os olhos dele, a suavidade neles, e sentiu um arrepio percorrer sua espinha. Sim, ela não aceitaria álcool dele. "Apenas um pouco de suco de laranja."

Ele se virou e Morana franziu as sobrancelhas, tentando lembrar se ela já o conhecera antes. Ela não tinha. Mas então talvez ele soubesse que ela era filha da família inimiga.

Suspirando, ela pegou o copo de suco que ele empurrou em sua direção e se virou para a pista de dança, engolindo a bebida refrescante, saciando sua sede, seus olhos na massa de corpos se movendo ao ritmo à sua frente.

"Anton, um JD, com gelo."

A voz de uísque e pecado veio de sua esquerda. Morana engoliu em seco, mas ela se recusou a se virar, recusou-se a reconhecê-lo, cerrando os dentes, a mão segurando a bolsa e o copo enquanto seus olhos ficavam grudados nos corpos girando.

Os olhos dele vieram para ela. Ela estava ciente. Mas ela não se virou. Bebendo devagar o suco restante, ela ficou parada, ciente da presença dele ao seu lado, ciente de que ele estava a poucos centímetros de distância, todos os músculos e força enrolados, mas sem realmente reconhecê-lo. E isso é absolutamente bom.

Ela deveria ter se mexido. Deveria ter colocado o copo no balcão e saído pela entrada, sem uma palavra, sem um olhar, sem nada. Mas, por alguma razão insondável, naquele momento, se tornou tão arrasador quanto uma competição de quem piscaria primeiro. Tornou-se uma colisão de vontades, onde se afastar ou fugir naquele momento, seria equivalente a piscar, e ela seria condenada se cedesse primeiro.

A música a envolveu, quase a envolvendo em uma bolha onde nada além de seu coração batendo e seu pulso acelerado existiam. Ela ficou parada ali, observando sem pensar nos dançarinos, seu corpo inteiro consciente da presença ao seu lado, uma presença que não saiu, não se mexeu e não fez nada. Ele estava presente e isso, por algum motivo, foi suficiente.

"Morana Vitalio?"

O momento foi quebrado. Fechando os olhos enquanto o peso aumentava, Morana virou-se para o outro lado com a voz feminina, para ver a mulher que estava sentada ao lado de Tristan Caine olhando para ela com os olhos verdes mais estranhos que ela já vira, a sombra de algo próximo a uma floresta à meia-noite, seu corpo curvilíneo deslumbrante naquele vestidinho elegante, seus cachos escuros selvagens e livres em sua cabeça. Amara.

"Sim", disse Morana, cautelosa e confusa sobre o porquê dessa mulher querer falar com ela.

Algo parecido com pena encheu os olhos verdes da mulher quando ela olhou para ela. Antes que ela pudesse pronunciar uma palavra, seu olhar voou para onde Morana sabia que Tristan Caine estava e ela balançou a cabeça, girando nos calcanhares. Completamente confusa com a reunião estranha e abrupta, Morana ficou ali, piscando para onde a mulher estivera. Que diabos foi isso?

Sem se virar para encará-lo, Morana terminou a bebida.

E balançou em pé.

Que diabos?

Ela olhou para o copo vazio de suco de laranja, franzindo a testa, enquanto as luzes diante de seus olhos embaçavam um pouco, o mundo girando levemente.

Alguém batizou sua bebida? O barman estranho?

Não. Não. Não. Isso não poderia estar acontecendo com ela. Não aqui, não agora.

Balançando a cabeça para limpar a névoa o suficiente para andar, Morana virou-se para a entrada. E tentou dar um passo.

Ela balançou com força, quase tombando.

As mãos em seus braços a seguraram por trás, as mãos ásperas em sua pele macia.

Morana piscou, sua língua inchada, lã na boca enquanto o mundo girava um pouco mais, seus joelhos se transformando em geleia. Tremores destruíram seu corpo, a música batendo dolorosamente em seu crânio. Suas pálpebras ficaram mais pesadas. O medo se acumulou em seu estômago, porque se ela caísse nesta boate, estaria morta se alguém a encontrasse, ou quando seu pai descobrisse. Isso meio que esfriou a onda de sonolência que a varreu, exatamente quando aquelas mãos a viraram.

Morana piscou para os olhos azuis olhando para o rosto dela, as mãos segurando os braços brutos e duros. De repente, uma mão se moveu para agarrar seu queixo enquanto ele a inclinava contra o balcão do bar, seus olhos focados nos dela, mantendo o foco dela por um segundo claro antes que seus cílios caíssem.

"Porra!"

O palavrão rosnado a fez abrir os olhos e olhar para ele novamente, apenas para cambalear sob a força do ódio que ela podia ver queimando o azul, queimando sua pele. Ela o sentiu observando-a, mas não tinha ideia de como ele a estava observando. Seus olhos estavam ardendo com isso odiando o tempo todo? Foi por isso que sua pele formigou?

A respiração dela ficou presa na garganta, a percepção de que ninguém a odiava como ele surgindo nela. Ela tentou abrir a boca, perguntar-lhe por que ele a desprezava, onde estava enraizada, mas seus lábios se recusaram a cooperar.

A mão em seu queixo sacudiu a cabeça, trazendo seu foco de volta para aqueles olhos ardentes, seu coração martelando no peito enquanto sua pele ficava mais quente sob o toque dele, sonolência lutando com um foco implacável.

"Eu não vou salvá-la de novo", ele murmurou entre dentes, o olhar lívido, a outra mão puxando o telefone, o curativo enrolado na palma da mão onde ele havia se cortado na faca dela, fazendo seu estômago revirar.

"Dante", ele falou, sua voz tensa, controlada. "Alguém drogou a bebida dela."

Silêncio quando Dante disse alguma coisa. E depois. "Eu não vou ficar por aqui e bancar o herói. Amara pode tomar conta dela enquanto ela se recupera."

Antes que Morana pudesse engolir o nó na garganta, o ódio a queimava – pelo fato de ela estar à sua mercê e por seu flagrante desrespeito, pelo bastardo que drogou sua bebida na situação – ele a estava empurrando para a área VIP, sua mão segurando seus braços. Ela podia sentir a raiva contida em seu corpo, sentir-se tremer nas proximidades dessa raiva. Ele nunca foi assim, mesmo no pouco tempo que ela o conhecera.

O que diabos aconteceu? O que estava acontecendo? Sua mente ficou confusa, mesmo quando o calor do corpo dele a empurrou para frente.

A linda mulher de vestido prateado avançou, preocupação arqueando as sobrancelhas. "O que aconteceu?"

"Eu não me importo", veio a resposta aguda ao lado dela. "Eu tenho que ir."

Ele a soltou quase como se ela tivesse queimado suas mãos.

No momento em que seu aperto sobre ela afrouxou, seus joelhos cederam e ela afundou nas almofadas macias novamente, seus olhos lentos observando suas costas

musculosas recuarem. A fúria total a encheu, fazendo seu corpo tremer com a força pura, o desejo de socá-lo no rosto correndo ardentemente por suas veias, mesmo quando ela sabia que não podia sequer levantar um dedo naquele momento.

Amara sentou-se ao lado dela, esfregando as costas em um movimento suave, suspirando profundamente, seu olhar verde suave no de Morana. "Sinto muito por ele."

Morana piscou grogue, sua garganta trabalhando, a cabeça latejando enquanto a escuridão se arrastava pelas bordas de sua visão, o mundo acalmava enquanto sua respiração diminuía.

"Você tem que entender por que ele..."

Morana quis. Por alguma razão esquecida por Deus, ela queria entender a razão de seu ódio, a intensidade desse ódio. Mas mesmo enquanto tentava, a voz de Amara começou a se afastar, os cílios colando nas bochechas, os músculos ficando frouxos quando ela se recostou nas almofadas e sucumbiu completamente ao esquecimento, sem saber se acordaria para ver outro dia.



Seguindo

Um idiota de repente a assustou.

Desorientada, Morana abriu as pálpebras pesadas lentamente, os olhos ardendo, ao ver as árvores correndo rapidamente na escuridão e longos trechos de estrada isolada à frente. O som de um zumbido de motor invadiu sua consciência atordoada um segundo depois, junto com o cheiro de perfume de carro, ar quente e couro na parte de trás de suas coxas e omoplatas. Tudo isso extremamente familiar.

Piscando, ela se sentou de repente, o movimento rápido enviando uma dose de tontura através de seu sistema e o eco maçante de dor através de seu crânio, e olhou em volta.

Interior em creme suave, as pequenas bugigangas – óculos e uma arma – penduradas no espelho retrovisor, uma brochura misteriosa lançada no console, junto com sua bolsa preta.

Ela estava em seu próprio carro.

E uma mulher estava dirigindo seu carro. Uma mulher em um vestido prateado quente, olhando para ela com olhos verdes preocupados. Onde ela a viu antes...?

"Como você está se sentindo?", a mulher perguntou com uma voz macia e suave que estava de alguma forma rouca no silêncio.

Algo nela parecia familiar. Morana balançou a cabeça uma vez para esclarecê-la e pensou na pergunta, mesmo quando seus olhos varreram a mulher procurando por armas. Como ela estava se sentindo?

"Estou confusa, eu acho", ela murmurou, uma carranca assumindo o rosto. "Quem é você?"

A mulher lançou um olhar alarmado para ela. "Amara. Acabamos de nos conhecer uma hora atrás. Na boate. Você não se lembra?"

Agora que ela mencionou, as peças começaram a voltar para ela. Encontro com Dante. Colocando o pen-drive na bolsa. Indo para o bar. O barman estranho. A mulher que vem ao seu encontro. E...

Sua mandíbula se apertou quando tudo voltou à sua mente. Fogo e lava quente inundaram seu sangue, seus dedos se curvaram nas palmas das mãos enquanto o ácido queimava em seu peito. As lembranças retornaram e, junto com elas, a raiva absoluta que quase abalou seu corpo, o desejo de bater em algo violento dentro dela.

Respirando fundo, ela se virou para a mulher, prendendo-a com os olhos. "Por que você está dirigindo meu carro?"

Amara olhou rapidamente para ela antes de voltar os olhos para a estrada.

"Coisas aconteceram depois que você desmaiou", ela falou na mesma voz suave que Morana percebeu que era seu tom natural. "Não era mais seguro para você lá, então pensei que seria melhor se você saísse."

Morana estreitou os olhos para ela, tentando avaliar quão honesta ela estava sendo. "E você fez isso com a bondade do seu coração?"

"Um pouco", a mulher respondeu calmamente. "Principalmente fiz isso, porque Tristan me pediu."

OK.

O coração de Morana começou a bater forte no minuto em que as palavras foram compreendidas em seu cérebro. Antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, Amara falou novamente, naquela voz rouca.

"Ele está nos seguindo agora."

O quê?

Morana girou o pescoço para olhar a estrada vazia atrás deles. Com certeza, havia um enorme SUV preto seguindo-as no caminho isolado, fazendo-a perceber que ainda não

estavam tão longe da boate, a quilômetros da mansão. Os faróis brilhavam intensamente, o veículo mantendo uma distância de pelo menos dez carros entre elas, mantendo a mesma velocidade que Amara.

"Qual é o problema dele?" Morana murmurou para si mesma, sem entender nada sobre esse homem, mesmo quando prevaleceu a vontade de socá-lo no nariz. Ela rangeu os dentes.

"Não sei se sou a pessoa certa para lhe dizer isso", respondeu Amara, e Morana voltou-se para ela, ignorando os faróis em sua visão periférica.

"Mas você ia me dizer uma coisa", ela insistiu, pressionando. "Antes de eu desmaiar."

Quando a outra mulher não falou, mas apertou os lábios, Morana suspirou, sabendo que não receberia nenhuma resposta. Curiosidade a assaltando sobre a mulher, ela perguntou. "Você está na família?"

Os lábios de Amara se curvaram enquanto ela sorria levemente, balançando a cabeça. "Não tecnicamente."

No silêncio de espera de Morana, ela elaborou. "Minha mãe era a governanta chefe da casa dos Maroni. Eu cresci com os homens quando eles eram meninos, mas eu nunca fui da família."

"Você foi adotada para isso?" Morana perguntou curiosa.

A outra mulher balançou a cabeça. "Não. O único que já foi adotado na família foi Tristan."

Morana estudou a mulher, um sentimento pesado no fundo por alguma razão. "Mas você conhece a família?"

Amara olhou para ela, com os olhos duros. "Sim. Mas se você acha que vou contar segredos, está enganada. Eu não fiz quando tinha quinze anos e não vou agora."

Morana levantou as sobrancelhas. "Quinze?"

Ela viu a mão da mulher apertar o volante, os lábios apertados por um momento antes de suspirar. "Fui sequestrada e presa por outra máfia. Eles tentaram me convencer a falar e, quando eu recusei, danificaram minhas cordas vocais."

O coração de Morana se apertava de dor pela mulher, mesmo quando uma espécie de admiração por sua força se infiltrou. Uma jovem de quinze anos enfrentou horrores e recusou-se a sucumbir. Morana sabia o custo de ser forte neste mundo, e mesmo que essa mulher fosse inimiga, Morana podia respeitar essa força. Então ela fez. Silenciosamente.

"Dante e Tristan me encontraram depois de três dias. Dante me levou para casa, mas Tristan ficou para trás para limpar", Amara falou calmamente, naquela voz que se tornara permanente com força, apenas o zumbido do carro permeando o ar. "Os dois ficaram tão zangados, não apenas

porque eu era deles, mas porque violar uma mulher é algo que ambos realmente detestam. Eles sempre protegeram mulheres e crianças. É por isso que o que aconteceu hoje à noite não foi comum".

Morana absorveu todas essas informações por um momento e depois soltou uma risada cética. "Você quer dizer que Tristan Caine normalmente não é um idiota?"

"Oh, ele é", respondeu Amara sem perder o ritmo. "Mas ele é um idiota honrado. E o que aconteceu hoje à noite não foi nem um pouco honroso".

Era por isso que ele estava seguindo elas? Por algum senso de honra errado?

Quando os porcos voassem com asas suaves e rosadas, talvez.

Ele tinha um propósito. Ele sempre tem. Ela simplesmente não conseguia descobrir qual era.

"Não vou tentar defendê-lo ou dar desculpas por suas ações, porque, por mais que eu entenda por que ele está agindo assim, é ele quem tem que oferecer suas próprias desculpas para você."

Mesmo que a mulher se recusasse a dar respostas, Morana estava começando a gostar dela por sua lealdade. Ela não deixou transparecer.

"Então o que você está dizendo?" Morana perguntou, as sobrancelhas levantadas.

Amara olhou para ela por um segundo antes de voltar. "O homem que te drogou – o barman do clube – trabalha para a família há quase duas décadas. Depois que Tristan deixou você comigo, ele foi lidar com o homem. Ficou... quente. Então, ele veio e te carregou até o carro e me disse para levá-la para casa. Mas ele está nos seguindo o tempo todo. É tudo o que vou dizer. Pense como quiser."

Essa era a questão. Morana não tinha absolutamente nenhuma ideia do que pensar dele.

Com o coração disparado, ela olhou pela janela e percebeu que estavam a poucos quilômetros de distância da mansão. Ela não podia voltar para casa. Assim não. Não meio drogada e descontrolada, apenas para que o pai de repente exigisse uma reunião no meio da noite. O que ele faria porque ela despistou seus seguranças. Não. Ela não podia voltar, ainda não, até que ela tivesse um juízo sobre ela e algum tempo sozinha.

Engolindo, ela respirou fundo. "Por favor, pare o carro."

Amara olhou para ela. "Por quê?"

Morana levantou as sobrancelhas. "Porque é o meu carro e eu vou dirigir."

"Você foi drogada", ela apontou racionalmente.

"Estou bem agora e estamos a apenas alguns quilômetros de distância", Morana disse a ela. Amara diminuiu a velocidade do carro, mas não parou, e Morana pôde sentir sua hesitação.

"Pare o carro", ela exigiu desta vez, com mais firmeza.

Ela viu a mulher morder os lábios, mas desviar-se para a beira da estrada quase vazia e lentamente pisou no freio. O silêncio repentino no carro, a quietude do motor, a calmaria enquanto as fileiras de árvores da beira da estrada se tornaram sinistras. Sacudindo o arrepio, Morana virou-se para a mulher, dando-lhe um sorriso leve.

"Obrigada", ela falou sinceramente, "por cuidar de mim quando eu estava vulnerável. Não vou esquecer essa gentileza."

Amara sorriu levemente, tirando o cinto de segurança. "Eu sei como é ser uma mulher sozinha por razões inimigas, e eu não desejaria isso a ninguém. Não me agradeça por isso. Apenas faça o mesmo por mim um dia, se eu precisar."

Morana assentiu, um momento de entendimento passando entre as duas. Em outra vida, em outro mundo, ela poderia realmente ter sido amiga de Amara.

Mas ela não estava em outra vida ou outro mundo.

Essa era a realidade dela.

E na realidade dela, estava sozinha.

Foi por isso que ela saiu do seu lado, de pé à luz da lua pálida enquanto o vento frio acariciava sua pele, verificando seu próprio equilíbrio em saltos trêmulos. Além de alguma inércia prolongada e preguiçosa, tudo parecia estar bem. Ela começou a caminhar em direção ao lado do motorista, quando o veículo seguinte freia alguns metros atrás delas.

Morana acenou para Amara quando a mulher saiu e se virou para o outro veículo.

"Tome cuidado, Morana", ela falou, sua voz suave e a razão por trás disso fazendo o coração de Morana doer por ela. "Espero que nos encontremos um dia em melhores circunstâncias."

"Eu também", Morana sussurrou enquanto observava a mulher de vestido prateado brilhante indo em direção ao SUV preto.

Sem olhar para as janelas escuras, Morana entrou no próprio carro do lado do motorista, afivelando-se e ajustando o espelho retrovisor. Ela assistiu Amara entrar na traseira do veículo e viu-o parar na estrada antes de fazer uma inversão de marcha e partir para a noite.

Tanta coisa para segui-la.

Ele estava seguindo por Amara.

Morana estava sentada no carro, segurando o volante sem girar a chave, apenas processando. Ela precisava processar. Respirar. Sozinha.

Então, alguém a drogou na boate, o que não foi realmente surpreendente por causa de quem ela era e onde ela estava. Ela deveria ter sido mais cuidadosa. Ela escorregou e poderia ter morrido por causa disso. Exceto que ela não caiu. Tristan Caine a empurrou para a área VIP com a única mulher que havia demonstrado sua bondade. E ele devia saber disso. Morana não, mas ele sabia. E então ele voltou ao bar, de acordo com Amara, para lidar com o barman. E então, quando as coisas esquentaram, ele a pegou e a colocou em seu próprio carro e disse à Amara para levá-la para casa.

Por quê?

Sua fúria não havia desaparecido, nem um pouco. Apenas sua confusão aumentara. Ele a odiava, ela não tinha dúvida disso. Ela não sabia o porquê, mas ele realmente a odiava profundamente.

Ele poderia tê-la deixado completamente com a outra mulher. Ele ligou para Dante e disse isso a ele. No entanto, ele não fez. E ela não conseguia descobrir o porquê. As pessoas faziam essas coisas por gentileza, e essa era uma palavra que ela nunca, nem em um milhão de anos, associava a Tristan Caine, não no que dizia respeito a ela. Não era a bondade do seu coração.

"Você acha que eu tenho um coração."

Então, por quê? Qual o sentido de tirá-la de lá? Porque, ela estava no território deles? Por causa da velha música de

que não queremos começar uma guerra? Por causa de... ela não conseguiu apresentar nenhuma explicação válida. Ela não esperava que ele se comportasse como um imbecil de classe mundial, pelo menos não até esse extremo, mas ele era e a deixara sozinha, vulnerável, com uma estranha com ela, mesmo que a conhecesse.

Por que ela estava pensando assim?! Ela não era responsabilidade dele! Ela não era responsabilidade de ninguém, mas dela própria. Ela escorregou e, por todos os meios, deveria estar morta agora, sentindo um peso estranho em seu estômago porque aquele homem não lhe devia absolutamente nada.

Mas sua curiosidade, e outra coisa, recusaram-se a descansar, recusou-se a deixar passar. Ela queria um motivo para suas ações – algo que ele nunca daria a ela (e não deveria), e algo que ela não conseguiu decifrar por si mesma. E isso é extremamente frustrante. Ela era boa em ler as pessoas e ele era o único homem que ela não conseguia ler. Em absoluto.

O som de um motor se aproximando a tirou de seus pensamentos.

Seus olhos se voltaram para o espelho retrovisor, para ver um veículo se aproximando.

Um veículo grande, cada vez mais perto.

Um SUV.

Seu coração parou antes de começar a pulsar. Ela assistiu com olhos atentos quando o veículo parou atrás dela, a alguns metros entre eles, e a ignição desligou.

Batimentos cardíacos erráticos e palmas das mãos suadas enquanto esperava que algo acontecesse.

Um pássaro noturno arrulhou em algum lugar nas árvores, soando alto e melancólico em meio à vastidão. A lua continuou a brilhar e banhar toda a área ao luar. Seu pulso disparou como as asas de um pássaro frenético.

Que diabos?

Nunca tirando os olhos do espelho retrovisor, notando mentalmente as janelas, começou a contar a respiração, tentando desacelerar o coração. Nesse ritmo, ela teria um derrame.

Uma respiração.

Duas respirações.

Três.

Nada aconteceu. A porta nunca se abriu. As luzes nunca acenderam. Seus olhos nunca vacilaram pela visão traseira.

E então, do nada, outro pensamento passou por sua mente.

Era ele mesmo no veículo?

Uma olhada na placa disse que era o mesmo carro, mas quem estava atrás do volante? Seria possível que ele tivesse levado o SUV de volta à boate e alguém tivesse saído para dar uma volta.

Se isso era verdade, e quem quer que fosse, sabia onde ela estaria, ela não tinha certeza se dar partida era uma boa ideia. Enquanto ela podia pisar fundo e tentar voltar para casa, o outro veículo era maior, mais volumoso e mais rápido. E poderia atropelar seu carro em poucos minutos. Ela não queria fazer nenhum movimento hostil de repente.

A sensação em seu instinto agitou, fazendo-o afundar cada vez mais baixo enquanto respirava, abrindo silenciosamente a bolsa e agradecendo mentalmente Amara por não remover a arma quando tirou as chaves. Preparando-a com um movimento rápido, ela trancou todas as portas, grata pelo vidro à prova de balas e mordeu o lábio, sem saber o que fazer.

Algo nela dizia que não era ele. Enquanto ele a odiava, ele estava na cara dela sobre isso. Isso não era como ele. Ela não se alongou sobre quando exatamente conheceu o bastardo. Ela apenas se concentrou no agora.

Era outra pessoa, a poucos metros de distância, e alguém disposto a machucá-la. Os olhos dela olharam para o telefone antes de voltar à visão traseira. Ela poderia chamar seguranças, mas isso significaria alertar seu pai para sua reunião com a Outfit e as razões para isso, o que

simplesmente não poderia acontecer. O entendimento entre as duas famílias era precário, na melhor das hipóteses. Não pode ser testado. Assim não. Não por causa de sua própria estupidez.

Deus, ela deveria ter deixado Amara levá-la de volta.

Ela endireitou a coluna. Não. Sem arrependimentos. Ela fez o que tinha que ser feito e é isso.

Morana engoliu em seco, respirando fundo, os dedos pairando sobre a chave na ignição e, com uma última olhada no veículo imóvel, ligou a ignição.

No momento em que ela fez, o SUV zumbiu.

Com o coração na garganta, Morana agarrou o volante e mudou de marcha, saindo para a estrada. O SUV parou atrás dela, mantendo alguns metros entre eles, a ameaça de sua velocidade evidente. Arrepios irromperam sobre sua pele, calafrios rastejando sobre ela enquanto tentava acelerar e diminuir a velocidade e dirigir a esmo. Ela não perdeu o rabo. Em absoluto.

A adrenalina zumbiu em seu corpo enquanto sua mente trabalhava, tentando encontrar uma saída, seu coração batendo freneticamente agora. Ela não seria perseguida como um animal selvagem e assassinada. Não.

Cerrando os dentes, ela quase apertou o acelerador novamente quando um barulho alto atravessou o sangue correndo em seus ouvidos. Morana olhou de novo para o

espelho retrovisor e viu uma motocicleta atravessando perigosamente a estrada enquanto o ciclista acelerava. Morana puxou para o lado, dando-lhe espaço para passar, para não envolver um estranho inocente em qualquer loucura que fosse, e viu o SUV puxar atrás dela também.

A motocicleta se aproximou cada vez mais deles e, quando Morana pensou que passaria, a coisa mais bizarra aconteceu.

A motocicleta desviou e se inseriu no espaço entre o carro e o SUV.

Que diabos?

Ela deveria apenas chamar essa noite inteira de 'que diabos'.

O motociclista era louco? Isso pode ser uma catástrofe!

Morana parou de novo na beira da estrada, a poucos quilômetros de sua propriedade, e se virou para ver o desastre que estava prestes a acontecer.

Exceto que não.

O motociclista tirou uma arma das costas com uma mão, mantendo a velocidade e o equilíbrio impressionantes com a outra. Ele fez um total de cento e oitenta graus completamente na estrada vazia, de frente para o SUV que se aproximava. Ele ergueu a arma enquanto Morana observava,

encantada, o coração trovejando, e apontou para o pneu dianteiro.

Um tiro foi disparado e o SUV derrapou, antes de frear repentinamente.

A motocicleta também parou, olhando para longe dela em direção ao veículo como se fosse um animal em si.

O motociclista manteve o braço levantado, apontado para o veículo, com o capacete escuro. Morana olhou para a camisa branca esticada nas costas musculosas e enfiada em calças escuras. Ela olhou para as mangas enroladas tendões e músculos de seus antebraços com as dicas de tatuagens aparecendo, a outra mão livre no punho da motocicleta grande.

Seu pescoço começou a doer por ser virado, mas ela não tirou os olhos, nem sequer piscou, com o coração acelerado na cena.

Tudo estava quieto. O SUV. A motocicleta. O motociclista. Completamente. Quase como em um duelo silencioso, um confronto que ela não entendia nada. Mas ela podia sentir a tensão rolando no ar, espessa e pesada e pronta para explodir a qualquer momento.

Tudo estava quieto. Exceto por seu peito arfante. Quem quer que fosse o motociclista, ela estava torcendo por ele. Havia algo perigoso na maneira como ele se mantinha em

movimento, algo ainda mais perigoso na maneira como ele se mantinha nessa quietude.

O SUV zumbiu. O motociclista não se contorceu.

O veículo deu ré. Rapidamente. Seus músculos das costas ficaram tensos.

E com um pneu ruim, Morana viu, com total e absoluta descrença, o veículo girar e se afastar a uma velocidade vertiginosa.

Se ela tivesse um dólar para cada vez que pensasse 'que diabos?'

O motociclista ficou parado por um momento, até o SUV desaparecer de vista, antes de acelerar sua motocicleta e girá-la de volta para ela. Morana virou o pescoço para trás enquanto ele avançava, parando ao lado do carro.

Ela olhou para o tamanho intimidador da moto e o homem andando nela, sendo cautelosa e não abaixando as janelas. Ele poderia ter intercedido entre o seu suposto assassino, talvez assustador, mas ela não o conhecia. E ela teve momentos suficientes 'que diabos' por uma noite.

O homem levantou a mão até o capacete, e os olhos de Morana se moveram para as cordas dos músculos e veias correndo sob os antebraços expostos, a tatuagem redemoinha familiar, algo vibrando dentro de seu estômago enquanto ela o observava flexionar, o peito ligeiramente arfante.

Ele puxou o capacete com uma mão, a palma da mão envolto em gaze branca que ela tinha perdido à distância, e todo o sentimento de vibração parou rapidamente antes que uma tempestade invadisse seu corpo inteiro.

Ela conhecia aquela mão enfaixada. Ela conhecia aqueles antebraços. *Porra.*

O capacete caiu diante dele. Aqueles olhos azuis magnéticos a observavam através do vidro, trancados nos dela, enquanto ele se inclinava para trás, em uma posição aparentemente casual em cima motocicleta monstro, montando-a com a mesma graça com que escalara as paredes de sua casa. O dedo dele bateu na orelha uma vez e uma vibração repentina no carro a assustou.

Mal contendo seu grito de surpresa, Morana pegou o telefone e olhou para o identificador de chamadas, antes de voltar os olhos para ele.

Ele estava ligando para ela, a menos de um metro de distância, com vidro entre eles, com ele a céu aberto e ela a salvo no carro. Ele estava ligando para ela. E ela estava deixando tocar, nunca quebrando o olhar trancado, o coração batendo violentamente em seu peito quando uma gota de suor percorreu sua espinha, formigando sua pele.

A mão dele nunca se moveu da orelha. O zumbido nunca parava. O olhar nunca vacilou. Azul em avelã. No meio de uma estrada vazia.

Ele continuou ligando, sentado ao lado dela em sua moto, e ela continuou ignorando, segurando o volante com a mão livre, os nós dos dedos brancos.

Após longos e longos minutos sem que nenhum deles recuasse, Morana tocou o botão verde do telefone, levando-o ao ouvido.

Ela podia ouvi-lo respirando na linha, e sua própria respiração acelerou, seu peito arfando quando ela olhou para o peito em expansão. Ele inalou, esticando a camisa com força, e ela observou as contrações enquanto ele exalava, o som claro pelo telefone. Ela nunca havia sentido a respiração de alguém antes, nunca assim. Estava quase distante. Foi quase íntimo. Ela queria quebrar isso, fosse o que fosse. Ela ainda podia sentir que o ódio por ele enche seu corpo, mas ela não podia pronunciar uma palavra para quebrar aquele silêncio pesado.

Ela tinha coisas a exigir dele – tantas perguntas. Por que ele não ficou longe da reunião? Por que ele fez o que havia feito naquele momento? Como ele sabia que havia chegado lá? Ela tinha respostas para descobrir. Ela tinha raiva para desencadear.

No entanto, ela não conseguia desviar o olhar, não conseguia tirar os olhos dos dele, nem sequer cantarolava.

Apenas respire. Respirações rápidas e superficiais, transformando-se lentamente em respirações lentas e profundas. Bem em sincronia com a dele.

Isso a perturbou.

Isso a perturbou o suficiente para piscar e se afastar.

Isso a perturbou o suficiente para dar partida no carro e sair.

Isso a perturbou o suficiente para acertar o ícone vermelho em seu telefone.

Ela não entendeu isso. Ela não gostou disso. Então, ela correu. Ficar sozinha com ele, quando ele sempre a afastava do jogo, deixava-a vulnerável. Ela nunca exporia sua jugular de bom grado ao homem que fez nome ao fazê-lo. Seu cérebro tinha o hábito de não funcionar adequadamente nas proximidades dele.

O telefone tocou novamente e ela olhou pela retaguarda, para vê-lo logo atrás dela, em seu rabo.

Ela atendeu.

"Eu disse para você nunca desligar minhas ligações", a voz do uísque saiu, o tom áspero, intimidador.

Ele quebrou o feitiço enquanto o tecia.

"Não adianta ficar na linha se tudo o que ouço é uma respiração assustadora", ela respondeu, engolindo em seco, agradecida por sua voz não soar tão ofegante quanto ela.

Silêncio. Mas a linha ficou aberta.

Ela se perguntou se deveria agradecê-lo por intervir. Essa seria a coisa educada a fazer. Foda-se a educação.

"Quem era no SUV?" Ela perguntou baixinho.

"Eu vou descobrir depois que eu voltar", ele respondeu calmamente, o som do ar alto no fundo enquanto ele acelerava atrás dela.

Os olhos de Morana voltaram para o retrovisor novamente. "Você não tem que me escoltar", ela disse com severidade.

Sua voz voltou igualmente azeda. "Eu disse que não faço essa coisa de cavalheiro."

"Então o que você está fazendo?", ela exigiu.

"Garantindo que as informações na sua bolsa não caiam nas mãos erradas."

Claro!

Ela se esqueceu completamente das evidências que Dante havia lhe dado para olhar. Coisas para derrubar Tristan Caine. Claro, ele iria querer isso seguro. Isso explicava muito. Ela desligou a ligação novamente, aquele sentimento de estar conectada a ele era inquietante e ela teve o suficiente por uma noite.

Ela ficou em silêncio o resto do caminho, concentrando-se na estrada. O telefone não tocou novamente, mas ele a seguiu. Até que os portões da mansão estavam à vista.

Ele parou ao lado do carro novamente quando ela parou.

Ela deliberadamente não olhou para ele novamente, não querendo que ele a envolvesse, e sentiu o peso dos olhos dele quando a nuca formigou de consciência. Balançando a cabeça, Morana dirigiu-se para a propriedade quando os portões se abriram. Ela o viu se afastar e relaxou um pouco, subindo a garagem e, finalmente, depois de minutos vendo os extensos gramados, estacionou em seu lugar habitual.

Ela desligou o carro e sentou-se em silêncio, respirando profundamente algumas vezes, assim que seu telefone tocou novamente.

Ela seriamente precisava fazer mais yoga.

Ela atendeu. Aquela voz rouca e profunda surgiu novamente, fazendo-a fechar os olhos.

"Havia outra razão pela qual eu te segui hoje à noite."

O ar ficou preso em sua garganta e seu peito se apertou, seu coração batendo.

"O quê?"

Houve um silêncio por alguns segundos, antes que as palavras aparecessem, o tom morto nelas, o ódio rígido nelas revirando seu estômago.

"Ninguém mais mata você, Srta. Vitalio", ele falou em voz baixa. "O último rosto que você verá antes de morrer será o meu. Quando se trata de morte, você é minha."

E então, pela primeira vez, ele desligou a ligação.



CAPÍTULO 07

Discutindo

Dois guardas estavam ao lado das enormes portas duplas da casa, seus olhos passivamente a observando se aproximar.

Morana manteve a coluna ereta e o queixo erguido, as pernas agradecidamente não balançando nos saltos, a dor de cabeça latejante era o único lembrete de seu estado drogado. A luz da lua e as luzes do solo se misturavam em uma combinação erótica de branco e dourado, fazendo o caminho diante de seus pés parecer quase etéreo. Se ela fosse alguma estranha seguindo o mesmo caminho no momento, teria pensado em luzes de fadas e contos encantados, em longas caminhadas sob a lua pura, em calor contra o frio do vento.

Mas ela não era uma estranha. Ela sabia que essas pedras que pareciam etéreas não passavam de uma ilusão criada para esconder o sangue e a violência que passava por baixo, nada além de uma miragem criada para encantar e impressionar os forasteiros e lembrar aos internos de quão profundas as coisas poderiam ser enterradas se tivessem que ser enterradas. Segredos eram as pedras que pavimentavam esses caminhos. Ameaças eram as verdades que jaziam neste

terreno, histórias mórbidas de homens perdidos para nunca mais serem vistos ecoando pelo vento.

Morana seguiu esse caminho até o lugar em que dormia, o lugar em que dormia há décadas. Ela era mais apegada ao apêndice do que a esta casa.

Um dos guardas levantou a mão e clicou no comunicador em seu ouvido, erguendo a outra para detê-la.

"Chefe?", ele falou em um tom uniforme, ouvindo qualquer comando que estivesse recebendo antes de se virar para ela.

"Seu pai está esperando por você no escritório."

Que alegria.

Revirando os olhos, Morana caminhou ao redor do homem volumoso e entrou na casa, os saltos clicando alto no chão de mármore. As luzes da casa estavam fracas, já que passava da meia-noite, as luzes do corredor que levavam à ala de seu pai ficando cada vez mais fracas pelo espaço infinito, obras de arte adornando as paredes enquanto ela seguia em frente, a porta do escritório de seu pai à vista. Sua respiração permaneceu calma, nem uma gota de suor apareceu em qualquer lugar, nem um nó torceu em seu estômago. A dor de cabeça latejava sob as têmporas, mas era administrável.

Depois da noite que ela teve, ela duvidou que pudesse haver algo que seu pai pudesse fazer que a fizesse dizer 'que diabos' de novo.

Finalmente alcançando a porta, nem um pingo de medo em seu sistema, ela bateu.

"Entre", respondeu o barítono de seu pai imediatamente.

Empurrando a porta, Morana entrou no amplo escritório, sem lançar um olhar para as colunas do chão ao teto que tinha para livros, ou para as belas janelas francesas da extrema direita que se abriam para os gramados, ou para a arma que estava abertamente sobre sua mesa organizada. Não. Ela entrou e colou os olhos para ele, seus próprios olhos escuros a observando atentamente, e ela caminhou até a cadeira em frente à dele e se sentou.

Silêncio.

Morana permaneceu calada, adepta dos jogos mentais que ele jogava, mesmo com sua própria filha, e sendo a genialidade que ela era, ela os aprendeu muito, muito cedo. O vento assobiava do lado de fora das janelas fechadas. O enorme aquário na parede esquerda borbulhava. O grande relógio perto da estante marcava um segundo sinistro após o outro.

Tick. Tock.

Tick. Tock.

Silêncio.

Ele a observava. Ela o observava.

Ele se recostou na cadeira. Ela manteve o rosto em branco, o batimento cardíaco completamente uniforme.

E, finalmente, ele respirou fundo.

"Você esteve em *Cyanide* hoje à noite."

Morana apenas levantou as sobrancelhas.

Ele a estudou por mais um segundo, antes de falar, sua voz velha e áspera por muito uso com seus homens. Apenas os homens dele. Ela podia contar as palavras que ele falou com ela ao longo dos anos em suas mãos.

"O que você estava fazendo em Cyanide*?*"

Morana se fez de boba. "Por que você quer saber?"

Ele se inclinou para frente, apertando a mandíbula, acentuando a barba de corte francês. "É uma boate da Outfit".

Morana sentiu a diversão tomar conta dela. "E?"

"Você sabe que não vamos diretamente à propriedade deles. Eles não entram na nossa", sua voz de aço não discutiu. "E você não teria chegado em casa. A menos que alguém a tenha convidado."

Morana ficou calada, apenas observando-o de volta neutro.

"Eu quero um nome", ele exigiu.

Morana manteve o rosto em branco. Ele xingou alto, batendo com o punho na mesa, seus olhos escuros queimando em fúria. "Você tem um nome e uma reputação sendo minha filha. Nenhum filho meu perde esse nome. E isso é Outfit. Quero saber com quem você está mexendo no seu nome."

A mandíbula de Morana apertou, suas mãos fechando com fúria em seu corpo. Suas mãos tremiam quando ela as agarrou juntas, mantendo o torso e o olhar imóveis. Tubarão. O pai dela era um tubarão e ela não podia sangrar. Nem uma gota. Mas, ao aprender a não sangrar, ela também aprendeu a tirar sangue.

Ficando quieta, mantendo a máscara no lugar, com um pequeno sorriso nos lábios, ela falou.

"Seus homens não podiam chegar a menos de um quilômetro e meio do lugar, poderiam?"

Ela viu as linhas ao redor dos olhos dele se apertarem enquanto seus lábios se pressionavam. "Você deve permanecer casta até o seu casamento. É assim que funciona, é o que eu sempre lhe disse. Se você deliberadamente me desobedece..."

Morana riu. "Você vai o quê?"

"Eu escolho seu marido, Morana", ele disse com uma voz gelada. "Lembre-se disso."

Morana rangeu os dentes e mordeu a língua. Ela bateu no muro de pedra e se machucou tantas vezes que perdeu a conta. Ela detestava este mundo. Ela detestava a maneira como todo homem se considerava um imbecil. Ela odiava como todas as mulheres tinham que se curvar à vontade ou sofrer pela vida. Ela desprezava este mundo. E, no entanto, era a única aparência de uma casa que ela já conhecera. Ela se perguntava às vezes por que não fugiu. Ela tinha o dinheiro, ela tinha as habilidades, ela tinha tudo. E ela ficou por algum motivo que não conseguiu mais encontrar. E agora, com os códigos ao vento, ela tinha que ficar.

"Isso é tudo sobre o que você queria falar comigo?", ela perguntou rigidamente, mantendo a voz o mais calma possível.

"Esta conversa não acabou."

"Sim, acabou."

"Eu quero um nome."

"E eu não vou te dar um."

Eles se encararam, com a cabeça latejando, a exaustão penetrando em seus ossos, mas ela nem se contorceu. Morana levantou-se e virou-se para sair.

"Mais homens estarão em seu encalço a partir de agora", a voz de seu pai a deteve. "Eu ordenei que eles prendessem você, se você escorregar a trela."

Seu corpo quase tremeu de raiva antes de trancá-lo no lugar. Trela? Ela não era uma merda de cachorro. Ela com certeza não era uma filha do caralho.

"Quando se trata de morte, você é minha."

Quando as palavras de minutos atrás vieram a ela, as rodas em sua mente começaram a se agitar. Ela inalou profundamente. "Envie seus homens atrás de mim por seu próprio risco, pai", ela informou friamente. "Qualquer um deles coloca um dedo em mim e eu atirarei."

O pai dela parou antes de falar. "Eles vão atirar de volta."

Lembrou-se dos olhos azuis do homem que reivindicou seu direito de matá-la. Ninguém mais a mataria. Ela sabia que ele estava falando sério.

Ela encolheu os ombros. "Então eles vão morrer."

Antes que seu pai pudesse pronunciar outra palavra, Morana saiu do escritório e foi em direção à sua própria ala, acelerando os passos assim que saiu sozinha. Ela correu para o quarto e uma vez dentro, trancou a porta. Tirando a roupa e se refrescando, ela tirou o drive da bolsa e o colocou na gaveta da cabeceira. Então, cansada e entorpecida, ela

deslizou em seus macios lençóis marrons, acomodando-se nos travesseiros e suspirando enquanto olhava pela janela.

Não foi a primeira vez em sua vida que ela percebeu o quão verdadeiramente sozinha ela estava.

Seu pai queria um fantoche que ele pudesse controlar e desfilar por seus caprichos. Ela sabia que ele estava falando sério sobre o casamento. E ela sabia que nunca se casaria com alguém assim. Ela se perguntava às vezes o que seria melhor – ter tido o amor dele antes que ele ficasse frio, deixando-a com algumas lembranças da infância, ou com essa indiferença que existia entre eles para sempre.

Lembrou-se de ter sido esnobada de novo e de novo quando era pequena, lembrou-se de quanto tempo prometera a si mesma nunca permitir que alguém a desprezasse novamente, com que rapidez se endureceu. Uma série de babás a criou, mulheres que nunca ficavam tempo suficiente para que ela estabelecesse um vínculo com elas e, quando ela chegou à adolescência, sabia que não se relacionaria com ninguém, não nessa prisão, não neste mundo. Então, ela virou-se para computadores e derramou seu coração neles. A faculdade fora uma batalha que ela vencera apenas dizendo ao pai como seria lucrativo ter um recurso como ela ao seu lado. Ele finalmente concordou, com guardas em sua cauda todos os dias, limitando seu contato com as pessoas. E então ela conheceu Jackson.

O imbecil Jackson que a levou ao imbecil Tristan Caine.

Morana exalou alto, piscando. Ela não o entendia. Honestamente, ela nem queria, mas como ele continuava aparecendo, e já que ela tinha que lidar com ele de qualquer maneira, ela preferia saber com o que, ou com quem, estava lidando do que estar no escuro.

E com Tristan Caine, ela sempre, sempre parecia estar no escuro. O homem gerou um absurdo absoluto em um segundo, reivindicando o direito de matá-la como se ela fosse uma gazela premiada em fuga, seu ódio por ela genuíno. Mas ele a ameaçou um pouco demais para que ela acreditasse. E mesmo que ele pretendesse matá-la, ela realmente não se importava, pois dormia sob o mesmo teto com o homem que poderia matá-la a qualquer momento sem vacilar.

Não. Não foram suas palavras de reivindicação-barra-ameaça-barra-morte que a incomodaram. Muito. Foram as ações dele. Ele a empurrou como se ela o tivesse cantado um segundo e salvou sua vida de uma maneira no outro. Ele se cortou nela um segundo e apareceu na reunião dela no seguinte.

Ele era um pêndulo. Balançando de um extremo a outro em segundos. E isso a confundiu e a irritou porque ela não conseguia lê-lo. Em absoluto. E ela odiava isso.

Havia algo acontecendo com ele, ela pensou enquanto olhava pela janela.

Estava na hora de ela descobrir.



Morana trabalhou no dia seguinte em seu escritório no drive que Dante lhe dera.

E surgiu um caminhão cheio de informações para ela, principalmente endereços IP que não pertenciam a Tristan Caine, como haviam sido moldados para parecer. Por outro lado, Tristan Caine era um brilhante mentor maquiavélico que se enquadrara para que ele pudesse parecer limpo – o que ela honestamente não deixaria passar por ele, não por tudo que ouvira e por tudo que vira.

E, no entanto, olhando para a tela, ela podia aceitar a possibilidade de que ele era, de fato, inocente de roubar os códigos. Mas do que mais ele era inocente?

Balançando a cabeça, ela pegou o telefone e ligou para Dante como prometeu. O telefone tocou e ela olhou em volta do escritório, a pouca luz do sol filtrando-se pela janela enquanto nuvens cobriam o céu, o vento veloz através das árvores.

"Morana?" A voz pesada de Dante Maroni veio depois do terceiro toque. "Você encontrou alguma coisa?", ele perguntou, indo direto aos negócios. Boa.

"Sim", ela disse, mudando de aba na tela e olhando para todos os detalhes. "Há uma lista de endereços IP que eu rastreei até um armazém em Tenebrae, e um aqui em Shadow Port. Há um que aparece com um erro toda vez que tento rastrear. É um vírus autodestrutivo basicamente."

"Então, quem está por trás disso conhece computadores o suficiente para criar e instalar um vírus autodestrutivo?" Dante perguntou calmamente.

Morana encolheu os ombros. "Ou eles poderiam ter Jackson fazendo isso. Ele era bom com computadores."

Dante suspirou. "Tudo bem. Vou ligar para Tenebrae e mandar alguém ver. Envie-me o endereço."

"OK."

"Além disso", acrescentou. "Você poderia me encontrar e devolver o drive? Eu não quero arriscar que nenhuma informação vaze online. Mas eu gostaria de todas as informações descriptografadas."

Morana fez uma careta. "Tudo bem, mas e depois disso?"

"Podemos discutir isso mais tarde. Eu tenho que ir agora."

Com isso, ele desligou e mandou uma mensagem para ela com o endereço. Era um complexo de apartamentos no

lado oeste da cidade, perto da costa. Deve ser onde eles ficaram escondidos durante a estadia.

Morana se aprontou em tempo recorde, com calças pretas largas com vários bolsos e uma blusa vermelha sem mangas, sapatilhas simples, mas confortáveis nos pés e cabelos em um rabo de cavalo. Jogando a bolsa preta por cima do ombro, com as chaves do carro e telefone nas mãos, o drive seguro na bolsa com a arma, Morana saiu da ala em direção ao portão principal.

O telefone tocou assim que ela alcançou o carro. Ela viu o nome do pai na tela e rejeitou a ligação, deslizando em seu Mustang vermelho e saindo do espaço. Dois carros de seguranças pararam atrás dela. Oh, que bom.

Morana olhou pelo espelho retrovisor e parou no trânsito, mudando de faixa e acelerando, a corrida, a batida, exatamente da mesma forma que sempre foi. O tráfego era pouco e lhe permitia tecer entre veículos e ela acelerou em direção à costa, sua atenção completamente na estrada e em perder os malditos carros.

Ela perdeu um, mas o outro ficou em seu rabo quase na metade do caminho e ela percebeu, irritada, que ele não podia ser abalado. E ela não podia levá-los ao ponto de encontro. Porra.

Cerrando os dentes, ela pegou o telefone e colocou no viva-voz, ligando para o último número discado. Tocou. E tocou um pouco mais, depois desconectou sem resposta.

Ela continuou olhando pela traseira, percebendo que o outro carro não havia se movido, como uma mosca na isca, e apenas ficou na trilha.

Estava ficando em problemas porque restava apenas cinco minutos.

Sabendo que não podia perder o rabo antes que o tempo chegasse, ela aceitou e diminuiu consideravelmente, rediscando o número.

Sem resposta.

Ela quase esmagou o telefone em frustração, antes de respirar fundo e esfriar a mente. Dante não estava atendendo. OK. Hora de fazer a escolha difícil.

Percorrendo os contatos, encontrou o número que procurava, o polegar pairando acima do ícone enquanto seus olhos se voltavam para o carro novamente. E ela apertou.

Seu coração começou a bater forte, o estômago dando um nó.

E isso, exatamente aqui, ela não entendeu. Ela enfrentou o pai sem nenhuma reação enquanto ele a estava interrogando, e ainda assim ela mal ouviu o telefone tocar e seu corpo ganhou vida, todas as respostas funcionando e alertas. Ela precisava descobrir isso, pela sanidade de sua própria mente. Ela também precisava descobrir o que diabos fazer com seu rabo e para onde ir.

“Srta. Vitalio.”

Aquela voz. A voz das ameaças de morte e o uísque antigo. Morana engoliu em seco, sacudindo-se.

"Sr. Caine", ela respondeu com a voz calma, voltando sua atenção para a estrada. "Eu deveria encontrar Dante e meus seguranças ainda estão na minha cauda. Ele não está atendendo."

Morana esperava que ele se gabasse de que ela estava pedindo ajuda. Ela definitivamente esperava um comentário contundente. O que ela não esperava era o tom sombrio dele falando baixinho.

"Dante está envolvido em algo importante. Ele pediu para você encontrá-lo no 462..."

"Sim", Morana interrompeu.

Houve uma breve pausa antes que ele voltasse. "Pare onde quer que esteja. Não desconecte."

Com o coração acelerando, Morana parou silenciosamente, sem saber por que ela estava fazendo o que ele pediu e se sentou. Ela ouviu um tambor de motor ao fundo e percebeu que era aquela maldita motocicleta. Ela não precisava disso agora.

Ela podia ouvi-lo na moto e um nó se instalou em seu intestino. Ele ficou quieto. Não é o silêncio da espera dela.

Apenas quieto. Ela não gostou que estivesse observando nada.

O céu roncou alto acima, trovões estalando perigosamente quando o som do motor se juntou à cacofonia.

"Dirija", ele ordenou secamente, e Morana olhou pela vista traseira, para ver a motocicleta se aproximando cada vez mais de sua cauda. Ela se afastou no trânsito, seu coração martelando com a sensação mais estranha de déjà-vu atingindo-a. Sua moto se inseriu suavemente entre os dois carros novamente. Ela o viu diminuir a velocidade, viu o carro dos seguranças brecar para evitar uma colisão, e ele gritou novamente em um tom áspero.

"Pise".

Morana não hesitou desta vez, empurrando o pé para baixo e sentindo o carro zarpar à frente, a adrenalina correndo por seu sistema enquanto o vento ia à sua volta. Um último olhar no retrovisor antes de virar à esquerda mostrou-lhe o outro carro muito, muito para trás, e a moto zunindo pelos espaços entre os carros e acelerando na direção dela.

Morana virou-se, atravessou a ponte e correu em direção ao portão que se erguia à sua frente, guardando não um complexo, mas um prédio alto e solitário que quase tocava o céu escuro. Entrando rapidamente no estacionamento enquanto os guardas acenavam, Morana procurou um lugar vazio e estacionou, desligando a ignição.

Assim que saiu e trancou o carro, ela viu a moto entrar no estacionamento, viu-o inserir o veículo monstro suavemente em frente ao carro, com um capacete escuro na cabeça.

Ele usava calça cargo marrom e uma camiseta preta, seu traje casual, dizendo a ela que ele não estava em um encontro. Ela sempre o via de camisa e calça quando ele estava em público.

Seus músculos das costas flexionaram quando ele passou a perna musculosa por cima, a coxa se contraindo e soltando-se enquanto ele se levantava, os bíceps tatuados protuberantes enquanto empurrava o capacete sobre a cabeça.

Morana piscou.

Não na nuca, no cabelo ou nos olhos azuis atraentes, mas no olhar em seu rosto. Pela primeira vez desde que o vira, ela viu algo semelhante ao prazer em seu rosto, apenas um fantasma de expressão, mas em um homem como ele, o suficiente para ser classificado como uma expressão em si. Seus olhos estavam em sua moto e Morana percebeu, surpresa, que tinha sido a pilotagem que colocara aquele olhar em seu rosto. Ela não sabia por que aquilo a surpreendeu, mas o fez.

E então ele olhou para onde ela estava, a expressão fugaz agora, e seus olhos endureceram, seu rosto se fechando.

Morana segurou o olhar dele, seu coração trovejando quando o relâmpago agitou lá fora, o bater do céu alto, seu pulso disparando por algum motivo. Ela não entendeu isso, nem sabia por que ela fez isso. Foi um jogo. Um olhar fixo. Ela não tirou os olhos dos dele, e nem ele dos dela, ninguém desejando desviar o olhar primeiro.

O estacionamento inteiro estava vazio, o som da chuva alto no silêncio do estacionamento, como balas que caíam do céu no chão.

O telefone tocou, o barulho assustador no silêncio e ela olhou para baixo.

Dante.

"Sim?", ela pegou, os olhos voltando para onde ele estava ao lado de sua moto, inclinando-se contra ela com os braços cruzados, os antebraços grossos, os tendões e as veias e a tinta aumentando a brutalidade de sua forma de algum jeito, seus olhos nos dela. Ele pareceria relaxado para qualquer observador casual, descansando contra seu veículo. Ele era tudo menos isso. Morana podia ver a inclinação alerta de sua cabeça, ver o olhar concentrado em seus olhos, ver os músculos tensos prontos para pular.

"Peço desculpas. Surgiu um assunto urgente. Você chegou?" Dante perguntou.

"Sim", ela ficou parada também.

"Ótimo. Apenas entregue o drive para Tristan. Ele está na cobertura", Dante a informou, enquanto o homem em questão estava a poucos metros de distância, com a intenção de olhá-la.

"Tudo bem, mas da próxima vez eu marco a reunião", disse Morana e, após uma pausa, Dante concordou antes de desligar.

Ela deslizou o telefone no bolso, quebrando o olhar trancado para vasculhar sua bolsa. Encontrando o drive, ela ficou onde estava e estendeu a mão.

"Dante me pediu para dar a você."

Ele estendeu a sua e seus dedos roçaram. Formigamentos correram pelos braços e pela espinha a partir do único ponto de contato.

Ele não retirou a mão. Ela não removeu a dela. Em segundos, tornou-se outro jogo em que nenhum dos dois recuou. As sensações zumbiram através de seu corpo, acumulando-se em sua barriga e espalhando-se por seu sangue, deixando-a um pouco inebriante enquanto mantinha os olhos fixos nos afiados azuis dele, incapazes de ler uma única coisa neles. Se ela não sentisse sua carne e sangue pressionados contra seu próprio corpo, ela teria acreditado que ele era um ciborgue. Insensível. Frio. Distante.

E isso derramou gelo em seu coração martelando.

"Por que você me odeia?", ela perguntou a ele, a única pergunta que não conseguia encontrar resposta, a única pergunta que a incomodava mais do que ela queira admitir.

Os lábios dele se apertaram infinitamente, seus olhos se afastaram.

E, de repente, ele parou, seus olhos deixando os dela e varrendo o estacionamento. Morana piscou, limpando a cabeça e olhou em volta, tentando ver alguma coisa.

Tudo o que viu foram veículos e tudo o que ouviu foi o trovão e a chuva.

A mão que tocava na dela de repente a empurrou para frente, a outra mão apertando sua boca e afogando o grito abafado que teria escapado dela de outra forma. Um segundo, ela estava ao lado de seu carro, no outro estava atrás de um pilar, pressionada contra ele com um homem musculoso contra a frente, uma das mãos no pilar ao lado da cabeça e a outra ainda na boca.

Morana tentou arrancar a mão dele e ele olhou para ela uma vez, seus olhos alertas e dizendo para ela ficar quieta. Morana sentiu raiva enchê-la, mas ela assentiu. Ele retirou a mão e se inclinou sobre o pilar, seus olhos examinando toda a área. O peito dele roçou contra os seios dela enquanto ambos inalavam. E, embora tenha notado isso, ela não se concentrou nisso, mantendo os sentidos abertos enquanto a adrenalina a enchia duas vezes em meia hora e seu coração batia forte, o estômago dando um nó ao olhar e tentar...

Movimento.

Ela se mexeu um pouco para ver melhor, e o homem pressionado contra ela seguiu seu olhar. Três homens, três homens corpulentos, saltaram de trás do carro que ela estava observando, atacando, com as mãos levantadas com facas.

Com o coração batendo forte no peito, Morana observou atordoada, pois antes que ela pudesse dar um passo, Tristan Caine tinha um homem no chão e estava fluindo em direção ao outro. Um deles interrompeu o grupo e foi em sua direção. Morana nunca se enganara ao acreditar que era uma durona por causa de sua força. Não. Ela era uma por causa de seu cérebro e, usando esse mesmo cérebro, ela sacou a arma, destravou a segurança no mesmo movimento e atirou no homem no joelho sem piscar.

Ele caiu com um grito, choramingando de dor enquanto apertava a perna, e Morana se virou para ver dois homens no chão, inconscientes ou mortos, que ela não conhecia, e Tristan Caine deitado de costas quando o último homem estava em cima dele. Morana ergueu a arma instintivamente antes de se conter. Ela não ia salvá-lo. De modo nenhum. Se ele não conseguisse se salvar, alguém teria feito o trabalho por ela.

Mas ela observou com o coração na garganta enquanto os dois homens trocavam chutes e movimentos rápidos mais rápido do que seus olhos podiam pegar antes que o homem batesse Tristan Caine no chão com tanta força que as

costelas de Morana teriam quebrado. Mas Tristan Caine levantou as pernas no mesmo movimento, usando o momento, e envolveu os tornozelos no pescoço do sujeito, antes de jogá-lo para baixo e colocá-lo em um estrangulamento.

"Para quem você trabalha?", ele perguntou ao homem ofegante em uma voz fria que não demonstrava nenhum esforço, mesmo quando seu peito arfava com respirações rápidas.

"Quem te enviou?", ele perguntou novamente, as mesmas perguntas que ele fez na primeira vez em que a prendeu na parede com suas próprias facas.

O outro homem cuspiu no chão, balançando a cabeça. E Tristan Caine estalou seu pescoço.

Morana não era estranha à morte e assassinato. Era uma coisa do mundo deles tanto quanto as mulheres sendo controladas pelos homens. Então ela não se encolheu, ofegou, ou traiu nenhuma emoção. Mas seu estômago caiu no chão, as mãos tremendo levemente, a arma tremendo em suas garras.

Tristan Caine se levantou e caminhou até o cara que ela atirou, seus olhos examinando seu corpo uma vez, talvez por ferimentos, antes de voltar para o homem.

"Fale ou você morre."

O homem fez uma careta. "Eu vou morrer de qualquer maneira."

Tristan Caine inclinou a cabeça. "Mas pode ser doloroso ou indolor. Sua escolha."

O homem desmaiou.

Morana ficou a alguns metros dele, com os olhos colados no rosto dele quando ele se voltou para os dela.

"Você deveria ir", ele disse a ela em voz baixa.

Morana assentiu, interiormente em choque, e virou-se para o carro, mantendo os olhos abertos para qualquer outro saltador com facas, a arma solta na mão.

Ela caminhou em direção ao carro, os olhos erguendo-se do chão e parou completamente.

Lá, no meio do estacionamento, estava seu Mustang onde ela o estacionara, com todos os pneus rasgados. Morana ficou em choque, olhando para o carro. Ela comprou aquele carro com seu próprio dinheiro. O primeiro carro dela. Este era o único amigo que ela possuía, o único amigo que entendia sua sede de liberdade. Esse fora seu companheiro em tantas aventuras e seu parceiro no crime. Ela o consertava sozinha, cuidava disso nos fins de semana. Ela adorava. E lá estava, com todos os pneus rasgados.

Morana acabara de ver um homem ser assassinado, apenas atirou em outro, mas foi agora que se sentiu violada, agora que seus olhos umedeceram.

Mas ela não podia tremer, não podia chorar, não podia mostrar uma polegada de vulnerabilidade.

Ele estava atrás dela.

Morana endureceu a coluna e limpou o rosto.

"Certamente você tem outro carro que eu possa pegar emprestado?", ela perguntou em um tom completamente natural.

"Sim, mas a tempestade lá fora não é viável para dirigir."

Isso fez Morana se virar, os olhos dela se fixando nos dele, uma faixa de sujeira na bochecha dele, onde ele lutou no chão.

"Você está preocupado com a minha segurança?", ela perguntou, descrença espessa em sua voz.

Ele ergueu as sobrancelhas. "Estou preocupado com o meu carro."

Claro. Ela poderia relacionar a preocupação dele com o carro. Ela assentiu. "Vou ligar para um táxi então."

Suas sobrancelhas franziram um pouco. "Os táxis não vêm para esta área."

Claro que não. Morana olhou para a água derramando na entrada do estacionamento com vingança, com nó no estômago e mordeu o lábio, tentando descobrir uma saída. Ela não podia ligar para o pai, ou tudo seria um desastre. Dirigir qualquer um dos carros estava fora de opção porque a visibilidade seria zero e a distância era longa. Os táxis estavam fora. Que opção ela ainda tinha?

Seu coração batia forte quando a ficha caiu. Ela não tinha.

O olhar dela voou para colidir com o dele. Seus olhos azuis prenderam os dela, a intensidade neles ardendo através dela, zumbindo em seu sangue enquanto seu pulso batia em seus ouvidos.

Ele inclinou a cabeça para um lado, quase considerando-a antes de falar, e seu coração saltou do peito.

"Parece que você vai ficar, senhorita Vitalio."



Transformando

Momentos.

Momentos surpreendentes, surreais.

Se alguém dissesse a ela há algumas semanas que ela passaria uma noite sozinha na cobertura do filho de sangue da Outfit, ela teria dado um tapa na cabeça deles. Mas então, se alguém lhe dissesse que ela se infiltraria na casa dos Maroni, ela também não teria acreditado. Ou o fato confuso de que ele salvaria a vida dela enquanto reivindicava sua morte para si mesmo.

Surreal.

Morana caminhou em direção ao elevador, atordoada, incapaz de acreditar, realmente *acreditar*, que passaria uma noite fora de casa no apartamento de Tristan Caine. Essas coisas não aconteciam com ela. E, no entanto, lá estava ela, andando com passos certos que nada revelavam em seu tumulto interior, com a mente alerta do homem caminhando ao seu lado. Embora como um homem tão grande pudesse se mover tão graciosamente estivesse além dela. Mas ela o viu escalar as paredes de sua casa com essa graça. Ela o viu

inclinar sua motocicleta e lutar contra homens maiores que ele com essa graça. E a irritava que ela pudesse apreciar isso.

Seus olhos vagaram para o carro, o carro destruído na periferia e o coração apertou novamente, a raiva percorrendo seu corpo no fundo da dor, a necessidade de vingança contra quem ousara violá-la. Quem quer que fosse, receberia. Grande momento.

Ela viu a mão dele pelo canto dos olhos, pressionando um código no teclado ao lado do segundo elevador, mostrando-lhe que era particular.

Os olhos dele a olharam brevemente, e Morana olhou para trás, sem absolutamente nenhuma ideia de nenhum de seus pensamentos. Quão relutante ele estava com ela em seu espaço? Ela teria sido muito relutante. Mas então ele invadiu o quarto dela na outra noite, então justo era justo.

O elevador tocou, as portas de aço deslizaram para trás, revelando uma área espaçosa que provavelmente poderia acomodar dez pessoas. Tristan Caine, o absoluto cavalheiro que ele era, entrou primeiro com passos suaves e se virou para olhá-la, sem cavalheirismo em qualquer lugar.

Curiosa, mas alerta, respirando fundo, Morana se aproximou dele e entrou. Quando ela entrou, ele apertou o único botão no mostrador, digitando outro conjunto de códigos, e as portas se fecharam.

As portas se fecharam e a visão a fez agarrar as mãos por controle.

Eles estão espelhados.

Seus olhos travaram no reflexo, seu coração batendo forte por algum motivo louco, quando o elevador começou a subir.

Ele estava no canto, encostado na parede do elevador, os tornozelos cruzados e os braços cruzados sobre o peito, os olhos atentos a ela, parecendo curiosos, sem a vibração normal de ódio. Morana ergueu as sobrancelhas e não moveu um músculo, as orelhas latejando com a corrente de sangue, o corpo inteiro zumbindo.

Ela precisava se distrair. Por mais que detestasse admitir, o espaço fechado, os reflexos e o olhar a atingiam.

"Quem eram aqueles homens?", ela perguntou, sua voz uniforme, traindo absolutamente nada.

Ele ficou em silêncio por um instante. "Eu não sei. Acho que alguém a quer morta, senhorita Vitalio."

"Além de você, você quer dizer?", Morana zombou, revirando os olhos.

Ela o viu inclinar a cabeça para um lado, considerando-a. "Você não tem medo da morte?"

Morana sentiu seus lábios se curvarem em um sorriso que não alcançou seus olhos. "Você aprende a não ter medo quando dorme sob o seu teto todos os dias."

Seus olhares se mantiveram por um momento tenso, o coração de Morana martelando quando ela viu seus olhos azuis a estudando.

"De fato", ele disse calmamente. Felizmente, as portas se abriram naquele momento e Tristan Caine saiu.

No momento em que ele saiu, de costas para ela, Morana inalou, percebendo que ela estava segurando a respiração o tempo todo. Balançando a cabeça para si mesma, sem entender por que seu corpo a traiu assim, odiando essas reações mesmo como parte dela, a parte que estava em coma desde que ela conseguia se lembrar, ganhou vida. Ela precisava entender isso, entender como ela poderia controlar isso. Porque estas eram águas desconhecidas, e ela não tinha ideia do que havia além. Ela foi honesta o suficiente para admitir que isso aterrorizava uma pequena parte dela.

Engolindo, observando seus músculos das costas flexionarem enquanto ele caminhava, ela saiu do elevador. Ela se abriu na cobertura e a visão que recebeu seus olhos a fez morder um suspiro.

A parede oposta do imenso espaço não passava de vidro. Parede de vidro sem fim.

Morana viu as nuvens escuras no céu, o horizonte da cidade de um lado e o mar do outro, a vista absolutamente deslumbrante. Ela nunca, em toda a sua vida, viu algo tão vívido, tão cru, tão bonito. Seus olhos famintos percorreram toda a parede de vidro, mas ela não deu um passo em direção a ela, consciente dos olhos dele, observando-a a cada movimento.

Empurrando os ombros para trás, ela desviou os olhos da vista espetacular e virou-se para o lugar.

O interior, enorme e espaçoso, era surpreendentemente convidativo. Ela não sabia o que esperava, mas o que não esperava era a ampla sala de estar com dois assentos, feitos em vários tons de cinza e azul, aço e cromo brilhando. No outro extremo da sala havia uma longa lareira elétrica. Acima, havia uma grande obra de arte abstrata nas sombras do fogo, tons de vermelho e amarelo misturados eroticamente, o único ponto de cor brilhante em toda a sala.

Os sofás eram macios, cinza gelo e azul profundo, as mesas de vidro e aço colocadas sobre tapetes azuis marinho que pareciam caros. O piso de mármore era preto com listras douradas, contrastando lindamente com toda a decoração. A parede de vidro levava todo o espaço da lareira para a cozinha aberta, que continha uma mesa de jantar para seis pessoas e bancos altos espalhados pela ilha.

E além da cozinha havia uma porta preta, ao lado da qual uma escada se curvava para o nível acima.

Os olhos dela finalmente encontraram Tristan Caine, e ele inclinou a cabeça, indicando a porta do outro lado.

"Esse é um quarto de hóspedes. Você pode ficar lá", ele falou, sua voz enviando um calafrio por ela que ela mal controlava.

Antes que Morana pudesse responder, voltou-se para os elevadores. Ele estava indo embora? Deixando-a, a mulher que ele odiava mais do que tudo, sozinha em seu apartamento? Que tipo de idiota ele era?

"Você acha sensato me deixar aqui sozinha?" Ela brincou, incrédula. "No seu território?"

Ele parou, mas entrou no elevador, virando-se para encará-la, seu rosto uma máscara clara. “Não tenho nada que valha a pena roubar. Sirva-se, senhorita Vitalio.”

As portas se fecharam.

Morana sentiu a descrença lutando com a estranha emoção em seu interior. Ela estava em um território completamente estranho e não tinha ideia de como proceder. Ele tinha vigilância? Ela deveria levá-lo literalmente e se servir de alguma coisa? Ela nem sabia por que estava hesitando, considerando o touro completo que ele era sobre seu espaço pessoal.

Seus olhos observavam o céu escuro se abrir sobre a cidade contemplativamente, sua respiração engatando com a

vista. Uma pontada de inveja a atingiu. Tristan Caine tinha essa visão todos os dias em que ele estava na cidade.

Tremendo, Morana virou-se para o quarto de hóspedes e começou a andar, absorvendo todo o espaço que era surpreendente. E confusa, como tudo nele.

Abrindo a porta do quarto de hóspedes, ela entrou, olhando em volta. Era simples, com uma cama de casal com aparência confortável, uma linha de armários em um canto, uma janela e uma cômoda. Suspirando, Morana entrou e vasculhou as gavetas, procurando por armas. Nenhuma. Em seguida, os armários, procurando roupas extras. Não havia nenhuma.

Ela entrou no banheiro. Era de um tamanho confortável, como o quarto de hóspedes, com todos os elementos básicos - chuveiro, vaso sanitário, banheira.

Não que isso importasse. Não havia como ela relaxar. Absolutamente não. Mas ela precisava de uma ideia da área. Depois de se refrescar um pouco, lavando a poeira do rosto, ela silenciosamente saiu do quarto. Indo para a sala de estar aberta, ela olhou para as escadas que subiam em espiral, imaginando o que havia além.

Dando de ombros, ela subiu, um passo após o outro, os olhos vagando. Porra, ela o mataria apenas por essa visão. Parando no topo da escada, Morana piscou surpresa mais uma vez.

Ela esperava um corredor, um conjunto de portas, alguma coisa. Em vez disso, as escadas se abriram diretamente em uma enorme, e ela quis dizer *enorme*, suíte master, quase como um loft escondido. O que a surpreendeu foram as cores.

Enquanto a área de estar era confortável, mas gelada, esse era exatamente o oposto. Não havia um pingo de cinza em lugar algum, até onde ela podia ver. Feito em tons de marrom e verde, o quarto ostentava paredes com acabamento em madeira, portas de madeira de carvalho que ela supunha levar a um armário e ao banheiro, e uma cama king-size que parecia muito confortável e convidativa. Era assim que era aquele quarto – pensamentos quentes, convidativos e inspiradores de manhãs preguiçosas com lençóis emaranhados.

Quem diabos era esse homem?

Morana estava no topo da escada, seus olhos surpresos contemplando a maior cama que ela já vira em detalhes – lençóis marrons como os dela, travesseiros suficientes para fazer um forte. Piso de mármore preto adicionado à sensação confortável do lugar, outra parede de vidro com a vista deslumbrante do mar no outro extremo.

O quarto parecia acolhedor. Caseiro.

Morana sentiu um puxão triste no peito e virou-se para sair, quando a porta do outro lado, no canto do quarto se abriu, o vapor soprando.

O coração dela parou.

Tristan Caine saiu, com nada além de uma toalha presa nos quadris, de costas para ela.

Morana piscou, ficou boquiaberta e depois olhou.

Ela deveria ter saído enquanto ele não sabia. Ela deveria ter descido silenciosamente e fingido que nunca o tinha visto saindo. Ela deveria ter girado nos calcanhares.

Mas ela não fez.

Ela ficou parada, congelada, os olhos mapeando as múltiplas cicatrizes espalhadas pela pele bronzeada de suas costas, vendo os músculos realmente ondularem quando ele abriu um armário e procurou algo. Ela viu a carne levantada e malhada – feridas de facas, balas e queimaduras – e sentiu seu coração começar a apertar quando ele se acalmou.

Ele parou.

Ela parou.

E ele virou o pescoço, seus olhos azuis fixando nos dela.

Sua respiração engatou.

Ela viu as extensas cicatrizes em seu torso quando ele se virou para encará-la, a carne permanentemente machucada e marcada. Que tipo de inferno esse homem passou? Ela pegou as tatuagens dele, algumas das quais ela não conseguia entender o formato, as cicatrizes, os músculos

impecáveis, enrolados, tensos sob a pele, o peito subindo e descendo uniformemente enquanto seus olhos a observavam. Morana segurou o olhar dele, tentando esconder a sensação estranha em seu peito enquanto o observava, sabendo que estava falhando com a mudança no olhar dele.

Ele deu um passo lento para a frente, deliberado, medido, seus olhos a estudando profundamente. Morana manteve seu lugar, sem recuar nem um centímetro, segurando o olhar dele. A essa altura ela já conhecia esses jogos de controle e, embora não devesse, ela os jogava.

Ele deu outro passo, a toalha pendurada nos quadris por um nó, o abdômen completamente nu para os olhos dela, um rastro de cabelo desaparecendo na borda do tecido. Morana percebeu tudo sem tirar os olhos dos dele, com o coração batendo forte, os punhos cerrados enquanto ela estava no topo da escada.

Mais um passo e ele ficou a poucos metros dela, os músculos de seu corpo tensos, duros, controlados. Seus olhos eram claros, suas pupilas levemente expandidas. E vendo as pupilas que ela percebeu isso, o que quer que fosse, estava afetando-o também. Por mais que ele o mantivesse em segredo, ele não podia controlar essas reações físicas. Por alguma razão, isso a fez se sentir melhor, sabendo que ela não era a única que havia perdido suas respostas corporais.

Também fez seu pulso aumentar.

Eles ficaram em silêncio tenso, seus olhares presos. O silêncio estava cheio de algo, pesado com um tipo de antecipação que ela não conseguia entender, quase como se estivessem se enfrentando na beira de um penhasco, a um fôlego de mergulhar. Seu estômago estava em um nó, uma gota de suor escorrendo pelo decote entre os seios, o ar condicionado fresco contra a pele quente. O som da chuva espirrando no vidro se misturava com o sangue em seus ouvidos, sua própria respiração lhe parecendo alta enquanto ela tentava controlar, para não o deixar ver nada.

Mais um passo.

Ela inclinou o pescoço para trás, arqueando as costas enquanto os pés se moviam por vontade própria para trás, esquecendo completamente que estava no topo da escada. Ela sentiu o equilíbrio se inclinar um segundo antes que a gravidade a atingisse, estendendo as mãos para segurar algo e encontrando força contra os músculos quentes e sólidos de seus braços. No momento em que ela se firmou, Morana sentiu a mão dele deslizar para a parte de trás do pescoço dela, segurando sua nuca enquanto ele a puxava para trás da borda e na vertical, com nada além de seu aperto em seu pescoço.

Com o coração batendo forte, as mãos cheias de músculos que nunca sentira contra as palmas das mãos, Morana olhou para ele, enquanto ele olhava para baixo, o aperto em seu pescoço firme, mas não ameaçador, uma

espécie de quase borda para o aperto que ela não poderia colocar.

Polegadas.

Polegadas nuas.

O sangue correu por seu corpo, pequenas correntes escorrendo pela espinha de onde ele segurava seu pescoço, sua respiração subindo mais rapidamente, enquanto ela tentava mantê-la sob controle.

Seu próprio peito subia e baixava e um pouco mais rápido, sua respiração lavando o rosto dela, o cheiro de almíscar e algo amadeirado envolvendo-a nas proximidades.

O toque repentino do telefone quebrou o atordoamento.

Morana piscou, sacudindo-se mentalmente, limpando a cabeça. Afastando as mãos dos braços dele, ela tirou o telefone do bolso. Sua mão permaneceu no lugar.

Ela olhou para o identificador de chamadas e congelou.

O pai dela.

O gelo a encheu, esfriando completamente seus sistemas superaquecidos. A fratura em seu controle reparou quando ela se endireitou e se afastou de seu aperto. Seus dedos flexionaram uma vez antes que ele afrouxasse seu aperto, a impressão de seu toque queimando sua pele, o fantasma de sensações assaltando sua carne. A nuca dela queimava.

Sem uma palavra, ela se virou e correu escada abaixo, cada resposta em seu corpo de volta sob seu rígido controle, como sempre, exceto com ele.

Expirando profundamente, uma vez que ela estava na cozinha, Morana atendeu a ligação e ficou em silêncio.

"Você escapou de seus seguranças", a voz fria do pai dela veio através de sua fala, e Morana sentou-se rigidamente em um banquinho, mantendo o rosto limpo de expressão e voz.

"Eu disse que faria", ela respondeu sem hesitar em seu tom.

"Quem era o motociclista?", seu pai perguntou, a raiva contida em sua voz.

Morana não estava surpresa por seus capangas terem relatado o homem que a ajudou a escapar. "Qual motociclista?", ela perguntou.

Houve uma pausa. "Quando você vai voltar?"

"Não vou", informou Morana. "Não essa noite." Talvez nunca.

Outra pausa. "Onde você está?"

Morana respirou fundo. "Como você não consegue entender, eu vou explicar isso para você, pai. Eu não sou um cachorro que você acha que pode usar. Sou uma mulher

independente, e se eu disser que não vou voltar hoje à noite, é isso. Eu sei que não é por preocupação que você pergunta."

"Sua independência é uma ilusão que eu deixei você sustentar, Morana", seu pai falou em tom arrepiante. "Vou descobrir quem ele é. E o matarei."

Pela primeira vez na conversa, Morana sentiu um pouco de diversão. Ela odiava Tristan Caine, mas o pensamento de ele enfrentar o pai dela de alguma forma, não parecia o melhor caminho para o pai. E ela deveria ter se sentido mal por não torcer por sua própria carne e sangue. Tudo o que ela sentiu foi frio.

"Boa sorte, pai", Morana falou e desligou, colocando o telefone no balcão, seu corpo afundando assim que respirou.

Ela o sentiu atrás dela e se virou.

Ele estava de calça de moletom folgada e uma camiseta preta, observando-a especulativamente. Morana sentiu seus arrepios subirem.

Ela levantou as sobrancelhas. "O quê?"

Ele ficou em silêncio por um instante antes de ir para à grande geladeira. "Então, seu pai te leva para os amigos dele e tenta te amarrar", ele falou, o forte desgosto em sua voz clara. "Que homem."

Morana rangeu os dentes. "Olha quem fala. Você esqueceu o número de vezes que tentou me controlar, Sr.

Caine? Posso lembrá-lo se quiser", ela falou, seu tom deliberadamente educado.

Ele parou a caminho da geladeira. "Eu não sou como seu pai, Srta. Vitalio."

"Isso não é verdade", comentou Morana. "Vocês dois tentam me controlar e ameaçam me matar. O que há de tão diferente?"

"Você não quer saber."

Morana inclinou a cabeça e estreitou os olhos. Havia uma corrente oculta de algo sob o calor nessa declaração. Ela tentou colocar o dedo nela, mas a escapou completamente, para sua frustração.

"Na verdade, acho que sim."

Tristan Caine voltou-se para a geladeira e, por algum motivo, ela teve a sensação de que ele estava mordendo a língua para não falar.

OK.

"Então, quem me drogou em *Cyanide?*", perguntou ela, pronta para exigir algumas respostas.

"Um dos garçons", respondeu ele, pegando frango e legumes congelados do freezer e colocando-os no balcão. Morana sentiu a surpresa atingi-la mais uma vez, vendo a facilidade com que ele se movia pela cozinha, tanto quanto

ele faria em um campo de balas. Ela o viu pegar uma tábua e uma faca.

Ele cozinha.

Tristan 'O Predador' Caine cozinha. As maravilhas nunca cessariam?

Ignorando a sensação estranha no peito, ela se concentrou nas perguntas.

"Por que ele me drogou?"

A faca parou sobre uma fatia de frango, pairando no ar quando ele olhou para ela. Sua mandíbula apertou, o ódio familiar que ela tinha visto em seus olhos tantas vezes brilhando antes que ele o controlasse. Ele estava mantendo o controle hoje por algum motivo.

Confusa, Morana brincou com o telefone, esperando por uma resposta.

As portas do elevador se abriram quando ele abriu a mandíbula para falar.

As pessoas escolhem o pior momento!

Dante entrou na área, seu corpo alto e musculoso envolto em um terno escuro, seus cabelos penteados para trás. Seus olhos escuros vieram para ela, antes de piscar para Tristan Caine, algum tipo de olhar silencioso passando entre eles, e de volta para ela novamente.

"Morana", ele falou, ficando ao lado dela quando ela ficou tensa. "Peço desculpas por não poder encontrá-la. Algo muito urgente surgiu no último segundo."

Morana o estudou, os olhos estreitados. Ele parecia sincero o suficiente. Ela assentiu. "Tudo bem."

"Ouvi dizer que você foi atacada. Você está bem?"

Morana ergueu as sobrancelhas, mesmo quando a preocupação dele parecia genuína. E então ela lembrou o que Amara havia dito a ela sobre os dois homens serem protetores de mulheres.

Ela assentiu novamente. "Estou bem. Mas preciso do meu carro amanhã."

Dante sorriu. "Tristan já providenciou os reparos."

As sobrancelhas dela atingiram a linha do cabelo quando ela se virou para o outro homem. "Você fez?"

Ele a ignorou, seus olhos em Dante. "Devo me arrumar?"

"Sim."

Outro olhar silencioso.

Tristan Caine assentiu e deu a volta no balcão, indo em direção às escadas.

Dante virou-se para ela, seus olhos escuros genuinamente preocupados. "Meu apartamento fica a dois

andares. Sei que você disse que não queria trabalhar com ele, por isso, se você quiser ficar lá esta noite. Eu não estarei em casa e estará vazio."

Ela viu Tristan Caine parar nas escadas antes que ela pudesse falar, seu corpo inteiro tenso quando ele se virou para encarar Dante, com os olhos frios.

"Ela fica aqui", ele rosnou.

Rosnou.

Morana piscou de surpresa com a alteração no tom. Isso a fez estremecer. Ela pensou que ele ficaria feliz em tirá-la de seu caminho.

Dante falou do lado dela, dirigindo-se ao homem, uma mão no bolso. "É uma opção melhor. Você voltará mais tarde e eu não. Ela pode ficar confortavelmente até de manhã."

Tristan Caine não piscou para longe de seu irmão de sangue, e outro olhar passou entre eles.

"Tristan..." Dante falou, sua voz um pouco preocupada. "Você não..."

Tristan Caine voltou os olhos para ela, a força de seu olhar arrancando a respiração de seus pulmões.

"Você não sofrerá nenhum dano esta noite", ele disse a ela, a convicção em sua voz dura. "Fique."

Antes que Morana pudesse piscar, muito menos digerir as palavras, ele se foi.

E Morana sentou-se exatamente onde estava sentada minutos atrás, completamente perplexa.



Chuva.

Gotas batendo contra o vidro em uma sinfonia musical melancólica. Havia algo sobre o som da chuva que enviou dores pelo peito.

Morana estava deitada de lado, ouvindo o som das gotas de chuva batendo no vidro, o desejo de senti-las, de vê-las, dominando-a.

Ela estava sozinha. No quarto. No apartamento. Na vida dela.

Engolindo, ela desceu da cama no quarto escuro e caminhou lentamente em direção à porta, com o coração pesado no peito por algum motivo. Abrindo a porta, ela olhou para a sala de estar completamente escura e caminhou com os pés silenciosos em direção à parede de vidro que a chamava em um nível que ela não tinha percebido que tinha.

A fraca luz do lado de fora filtrava através da parede quase etérea. Ela andou cada vez mais perto do vidro, vendo as gotas de chuva espirrarem contra ele e deslizarem para baixo.

Morana parou a um passo do vidro, observando sua respiração fumegar lentamente antes de desaparecer. As nuvens pesavam no céu noturno, as luzes da cidade brilhavam à direita, brilhando como pedras preciosas em um tecido de obsidiana, o mar à sua esquerda até onde ela podia ver, coroando e caindo com a tempestade.

Morana ficou parada no local, absorvendo a vista, apertando a garganta.

Ela nunca tinha visto chuva assim. Nunca sentiu essa liberdade em seus olhos. Suas vistas da janela terminavam em gramados bem cuidados e cercas altas, além das quais nada podia ser visto. Ela sentiu as mãos subirem por vontade própria, a profunda necessidade em seu coração tão aguda, por algo que ela sabia que nunca poderia ter, por algo que nem sabia que precisava.

As mãos dela hesitaram uma polegada do vidro, o coração sangrando. Ela lentamente as pressionou. O vidro frio parecia sólido contra as palmas das mãos. Ela ficou ali por um longo momento, dolorida, apenas uma parede de vidro entre ela e a morte certa. Ela observava a cidade de uma maneira que nunca a tinha visto, a cidade em que vivera a vida inteira, a cidade que ainda era estranha.

As mãos dela deslizaram pelo vidro quando ela se sentou no chão, apoiada nas pernas cruzadas e se inclinou para frente, respirando no vidro repetidamente.

Trovões crepitaram no céu, uma fenda de raio banhando tudo em branco brilhante antes de desaparecer. Gotas atingem o vidro em conjunto, tentando quebrá-lo como balas, tentando alcançá-la, mas incapaz. Ela sentou-se atrás daquela parede, desejando sentir essas gotículas em si mesma, desejando deixá-las chamuscá-la, mas incapaz. E não era essa a vida dela. Ansiando por coisas que ela não podia alcançar, coisas que tentavam alcançá-la e se chocavam contra uma parede. Uma parede de vidro onde ela podia ver tudo, saber exatamente o que estava perdendo, afogar-se em sua consciência, mesmo que o vidro não pudesse quebrar. Porque exatamente como agora, quebrar o vidro significava morte.

Ultimamente, Morana se perguntou se não valeria a pena.

Os lábios dela tremeram, as mãos pressionadas contra o vidro, vendo as lágrimas caírem do céu e deslizarem pelas paredes derrotadas, e sentiu uma deslizar pelo canto do olho.

E o sentiu na sala.

Ela deveria ter se virado e se levantado. Ela sabia que definitivamente não deveria lhe dar as costas, não deveria se deixar vulnerável. Mas, naquele momento, ela não conseguiu

desviar os olhos da vista e as mãos do vidro. Ela não conseguia ficar tensa.

Ela se sentia cansada. Exausta na profundeza de seus ossos.

E o fato de ele ter dito a ela que ela não seria machucada, dizia que ela não seria. Ela tinha visto mentirosos suficientes em sua vida para reconhecer um homem que não era. Ele não escondia seu ódio por ela, e isso, inversamente, foi exatamente o que lhe disse que, naquele momento, ela podia acreditar na palavra dele.

Então, ela não ficou tensa, não se virou, apenas esperou que ele fosse embora.

A parte de trás de seu pescoço formigou quando ele a observou, e ela o sentiu se mover. Ela não sabia como sabia. Ele não fez absolutamente nenhum som, seus pés completamente silenciosos no chão. Mas ela sabia que ele se movera.

Ela ficou sentada em silêncio e viu os pés dele na periferia.

Ela não olhou para cima. Ele não olhou para baixo. O silêncio continuou.

Morana manteve os olhos nos pingos de chuva, o coração batendo forte quando ele cruzou as pernas e sentou-se a um pé dela, os olhos olhando para fora.

Morana olhou para ele pelo canto do olho, vendo a camisa desabotoada mostrando uma tira de carne que ela viu antes, o peso dele descansando nas palmas das mãos que descansavam no chão enquanto ele se recostava nelas.

Ela viu uma pequena cicatriz e sentiu seu coração doer. Ela nunca havia realmente pensado, em toda a injustiça que acontecia às mulheres, no que acontecia aos homens em seu mundo. Ela sabia que poder e sobrevivência eram os dois últimos, mas nunca se perguntava qual era o preço. As cicatrizes nele eram uma norma ou uma anomalia como ele era? Elas tinham o preço de ser essa anomalia em uma família que valorizava o sangue? Quantas foram infligidas por inimigos? Quantas vieram das mãos da família? Esse era o custo dele chegar aonde estava no mundo deles? Que tipo de pedágio isso causou aos homens? Foi por isso que a maioria deles estava tão desapegada? Porque essa se tornou a única maneira de lidar com a dor? Foi isso o que aconteceu com o pai dela? Ele foi destacado porque foi assim que ele lidou a vida toda, para manter seu poder?

Perguntas permaneciam em sua mente, junto com a memória dos cortes que ela viu através da carne do homem ao seu lado. Ela poderia odiá-lo, mas respeitava a força. E seu corpo, ela percebeu, era mais do que uma arma. Era um templo de força. Era um detentor de histórias – histórias de sua sobrevivência, de coisas que ela não conseguia nem imaginar neste mundo sujo e feio.

Morana pensou em Amara, na tortura que ela resistiu e sobreviveu por dias nas mãos dos inimigos, e percebeu o quão verdadeiramente sortuda ela era em comparação. Ela nunca fora sequestrada, torturada e violada como tantas outras mulheres no mundo. E ela se perguntou o porquê. Foi por causa do pai dela? Ou alguma outra razão?

"Minha irmã amava a chuva."

As palavras ditas suavemente, naquela voz rouca de uísque e pecado, romperam seus pensamentos.

E então as palavras afundaram, atordoando-a. Não apenas porque era algo extremamente particular que ele compartilhou com ela, mas por causa do amor profundo que ela podia ouvir em seu tom.

Ela não o considerava capaz do tipo de amor que ouvia em sua voz, não por ninguém. E foi isso que a surpreendeu. Morana não se virou para olhá-lo, nem sequer olhou para ele como ele não olhou para ela, mas suas mãos pressionaram o vidro, a surpresa percorrendo-a com suas palavras, mesmo que isso a confundisse.

Ela engoliu em seco, com o coração batendo forte. "Eu não sabia que você tinha uma irmã", ela falou no mesmo tom suave, sem desviar o olhar da vista.

Silêncio.

"Eu não tenho mais."

E o tom plano estava de volta. Mas Morana não acreditou. Ela ouviu aquele calor, ouviu o amor. Mesmo ele não podia voltar ao modo desanexado tão rapidamente. Mas ela não o chamou por algum motivo.

Eles estavam sentados na escuridão completa, de frente para o céu, a cidade e o mar, de frente para as gotículas que caíam em sincronia com os batimentos cardíacos, o silêncio entre eles não era espesso, mas também não era quebradiço. Apenas silêncio. Ela não sabia o que fazer disso.

Sua boca se abriu antes que ela pudesse pensar sobre isso.

"Minha mãe amava a chuva."

Uma pausa.

"Eu não sabia que você tinha uma mãe."

Um nó familiar apertou sua garganta. "Eu não tenho mais."

Ela o sentiu olhar para ela, e virou a cabeça, os olhos trancando com um profundo, azul profundo. Algo escuro brilhou em seus olhos novamente e ele desviou o olhar.

Morana engoliu em seco. "Por que você quer que eu fique aqui?"

Ele ficou sentado, sem tensão, sem olhar para ela, seu olhar para o exterior. Silêncio.

"Dante estava certo. Eu poderia estar segura e confortável lá", ela disse em voz baixa.

"Você está segura e confortável aqui", ele disse a ela em uma voz igualmente calma, as palavras pesadas com significado.

"Por esta noite."

"Por esta noite."

Morana olhou pela janela, vendo a chuva, ouvindo-a bater no vidro enquanto se sentava a um pé dele.

Eles estavam sentados naquela escuridão absoluta, com uma espécie de trégua silenciosa que ela sabia que levantaria assim que o sol saísse, uma trégua silenciosa que eles nunca reconheceriam à luz do dia, um momento roubado e escuro contra uma parede de vidro que ela lembraria, mas nunca falaria.

Ela lembraria porque, naquele momento, algo dentro dela mudou. Mudou completamente, porque naquele momento, o inimigo, o homem que a odiava mais do que tudo, havia feito o que ninguém jamais havia feito.

Naquele momento, o homem que reivindicou sua morte, tinha lhe dado um vislumbre da vida fazendo algo que ele provavelmente nem percebeu que fez.

Naquele momento, o inimigo havia feito o que ninguém jamais tentou fazer por ela.

Ele a fez se sentir um pouco menos sozinha.

O momento terminaria quando o sol surgisse.

Mas, naquele momento silencioso, algo dentro dela além de seu próprio entendimento, mesmo que ela o odiasse, mudou.



CAPÍTULO 09

Encurralando

A indecisão pesava sobre ela, no que dizia respeito às próprias emoções.

O pai dela não ligou novamente.

Nem uma vez.

Morana não sabia por que aquilo a preocupava, mas por algum motivo, ela não conseguia se livrar da sensação de que algo iria acontecer. Algo que ela não iria gostar de forma alguma. Ela não gostaria de qualquer maneira, não vindo do pai dela.

Respirando fundo, e sacudindo esses pensamentos para mais tarde, ela abriu a porta do quarto de hóspedes e saiu para a cobertura.

Depois da noite anterior, se ela fosse uma garota normal em qualquer outro mundo, ela não saberia o que esperar. Mas seu normal não era regular, e era exatamente por isso que ela sabia o que esperar.

Ela saiu do quarto de hóspedes, sabendo que estava sozinha na cobertura. Ele saiu assim que amanheceu, e ela

também, retirando-se para o quarto de hóspedes pelo resto da noite, algumas horas atrás.

Eles não trocaram uma palavra depois da conversa inicial, mas ela sabia, enquanto caminhava em direção à cozinha, que qualquer trégua silenciosa que existisse com aquelas gotas de chuva frágeis desapareceu junto com a chuva. O sol brilhava intensamente no céu, a luz cortando a parede de vidro e iluminando toda a sala, cada centímetro escuro de espaço tocado pelo fogo, o ar condicionado afastando o calor. A vista, aquela vista deslumbrante, estava nua diante de seus olhos, a luz do sol brilhando na água de um lado e subindo pelos edifícios do outro.

Subindo no banquinho em que se sentou na noite anterior, pensou em preparar um café para si mesma e depois pensou melhor. A trégua acabou. Ela já foi drogada uma vez. Ela não era tola o suficiente para ser novamente.

O som da abertura do elevador a fez girar rapidamente, a mão apoiada na bolsa, onde estava a arma. O aperto na bolsa diminuiu um pouco quando viu Amara caminhando em sua direção, seu corpo alto e com curvas envolto em calças bege, uma blusa vermelha e um lenço de seda verde, seus cachos escuros e selvagens caindo ao redor de seu lindo rosto, um pequeno sorriso nos lábios.

"Bom dia, Morana", a mulher assentiu, com os olhos verde-floresta brilhantes.

Morana relaxou um pouco e acenou com a cabeça. "Amara".

Amara sorriu e abriu a geladeira. A maneira familiar com que ela se movia pelo espaço enquanto pegava copos dos armários irritava Morana por algum motivo. Ela cerrou os dentes e se virou, olhando para a vista.

"Você gostaria de suco?"

Morana virou-se para vê-la segurando um pouco de suco de laranja na mão, a cabeça inclinada em uma pergunta. Ela hesitou e Amara sorriu. "Não está drogado, não se preocupe."

Mentalmente balançando a cabeça para si mesma, Morana assentiu.

"Mas não posso culpar você por se preocupar. Não depois do que aconteceu na boate", Amara continuou falando, derramando o líquido frio em dois copos altos, sua voz no mesmo timbre suave que era, fazendo o coração de Morana se apertar, sua mente correndo com perguntas sobre essa mulher que mostrara sua única bondade. Como foi para ela, sabendo que nunca poderia falar acima de um sussurro? Doía se ela falasse mais alto? Ela carregava cicatrizes físicas também? Quão mal ela foi torturada?

Morana piscou as perguntas, perguntas mais urgentes surgiram em sua mente.

"Você voltou para a boate com segurança naquela noite?", ela perguntou enquanto a outra mulher se sentava à sua frente, com os cotovelos na mesa.

"Sim", Amara respondeu com sua voz rouca. "Tristan estava lá. Eu estava segura."

Vindo de uma mulher que havia sido torturada quando menina, essa afirmação dizia muito à Morana. Ela arquivou para mais tarde e continuou com as perguntas.

"Você sabe quem entrou no SUV depois que você e o Sr. Caine chegaram à boate?"

Amara franziu a testa levemente, os lábios contraídos. "Não. Algo aconteceu?"

Morana suspirou, balançando a cabeça. Não havia sentido em contar a história para ela, se ele não contou. Ele disse a Dante? Ou ele havia omitido informações novamente?

"Embora", pensou a mulher, seus olhos escuros piscando em memória, "agora que penso nisso, Tristan se apressou a voltar quando viu o SUV indo novamente."

Morana observou Amara tomar um gole do copo e, satisfeita com o que estava vendo, ela tomou um gole do seu. A bebida doce e fria escorreu por sua garganta, formigando seus sentidos enquanto ela se sentava ereta, com os olhos na outra mulher.

"Você é incrivelmente corajosa, você sabe", Amara falou com a voz baixa dela, com um sorriso nos lábios.

Morana piscou surpresa, antes de sentir-se corar um pouco. "Hum, obrigada, eu acho."

A outra mulher riu de sua resposta embaraçosa, completamente relaxada no espaço. "Tristan é um homem intimidador, por conta própria. E ele se esforça para intimidá-la mais. O fato de você passar a noite sozinha na casa dele me diz muito sobre você. Embora sendo a única filha de um homem tão reputado quanto seu pai... não sei por que estou surpresa. Você é forte. Admiro isso."

Corando com mais força, mesmo enquanto tentava mantê-lo em segredo, Morana pigarreou. Ela nunca recebeu nenhum tipo de elogio por nada além de sua inteligência. E conseguir um agora, sobre algo tão enraizado em quem ela era, era inquietante, para dizer o mínimo.

Pronta para mudar de assunto, ela respirou fundo e...

"Você mora aqui?"

...queria desaparecer no ar.

Amara se engasgou um pouco com o suco, os olhos arregalando antes de começar a rir, o som suave, mas genuíno. "Com Tristan? Bom Deus, não!"

Incomodou Morana que ela relaxasse com isso.

Amara continuou rindo. “Esse homem é territorial sobre o seu espaço. Muito territorial. Uma vez entrei no quarto dele sem bater, ele quase me tirou a vida!"

Tudo dentro de Morana parou com a informação.

Ela entrou no quarto dele sem permissão ontem. Ela estava parada na beira do espaço dele, e ele a tinha visto. Exceto que ele não tinha olhado. Ele estava afetado.

Palavras, as palavras dele de semanas atrás encheram sua mente.

“*Tenho território que é meu. Nunca invada isso.”*

Teriam sido apenas palavras na tentativa de afirmar seu controle como ela pensara, ou algo mais?

A voz de Amara a interrompeu de seus pensamentos.

"Tristan não permite que as pessoas entrem em seu espaço. Todo mundo que o conhece sabe disso."

Morana piscou, ainda se recuperando de perguntas sobre o homem incrivelmente desconcertante. "Então por que ele me deixou, de todas as pessoas, ficar aqui?" Por que ele insistiu para que ela ficasse? Por que ele rosnou assim quando Dante estava pronto para lhe oferecer seu apartamento?

Os olhos de Amara afiaram um pouco, um sorriso nos lábios. "É curioso, não é?"

Morana ficou calada. Amara balançou a cabeça. "Então, para responder sua pergunta, não, eu não moro aqui. Mas eu moro perto."

Sua curiosidade despertou. "Você não mora em Tenebrae?"

Morana viu os olhos de Amara sombrearem enquanto olhava para longe, para a vista. Um ar pensativo pairava sobre seus ombros enquanto ela suspirava, o suspiro arrancado das profundezas de sua alma.

"Posso visitar minha família lá, mas não tenho permissão para ficar."

Escolha interessante de palavras.

"Por quê?" Morana perguntou antes que pudesse se conter.

Amara olhou para Morana, seus olhos escuros doloridos, carregando fardos escuros, enquanto seus lábios sorriam ironicamente. "É melhor deixar algumas coisas sem resposta, Morana. Minha casa está lá. Minha mãe ainda serve a casa Maroni. Minhas raízes, tudo o que sou, todo mundo que amo – está tudo lá. Mas estou amaldiçoada por não ficar."

Morana piscou, sentindo seu coração doer pela mulher. Amara tinha um lar, um lugar amoroso onde nunca poderia viver. Morana morava em um lugar, mas não tinha lar. E naquele momento, ela sentiu a dor da mulher.

Antes que ela percebesse, sua mão estava cruzando o espaço entre elas, agarrando a de Amara e apertando suavemente. "Eu sinto muito."

Morana viu a surpresa nos olhos da outra mulher com o gesto, enquanto apertava a mão, sua expressão suave, agradecida.

Ela encolheu os ombros. "Às vezes, sinto falta de casa. É por isso que fico tão feliz quando Tristan ou Dante visitam."

"Você deve ter amigos aqui", Morana meditou.

“Na verdade, não", Amara olhou para baixo. "Estou aqui para trabalhar, principalmente. Além disso, não é minha cidade. Tenho limitações."

Morana queria dizer a ela para ligar para ela em algum momento. Ela queria dizer que também não tinha amigos. Ela queria dizer que adoraria ser amiga com sua própria coragem.

Mas ela não podia.

Ela tinha as palavras, na ponta da língua, prontas para soltar. Ela tinha essa necessidade, tão profundamente dentro dela, de conhecer alguém, de ter um amigo, de compartilhar sua vida e histórias com uma pessoa. Mas ações como essa podem ter consequências, não apenas para ela, mas também para Amara. Ela foi banida por sua própria cidade e enviada para cá. Morana não podia ser expulsa, ou morta.

Ela mordeu o lábio e afastou a mão, pigarreando, olhando pela parede de vidro dentro dela, alcançando, mas incapaz de tocar.

O som da abertura do elevador a salvou de qualquer silêncio constrangedor.

Morana virou-se novamente para ver os recém-chegados, os olhos fixos em Dante e Tristan Caine entrando, homens altos, largos e incrivelmente bonitos. Ela viu Dante vacilar por um segundo quando seus olhos caíram em Amara, mas ele continuou se aproximando, vestido com outro terno afiado. O homem a seu lado, por outro lado, entrou graciosamente, atraindo os olhos de Morana. Novamente.

Ela podia sentir seu estômago dar um nó quando seus olhos se fixaram nos dele, aqueles olhos azuis afiados parecendo magníficos à luz do sol, seu corpo forte e musculoso em uma simples camiseta e calça cargo, dizendo a ela onde quer que estivessem, era informal o suficiente para ele ir casualmente.

"Vejo que você se sentiu confortável na minha cozinha, Amara", ele falou, naquela voz uísque dele, para a mulher atrás dela, mesmo quando seus olhos ficaram nos dela.

"Só na sua cozinha", respondeu Amara, sua voz suave, mas animada.

Dante caminhou até as paredes de vidro, com as mãos nos bolsos, e olhou para a vista, ignorando completamente

todos na sala. Morana observou o outro homem, sentindo a tensão entre ele e Amara. Ela sentiu isso antes também.

Curiosa, ela olhou de volta para Tristan Caine, apenas para encontrá-lo vasculhando seus armários, seus olhos chegando aos dela, assim como os dela foram para ele.

Ele olhou para ela.

O coração dela gaguejou.

Ele desviou o olhar.

O coração dela começou.

Fechando os olhos para suas próprias reações estúpidas, Morana pigarreou, virando-se para Dante, onde ele estava contra a parede.

"Você encontrou algo nos armazéns?"

Dante não se virou, mas falou alto. "Não naquele aqui. Mas havia certas... extravagâncias nos de Tenebrae."

"Extravagâncias?" Morana inclinou-se para a frente, interessada.

"Esse armazém era de propriedade de um de nossos concorrentes locais há muito tempo", informou Dante, seu perfil ao sol forte. "Exceto pelo equipamento que meus homens encontraram que pertencia a outra gangue. Não podemos descobrir quem o usou ainda."

Morana estreitou os olhos, as rodas em sua mente agitando. "O que significaria para o Sr. Caine se os códigos fossem usados e ele fosse enquadrado?"

Dante se virou, seus olhos duros nos dela. "Isso significaria a morte dele, Morana."

Para que ela descartasse Tristan Caine jogando um jogo intelectual e se enquadrando. A menos que o homem estivesse em uma missão suicida.

"Você saberá de todos os desenvolvimentos assim que ocorrerem", prometeu Dante, e Morana assentiu, recusando-se a se virar para o outro homem.

Amara pigarreou. "Eu realmente vim para dar isso a você, Morana."

Morana olhou para o balcão e encontrou as chaves do carro ali. Seu carro, seu bebê, estava consertado. Seus olhos voaram para trancar os de Tristan Caine. Ele não estava olhando para ela.

Morana assentiu, com o coração acelerado, e pulou do banquinho alto, colocando a bolsa no ombro e pegando as chaves.

"Eu deveria sair agora", ela murmurou, olhando em volta mais uma vez.

Dante deu-lhe um aceno educado, com o que ela acenou de volta, sabendo que eles estariam em contato.

Amara sorriu para ela. "Espero que nos encontremos novamente, Morana."

Morana engoliu em seco. "Eu também."

E então ela se virou, sem dizer uma palavra ao dono da cobertura, sem olhar na direção dele, sem uma expressão da gratidão que estava sentindo. Ela caminhou em direção ao elevador, com passos rápidos e seguros, os olhos olhando para a vista uma última vez, memorizando-a, gravando-se em sua memória como se a noite anterior estivesse gravada em sua alma.

Ninguém falou uma palavra atrás dela. A tensão acariciou suas costas quando ela entrou no elevador, seu coração batendo forte, as mãos suando.

Respirando fundo, ela se virou para pressionar o botão e encontrou os olhos trancando, pela última vez, com magníficos olhos azuis, onde ele estava na cozinha, observando-a.

Morana apertou o botão, seus olhares bloqueados.

E as portas se fecharam.



Algo estava errado.

No momento em que ela atravessou as portas da mansão, um pressentimento profundo se instalou em seu estômago.

Ela não deveria ter retornado. Deveria ter pegado seu carro incrível e arrumado, e levado para outro lugar que não esta mansão. Mas ela não fez. Porque Morana Vitalio era muitas coisas, mas ela não era covarde. E se ela ia morrer, ia morrer sabendo disso.

Cerrando os dentes, ela estacionou o carro no local e saiu, seus olhos percorrendo as novas rodas. Como Tristan Caine conseguiu repará-lo durante a noite, em uma noite de tempestade? Suas conexões eram tão boas?

Balançando a cabeça e afastando aquele homem desconcertante de seus pensamentos, Morana contemplou os belos gramados ensolarados, a entrada deslumbrante e a mansão deslumbrante.

E não sentiu nada além de pressentimento.

Ela iria embora. No momento em que os códigos fossem encontrados, ela prometeu a si mesma que iria fugir e desaparecer, mudar sua identidade, criar uma vida para si mesma, como ela queria. Ela iria para um lugar muito, muito longe e faria amigos sem hesitação, conheceria homens e se divertiria, e viveria sem a morte pendurada todos os dias sobre sua cabeça.

No momento em que os códigos fossem destruídos, ela deixaria tudo para trás.

Sentindo a força penetrar nela com essa decisão, Morana foi em direção à sua ala, com a intenção de ir direto para o quarto, os olhos dos homens de seu pai a seguindo, quando viu o homem em questão sentado do lado de fora no mirante, com dois outros velhos, homens rudes, discutindo negócios.

Ele a viu entrar e fez um gesto para que ela chegasse até ele com os dedos, um gesto que a irritou em nenhuma extensão. Morana adoraria mostrar-lhe o próprio dedo e caminhar até a suíte, mas ele estava com outras pessoas, e ela sabia que um desafio assim, especialmente depois da noite passada, poderia empurrá-lo longe demais.

Então, rangendo os dentes novamente em alguns minutos, Morana caminhou até onde ele estava sentado, o grande dossel de folhas acima da cabeça fornecendo sombra para todos os que estavam sentados.

O pai olhou para ela, com os olhos completamente neutros, sem um lampejo neles. "Vamos jantar hoje à noite no *Crimson.* Vista-se adequadamente."

Morana assentiu e esperou que ele dissesse mais alguma coisa. Ele ergueu as sobrancelhas e a dispensou com outro movimento dos dedos.

Com as mãos cerradas, ela se virou e caminhou até a suíte, trancando a porta firmemente atrás dela.

Então, ela se sentou em sua cama.

Pensando.

Algo estava fora. Ela esperava que ele estivesse com raiva, ou até mesmo provocando. Ela esperava que ele fosse indiferente como sempre fora. Mas isso... quase parecia manipulador. A calma dele, depois que ela passou a noite fora, era problemática. Não era uma boa calma. E por alguma razão, seu estômago estava com um nó, e não do tipo bom. Não os nós que ela gostava.

"Sua independência é uma ilusão que eu deixei você sustentar."

Respirando fundo, Morana se levantou e foi em direção ao banheiro, os nós apenas piorando a cada passo.



Crimson.

Os lábios dela estavam vermelhos. O sangue correndo dentro de seu corpo era vermelho. O sangue que ela queria ver sair do nariz do outro homem seria vermelho.

Apertando a mandíbula, Morana sentou-se no restaurante, na mesa no canto sempre reservada para o pai, vestida adequadamente com um vestido preto sem mangas e sem costas que afunilava na cintura. A única coisa notável sobre isso era a simples divisão ao lado. Quatro outros homens estavam sentados ao redor da mesa, excluindo o pai.

Seu pai não falou uma palavra para ela durante o dia e, embora não fosse fora do comum, era fora do comum depois do golpe que ela havia feito. Não foi um dia comum. Geralmente, ela dirigia seu próprio carro para os jantares em que participava. Naquela noite, seu pai simplesmente dissera para ela entrar no seu carro. Ela quase protestou quando ele lhe deu um olhar silencioso.

"É importante chegarmos juntos", ele disse a ela.

Morana mordeu a língua e entrou no carro.

E agora ela estava sentada, percebendo por que seu pai queria que eles chegassem juntos. Não era só jantar. Era um jantar *humilhante.*

Um dos homens, um homem bonito de trinta e poucos anos, sentou-se ao lado de Morana, tentando pela terceira vez colocar a mão sob a fenda do vestido dela. A primeira vez ela pensou que tinha sido uma passada acidental. A segunda

vez, ela afastou a mão dele com um olhar severo em sua direção. Desta vez, porém, seu temperamento aumentou.

Ela segurou a mão dele e segurou os dedos dele para trás.

"Toque-me novamente e eu vou quebrar seus dedos."

O silêncio caiu sobre a mesa com suas palavras. Seu pai olhou para ela, erguendo uma sobrancelha. Ela esperou que ele repreendesse ela ou o homem. Ele apenas se virou, envolvendo os outros de volta à conversa, como se um cara dez anos mais velho que ela não tentara molestá-la debaixo da mesa.

Morana jogou a mão do homem para longe de si mesma com nojo. Ela se recostou na cadeira, respirando fundo e controlada, a raiva invadindo seus ossos.

"Outfit está aqui."

As palavras de um dos homens de meia idade à mesa romperam sua névoa carmesim.

O pai dela assentiu. "Eu sei. A segurança está no lugar."

Na sugestão, pela primeira vez, Morana olhou ao redor do restaurante para perceber que seu pai estava certo. O lugar, todo o lugar, estava cheio de segurança. Tanto deles como da Outfit. Homens vestidos à paisana estavam alertas às mesas, armas escondidas, mas óbvias, contra a roupa, a ameaça de uma explosão pairando violentamente no ar. Os

civis, aparentemente cientes do que estava acontecendo, estavam tensos e terminando as refeições o mais rápido possível. A equipe andava pisando em ovos e o nervosismo pingava de cada bandeja.

Morana deixou os olhos vaguear e absorver tudo, tentando localizar a mesa da Outfit, mas incapaz de ver os dois homens que reconheceria em qualquer lugar do restaurante.

Mas sua nuca formigou.

Ela podia sentir os olhos nela.

Os olhos dele.

Olhos Famintos.

Sua respiração engatou. Ela não sabia como sabia que era ele. Ela não queria pensar em como sabia que era ele. Mas ela sabia. Era o mesmo olhar que ela tinha visto em seu território. O mesmo olhar que ela podia sentir no dela.

Pegando a taça de vinho, ela deixou os olhos vagarem secretamente pelo espaço novamente, tentando fixar onde ele estava sentado. Ela não podia, o que significava que a mesa deles estava atrás dela.

Ela não se virou. Virar significaria reconhecer não apenas ele, mas Outfit, e com o pai se comportando como estava, ela permaneceu em posição.

Mas ela sentiu aqueles olhos acariciarem cada centímetro de suas costas expostas, sentiu sua nuca formigar quando seu corpo vibrou com a sensação, imaginando-o sentado em algum lugar, devorando-a com aqueles olhos azuis. Ele estaria de terno, como os que ela o viu. Um terno que escondia suas cicatrizes e tatuagens e realçava seus músculos. Morana engoliu em seco, mantendo os olhos baixos, todo o corpo correndo com o calor só de pensar nele.

Ela não deveria estar pensando nele.

Mas Deus a ajude, ela não conseguia parar.

Fechando os olhos, inalando suavemente, ela rapidamente colocou o telefone no colo e abriu uma janela, digitando uma mensagem, a mão pairando no botão 'enviar'.

Ele podia vê-la. Ele a *estava* vendo. E ela estava em desvantagem. Assentindo, seguindo esse pensamento, ela apertou 'enviar'.

Seu coração começou a bater forte, a indecisão em conflito com a coragem, incapaz de entender por que ela lhe enviou essa mensagem.

Pare de encarar.

Sua caixa de entrada brilhava com uma nova mensagem. Com o coração batendo forte, Morana pressionou.

Tristan Caine: *Não.*

Não. Apenas não? Quão eloquente.

Eu: *Seu funeral. Meu pai pode ver e matar você.*

Uma mensagem voltou quase imediatamente.

Tristan Caine: *Eu duvido muito.*

Eu: *E por que isso?*

Tristan Caine: *Ele mal levantou um dedo para o pau tocando em você. Ele não vai me matar por encarar.*

Morana sentiu o rosto corar, a raiva de humilhação tomou conta dela, raiva que se transformou em fúria ao perceber a verdade nessa afirmação. Ela era apenas uma propriedade que um homem podia tocar e outros podiam

vigiar seu pai. Seu corpo quase tremia, mas ela rangeu os dentes.

Eu: *Ele é um convidado. Você não é.*

Houve uma pausa antes que a resposta chegasse.

Tristan Caine: *Então ele pode tocar você e eu não?*

O coração dela parou. Antes de bater com uma vingança. Ele nunca tinha falado com ela assim.

Eu: *Essa conversa acabou.*

Ela travou o telefone. E desbloqueou novamente.

Nova mensagem. Ela engoliu em seco.

Tristan Caine: *Frangote.*

Morana parou, piscando na tela por um segundo antes que a raiva a infundisse novamente. Frangote? Quem diabos ele pensa que é? Ele estava claramente a provocando, e ela seria condenada se caísse.

Antes que ela pudesse bloquear o telefone, ele estava digitando novamente.

Tristan Caine: *Eu te desafio.*

Não. Não morda a isca, Morana continuou repetindo.

Eu: *Para fazer o quê?*

Longa pausa. Coração trovejando, ela esperou, cuidadosa para não parecer muito absorta.

Tristan Caine: *Para mostrar a ele metade da gata selvagem que você é.*

Morana bloqueou o telefone. Ela não ia morder a isca. Ela absolutamente não ia cair nessa. Ela era uma mulher adulta e não uma criança pequena. Havia homens com armas

prontas para chover balas em todos e ela não podia desencadear isso.

Mas ela podia sentir aquele olhar nas costas, zunindo por sua pele.

Ela não ia morder a isca. Ela não ia morder a isca. Ela não ia morder a isca.

E o idiota agarrou sua coxa novamente.

Tudo o que ela estava sentindo o dia todo, toda a confusão, raiva, frustração, calor – tudo se misturava. Seus dedos estavam em volta da mão do homem antes que ela percebesse, e ela puxou seu pulso com força, não o suficiente para quebrar um osso, mas o suficiente para causar uma entorse séria.

"Sua puta!"

Ele gritou alto, apoiando a mão no peito, o rosto bonito contorcido em agonia enquanto o restaurante inteiro ficou em silêncio. Morana sentiu vários olhos nela, sentiu algumas armas apontadas para ela. Ela ignorou todos eles, levantando-se da mesa.

"Morana", seu pai resmungou, sua voz dura.

"Eu o avisei para manter as mãos afastadas", ela disse em voz alta, cada centímetro de seu corpo ciente da tensão crescente. "Ele recusou."

A tensão aumentou. Ninguém falou.

"Ela é esquentadinha, Gabriel", um dos homens na mesa piou, seus olhos rastejando sobre a pele exposta. "Eu não me importaria de me queimar."

"Você é bem-vindo para morrer," Morana cuspiu de volta para ele.

O pai dela não se dirigiu ao homem, mas a ela. "Vá se refrescar."

Nojo estampado em todo o rosto, ela pegou a bolsa e se virou para o corredor que levava aos banheiros, não poupando a ninguém um único olhar, seu corpo tremendo de raiva.

Ela quase virou o corredor quando seus olhos se encontraram com os dele.

Seu passo diminuiu, quando ela o levou, aquele terno escuro e a gola aberta que ele sempre usava antes que seu desgosto com toda a população masculina a enchesse. Os olhos dele a observavam, completamente sem expressão. No momento em que ela deixou seu desgosto aparecer, seus olhos brilharam com algo. Ela se virou antes que pudesse ficar e entender o quê.

Entrando no banheiro, ela colocou as mãos no balcão de granito limpo, observando-se no espelho, os cubículos do outro lado vazios.

O que ela estava fazendo lá? No restaurante, na vida dela? Por que ela estava fazendo alguma coisa? Seu pai não

se importava nem um pouco com ela. Ninguém se importava. E isso a deixou com raiva.

Ela estava com raiva porque um homem estranho a agarrou na frente do pai e ele não disse uma palavra. Ela estava com raiva porque havia enviado uma mensagem para o homem que odiava e ele a instigou a agir em vez de qualquer outra pessoa. Ela estava com raiva porque havia deixado a parede de vidro e a noite chuvosa e ainda assim algo dentro dela se recusava completamente a deixá-la.

Ela estava com *raiva.*

E ela podia ver. No rosto corado, no corpo trêmulo, na pele quente.

Ela estava brava. Deus, ela estava com tanta raiva.

A porta do banheiro se abriu e Morana olhou para baixo, escondendo os olhos de quem havia entrado. A última coisa que ela queria era um bate-papo casual com uma mulher sem noção.

Ela lavou as mãos e pressionou a água fria nas bochechas, esperando algum som atrás dela enquanto a outra mulher se movia. Não havia som.

Acalmando, seu corpo alerta, ela olhou para cima devagar, para encontrar seus olhos enredados em azuis, olhos azuis.

Ele estava lá, no banheiro feminino, em um restaurante cheio de homens e mulheres de suas famílias e armas e pistolas prontas para serem disparadas. Ele era *louco?*

Morana girou sobre os saltos, dirigindo-se para a porta, a raiva dentro dela acendendo apenas para encontrá-lo bloqueando seu caminho.

"Saia do meu caminho", ela cuspiu, sem humor para lidar com ele.

"Então você pode sair para seu pai e esse idiota?", ele provocou, sua voz lavando sobre ela de uma maneira que ela não queria completamente naquele momento.

Cerrando os dentes, ela tentou contorná-lo, apenas para falhar. A raiva fervia.

"Saia. Fora. Do. Meu. Caminho.", ela enunciou, cada palavra dura, seu tom frígido.

Ele não se mexeu.

E ela *deixou sair.*

Os dedos dela rodearam seu pescoço antes que ela pudesse piscar, e ela bateu seu corpo inteiro no dele. Ele deu um passo para trás contra a porta, não por causa de sua força (ela sabia o suficiente para não se enganar com isso), mas porque ele queria. Seus olhos brilharam nos dela quando ele inclinou a cabeça, indiferente ao fato de que ela pudesse estrangulá-lo. Seus dedos flexionaram os músculos tensos,

quentes, e a vontade de deixar escapar toda a raiva, por algum motivo, agrediu-a. Porque qualquer que fosse o motivo, ele era honesto sobre seu ódio por ela. Ela apreciou essa honestidade. Ela precisava dessa honestidade.

Mas ela estava no limite. No limite, ela não sabia que andava. Ela estava na ponta dos pés agora.

"Eu pedi uma coisa simples", ela resmungou, a boca tremendo. "Eu disse para você ficar longe de mim. Você concordou. Você me deu sua palavra. Então, por que eu te encontro em todos os lugares que eu viro? Estou avisando, agora, não vou dar a mínima para os códigos. Todos vocês podem morrer por tudo que eu me importo. Você. Fique. Longe. De. Mim. Porra."

Antes que ela pudesse piscar, sua frente estava pressionada contra a porta, a mão que estava no pescoço dele torceu atrás de suas costas com firmeza, mas não dolorosamente, a outra palma pressionada contra a madeira quando ele pressionou suas costas, suas costas completamente nua. os botões de sua camisa esfregando contra a linha exposta de sua coluna a cada respiração que eles davam. Um aroma amadeirado e almiscarado que ela conhecia era envolto ao seu redor enquanto a outra mão pressionava a madeira ao lado da dela. Seu corpo tremia quando ela virou o rosto de lado, a testa roçando o queixo dele enquanto ele se inclinava, os lábios contra a orelha dela.

Seu coração trovejou no peito, o sangue batendo forte nos ouvidos. O calor infundiu seu corpo, o cheiro, a sensação, as sensações inebriantes.

"Entenda uma coisa, agora, Srta. Vitalio", ele murmurou contra a concha de sua orelha, aquela voz – aquela voz de uísque e pecado – rolando pela espinha em ondas, espalhando-se por todo o corpo, acumulando-se abaixo da barriga dela. A sensação daqueles lábios fez seu peito se encolher contra a porta de madeira. A porta de madeira que era a única barreira entre eles e um restaurante cheio de pessoas, incluindo o pai, que não hesitaria em matar nenhum deles.

Esse conhecimento enviou outra emoção através dela. O conhecimento de que, por algum motivo, esse homem a fazia se sentir uma mulher perigosa; esse conhecimento de que, por algum motivo, ela sabia que esse homem não deixaria mais ninguém a matar. E ela ficou lá dentro com ele pressionado contra ela, nem um pingo de remorso por trair o pai. A emoção era tudo o que havia.

"Eu vou ficar longe quando eu quiser", ele sussurrou. "Não porque você ou qualquer outra pessoa me diga. Mas eu nunca forcei uma mulher e não vou agora."

Morana mordeu o lábio, percebendo que ele não a estava tocando em lugar nenhum, exceto onde a mão dela estava atrás das costas. Ele não a estava tocando, e ela sentiu fogo.

"Temos sido honestos até agora, senhorita Vitalio", ele murmurou. "Vou ser sincero agora. Eu te desprezo, mas quero você. Foda-se, eu quero. E eu quero você fora do meu sistema."

A maneira bruta que ele falou fez suas respirações se agitarem mais rapidamente. Ele continuou.

"Os homens do seu pai estão do lado de fora desta porta neste exato momento. Você quer que eu vá embora? Apenas diga a palavra."

Morana parou, a cabeça voltada para a madeira, a respiração rápida no espaço confinado.

"Você precisa tomar uma decisão."

Puta merda. Como ela deveria tomar uma decisão com o cérebro frito? Deus, ela o queria. Ela fez sexo uma vez, com Jackson, principalmente por rebeldia, mas não tinha sido algo que ela quis repetir tão cedo. Não havia nem um quarto do calor apenas olhando fixamente para este homem. Ela nunca se sentiu tão inebriante, tão carnal, tão, completamente devassa em sua própria luxúria.

E esse foi o cerne de todo o problema. Ela o odiava, tudo o que ele tinha feito e cada palavra que ele tinha dito. Ela queria matá-lo um dia. Mas o corpo dela o queria. E ela o queria fora de seu sistema. Só uma vez.

O pai dela estava lá fora. Seus homens estavam do lado de fora. Outfit estava do lado de fora.

Tristan Caine estava lá dentro. Atrás dela.

Ela o queria dentro dela.

Morana fechou os olhos, erguendo a mão livre para o canto superior da porta de madeira.

E ela trancou.

Decisão tomada.



Silenciando

Respirações.

Ela podia ouvir as respirações dele, bem no pescoço, soprando suavemente sobre a orelha, aquecendo a pele que lavava. O pescoço dela formigou. O sangue correu sobre o local, acendendo-o com uma chama que ela não estava familiarizada, a expiração dele aquecendo cada vez mais, através daquela extensão de pele. Seu coração gaguejou, seus dedos pressionando com mais força a madeira, seu braço preso querendo se contorcer. Ela mal conteve o desejo, parada, exceto por seus seios pesados, seus dedos formigando com a necessidade de toque, sensação, fome de contato com a carne masculina quente que ela podia sentir atrás dela, não pressionando nela, mas tão, tão presente.

Ela virou o rosto para ele.

Respirações.

Um aroma de uísque e chocolate, misturado de um jeito inebriante que ela queria provar na boca. Os olhos dela se voltaram para os lábios dele, traçando-os com o olhar, vendo a plenitude madura disso, fazendo seus dentes quererem

afundar neles, testar sua suavidade, maciez. Os olhos dela foram para a cicatriz no canto do lábio dele, espreitando por baixo da nuca dele, deixando sua língua pesada, querendo lamber, provar, sentir. O olhar dela permaneceu em torno de sua boca, imaginando se isso arranharia sua pele, coçaria ou talvez queimasse, deixando as marcas de seu devorador para o mundo ver, pele vermelha e rosa queimando com a lembrança de sua fome.

O mundo definitivamente não podia ver.

E nem ela mais tarde.

Não. Ela o queria, mas ela o queria fora de seu sistema mais. Era uma coisa única, e ela nunca queria absolutamente nenhuma lembrança disso. Nem uma vez que a porta se abrisse e ela saísse em seus calcanhares. Ela queria obter seus códigos e dar o fora desta vida. Ela queria que isso fosse apenas uma lembrança emocionante de seu passado. Nada mais.

Levantando os olhos, ela trancou o olhar com aqueles olhos magníficos, o azul escurecido até uma borda do lado de fora, dizendo que ele estava falando sério sobre isso, sem fingir nada. Ele estava excitado, muito excitado. Sua respiração era pesada, profunda e controlada, mas seus olhos ardiam com uma luxúria e ódio tão intensos, esse ódio familiar que ela nem sequer piscava mais.

"Mantenha sua boca longe de mim", ela disse em voz baixa.

Seu rosto permaneceu completamente passivo, apenas uma sobrancelha irritante subindo. "Eu não tinha intenção de trazer minha boca para qualquer lugar perto de você."

Morana rangeu os dentes, a raiva residual queimando profundamente em sua barriga. Ela não sabia por que aquilo a ofendia, já que ela havia sugerido, dado que queria, mas estava ofendida e isso a deixou mais irritada. Isso era apenas uma foda rápida. Não havia sentido em complicar isso.

"Apenas seu pau então", ela disse a ele de forma grosseira, descaradamente, seu corpo queimando com fúria e desejo, misturando-se de uma maneira que ela não sabia mais qual era qual.

Ele soltou a mão dela, estreitando os olhos levemente, mas não se mexeu. "Quanta experiência você tem?"

A questão alimentou o fogo ainda mais. Se ele pensava que ela lhe diria algo sobre sua história sexual, ele estava mais iludido do que ela pensava. As mãos dela se fecharam ao lado dela antes que ela percebesse, a coluna se endireitando.

"Quanto você quer levar um soco?", ela rosnou, sua voz quase baixa o suficiente para não ser ouvida do lado de fora da porta.

Ele não disse uma palavra, aquela amálgama de luxúria e ódio brilhava em seus olhos, a cabeça inclinada para um

lado enquanto mantinha os olhos nos dela, seu rosto completamente sem graça de qualquer expressão.

Morana esperou, por uma palavra, por um movimento, por um hálito errado para derrubá-la e matá-lo. Ela estava tão perto.

Ele não fez nada. Não é uma coisa.

Apenas a observou com olhos estreitados.

E isso a derrubou.

"Vá se foder", ela cuspiu e virou-se para a porta, para abri-la e sair, a humilhação agitando seu estômago na cauda de todo o resto. Ela estava tremendo. Tremendo. Tremendo como se seu corpo não pudesse conter mais nada, como se ela fosse uma bomba correndo para o seu destino, pronta para derrubar tudo e todos ao seu redor. Oh, se ela era uma bomba, ela queria explodir e derrubar esse imbecil primeiro. Ou talvez o pai dela. E o idiota à mesa. Era uma linha enlouquecida. E não era essa a sua vida alegre.

Ela quase se virou para a porta quando, em uma fração de segundo, aconteceu.

As mãos dele agarraram sua cintura antes que ela desse um passo, pegando-a com um tipo de força que nunca experimentara, fazendo seu coração cair de joelhos. Ela mal conteve um grito com o movimento repentino, mas quando seus pés estavam fora do chão, ele a moveu como se ela não

pesasse nada além de uma almofada e a colocou no balcão de granito na frente do espelho.

O granito frio atingiu a pele superaquecida da bunda de repente, fazendo-a sibilar, o balcão duro contra sua deposição não tão gentil.

O vestido dela se amontoou contra as coxas no movimento, o granito frio contra a carne exposta a fazendo tremer. As mãos dele deixaram a cintura dela e, quando o fizeram, ela colocou as mãos sobre o balcão, um pouco atrás dela, para manter a posição sentada e o equilíbrio. A ação fez seus seios empurrarem para fora, as pernas ligeiramente abertas da maneira como ele a depositou, com o vestido quase acima das coxas. Ela sentiu um rubor percorrer seu rosto com a imagem devassa que ela fez, nunca se mostrando tão carnalmente a ninguém.

O olhar dela se fixou no dele, enquanto ele se afastava a dois passos dela, os olhos afiados nos dela, antes de descer lentamente pelo pescoço, pelo decote, pelos seios pesados até a parte superior das coxas, até os dedos dos pés lentamente, leitura lânguida. Seus seios ficaram mais pesados, mamilos endurecendo descaradamente, enquanto o calor acumulava ainda mais forte em sua barriga, sua respiração acelerando.

Ela fez sua própria leitura, seus olhos percorrendo o peito duro e masculino que ela sentiu pressionado contra ela tantas vezes nas luzes amarelas suaves da sala, o peito que ela tinha visto nu apenas um dia atrás, o terno cobrindo a

músculos rígidos enquanto o colarinho aberto expunha uma tira de deliciosa carne masculina que a fazia querer lambê-la, desde a linha do peitoral até a veia que corre ao lado do pescoço, até o queixo, depois a cicatriz, e a boca. Deus, por que ele não podia ser um bastardo velho, feio, barrigudo, com mau hálito e cheiro pior, olhos assustadores e voz estridente? Mas ele não era. Ele era quem ele era, e ela se deixou vê-lo, seus olhos flutuando cada vez mais abaixo da cintura dele.

E sua respiração engatou.

A frente de suas calças esvoaçava, sem vergonha e sem remorso, estendendo o tecido em grande estilo. Grande. Maior que Jackson. Muito maior.

E ela sentiu um frisson de medo esfriar a luxúria. Foda-se, no que ela se meteu? Ela nunca fez sexo assim, ela era inexperiente e ele era grande, e a odiava.

Os olhos dela voaram para colidir com os dele, dúvidas a enchendo.

Antes que ela pudesse piscar, ele fechou a brecha entre eles, as mãos indo diretamente para as coxas dela, separando-as enquanto ele pisava entre as pernas dela, o rosto a centímetros do dela, os olhos ainda segurando aquela mistura de pura luxúria e ódio absoluto, mais do que o ódio apenas por ela. Era por si mesmo? Por querê-la? Porque o Senhor sabia que ela se odiava por querer isso. Querê-lo.

Os quadris dele se agarraram aos dela, seu vestido se acumulando ainda mais e sua respiração ficou presa na garganta. Ela o sentiu pressionado contra ela, bem contra seu núcleo, sua rigidez, sua ereção dura esfregando deliciosamente contra seu feixe de nervos. E ela estava molhada. Ficando mais úmida com cada fricção de seu comprimento contra ela. Nesse ritmo, ela deixaria um ponto molhado na frente da calça dele, e isso simplesmente não faria.

E então outro pensamento a atingiu.

"Você tem camisinha, certo?", ela deixou escapar antes que percebesse. Embora ela estivesse protegida, ela poderia cavalgá-lo sem camisinha, mas não confiava nele nem um centímetro e não queria que ele gozasse dentro dela.

Ele parou, a raiva queimando em seus olhos.

Ela rangeu os dentes, pressionando os dedos no granito frio. "Não pense por um segundo que você chegará a algum lugar dentro de mim sem uma."

Uma das mãos dele subiu, circulando a frente do pescoço dela como ela circulou o dele momentos atrás. Seu aperto era firme, apenas à beira de ameaçar, mas ainda não chegava ao território. Ele inclinou a cabeça para cima pressionando seu pescoço – sua mão grande e áspera quente contra seu pescoço já quente – e um arrepio percorreu sua espinha, de repente fazendo-a perceber o quão fácil seria para ele estalar seu pescoço. Ela o viu estalar o pescoço enquanto

as pessoas normais piscavam. Ele poderia matá-la, ali mesmo, no banheiro feminino de um dos restaurantes mais chiques da cidade e, dada a força dele, ela sabia que não seria capaz de detê-lo.

Sua raiva estalou.

"Você tem?", ela exigiu, mantendo o medo trancado profundamente dentro dela, nunca piscando para longe do seu olhar hipnótico.

"Você é virgem?", ele perguntou, sua voz suave, letal, uísque sobre os sentidos dela, deixando-a inebriante. E foi uma pergunta sensata. De uma vez.

"Não", ela disse, erguendo as sobrancelhas, desafiando-o a pronunciar uma palavra.

Ele não falou.

Mas ele colocou a outra mão direita entre as pernas dela sem preâmbulos, os dedos empurrando para o lado o tecido da calcinha e mergulhando direto no centro dela.

As costas dela se arquearam.

Uma corrente percorreu seu corpo, fazendo os dedos dos pés se enrolarem nos sapatos, o cheiro de sua própria excitação flutuando até ela, deixando-a ainda mais molhada. Uma das mãos dele circulando a frente do pescoço dela, a outra cavando as dobras dela habilmente, os olhos dele segurando os dela em cativeiro.

Morana percebeu naquele momento quanto controle ele estava exercendo sobre ela, quanto controle ela estava lhe dando. E com a realização veio uma onda de ódio e raiva. Seu corpo poderia traí-la, sua mente não.

Removendo uma mão do balcão, descansando o peso na outra palma, ela a colocou sobre a protuberância dele, segurando-a como se estivesse segurando seu pescoço, apertando uma vez. Seus quadris empurraram bruscamente em direção a ela, mal errando a borda do balcão enquanto seus olhos brilhavam com raiva. Ele sabia o que ela estava fazendo. Ele a deixou vulnerável. Ela fez o mesmo. Bingo.

Seus dedos nunca a penetraram, apenas continuaram circulando, evitando completamente seu ponto, apenas se afastando em torno de sua abertura, enviando correntes de prazer e uma necessidade tão profunda e absoluta através dela que ela teria implorado se fosse outra pessoa. Ela mal controlou de qualquer maneira, mordendo o lábio para impedir que o gemido da necessidade escapasse, recusando-se a dar-lhe a satisfação.

Os dedos dela apertaram o comprimento dele em resposta, e um som baixo retumbou no peito dele, mal ouvido por causa da proximidade. Se ele fosse outra pessoa, ela teria levado um momento para admirar o controle que ele tinha sobre si mesmo. Ele era grande na palma da mão, maior que a mão dela, maior do que ela podia aguentar de uma só vez, e suas paredes se apertaram com desejo, enquanto a fome de carne a consumia. Sua respiração saiu em ondas suaves

enquanto seu coração trovejava, completamente fora de seu controle agora.

E ele parou.

Removeu as mãos.

Do pescoço e das dobras.

Ela o mataria, realmente o mataria, se ele parasse agora.

Ele tirou a carteira do bolso, os dedos brilhando com a essência dela, a visão de seu próprio desejo nos dedos ásperos, a percepção de que os dedos dele estavam lá, enviando outra onda de calor incontrolável pelo corpo dela. Nesse ritmo, ela entraria em combustão antes que ele chegasse dentro dela.

Ele tirou uma camisinha, rasgando a embalagem com os dentes. Morana não olhou para baixo quando ele abriu as calças. Ele também não.

E, de repente, antes que ela pudesse respirar novamente, a mão dele voltou para o pescoço dela, desta vez a nuca dela como na cobertura, a outra no granito ao lado da dela.

Ela sentiu a ponta de sua ereção roçar contra seu clitóris, e sua respiração acelerou, a percepção de que ela estava fazendo isso, com ele de todas as pessoas, emocionando uma parte profundamente enraizada dela. Ela

queria isso. Ela odiava e estava brava consigo mesma por isso. Mas ela precisava disso.

Ela precisava dele contra ela e fazê-la explodir, não como uma bomba, mas como uma mulher, tão, tão mal. Deus, ela precisava gritar seus pulmões quando ele a fodesse como seus olhos prometeram toda vez que ele olhou para ela, como eles prometeram desde que se conheceram. Ela precisava se sentir devassa, sexuada. E ela odiava isso. Odiava essa necessidade. Odiava-o por fazê-la precisar como um maníaco desesperado.

Um rápido batimento cardíaco passou.

E, de repente, ele empurrou para dentro, enterrando-se ao máximo em um golpe.

Um grito saiu de sua boca antes que ela pudesse detê-lo, a sensação de queimação, sua própria umidade o lubrificando, seu grande tamanho subindo em suas profundezas naquele único golpe, fazendo-a prender a respiração, seu coração batendo enquanto a pressão de sua presença a enchia. Ele se afastou antes que ela o sentisse completamente, batendo de volta, com *força*, sem esperar por outra respiração. Desta vez, ela mordeu o lábio, duro, contendo seu grito de prazer enquanto sensações assaltavam cada centímetro de sua pele, o fogo subindo dentro de seu corpo enquanto seus seios saltavam uma vez de seu impulso forte.

Ele se afastou antes que ela se acostumasse ao tamanho dele, dobrando o queixo no peito, escondendo o rosto dela.

Ela deliberadamente fechou os olhos, não querendo se lembrar do rosto dele quando ele sentiu cada centímetro de suas paredes apertando-o como estavam, seu corpo incapaz de esconder qualquer reação dele. Ela não queria ver o triunfo exultante ou o sorriso ou, pior ainda, o prazer genuíno. Ela não queria ver nada além de estrelas atrás das pálpebras quando ele a separou.

Ele puxou para fora, voltou novamente.

Correntes viajavam para cima e para baixo em seu corpo, suas respirações cada vez mais rápidas, seu coração batendo cada vez mais selvagem, o cheiro de sexo e seu perfume amadeirado enchendo o banheiro rapidamente. Ela ficou cada vez mais molhada com cada impulso, mais úmida do que jamais esteve antes, mais úmida do que deveria, mal contendo seus gemidos de pura felicidade, seu corpo entrando em um estado de nirvana.

Os sons de suas respirações rápidas e mal contidas encheram o local. Seu sangue batia alto nos ouvidos. Suas mãos doíam por serem pressionadas com tanta força contra o granito. As costas dela se arquearam quando a coluna se curvou, as pernas subindo mais nos quadris dele para obter um ângulo melhor quando ele entrou no ritmo dos movimentos, rápido, rápido, duro, com a mão na parte de trás do pescoço dela, o único outro lugar que ele tocou dela.

E então outro som penetrou seu desejo induzido pela luxúria.

Uma batida.

Porra.

Os olhos dela se abriram, voando em direção à porta quando ele parou, virando o pescoço para a porta também, sua ereção completamente imóvel dentro dela pela primeira vez, pulsando como um fio elétrico com um pulso. Suas paredes se apertaram firmemente ao redor dele quando o sentiu enchendo-a completamente mais do que jamais havia sido preenchida, tão apertado que ela se sentiu como uma bainha personalizada em torno de sua lâmina.

A batida veio novamente, fazendo-a piscar, fazendo-a perceber onde estava - em um restaurante cheio de pessoas com armas, homens da máfia e seu pai, seus inimigos, apenas uma porta do lado de fora.

Alguém na verdade estava a alguns metros de distância, apenas separado deles por uma fina porta de madeira. E ela estava sentada em um balcão, fodida, com Tristan Caine pulsando dentro dela.

Foda-se.

“Srta. Vitalio?”, a voz de um homem penetrou em sua consciência, fazendo seus olhos se arregalarem levemente na porta. "Seu pai pediu para você sair."

Oh senhor.

Ela estava perto.

Tão perto.

A porta também estava perto.

Ah...

Ela viu Tristan Caine virar o rosto para ela, o rosto vazio, as sobrancelhas erguidas. Ninguém o vendo acreditaria que ele estava em um banheiro, enterrando até as bolas profundamente dentro dela, ficando mais duro a cada momento. O que o homem comeu seriamente?

Os olhos dela se encontraram com os dele, e ele inclinou a cabeça para a porta, dizendo-lhe para responder silenciosamente.

Ela respirou fundo, uma ação que causou um espasmo em suas paredes internas ao redor dele, atingindo sua espinha.

E Tristan Caine saiu de repente, empurrando com a mesma força.

Porra...!

Sua boca se abriu instintivamente para gritar alto com a súbita movimentação, e a outra mão dele bateu sobre ela, abafando o som. Os olhos dela se arregalaram nos dele, *atordoados.*

Ele tinha acabado de tapar a sua boca? *Realmente tapar* sua boca?

O homem de seu pai estava do lado de fora da porta, esperando. Do lado de fora da porta. Esse homem era louco?

Como se em resposta, ele bateu seus quadris bruscamente nela, o ângulo atingindo um ponto dentro dela que fez seus olhos revirarem em sua cabeça, enquanto os sons tentavam escapar dela, abafados contra sua mão grande. Seu ritmo aumentou repentinamente, tornando-se mais rápido do que tinha sido, tornando-se mais rápido do que ela pensara que um homem poderia se mover, tornando-se tão rápido que ele estava dentro e fora dela antes que ela pudesse respirar.

Se ela foi incoerente antes, estava apenas lúcida agora. A fricção, a pressão dos quadris dele penetrando nos dela, a pura emoção de ser fodida enquanto o homem de seu pai estava do lado de fora da porta, a boca coberta e o pescoço preso a queimavam.

As mãos dela estavam se afastando do balcão de granito e segurando os ombros dele antes que ela pudesse se conter, as unhas cravando nos músculos fortes e duros dele, enquanto a mão no pescoço dela segurava seu peso, como na cobertura, a força absoluta. em seu corpo, fazendo-a tentar flexionar os quadris e acompanhar o ritmo dele. Mas ela não podia. Ele se moveu tão rápido, tão rápido, que ela estava presa no local, deixando-o entrar e sair e entrar e sair dela

sem fazer nada, exceto respirar, suas paredes se apertando e se abrindo em um ritmo que não combinava com seus quadris ardentes.

Era básico, primitivo, carnal.

Quente, selvagem, insano.

Mas estava fazendo-a gritar contra a mão dele e ver estrelas atrás das pálpebras fechadas.

Seus mamilos doíam, raspando contra o tecido do vestido, precisando tanto de toque. Ela queria agarrar as mãos dele e empurrá-las nos seios. Ela queria puxar o vestido para baixo, abaixar sua cabeça e fazê-lo chupar seus mamilos doloridos. Ela queria sentir o chicote na língua dele contra seus seios famintos, sentir o ruído da língua dele, sentir a umidade da boca dele enquanto os quadris dele se moviam contra os dela como uma máquina.

Mas ela não podia. Ela enfiou os dedos na carne dele.

Deus, ela o odiava. Mas ele era bom nisso. Muito bom.

A batida veio novamente.

A consciência deslizou por sua espinha enquanto ela a curvava, seus seios subindo e descendo rapidamente enquanto uma gota de suor escorria pelo seu decote, as mãos apertando os ombros dele, as flexões dele no pescoço.

E então, de repente ele dobrou os joelhos, empurrando para cima, e sua mente ficou em branco. *Em branco,* sentindo

a força daquele impulso nos ossos. Seus dentes cerraram, o calor em sua barriga enrolando cada vez mais e mais e mais. Ele a penetrou repetidamente, e os dedos dos pés cantaram com o repentino rugido de calor, subindo e subindo as pernas e a espinha até onde ele segurava o pescoço dela, começando de onde ele penetrava e penetrava e terminava onde sua mão repousava, a bobina enrolando e ondulando e ondulando, mesmo quando o calor se espalhou por seus membros.

E, de repente, com mais um impulso, seu corpo bloqueado, tudo explodiu, atrás das pálpebras em puro preto, dentro de seu corpo com um fogo consumidor que ela nunca havia sentido, fora de sua pele em um aperto de músculos enquanto seu pescoço se inclinava para trás, seus quadris se levantando do balcão do poder de seu orgasmo, sua boca se abrindo em um grito silencioso por uma fração de segundo sob a palma da mão. Seus quadris continuavam se movendo, entrando e saindo e entrando e saindo, atingindo aquele local de novo e de novo e de novo.

Era demais. Ela tentou balançar a cabeça, seu corpo gritando em êxtase, mas as mãos dele não a deixaram se mover.

Ele continuou movendo.

Ela continuou explodindo.

E ela mordeu a mão dele antes que percebesse, tentando encontrar algo das intensas correntes de prazer zapeando todos os sentidos, fazendo-a gemer e gemer e choramingar na

garganta enquanto ela mordeu e mordeu e mordeu a mão dele, tirando sangue.

A batida veio novamente.

O gosto de cobre e ferrugem encheu sua boca. Ele não retirou a mão. Ela não removeu os dentes.

E ele empurrou, uma última vez, antes de se acalmar, expandindo-se dentro dela antes de flexionar os quadris em reflexo, explodindo em seu próprio orgasmo, as paredes dela tremendo ao redor dele em tremores secundários atordoados. Seus pequenos e leves impulsos despertaram mais deles, ordenhando-a enquanto ela o ordenhava por tudo o que valia, sua mão apertada em seu pescoço, um som baixo e estridente, o único som dele. A respiração dele estava rápida, curta e superficial, como as investidas, as dela combinando com as dele.

Ela terminou. *Tão terminada.*

Ela não conseguia sentir seus membros. Não conseguia sentir o rosto dela. Não conseguia nem sentir os dentes.

Ela nunca sentiu isso.

Seus olhos permaneceram fechados, sua respiração se movendo rapidamente através dela, sentindo-o amolecer dentro dela lentamente.

"Morana?", a voz do pai invadiu seu cérebro frito.

Como gelo.

"Pare de agir como uma criança e saia", ordenou o pai do outro lado da porta. "Você está aí há muito tempo."

Morana rangeu os dentes quando Tristan Caine se afastou dela, o movimento quase a fazendo querer gemer. Ele tirou as mãos dela, com o rosto voltado para a porta enquanto tirava a camisinha e se enfiava nas calças novamente, de costas para ela. Morana ficou sentada no balcão por um segundo, reunindo o juízo, antes de descer. Suas pernas tremiam nos saltos. Os joelhos estavam fracos, as coxas queimando e o centro dolorido, machucado, usado. Verdadeiramente fodida.

Ela se endireitou, virando-se para o espelho e mal conteve um suspiro. Nem um único cabelo estava fora de lugar nela. Não há marcas de mãos em volta do pescoço. Exceto pelo vestido amontoado e a pele corada, não havia sinal de que ela estivesse envolvida em algo físico, nem mesmo uma corrida e muito menos sexo.

Piscando os olhos brilhantes e arregalados, ela ajeitou o vestido, pressionando os vincos até que caísse sobre seu corpo como deveria, como deveria ser a noite inteira. Ela respirou fundo, deixando a pele descansar um pouco até que apenas um leve tremor na espinha exposta fosse qualquer indicação de inquietação.

Ela ficou ciente dele um segundo depois de se recompor, seus olhos voando para os dele no espelho, levando-o para dentro. Como ela, não havia nada nele indicativo do que

fizeram. Ela engoliu em seco. E provou o cobre e a ferrugem residuais.

Os olhos dela se voltaram para a mão onde ela o havia mordido, o choque enchendo seu sistema quando ela percebeu que era a mesma mão que ele cortara com a faca na casa dela. A mão estava curando. Seus dentes haviam causado algum dano.

Ela reprimiu o pedido de desculpas automático que chegou aos lábios e apertou-os, fortalecendo a coluna.

"Senhorita Vitalio", a voz do tonto veio em voz alta. "Seu pai exige que você volte para a mesa."

Sim, bem. Ele poderia se enfiar na bunda dele.

Ela não respondeu, mas se virou para encarar Tristan Caine, deliberadamente mantendo o rosto em branco.

"Não é tão experiente quanto você queria que eu acreditasse, Srta. Vitalio", ele disse baixinho, tão baixinho que ela mal o ouviu.

Mas ela fez. E a raiva que desapareceu após a explosão retornou, não apenas para ele, mas para si mesma. Ela o deixou jogá-la em um balcão de banheiro, pelo amor de Deus. Um balcão de *banheiro*. Ela o deixou levá-la com força, rápido e com pressa. Ela o deixou tapar a boca e abafar os sons enquanto o homem do pai estava do lado de fora da porta, em um lugar onde o pai estava jantando junto com tantos

inimigos. Ela o deixou fazê-la gozar tanto que seus dentes cerraram.

E ela gostou. Ela queria isso. Cada. Único. Segundo. Cada. Único. Impulso. Ela queria, e não queria que ele parasse. Se sua boca não estivesse coberta, ela estaria gritando. Se ele não tivesse coberto a boca, ela teria gritado por ele. E ele nem a tocou. Suas roupas ficaram completamente no lugar. Ela não queria tocá-lo.

Bom Deus, o que ela estava pensando?

Uma vez.

Apenas uma vez.

Isso terminou. Completamente. Ela queria ir embora. Ela queria que ele fosse embora. Ela não queria um único lembrete da depravação de sua própria carne. Isso foi uma bagunça, mais bagunça do que ela pensou que seria.

Arrependimento e raiva a queimaram, junto com ódio por si mesma.

E ela viu tudo refletido em seu olhar em uma fração de segundo de clareza antes de ele mascará-lo novamente.

Ele estava se odiando também. Ele estava se arrependendo também. Ele estava com raiva também.

Boa.

A pior parte era, assim como tudo queimou em seu corpo, o desejo também, tão desatualizado quanto antes quando ela entrou na sala. Qual tinha sido o objetivo de tudo se ela não sentisse satisfação alguma?

Sem uma palavra, ela se virou para a porta e deu o primeiro passo.

E quase cedeu, o peso entre as coxas quase a derrubando de joelhos. Ela estava dolorida. Deus, ela estava *dolorida.* Um passo e ela lembrou a plenitude dele, a sensação de tê-lo dentro dela, a pura felicidade. Um passo.

Como diabos ela deveria entrar no restaurante?

Do mesmo modo que ela entrava em sua casa todos os dias.

Fortalecendo sua espinha com o pensamento sóbrio, ela passou por ele, a lembrança do prazer ressoava a cada passo, a umidade perpétua em torno de suas doloridas paredes, de alguma forma faminta por ainda mais.

A mão dele pegou o braço dela quando ela passou por ele, e ela virou a cabeça de lado, olhando para ele, erguendo as sobrancelhas silenciosamente.

"Quebre o braço dele da próxima vez", ele disse calmamente, seus olhos azuis magníficos, o poder neles fazendo seu coração bater forte.

Suas palavras afundaram.

Ela agarrou o braço para trás, um sorriso de escárnio nos lábios. "Toque-me novamente, e eu vou quebrar o seu."

"Uma vez foi mais do que suficiente, Srta. Vitalio."

Seus grilhões aumentaram. "Eu vou dizer isso para as marcas na minha cabeceira, Sr. Caine."

Sem esperar pela resposta dele, ela caminhou em direção à porta, sem se importar em como ele escaparia do banheiro feminino. Ele entrou; ele poderia sair.

Destrancando a porta, ela a abriu e encontrou dois homens esperando por ela no final do corredor.

Sem olhar para trás, onde podia sentir os olhos dele nas costas, ela caminhou em direção aos homens, com a cabeça erguida. Seu passo era firme, mesmo quando a dor entre as pernas pulsava a cada passo, lembrando-a repetidas vezes do que ela fez e deixou ser feito a ela, lembrando-a do homem com quem ela fez, lembrando-a do prazer que ela não queria sentir, mas sim, e em que grau. Cada passo. Seu núcleo palpitante se espatifou no ar, ficando mais faminto. Ela acabara de ter o orgasmo mais alucinante e sentia tudo menos saciada. O que havia de errado com ela?

Os homens começaram a andar atrás dela, suas armas escondidas sob as jaquetas, alerta de postura.

Morana entrou na área de alimentação principal, os olhos caindo na mesa da Outfit no outro canto, os olhos encontrando os de Dante. Ele sabia. Seu olhar lhe disse que

sabia exatamente o que ela fez e onde estava seu irmão de sangue. Mas ela não viu julgamento, apreensão ou pena nos olhos dele. Apenas cansaço.

Ela desviou o olhar antes que pudesse permanecer, indo em direção à mesa do pai, com o rosto livre de todas as suas emoções e turbulência.

Sem olhar para ninguém, ela sentou-se rigidamente, os lábios contraídos, as coxas apertando firmemente para manter a pulsação no mínimo. Ela sabia que o pai a observava e olhou para cima, desafiando os olhos dele. O idiota ao lado dela a encarou.

O telefone dela vibrou.

Ela quebrou o olhar e olhou para ele.

Tristan Caine: *Quantas marcas essa cabeceira de cama tem?*

O queixo dela quase caiu com a audácia dele. Como ele ousa?

Ela rapidamente digitou uma resposta, memórias – de atrito, de calor, de prazer – inundando-a com mais e mais raiva.

Eu: *Tudo que você precisa saber sobre minha cabeceira é simples.*

Tristan Caine: *Que seria?*

Eu: *Você estará nela apenas uma vez. Passei por isso. Terminado.*

Ela esperou pela resposta dele. Não veio.

Ela sentiu o olhar dele em suas costas, sua nuca arrepiar, e o déjà-vu a atingiu como um acidente de trem.

Era exatamente onde ela estava há quase uma hora atrás. Exatamente onde ela esteve. Mesmo lugar, mesmas pessoas, mesmas parcelas.

Exceto que ela havia mudado.

Ela não queria admitir, mas tinha. Algo, muito, muito pequeno, mudara infinitamente dentro de uma hora, com a aceitação de seu desejo, o trancamento da porta e a abertura das pernas para ele. Ela não queria admitir, mas tinha. E ela morreria antes de deixar alguém saber disso. Muito menos ele.

O jantar acabou finalmente, as pessoas se levantando e se virando para sair, apertando a mão do pai. Ela também se levantou, o mais alto que pôde em seus calcanhares,

ignorando a dor na barriga e no sul, uma mão segurando a bolsa e o telefone, a outra ao lado dos quadris.

O idiota virou-se para ela, pegando sua mão livre e levando-a aos lábios antes que ela pudesse piscar. Morana sentiu a pele arrepiar, ainda mais do que antes, quando ele tentava tatear sua coxa. Eram apenas os lábios dele pressionando a parte de trás dos dedos dela, um gesto que muitos homens repetiram no final de tantos jantares, e enquanto eles sempre a enojavam, isso parecia mais intenso, mais.

Ela podia sentir *o* olhar *dele* perfurando suas costas expostas, o homem que a tinha fodido minutos atrás a alguns metros de distância, o homem que ela odiava, enquanto o imbecil beijava sua mão. O olhar dele ardia nas costas, no pescoço e na coluna.

'Quebre o braço dele da próxima vez.'

O olhar se intensificou. Ela tentou puxar a mão de volta. O homem não soltou.

O pai dela olhou ao redor da sala. O olhar nunca a deixou de volta. Ele estava tentando começar uma guerra? Ele precisava desviar o olhar!

Todo o restaurante estava no limite, todo mundo em alerta, mãos pairando sobre armas, tensão aumentando cada vez mais alto enquanto os homens de seu pai se dirigiam para a porta principal.

O idiota finalmente a soltou. Ela pegou um guardanapo da mesa e limpou as mãos, insultando-o e o pai, descaradamente.

"Espero que nos encontremos novamente em breve", disse o homem.

"Claro, se você quiser outra entorse e alguns ossos quebrados", disse ela, suas palavras altas o suficiente para as pessoas enrijecerem.

O olhar dele permaneceu. Seu corpo palpitava.

Ela começou a caminhar em direção à porta com o bando, mantendo o olhar deliberadamente desviado da mesa no canto, a mesa de onde ela podia sentir o olhar dele a queimando, observando cada movimento como uma pantera observando uma corça – estática, quieta, esperando.

O telefone dela vibrou na palma da mão. Desviando os olhos, ela espiou silenciosamente enquanto os homens caminhavam.

Ela viu a mensagem e tudo veio correndo através dela - a raiva, o desejo, o ódio, o arrependimento - misturando-se em uma mistura que ela mal reconhecia mais.

Sua respiração engatou.

Seu corpo zumbia em memória nas mãos ásperas dele e nos quadris empurrando, quadris que ela ainda podia sentir nos dela, olhos azuis encarando os dela, com as mesmas

emoções espelhadas de volta pelo segundo em que a máscara rachou.

Ela viu o texto e seu estômago caiu, seu coração batendo forte.

Tristan Caine: *Aparentemente, você não está fora do meu sistema, Srta. Vitalio.*

Seu pai a deteve antes que ela o processasse, seus olhos escuros frios e gelados nos dela.

Seu estômago caiu novamente, por uma razão completamente diferente.

"O que você estava fazendo com Tristan Caine?"



CAPÍTULO 11

Caindo

Pânico.

O coração dela parou.

Por uma fração de segundo.

E então começou com uma vingança, batendo violentamente, a dor entre as pernas latejando com cada baque louco.

Mantendo o rosto limpo de todas as expressões, mantendo o corpo completamente imóvel, sem mostrar sequer o indício da fúria dentro dela, ciente dos olhos astutos do pai afiados nela por qualquer indicação de culpa, Morana levantou uma sobrancelha.

"Quem é Tristan Caine?"

A voz dela ficou firme; o interior dela tremia.

Antes que seu pai pudesse responder, a outra saída do restaurante no final da rua se abriu e Morana viu os olhos do pai se voltarem para ele. Mantendo-se firme, para não fazer nenhum movimento que pudesse denunciá-la, ela se virou

com ele e viu os homens da Outfit saírem pela porta, em direção ao outro extremo do estacionamento onde seus carros estavam parados. Quatro homens saíram em uma fila antes que Dante saísse, seu enorme corpo que era seu homônimo, atlético em seu traje. Morana o viu se virar e encarar o pai.

O pai dela assentiu uma vez, daquele modo educado de aviso reservado aos inimigos que estavam em seu território e ele não podia fazer nada sobre isso.

Dante acenou com a cabeça, todo o cansaço do passado, daquele jeito educado que deu ao pai o dedo.

Morana resistiu à vontade de sorrir ao ver como irritava o pai.

Os olhos de Dante se voltaram para ela então, por um segundo, e ele acenou para ela, da maneira que ela sempre o vira acenar para ela. Morana não acenou com a cabeça, mas ficou ali, com a percepção de que seu inimigo era mais respeitoso com ela do que o próprio pai, isso doía.

Dante saiu da porta e Tristan Caine saiu, seu corpo animalesco contido dentro desse traje, flexionando-se com os passos enquanto caminhava com outros quatro homens atrás dele. Ele parou para conversar com Dante, apresentando seu perfil a ela. Consciente de que seu pai estava bem ao lado dela, Morana desviou os olhos e fingiu checar o telefone, com o coração batendo forte em todo o corpo, do peito aos ouvidos e ao núcleo. Tudo palpitava. Ela palpitou.

E então seus olhos vieram para ela.

Novamente.

Porra.

Ela conteve um arrepio. Mal.

E então seus olhos a deixaram.

Ela prendeu a respiração e, quando não voltou, olhou para o pai, para encontrá-lo observando Tristan Caine com olhos estreitados e raivosos.

Curiosa, ela seguiu o olhar dele para o homem que estava entre as pernas dela minutos atrás e piscou surpresa.

Tristan Caine estava segurando o olhar zangado do pai sem pestanejar, uma das sobrancelhas levantadas, os lábios curvados em um pequeno sorriso de escárnio que era tão falso quanto o sotaque britânico. O que ele estava fazendo?

Ela conseguiu sua resposta um segundo depois, entendendo o jogo. Foi um jogo de dominação. E lá estava ele, afirmando seu domínio no território de seu pai, completamente imperturbável. E ela sabia, profundamente em seu intestino, que era sobre ela.

Ela nunca se sentiu tão viva e nunca desejou poder estar mais morta do que naquele momento.

"Entre no carro", seu pai cuspiu com raiva, empurrando o braço em direção ao carro. Em qualquer outro momento,

Morana teria se esquivado e discutido. Mas não naquele momento. Nesse momento, ela praticamente pulou no carro e entrou, precisando se afastar da situação que poderia explodir a qualquer momento. Sua pele chiava com a tensão pairando no ar e ela entrou no veículo sem poupá-lo um olhar.

O pai a seguiu, fechando a porta e pedindo ao motorista para se afastar.

Morana rangeu os dentes e olhou pela janela, resistindo ao desejo de cerrar os punhos enquanto o pai observava. Lentamente, seu coração se acalmou e o tremor dentro dela parou quando ela se fechou. Ela lidava com o pai por muitos e muitos anos frios. Ela lidaria com ele agora. Ignorando a dor em seu corpo, mantendo todo e qualquer pensamento e memória *dele* à distância, Morana se sentou ereta e apenas manteve os olhos no cenário fugaz - pronta, calma, recolhida.

O pai dela não disse uma palavra durante todo o percurso. Não que ela esperasse que ele fizesse. Não. Toda a frieza que ele perdeu estaria em particular, não na frente de seus homens, onde ela poderia insultá-lo novamente. Sua reputação era muito, muito mais importante que a dela.

Foi uma curta viagem do restaurante até a mansão. Demorou muito para ela saber o que estava por vir.

No minuto em que os portões da propriedade apareceram e o carro deslizou em seu lugar, Morana saiu do veículo e começou a caminhar em direção ao monstro de uma

mansão, fechada atrás de cercas altas e armas que poderiam virar contra ela a qualquer momento.

Ela quase alcançou as escadas da suíte quando a voz do pai ecoou atrás dela.

"Ele não conseguia tirar os olhos de você."

As palavras, a lembrança daquele olhar persistente em sua pele, acariciando suas costas nuas, acariciando sua carne, fizeram-na vacilar no terceiro degrau. Ela se recuperou rapidamente antes que o vacilo pudesse ser notado, e manteve a voz calma.

"Não é por isso que você me faz de boneca?", ela perguntou, seu coração endureceu ao longo de anos de decepção e mágoa.

"Ele sumiu do lugar. Você também. E então ele volta e não consegue tirar os olhos de você?"

Morana ignorou suas duras palavras que evocavam memórias físicas e ásperas e continuou subindo.

"O que você estava fazendo com Tristan Caine?"

Seu pai a seguiu, pela primeira vez em sua memória. Ele nunca veio para a suíte dela. Sempre foi convocação para ela.

Morana chegou ao patamar e virou-se para ele, cerrando os dentes, a raiva em sua voz alimentando o gelo dentro dela, as rodas em sua cabeça girando.

"Eu estava transando com ele", ela disse, as sobrancelhas levantadas em desafio.

Ela viu o braço dele subir para atingi-la, pairar no ar e cair novamente.

Seu coração batia forte, o gelo frio em seu coração infiltrando-se mais profundamente enquanto ela se mantinha firme.

"Diga a verdade", ele exigiu, sua mandíbula cerrada e os olhos enlouquecidos.

"Eu te disse", insistiu Morana, cutucando-o. "Eu estava fazendo sexo selvagem com ele no banheiro com você lá fora."

O pai dela suspirou. "Não, você não estava. Você não é esse tipo de garota. Eu te criei melhor."

Morana zombou disso. "Você não me criou de jeito nenhum." Ela era exatamente esse tipo de garota. O coração da filha nela – a jovem que nunca conquistara o amor ou a aprovação do pai – doía. Morana endureceu novamente.

O pai dela estreitou os olhos. "E o homem da motocicleta? Quem era ele então?"

Morana sorriu. "Oh, eu transei com ele também."

Tecnicamente, ela fez.

"O suficiente!", o pai dela a encarou, sua voz cortante, seu sotaque se aprofundando na raiva. "Se você acha que eu não trarei um médico para checar você, você está enganada."

Como ele ousa?

Como *ele ousa?*

O sangue dela ferveu.

"Eu te desafio", Morana rosnou, seus lábios se curvando em um sorriso de escárnio. "Se você considerar trazer um médico para me violar, eu vou atirá-lo na cabeça e em qualquer pessoa que se aproxime de mim."

"Eu te dei muita independência", ele disse, seus olhos escuros furiosos. "Demais. Está na hora de parar."

"Tente me trancar", Morana cerrou os dentes, a voz baixa e os olhos brilhando para o homem que a gerou.

O pai dela rangeu os dentes.

"Oh, eu morreria também, mas eu te levaria comigo", Morana disse a ele, indiferente à própria morte. "Mantenha seu nariz fora dos meus negócios, ou eu coloco o meu nos seus. E você não gostaria, *papai.*"

A ênfase sarcástica na palavra não podia ser desperdiçada. A ameaça que pairava no ar não podia ser desperdiçada. A raiva total e escura nos olhos de seu pai não podia ser desperdiçada.

"Você deveria ter morrido", seu pai cuspiu, as palavras como balas no peito.

O quê? O que ele estava falando? Ela não podia perguntar.

Morana virou-se para sair, mas ele agarrou seu braço com força, girando-a. "Eu não acabei!"

O movimento repentino a fez cambalear nos saltos. Antes que ela pudesse piscar, o tornozelo direito torceu e o esquerdo desequilibrou na beira do patamar, seu corpo inteiro se movendo para trás. Déjà-vu repentinamente passou por ela, quando estava tombando as escadas da cobertura e Tristan Caine agarrou seu pescoço e a impediu de cair. Seu pai estava segurando seu braço e ela impediu que seu coração batesse.

E então aconteceu em uma fração de segundo.

Naquela fração de segundo, Morana conheceu a grande diferença entre seu pai e Tristan Caine.

Seu aperto afrouxou.

Deliberadamente.

Ela recuou, arregalando os olhos.

Rolando as escadas.

Para baixo e para baixo e para baixo e para baixo até que não houvesse mais degraus para cair.

Tudo acabou em uma série de meros segundos.

Acabou antes que ela pudesse perceber que tinha começado.

E então começou.

Cada osso começou a doer. Cada articulação começou a doer. Cada músculo começou a doer.

Morana estava lá, no chão frio de mármore, tão frio quanto a casa, tão frio quanto o homem que estava no patamar, seu rosto com uma estranha reviravolta de remorso e gelo. Ela não sabia se seu corpo doía mais ou seu coração, todas aquelas esperanças despedaçadas espalhadas no chão frio ao lado dela. Mas ela sabia que, naquele momento de total traição da pior espécie, naquele momento de finalmente deixar a garotinha em que se apegara, sabia que isso era uma coisa boa. Porque ela sabia que não havia esperança agora. Não mais.

Sentando-se lentamente, Morana reprimiu um grito agudo de dor enquanto suas costelas protestavam, tirando os saltos dos pés e jogando-os para o lado.

Tão fluidamente quanto pôde, ela pegou sua bolsa no chão onde caíra com ela e se levantou com as pernas trêmulas. Seus dentes cravaram em seus lábios quando ela trancou a dor para mais tarde. Sem outra palavra, outro olhar, captando toda a sua dignidade o mais nitidamente possível, Morana deu um passo em direção à porta.

Pontadas agudas de dor subiram pelas pernas, pela espinha. Seu corpo estava fazendo-a sentir cada degraus que ela bateu. A dor entre as pernas que fora o destaque de sua noite estava enterrada sob todas as outras sensações dolorosas.

Ferida, machucada, ela saiu de casa com os pés descalços, mantendo a coluna ereta e não poupando nenhum olhar a ninguém, sua estrutura rígida gritando para ela relaxar e deixar sua pele respirar.

Ela não fez.

Ela sufocou os gemidos e deixou a pele ficar azul, com vergões irritados aparecendo por todos os braços, pernas e costas, o cascalho da entrada de automóveis cortando a pele dos pés. Mas ela continuou andando até o carro, seu único amigo nesse mundo de dor, e tirou as chaves da bolsa, agradecendo aos céus que ela sempre a mantinha com ela.

Jogando a bolsa e o telefone no banco do passageiro, ela entrou, a ação ressoava em cada osso do corpo, músculos que ela não sabia que havia machucado.

Mas ela apertou a mandíbula, mantendo todos os sons afastados, os olhos inundando com lágrimas que rolavam por suas bochechas, queimando a pele das bochechas onde o mármore havia cortado.

Puxando para fora da garagem sem dar uma olhada na casa amaldiçoada, ela dirigiu para a estrada na noite

profunda, a luz da lua banhando o caminho, árvores alinhadas em ambos os lados enquanto ela apenas dirigia e dirigia, para longe e para longe, suas lágrimas torrenciais.

Um soluço escapou de sua garganta, seguido rapidamente por outro, e outro, e outro até que se tornaram descontrolados, os barulhos altos no silêncio do carro, misturando-se com o ronronar familiar do motor.

Ela dirigiu sem pensar, tentando manter todos os pensamentos afastados, tudo dentro dela quebrando a cada soluço. Ela não sabia para onde ir. Ela não tinha amigos, ninguém que se importasse com ela, nenhum lugar para onde pudesse ir quando precisasse ficar. Ela poderia ir a um hotel, mas com as roupas desgastadas e a pele machucada, a polícia poderia se envolver e isso não poderia acontecer. Ela não podia ir a lugar algum público. Nem mesmo um hospital.

Ninguém a seguiu enquanto ela dirigia. Por que o fariam? O pai dela a deixou cair. E se ela tivesse quebrado o pescoço? E se ela tivesse morrido? Ela realmente não importava?

Foram alguns minutos de seus pensamentos severos antes de Morana perceber para onde estava indo – a cobertura.

Inconscientemente, ela dirigira o carro em direção à cobertura. Por quê? Esse era o último lugar que ela poderia ir, deveria ir. Especialmente depois da noite. Especialmente como ela estava.

E, no entanto, ela não pisou no freio.

Ela estava a dois minutos e atravessava a ponte e, mesmo sabendo que não deveria ir para lá, continuou dirigindo.

O que isso significaria? Ela estava indo para ele. Ele dissera que ela não estava fora do sistema dele e, com toda a honestidade, ele também não estava fora do sistema dela. Mas eles ainda eram quem eram e seu ódio não havia diminuído.

Lembrou-se daquelas paredes de vidro, lembrou-se daquela trégua por uma noite enquanto ele se sentava ao lado dela, um homem quase decente. Essa trégua poderia prevalecer novamente? Ela deveria pedir? Porque ela não era a melhor, nem fisicamente nem emocionalmente. E, no entanto, quando o prédio apareceu, os guardas acenaram para ela, reconhecendo-a de antes, Morana estacionou o carro e ficou em silêncio.

O cheiro reconfortante de seu carro, os sons de sua própria respiração a fizeram se acalmar um pouco.

Mas ela não deu um passo para fora.

Ela não conseguiu.

Ela queria se mover, andar, sair. Ela não conseguiu.

Limpando as lágrimas das bochechas, à medida que mais escapavam, Morana sentou-se no carro em silêncio na

área escura, o peito arfando de soluços. Sentada lá, ela se deixou chorar, ela se deixou chorar de uma maneira que nunca se permitiu fazer. Ela chorou pela garota que tinha sido, a garota que morreu depois da queda de hoje. Ela chorou pelas esperanças perdidas a que estava se agarrando, pelos sonhos perdidos de talvez. Ela chorou porque não tinha ninguém para lhe dar um ombro e abraçá-la, pois chorou porque teve que se abraçar e se segurar, no porão de seu inimigo. Ela chorou.

O som do toque do elevador a fez enxugar as lágrimas. Ela olhou para cima, alerta. Ela não queria que ninguém a visse, mesmo como parte dela queria alguém.

Engolindo em seco, ela viu Dante no terno em que ele estivera no restaurante, o telefone apoiado no ouvido, a voz baixa enquanto falava com alguém. Ele foi para um SUV preto a dois carros dela, e ela o viu imóvel enquanto ele espiava seu veículo permanecendo inocentemente no estacionamento.

"Morana?"

Merda.

Morana silenciosamente abriu o carro, repreendendo-se por não saber o quão ruim seu rosto estava com os ferimentos. Ela saiu e fechou a porta e viu os olhos de Dante a levarem, da cabeça aos pés, os olhos arregalando-se um pouco preocupados.

"Eu ligo para você", ele falou ao telefone, sua voz endurecendo como seus olhos, raiva passando por eles.

Morana lembrou-se do que Amara havia lhe dito, sobre os dois homens protegendo as mulheres. Lembrou-se de Dante oferecendo conforto quando teve que passar a noite. E lágrimas brotaram em seus olhos novamente, porque esse conforto, essa preocupação, era um estranho para ela.

Ele deu um passo em sua direção, ainda mantendo a distância educada, o rosto bonito contorcido de raiva.

"Quem fez isto?"

Isso a tocou. O fato de ele ser o inimigo e ainda assim querer ferir o culpado. Isso a tocou *profundamente.*

Morana engoliu em seco.

"Eu caí da escada", ela falou baixinho, sua voz tremendo um pouco. Ela realmente esperava que ele não perguntasse o que ela estava fazendo lá. Ela não teve uma resposta.

Ele procurou os olhos dela por um longo momento antes de suavizar os olhos. "Ficarei fora a noite toda. Você pode subir e descansar, Morana."

Morana sentiu o aperto na maçaneta da porta do carro, os lábios tremendo. Ela balançou a cabeça. "Não. Eu estou bem. Vou ficar com alguns amigos."

O fato de ele não a ter revelado a mentira óbvia, de que sua presença em todos os lugares era a indicação de que ela não tinha amigos, deu-lhe um ponto em seus livros.

Ela balançou a cabeça novamente e ele soltou. "Tristan está lá em cima."

Os olhos dela voaram para os dele, o coração batendo forte. Ela não sabia o porquê, mas sabia. A raiva a poluiu.

Por quê? Por que diabos isso importa? Por que o estômago dela estava cheio de nó? Por que ela veio aqui de todos os lugares?

"Olha", o tom gentil de Dante rompeu seus pensamentos em espiral. "Apenas deixe-me ligar para Amara. Fique na casa dela, se você não estiver confortável com a minha. Você está machucada e Amara não vai machucá-la."

Morana estava se desfazendo com sua genuína preocupação. Desvendando pouco a pouco.

Seus lábios tremiam, mas ela balançou a cabeça. Por mais tentadora que fosse a oferta, ela não podia arrastar Amara para essa bagunça, sem saber que não podia se proteger, sem conhecer sua história. Talvez seja por isso que ela veio aqui. Porque ela sabia que ele poderia se proteger, que ele havia se arrastado para a bagunça dela. De certa forma.

"Está tudo bem", ela disse, abrindo a porta do carro, pronta para sair. "Eu realmente apreciaria se você não dissesse a ninguém" – ele – "sobre isso".

Dante olhou para ela por um longo momento, antes de, de repente, mover-se em direção ao elevador privado com um alto "Foda-se!"

Morana observou, chocada, enquanto ele digitava o código e a olhava, inclinando a cabeça em direção à porta aberta.

"Vá para cima."

Morana ficou enraizada no local, atordoada.

"Morana, eu não tenho a noite toda e não posso te deixar assim", Dante disse calmamente, seus olhos suplicando. "Por favor, vá até a cobertura e descanse."

Ela era a inimiga. Ela era a mulher que seu irmão de sangue odiava por uma razão que ele conhecia.

E ainda assim...

Engolindo, ela trancou o carro e foi em direção ao elevador com as pernas doloridas, com o coração batendo forte.

Ela olhou para Dante, seus lábios tremendo. "Obrigada", ela sussurrou, significando cada sílaba do seu coração.

Dante assentiu.

Ela entrou no elevador familiar e apertou o botão. As portas se fecharam no rosto de Dante. Os espelhos a encaravam.

E Morana ofegou.

O vestido pendia dos ombros, os cabelos bagunçados em volta do rosto, as bochechas cortadas e os joelhos desgastados, a pele das mãos, pernas e ombros ficando mais azuis a cada segundo, os lábios inchados pelas próprias mordidas e os olhos inchados vermelhos de lágrimas.

Ela parecia um náufrago. Não é de admirar que Dante a tenha deixado entrar.

E Tristan Caine estava lá em cima.

E ela estava subindo.

O que diabos ela estava *fazendo?*

Os nervos a atacaram, seu peito contraído quando o pânico atingiu.

Não, não, não.

Ela não podia deixar que ele a visse assim. Ela não podia entrar no território dele, não desse jeito.

Com o coração batendo forte no peito, o telefone apertado firmemente na mão, as chaves cavando a palma da mão, Morana levantou a mão e deixou o dedo pairar sobre o botão do estacionamento, pronta para bater quando o

elevador parou. Ela ia dar as costas e voltar para o carro e ir para algum motel decadente, se fosse necessário. Mas ela estava voltando. Ela não o deixaria vê-la como...

O elevador parou, as portas se abriram.

Ele estava parado na entrada, esperando.

Morana apertou o botão rapidamente, antes que ele pudesse vê-la.

As portas começaram a fechar.

Seu coração trovejou.

Ela apertou o botão novamente.

As portas continuavam fechadas.

Quase lá.

E quando elas quase se fecharam, sua mão se inseriu no meio.

Morana mordeu o lábio sensível, o coração batendo forte, pressionando as costas contra a parede espelhada, o corpo doendo, os pulmões incapazes de respirar fundo. A dor há muito esquecida entre as pernas latejava com a proximidade do agressor, os olhos fixos na mão grande que separava as portas novamente. Ela podia ver calos nos dedos longos dele, nos cumes e linhas duras. A mão estava envolvida em um curativo desde quando ele sangrou nela, e esta noite quando ela o fez sangrar.

Seu coração acelerou ao ver aquela mão.

E então as portas se separaram.

Ela endireitou as costas, com as costelas doendo devido à ação, e ficou o mais alto que pôde, o que não significava muito para os pés descalços.

Ele apareceu. Sem camisa.

Ela engoliu em seco.

Azul.

Olhos azuis se fixando nos dela, fazendo-a prender a respiração, antes de descer as bochechas, o pescoço, os seios, as mãos e as pernas até os pés descalços. E, parado ali, quando os olhos dele a observavam, Morana percebeu a diferença absoluta entre a leitura dele no restaurante e a leitura naquele momento. Essa leitura foi aquecida, mas não com ódio. Foi aquecida com fúria. Raiva pura e absoluta que fez seus olhos brilharem enquanto percorriam cada centímetro de sua pele, antes de voltarem aos seus olhos.

Morana não sabia como isso a fazia se sentir. Ela estava tão acostumada com o outro tipo de calor dele, isso a estava deixando desconfortável, mais do que ela já estava. Ela deixou seus olhos verem os músculos nus de seu torso, os músculos que ela tinha olhado no outro dia no apartamento, a visão de suas cicatrizes e tatuagens tão chocantes quanto antes, junto com aqueles músculos magníficos sob isto. Mas foram os jeans ainda desabotoados que, combinados com ele

esperando por ela, fizeram-na perceber que ele vestiu as roupas rapidamente e correu.

A visão de seus olhos azuis e zangados a fez respirar fundo, seu corpo cheio de energia, enquanto ela estava lá.

Suas narinas dilataram, lábios apertados, e ele deu um passo para o lado enquanto segurava as portas do elevador, o silencioso convite para entrar claro.

Engolindo o nó na garganta, Morana deu alguns passos para a sala escura iluminada pelo luar lindo, a vista deslumbrante e clara da cidade e do mar, fazendo-a prender a respiração por um momento.

Ela ouviu o elevador tocar ao se fechar e parou, seu coração parando por um segundo, quando a percepção lhe ocorreu.

Eles estavam sozinhos.

Completamente sozinhos.

E ela estava na sala dele, e ele estava em algum lugar atrás dela.

O que ela deveria fazer? Ela não podia amaldiçoá-lo, não podia agradecê-lo e o limbo entre os dois impulsos a cansava.

Morana prendeu a respiração, esperando que ele se mexesse.

Ele fez. Em direção ao quarto de hóspedes.

Morana acompanhou seus movimentos com os olhos, observando seus músculos flexionarem enquanto ele movia seu corpo, seu corpo tenso, enrolado. Ela teria apreciado a beleza crua dele se seu próprio corpo não estivesse doendo, se seu próprio coração não estivesse sangrando.

Ele desapareceu no quarto por longos momentos enquanto ela ficou presa no local, sem saber o que fazer. Então, ele saiu, mantendo os olhos longe dos dela, indo em direção às escadas que levavam ao seu quarto principal.

E então, ele desapareceu em seu quarto.

Morana ouviu alguns sons, zangados, de portas se abrindo e se fechando, e foi em direção ao quarto de hóspedes em passos lentos, sem energia, com os ombros caídos.

Então, ele não era o homem mais hospitaleiro. Nada que ela já não soubesse. Mas, pelo menos, ele não a afastou. Ela não tinha certeza se teria sido capaz de suportar essa humilhação hoje à noite, além de tudo o mais.

No momento em que entrou no quarto, ela piscou. A porta do banheiro estava aberta, saindo vapor de uma banheira cheia, enquanto uma camiseta preta grande e uma calça de cordão estavam sobre uma cadeira, os lençóis da cama virados para baixo.

Morana ficou parada na porta, piscando para trás as lágrimas repentinas brotando em seus olhos, seu coração incapaz de entender o homem. Ele a odiava, ela não tinha

dúvidas. Ele reivindicou a morte dela e tentou tirá-la de seu sistema. Ele não tinha falado uma palavra para ela, nem sequer olhou para ela, e ainda assim, havia a evidência de uma gentileza que estava completamente em desacordo com tudo o que ela sabia sobre ele.

Apertando os lábios, ela pegou as roupas e foi para o banheiro convidativo, fechando a porta atrás dela, mas sem encontrar trava. Balançando a cabeça, ela olhou ao redor da sala grande, os azulejos marrons e creme uma visão reconfortante para os olhos doloridos, a banheira afundada em um bloco de granito de mogno profundo, duas toalhas ao lado. Morana tirou o vestido do corpo que caiu no chão junto com a roupa de baixo, virando-se de lado para olhar no espelho acima da pia.

Azul e roxo se cruzavam por todo o tronco, as laterais das costelas macias.

O pai dela fez isso. Sem levantar o braço, sem realmente abusar dela, ele a havia punido. E ela estava procurando refúgio com um homem como Tristan Caine. Quão bagunçada estava a vida dela?

Fechando os olhos, ela mergulhou o dedo na água morna e perfeitamente quente, antes de agarrar lentamente as bordas e se sentar na banheira.

Um gemido a deixou quando ela fez, lágrimas de prazer com o intenso alívio de ter tanto calor envolvendo seus músculos fluindo por suas bochechas. Ela se recostou na

banheira, relaxando na água, fechando os olhos e esquecendo, por um breve momento, tudo.

O telefone tocou ao seu lado.

Espreitando com um olho, ela abriu a mensagem e piscou surpresa.

Tristan Caine: *Você precisa de um médico?*

Por que ele não perguntou a ela?

Surpresa, ela digitou uma resposta.

Eu: *Não. Estarei fora de seu caminho de manhã.*

Ela esperou por uma resposta depois disso. Não veio.

Dando de ombros, sentindo-se estranhamente em conflito, mas decidindo deixar todo o pensamento para a manhã, ela ficou na banheira até a água esfriar, e então lentamente, calmamente, subiu languidamente. Seu corpo doía ainda mais e, no entanto, os nós em seus músculos estavam relaxados após o banho. Secando-se rapidamente, Morana vestiu as roupas emprestadas. A camiseta estava pendurada em seu pequeno corpo, quase até os joelhos, o

cheiro de algo almiscarado envolvendo-a enquanto ela caminhava para o quarto.

O som de vozes a atraiu para a porta fechada, vozes vindas da cozinha aberta.

"Você tem um avião para Tenebrae em uma hora, Tristan", a voz de Dante veio.

O coração de Morana afundou. Ela não sabia por que, e isso a deixou mais irritada. Por que ela se importava?

Tristan Caine ficou em silêncio. O que houve com ele?

Morana ouviu Dante suspirar. "Olha, eu teria ido, mas o pai pediu especificamente por você. Você sabe quando ele convoca..."

"Eu não sou o cachorro dele", Tristan Caine resmungou.

"Nem eu." A voz de Dante endureceu. "Mas temos pessoas inocentes para vigiar. Então, vá para Tenebrae. Eu cuidarei das coisas aqui enquanto isso."

Tristan Caine não disse uma palavra e Morana voltou para a cama confortável, deslizando nos lençóis e apagando as luzes.

O telefone dela tocou novamente.

Tristan Caine: *Quanto disso você ouviu?*

Morana engoliu em seco.

Eu: *O suficiente para saber que você está indo embora.*

Tristan Caine: *Aliviada, você está?*

Eu: *Não me incomoda de qualquer maneira.*

Houve uma pausa para um batimento cardíaco antes de outra mensagem chegar.

Tristan Caine: *Existem analgésicos na gaveta.*

Morana olhou a mensagem por um longo tempo, antes de fechar os olhos e ir dormir, sem se preocupar com o coração. Se Tristan Caine a matasse enquanto dormia, provavelmente seria uma piedade.



Foi o som de algum tipo de colisão estridente no apartamento que a acordou.

Morana sentou-se na cama de repente, todas as dores em todos os músculos voltando dez vezes quando um gemido a deixou, seus olhos piscando no escuro. Quanto tempo ela dormiu?

Ela olhou para o relógio ao lado da cama e piscou. Oito horas. Ela dormiu por oito horas seguidas.

A porta do quarto dela se abriu de repente e Tristan Caine estava ali, os olhos brilhando com tanta fúria que ela tremeu. Ele não deveria estar em Tenebrae?

"Dê-me as chaves do seu carro", ele rosnou.

Morana piscou, sua mão automaticamente indo para a bolsa antes de parar. "Por quê?", ela perguntou, um pouco desconfiada.

"Porque seu carro tem uma porra de rastreador e seu pai está nos rastreando aqui enquanto falamos."

Morana sentiu o queixo cair, antes de descer da cama, as roupas dele pendendo frouxamente nela. Os olhos dele nunca pegaram as roupas ou qualquer outra parte do corpo

dela. Ele apenas ficou lá, com todas as linhas duras e ângulos duros de um homem, com a mão estendida enquanto esperava as chaves.

Chaves do carro dela.

Engolindo, Morana pegou as chaves, seu estômago se revirando, mordendo o desejo de perguntar o que ele pretendia fazer com isso. Tristan Caine virou-se sem dizer uma palavra e entregou as chaves a Dante.

O outro homem olhou para Morana, com o rosto duro também, antes de acenar para ela e sair. Morana ficou parada na porta, demorada, sem saber o que fazer ou dizer enquanto observava Tristan Caine, em um terno escuro e afiado que abraçava seu corpo, fazendo ligações em seu telefone. Ele não olhou para ela novamente, nem uma vez, como na noite passada.

Ela ficou em silêncio por cinco minutos, um milhão de pensamentos passando por sua cabeça. Outfit poderia estar instalando um rastreador em seu carro? Eles poderiam estar explorando isso como uma oportunidade? Eles poderiam estar usando-a também?

Ela balançou a cabeça. Se a Outfit quisesse, poderia ter sido feito enquanto eles consertavam o carro dela. E Dante, ou ele, aliás, não fingiu esse ultraje ontem à noite ao ver seus ferimentos. Ela ainda podia sentir sua pele macia e machucada e dor em seu corpo. Levaria muito tempo antes que ela se curasse completamente.

Mas por que Tristan Caine não estava em Tenebrae? A última vez que ela ouviu, ele deveria estar lá.

E ela deveria sair dali – do apartamento, da vida dele. Ela já teve o bastante. Códigos, droga, ela deveria sair e ir a algum lugar muito, muito longe.

Mas ela precisava do seu carro. *Droga*.

O som do telefone dele a fez clarear seus pensamentos.

"Sim?", ele falou, duro, frio, completamente diferente do homem que a prendeu contra a porta e a propôs.

Morana respirou fundo, percebendo que também estava dolorida entre as pernas.

"Foda-se! Impeça-o. Estou a caminho."

Ele saiu antes que ela pudesse pronunciar uma palavra.

Morana piscou e foi parar ao lado da janela, olhando para baixo. Ela podia ver pequenos carros pequenos no fim da estrada. Ela viu três outros veículos saindo do prédio e alcançá-los.

"Morana", a voz de Amara veio do lado dela quando a outra mulher se juntou a ela. Morana olhou para cima, surpresa por não ter notado a mulher entrando.

"Amara", ela assentiu, observando a mulher notar seus ferimentos, seus olhos compassivos.

"Eu sinto muito."

Morana engoliu em seco, olhando pela janela.

"O que está acontecendo?", ela perguntou, curiosa e preocupada.

Amara respirou fundo. "Seu pai veio te procurar. Ele localizou seu carro aqui."

Isso a atingiu naquele momento, observando-o da parede de vidro.

Foi uma armação.

Ela era um peão e caiu exatamente com o plano.

Seu pai a estava testando, vendo para onde ela iria. Foi por isso que ele insistiu que ela deixasse o carro para jantar, porque ninguém a seguia. Deveria ter suspeitado de algo, mas sua própria dor a cegara. E ela veio direto para cá. Para Tristan Caine. Para o motociclista. Porra.

Isso a atingiu naquele momento, observando os dois lados pararem na estrada, que ela não pertencia a nenhum lado da linha. Ela não pertencia a lugar algum, nem ao pai nem, certamente, ao outro homem que era conhecido na multidão por ser o predador.

O que ela estava fazendo?

O pânico atingiu seu peito. Ela não podia ficar.

"Amara, você tem seu carro aqui?" Morana perguntou calmamente, sentindo os olhos da outra mulher se virarem para ela.

"Sim."

"Posso pegar emprestado?"

"Por quê?"

"Eu preciso sair", Morana apertou as mãos para manter o pânico sob controle. "Eu tenho que sair."

A outra mulher piscou de entendimento. "Eu não posso deixar você ir, Morana. Especialmente não com a situação como está agora. Pode se transformar em um banho de sangue. E Tristan nunca me perdoaria."

Isso chamou sua atenção. Morana olhou para a mulher bruscamente. "Você sabe por que ele me odeia, não é?"

Amara assentiu. "Sim, mas não é a minha história para contar."

"O que você pode me contar?", ela perguntou sem rodeios.

Amara inclinou a cabeça para o lado. "Quanto você sabe sobre o tempo em que a Aliança terminou?"

Franzindo a testa, Morana tentou se lembrar. "Não muito."

"Pesquise. Isso é tudo que posso lhe dizer."

Morana suspirou, sabendo que a mulher não divulgaria nenhum segredo. Ela até admirava isso.

Mantendo os olhos na cena abaixo, Morana viu os carros manobrarem e voltarem para o prédio e endireitou a espinha, pegando o telefone.

Eu: *preciso do meu carro.*

Tristan Caine: *Para?*

Morana levantou as sobrancelhas, mas respondeu rapidamente.

Eu:*Partir.*

Tristan Caine: *Para onde exatamente você pretende ir?*

Ela não tinha ideia, mas com certeza não diria isso a ele.

Eu: *Estou saindo da cidade. Eu tenho um amigo com quem falei.*

Tristan Caine: *Fale com seu amigo. Se eu não vou sair desta cidade, você, com certeza, também não vai.*

Morana rangeu os dentes, sua raiva queimando em seu intestino novamente.

Eu: *Você não decide isso, Sr. Caine.*

Morana caminhou em direção ao sofá, deixando seu corpo cair sobre ele, olhando para o elevador enquanto seu telefone tocava novamente.

Tristan Caine: *Temos negócios inacabados, Srta. Vitalio.*

'Aparentemente, você não está fora do meu sistema, senhorita Vitalio.'

Suas palavras sacudiram sua mente. Noite passada. Foi apenas a noite passada. Pareceu uma vida inteira. Deliberadamente entendendo mal suas palavras, Morana digitou uma resposta.

Eu: *Eu terminei com os códigos.*

Ele obviamente não, porque se ele fosse enquadrado, seu pescoço estava na linha.

As portas do elevador se abriram assim que seu telefone vibrou. Morana olhou para cima para vê-lo entrar na sala, seu corpo flexível e musculoso se encaixando no apartamento iluminado pelo sol, seus olhos azuis encontrando os dela, a energia neles a queimando. Azul trancado com o dela, a cor bonita sob a luz do sol, brilhando e focada, bem nela.

Morana respirou fundo e quebrou o olhar, olhando para o texto que ele havia enviado.

Tristan Caine: *Eu não estava falando sobre os códigos.*

Tristan Caine: *Eu quis dizer o* ***nosso*** *negócio.*

Seu coração bateu forte. Ela não olhou para cima, ciente de que ele estava a poucos metros de distância na sala, conversando com Amara. Ela não precisava disso. Não agora. Não por cima de tudo o resto.

Eu: *Nós terminamos. Meu pai se foi?*

Tristan Caine: *Com mais hematomas no rosto que o seu.*

Os olhos de Morana se ergueram, bloqueando os dele.

Ele *bateu* no pai dela? *Ele era louco?*

E, sério, o que ela estava fazendo? Predadores rastreavam animais feridos pelo cheiro e atacavam. Ele atacou o pai dela.

E, no entanto, lá estava ela, na cova do predador mais mortal, alguém que lhe dissera sem clareza que ela era sua presa e sua presa sozinha. Lá estava ela, ferida, sangrando e vulnerável de muitas maneiras. No entanto, ela nunca se sentiu mais segura.

Pânico.



Correndo

Morana Vitalio não era uma mulher que facilmente se assustava.

Ela foi criada em uma casa cheia de cobras. Ela viu e observou aqueles seres viscosos desde antes de aprender a andar. E ela nunca os temeu. Não quando ela viu as armas deles. Não quando ela viu o caos que eles eram capazes com seus próprios olhos jovens. Não quando ela viu a cor brilhante do sangue espirrar nas paredes brancas imaculadas, apenas para ser coberta durante o dia.

Ela não estava assustada quando sua própria vida estava em risco com os códigos, nem quando seu pai a deixou cair da escada com a possibilidade de ela quebrar o pescoço.

Não. Morana Vitalio não tinha medo da morte.

Mas ela estava com medo de Tristan Caine, mesmo que não quisesse admitir.

Ela o viu se mover pela cozinha com a graça natural de um predador – ágil, confiante e completamente seguro de sua vitória – o paletó pendurado em uma cadeira, enquanto sua

camisa branca se esticava sobre as costas, as mangas arregaçadas sobre os antebraços musculosos enquanto movia a frigideira com uma mão e acrescentava os temperos com a outra. Ela estava sentada no mesmo banquinho que estivera sentada na última vez que passara a noite na cobertura apenas alguns dias atrás. Senhor, parecia uma vida inteira.

Naquela época, ela viu seu corpo em movimento e abrigava uma raiz minúscula de apreciação feminina por tanta beleza. Agora, ela estava maravilhada. Porque ela sabia intimamente como esse corpo se movia dentro dela. Ela sabia como ele era dentro dela, sabia como ele pulsava dentro dela.

E isso é tudo que ela sabia. Porque isso era tudo o que ela se permitia saber. E por alguma razão, isso apenas alimentou sua fome.

Ela observou os músculos de suas costas flexionarem e imaginou como seriam se ele estivesse acima dela. Ela observou as mãos dele movendo a panela habilmente e imaginou como seria brincar com o corpo dela, acariciando sua pele. Ela assistiu aquele tenso, firme traseiro dele e se perguntou como seria sob seus dentes.

Calor acumulou em sua barriga com seus pensamentos eróticos. Retorcendo-se desconfortavelmente no banquinho, com o sangue aquecido e o corpo machucado, Morana afastou os olhos dele para as outras duas pessoas sentadas na sala, distantes uma da outra. Amara rolava pelo telefone alguns banquinhos ao lado de Morana, e Dante observava o

espetacular pôr do sol das janelas do chão ao teto, sentado do outro lado da sala enquanto Tristan Caine cozinhava silenciosamente.

A tensão na sala, entre todos e cada um, estava a sufocando. Era intensamente enervante. E ela não estava acostumada. Esse silêncio constrangedor – porque ela sabia que eles tinham que conversar, mas não podiam na presença dela, porque havia algo estranho acontecendo entre Amara e Dante e as outras duas pessoas na sala sabiam disso. Também porque havia alguma coisa estranha acontecendo entre ela e sua majestade, e os outros dois sabiam disso também. Tudo estava estranho. No entanto, estranhamente confortável de uma maneira que não deveria ter sido.

"O que devo dizer ao pai?"

A voz baixa de Dante rompeu o silêncio como um chicote, seus olhos escuros treinados nas costas de Tristan Caine.

Tristan Caine desligou o fogão, o cheiro de algo quente e picante permeando o ar, fazendo sua boca babar enquanto ela o observava atentamente por uma reação minuciosa. Ela não conseguiu nenhuma.

Ele continuou transferindo a comida para uma tigela grande, as mãos que seguravam uma faca na garganta dela e uma arma na cabeça uma vez, realizavam a tarefa doméstica com tanta facilidade que ela invejava. Amara levantou-se para pegar os pratos do armário e, em silêncio, eles

colocaram a mesa da maneira que haviam feito centenas de vezes.

Sua inveja aumentou. Ela a socou.

E todo esse tempo, enquanto ela sabia que ele estava ciente de cada movimento dela, ele não a olhou uma vez. Nem uma vez. Desde que chegou depois de dar um soco no pai horas atrás.

Não deveria incomodá-la. Sim. E ela odiava isso.

Finalmente, ele se sentou à mesa e começou a servir algum tipo de frango em quatro pratos, sem fazer um convite para ela, mas dizendo claramente que ela não passaria fome. Isso era alguma coisa, ela supôs.

Ao descer do banquinho, Morana sentiu seus músculos machucados protestarem contra o movimento, enquanto mancava até a cadeira mais distante do homem, que por acaso era o único ao lado de Dante, e se sentou. Ela viu os olhos de Tristan Caine piscarem da cadeira para a de Dante uma vez, antes de ele comer sua comida sem preliminares, e Morana pegou o garfo para carregar um frango com cheiro delicioso.

Ela quase colocou o garfo na boca quando seus olhos caíram na garganta dele, exposta pelo colarinho aberto da camisa dele, o pomo de adão dele balançando enquanto ele engolia, trabalhando aquele pedaço de comida de uma maneira que fez o sangue correr em sua cabeça. O que diabos

havia de errado com ela? Foi ontem. Ontem eles transaram em um balcão de banheiro no restaurante. Seu corpo não deveria estar reagindo assim, pelo menos não tão cedo.

Forçando-se a tirar os olhos do pescoço dele, ela levou o garfo à boca e deu uma mordida.

E quase gemeu.

Especiarias irromperam na língua, enrolando-a ao redor, invadindo seus sentidos, o sabor rico e a comida suculenta. Não parecia que ele tinha cozinhado em menos de uma hora em sua casa. Tinha gosto de algo que os chefs cansavam por um dia inteiro antes de servir os clientes. Se ela não o visse prepará-lo do zero, nunca teria acreditado que ele o havia cozinhado. Então, ele era bom em cozinhar também. Percebi.

Mantendo sua reação debaixo da tampa, ela silenciosamente comeu, faminta, seu corpo percebendo quanto tempo fazia desde que a havia alimentado. Ela estava quase na metade da refeição quando Tristan Caine olhou para Dante e falou, continuando a conversa de antes.

"Sobre o quê?"

Dante mastigava, sua mandíbula bonita trabalhando a comida antes de engolir, olhou brevemente para ela e Amara antes de olhar para o outro homem. "Sobre tudo."

Tristan Caine não piscou. "Diga a ele o que você quiser."

Dante largou o garfo, juntou os dedos e respirou fundo por controle.

Morana assistiu à interação com fascinação.

"Ela não pode ficar aqui", anunciou Dante em um tom calmo, sua voz sem desculpas.

Tristan Caine apenas levantou uma sobrancelha.

"Você sabe o que eu quero dizer, Tristan. É perigoso para todos nós abrigá-la aqui", Dante olhou para ela novamente, seus olhos escuros piscando com uma pitada de arrependimento antes de se virar novamente.

"Eu entendo que a noite passada foi terrível e eu não a deixaria sair em sua condição. Mas agora é a luz do dia. Não podemos ter essa bagunça com os códigos, as coisas acontecendo em casa e Vitalio dando com a língua nos dentes, abordando-nos por sequestro e Deus-sabe-o-que sobre sua filha."

A respiração de Morana parou. Dante estava certo. Ela nem tinha pensado em todos os distúrbios que seu pai poderia criar. Toda a guerra que eles queriam evitar, tudo em seu nome.

"Ele não sabe que ela está aqui", Tristan Caine informou a mesa. "Ele rastreou o carro dela, mas não tem provas."

Dante zombou. "E esse soco na cara dele? Você sabe o quão bem isso vai com o pai."

Tristan Caine deu de ombros. "Ele invadiu nosso território sem aviso ou permissão. Ele conhece as regras."

Dante suspirou. "Podemos levá-la para uma casa segura. Mas ela não pode estar aqui."

Oh, de jeito nenhum. Deus, isso foi ruim. Ela não se atreveu a olhar para Tristan Caine, sem saber o que encontraria na cara dele, sem saber o que queria encontrar.

Engolindo, ela falou. "Olha, eu só preciso do meu carro e ficarei fora de seu caminh..."

"Ela não vai embora", Tristan Caine interrompeu em voz baixa. Silenciosamente.

Dante suspirou novamente. "Tristan, isso é loucura. Você não pode mantê-la aqui assim. Você precisa dizer a ela..."

"E você precisa sair."

Morana olhou duas vezes com a repentina aspereza e letalidade em sua voz. Tristan Caine ainda não olhava para ela, apenas encarava seu irmão de sangue, seu rosto não dando nenhuma indicação do que estava acontecendo em sua cabeça. Dante olhou para trás igualmente, uma conversa silenciosa acontecendo entre os dois homens que levantaram os cabelos na parte de trás do pescoço dela – uma conversa sobre ela. Eles estavam em conflito sobre ela e ela não tinha ideia do porquê. O que Dante sabia que queria que Tristan Caine lhe contasse? Que diabos estava acontecendo?

Ela queria perguntar, mas o nível de testosterona subiu mais alto quando os dois homens se sentaram imóveis, o silêncio tão denso que ela podia ouvir seu coração batendo forte em seus ouvidos, a comida completamente esquecida. Morana nunca tirou os olhos dos dois homens, tentando extrair qualquer sugestão de qualquer movimento, mas nada.

A tensão apenas diminuiu.

Até Amara falar, naquela voz suave dela. "Dante".

Morana olhou para ela e a viu balançar a cabeça em advertência uma vez. Então, ambos sabiam.

Dante levantou-se abruptamente da mesa e foi em direção ao elevador, antes que Amara também empurrasse a cadeira, tocando brevemente Tristan Caine no ombro. "Ele não está errado, Tristan."

Tristan Caine olhou para a mulher, um breve momento de entendimento passando entre eles. "Nem eu."

Amara sorriu tristemente para ele antes de se virar para ela, com os olhos quentes. "Tristan tem meu número. Ligue para mim se precisar de alguma coisa, Morana."

Morana sorriu timidamente para ela, um pouco insegura e Amara se afastou, caminhando para um Dante que esperava no elevador.

E Morana assistiu, completamente confusa.

Que diabos estava acontecendo?

Estava escuro lá fora, o sol havia se estabelecido há muito tempo no horizonte. As luzes da cidade brilhavam ao longe e Morana respirou fundo e olhou para o prato meio vazio. Ela lentamente começou a comer novamente, sem olhar para o homem com quem estava sozinha agora.

O homem que estava olhando para ela. Finalmente.

Ela podia sentir seu olhar sobre cada centímetro de seu corpo em sua linha de visão. Ela podia sentir a carícia dos olhos dele sobre a pele exposta e sentir o calor subindo em seu corpo e se acumulando em seu núcleo, apenas a partir dos olhos dele. Ela não gostou. Incapaz de fingir que não estava irritando todos os nervos de seu corpo, Morana soltou o garfo e olhou para cima, apenas para encontrar aqueles olhos azuis ferozes e magníficos que a prendiam na cadeira.

Ela não gostou disso. Ela não gostou nada disso. Ela precisava empurrar a cadeira para trás e chegar ao quarto de hóspedes. Ela precisava trancar a porta e fugir desse homem.

Porque ele a assustava. Ela não sabia nada sobre ele. Nada. Nem o passado, nem o presente, nem o futuro. Ela não conhecia nenhuma razão para nada do que ele fazia e isso o tornava desconhecido. Imprevisível.

E isso a assustou.

Porque ela não tinha ideia se ele a mataria ou a protegeria em seu próximo suspiro.

Havia muitas coisas ao seu redor, entre eles. Ele bateu no pai dela. Ele não foi à Tenebrae quando foi convocado. Ele a estava abrigando em sua casa quando, como Dante disse, era muito, muito perigoso. Mas ele também era o homem que repetidamente disse a ela que a mataria.

Ela piscou, tentando clarear a cabeça, mas seus olhos se recusaram a se afastar dos dela, sua mandíbula apertada, a penugem cobrindo mais da linha de sua mandíbula do que na manhã.

Batimentos cardíacos e respirações aceleradas, o olhar em seus olhos tão predatório que ela se sentiu como uma refeição na mesa que ele iria devorar a qualquer momento.

Porra. Isso deveria ser feito. Era disso que o restaurante tratava. Ele deveria ter acabado de não olhar para ela com aquela fome odiosa. Uma fome nua a desencadeou de uma maneira que nunca tinha visto antes. De uma maneira que a deixou com fome. De uma maneira que fez a fome roer sua pele.

Ela precisava fechá-lo. Fechar as persianas sobre esses olhos e conter esse olhar.

Ela precisava fazer algo rápido.

De repente, lembrando-se do que Amara estava lhe dizendo antes, Morana quebrou o silêncio.

"Quando a Aliança terminou?"

E funcionou. Seus olhos brilharam momentaneamente, com algo que era uma mistura tão intensa de ódio e dor que ela não conseguiu diferenciar entre eles.

E então seus olhos empalideceram. Completamente. Apenas esferas azuis olhando para ela com consideração silenciosa. Sem emoção.

Ela não tinha certeza se gostou mais.

"Vinte anos atrás", ele falou baixinho, olhando-a.

Silêncio.

"Oh", ela disse, burra, depois fechou os lábios, sem saber o que mais dizer.

Seus olhos se estreitaram um pouco quando ele se recostou na cadeira, cruzando os braços musculosos sobre o peito, o tecido da camisa esticando-se sobre o bíceps, a sugestão de uma tatuagem escura visível sob o material branco.

O silêncio se estendeu. Morana, já abalada com os acontecimentos das últimas 24 horas, finalmente reuniu forças para se afastar da mesa e limpar a louça, levando-as para a cozinha, ciente dos olhos dele nas costas dela. Ela os enxaguou às pressas e empilhou os pratos na máquina de lavar louça cromada, secando as mãos na toalha e virando-se para encontrá-lo ainda a observando.

Ela tinha tantas coisas que precisava saber, tantas coisas para perguntar. Mas o dia anterior causou estragos nela e, por algum motivo, ela não achou que poderia enfrentar outro confronto agora. Não até que ela reabastecesse sua reserva.

"Obrigada pela refeição, Sr. Caine", ela falou e se virou para o quarto de hóspedes, sem lhe dar a chance de responder.

Ele não pronunciou uma palavra. Apenas inclinou a cabeça para a direita.

Nervosa, Morana correu para a sala, sem se importar em ser óbvia, e se apoiou nela, com o coração batendo no peito, o sangue quente. Por que ela estava correndo agora, quando nunca o fez? Por que ela estava permitindo ele chegar até ela agora, quando ela não deixava antes, pelo menos não nessa extensão?

Antes que ela pudesse pensar, ela trancou a porta silenciosamente e foi para a cama, sentando-se e olhando para o chão de madeira.

Dante estava certo. Ela não podia mais ficar lá. Droga, os códigos. Maldito pai dela. Maldito seja tudo.

Ela terminou.

Ela terminou há muito tempo. E ela precisava sair.

Porque quanto mais ela ficava, mais ela percebia que seu plano havia saído pela culatra. Ele não estava fora do sistema dela. Ela podia senti-lo afundando suas garras cada vez mais fundo nela.

E isso era mais assustador do que uma iminente guerra da máfia.



Morana ficou sentada em silêncio na cama, os olhos na porta trancada, as mãos segurando o telefone, esperando.

Esperando para ter certeza de que ele estava dormindo antes de fazer seu movimento. Ficar aqui – neste apartamento, nesta cidade, neste país – foi tolice. Ela não sabia mais o que seu pai pensava, se ele acreditava que ela estava com a Outfit ou não, apesar de seguir seu carro até lá, mas ela certamente não se importava mais. Não para ele, ou o que ele estava escondendo. Não para a garota esperançosa que ela tinha sido. Não para os códigos que podem ou não ser descobertos em algum momento. Ela sabia que era incrivelmente egoísmo dela de certa forma, mas ela simplesmente não podia mais fazer isso.

Ela já havia usado sua conta bancária oculta para comprar uma passagem só de ida para o outro lado do mundo, onde seria completamente anônima. Ela precisava ir para lá, longe deste mundo, longe de seu pai, dessa multidão, *dele.* Ela deveria ir para se dar a chance de algo melhor, de felicidade. Talvez encontrar alguém que faça seu coração disparar e seu sangue esquentar. Alguém que a entendesse em seu silêncio e a protegesse porque ele desejava. Alguém que a desafiasse em todos os níveis e a tratasse como igual.

Morana gemeu com seus pensamentos. Ela balançou a cabeça, tentando não pensar no homem dormindo no andar de cima. E ela tinha certeza de que ele estava dormindo. Eram duas da manhã e não havia um único ruído na casa por mais de uma hora.

Estava na hora de se mover.

Levantando-se lentamente, ela foi em direção à porta o mais silenciosamente que pôde e respirou fundo. Abrindo a trava silenciosamente, ela saiu para o espaço escuro, seus olhos indo para a bela vista cintilante da cidade a partir daquelas janelas deslumbrantes.

Morana sentiu uma pontada no coração. Era estranho sair deste lugar com o conhecimento de que ela nunca mais voltaria. Especialmente estranho, considerando que ela só esteve aqui por duas noites. Ela não sentiu isso ao sair de casa que havia sido sua por mais de duas décadas. Havia

uma lembrança aqui, um vislumbre de um homem que ela detestava e não. Uma lembrança de não estar sozinha.

Sacudindo a sensação, o peito apertado e o coração apertado, ela se moveu em direção aos elevadores em passos rápidos e lentos, a dor em seus músculos apenas uma presença persistente, mantendo os ouvidos abertos para qualquer ruído. Eram apenas suas próprias respirações e o som ambiente do ar condicionado.

Digitando o código no teclado, Morana esperou que as portas se abrissem, sua garganta esticada com uma emoção que nunca sentira em sua vida. Ela deixaria tudo conhecido para trás - este lugar, este mundo, até seu carro. Deus, como ela sentiria falta daquele carro. Foi um amigo leal a ela por tanto tempo. E quando ela mais precisou, ele a trouxe aqui, para a segurança.

As portas se abriram e Morana olhou para o painel espelhado, olhando de volta para ela, sentindo um nó no estômago ao perceber que, apesar de tudo, Tristan Caine a protegera pelas duas noites em que esteve em seu território, nas duas vezes em que ela estava mais vulnerável. Ele poderia ter se aproveitado. Ele poderia tê-la entregue ao pai. Ele poderia simplesmente se recusar a acolhê-la. Mas não o fez. Ele se sentou com ela em silêncio e observou a chuva pela primeira vez. Ele lhe deu um banho, deu suas roupas e a alimentou pela segunda vez. Ele consertara o carro dela e recusara sua convocação à Tenebrae. E ele deu um soco no pai dela.

Ela nem sabia mais quem ele era.

Ela não sabia quem ela era com ele.

Mas isso não importava porque ela estava saindo. No entanto, ela não podia, não sem limpar a consciência.

Ela sabia que não podia vê-lo cara a cara ou ele nunca a deixaria sair, nem ela iria querer. Foi por isso que ela desbloqueou o telefone e abriu as mensagens, parando um momento para ler a última conversa.

"Temos negócios inacabados, Srta. Vitalio."

Sim eles tinham. Mas não haveria como terminar.

Ela rapidamente digitou uma mensagem e apertou enviar antes que pudesse se conter.

Eu: *Sr. Caine. Obrigada. Eu lhe desejo o melhor.*

Antes que ela pudesse se permitir pensar duas vezes, ela entrou no elevador e apertou o botão para as portas fecharem. Os painéis se fecharam. Seu reflexo a encarou. Cabelos bagunçados puxados para trás em um rabo de cavalo, uma camiseta branca enorme e um par de leggings

pretas que Amara trouxe para ela junto com sapatilhas macias. Ela não segurava nada além de seu telefone e sua carteira. Embora ela não tivesse um plano de como chegaria ao aeroporto se seu carro não estivesse no estacionamento, ela não estava estressada. Ela havia planejado fazer uma ligação direta. Talvez ela pudesse andar o suficiente longe da ponte para pegar um táxi, mas não achava que suas pernas cooperariam muito.

Ignorando os solavancos tempestuosos no estômago e as palmas das mãos suadas, ela esperou com a respiração suspensa quando as portas finalmente se abriram e ela saiu para o estacionamento vazio, fileiras de carros parados assustadoramente quando duas luzes no teto iluminavam a enorme área.

Ela olhou em volta por alguns segundos e viu a motocicleta monstruosa de Tristan Caine, seu coração pulando por um segundo antes de forçar os olhos a se moverem, vendo o carro alguns metros à esquerda. Ela caminhou em direção a ele silenciosamente.

Ela não dera mais de dois passos antes que o som de uma porta se abrisse disparada através do estacionamento silencioso como uma bala errante, perfurando seu coração e fazendo Morana parar enquanto ela pulava para olhar em direção à porta.

A porta da escada.

Enquadrando um Tristan Caine muito grande, muito musculoso e muito enfurecido.

Um Tristan Caine seminu, muito parecido com quando ela o procurou ontem à noite, prendendo-a no local com aqueles olhos azuis.

Um arrepio percorreu sua espinha, o pavor, o terror e a emoção a inundaram em ondas.

A adrenalina caiu através de seu sistema. Lutar ou fugir. Ela sabia que não podia lutar com ele agora, não deveria lutar com ele, a menos que quisesse perder. Seria uma viagem.

Sem esperar por outra batida, ela girou nos calcanhares e começou a correr em direção ao carro, sem ousar nem olhar para trás para ver se ele estava se aproximando. O sangue correu muito alto em seus ouvidos e suas respirações pesadas dificultavam que ela ouvisse o som de seus passos, mas ela nem sequer parou para respirar. Ela apenas continuou correndo a toda velocidade, dando tudo o que tinha. Suas pernas doíam com o esforço repentino, seu coração batia loucamente para acompanhar, mas ela correu como se sua vida dependesse disso. Sim.

Três carros abaixo.

Ela estava a três carros quando dois braços rígidos se fecharam ao seu redor, puxando-a contra um peito quente e nu, parando-a. Ela lutou loucamente, seu corpo se

contorcendo contra o dele para ser libertado, mas os braços permaneceram como faixas ao redor dela, a cabeça encaixada sob a mandíbula dele, os dedos dos pés saindo do chão em um esforço para pular para longe dele.

"Solte-me!", ela gritou para ele, virando a cabeça e mordendo o bíceps tenso dele, emocionada por infligir aquele pequeno ferimento nele.

Ela sentiu o peito dele subir bruscamente em uma inspiração contra suas costas, seu pênis ganhando vida contra sua espinha em movimento quando ele se inclinou para mais perto, colocando os lábios perto de sua orelha, sua barba rala roçando contra a concha e enviando calor direto para seu núcleo.

"Você me deseja tudo de bom, não é?", ele murmurou baixinho, seus lábios quase tocando sua pele, mas ainda não, fazendo seu corpo doer por esse toque. "Você não sabe que não deve fugir de predadores, querida? Nós gostamos da caçada."

Suas palavras a fizeram apertar por dentro com uma emoção proibida, enquanto ela lutava contra ele, tentando escapar enquanto uma parte dela se sentia eletrificada.

"A menos que você queira que eu te deite bem naquele seu maldito carro e te foda, pare de se mexer."

Morana parou, seus seios levantando contra os braços dele enquanto uma pequena parte dela lhe dizia para mover os quadris, desafiando-o a cumprir sua ameaça.

Não, isso não deveria acontecer. De novo não. Nunca mais.

Engolindo suas emoções confusas, ela falou baixinho. "Deixe-me ir."

O nariz dele tocou a cabeça dela, inspirando profundamente. "Eu disse que temos negócios inacabados."

"Eu não ligo", ela riu, os dentes cerrados contra todas as sensações que a dominavam por dentro e por fora.

Houve um segundo de silêncio antes que ele falasse.

"Nós nunca mentimos um para o outro, Srta. Vitalio. Não vamos começar agora", ele murmurou naquela voz profunda dele, o uísque e o pecado rolando sobre sua pele como uma carícia de amante, fazendo-a querer revirar os olhos. e inclinar-se contra ele.

A mandíbula dela apertou.

Ela virou a cabeça novamente e o mordeu naquele bíceps.

Antes que ela pudesse fazer mais, ele a virou e a puxou contra seu corpo. Seus seios pesados pressionaram contra seu peito, sua ereção cutucou contra sua barriga, os braços em volta dela quase em um abraço íntimo de um amante ao

invés de um inimigo. Seus magníficos olhos azuis penetraram nos dela com uma intensidade que a assustou e de alguma forma a tranquilizou.

Ele não disse outra palavra, por um longo tempo, apenas olhou para ela com aquele foco singular, o queixo apertado, a pele quente contra a dela, a respiração se espalhando pelo rosto dela. Seus lábios pairavam a apenas uma polegada dos dela, aquele cheiro almiscarado dele os cercando em um casulo mortal.

Ele lentamente levantou a mão direita e segurou o queixo dela na palma da mão, os dedos e o polegar nas bochechas, não dolorosamente, mas com firmeza. Inclinando a cabeça todo o caminho para trás enquanto seu coração batia forte no peito, os dois lados conflitantes dela lutando dentro de si sobre o pequeno espaço entre suas bocas. Suas mãos tremiam ao seu lado enquanto as cerrava em punhos para controlar o tremor de seu corpo.

"Cuidado com a sua boca, gata selvagem", ele falou suavemente, letalmente, eroticamente no espaço entre os lábios deles, o movimento quase os fazendo tocar. *Quase.* A voz dele ficou mais baixa, os olhos grudados nos dela. "Isso me faz querer retribuir. E você não quer minha boca perto de você, lembra?"

Morana sentiu o coração bater forte, o peito subir e descer rapidamente. "Não foi um beijo maldito. Mordi você."

Um lado de seus lábios se arqueou quando seus olhos se aqueceram. "Não importa. Eu coloco minha boca em você e você nunca mais será a mesma."

Ele se inclinou para mais perto, impossivelmente mais perto, seus lábios ali, *ali*, mas ainda longe, a mão no rosto dela impedindo-a de se mover para frente e para trás.

"Escolha sabiamente, Srta. Vitalio."

Antes que Morana pudesse piscar, ele deu um passo para trás e soltou o rosto dela, inclinando a cabeça em direção ao elevador aberto, esperando que ela se movesse sem dizer mais uma palavra.

Naquele momento, quando ele se afastou e deu a ela o espaço para escolher, entre tantas coisas, Morana percebeu que, por mais que quisesse escapar, ela não podia. Ela estava tão entrelaçada na bagunça que criara que não seria capaz de ir embora por muito tempo sem que sua consciência a cutucasse. Ela estava tão curiosa, tão atraída por qualquer coisa bizarra entre eles, que a fez se sentir segura pela primeira vez em sua vida, mesmo quando ele prometeu matá-la, que ela não podia sair.

Ela não conseguiu correr.

Ele não a deixou.

Morana engoliu em seco e deu o passo, caminhando lentamente em direção ao elevador, ciente de sua presença vigilante atrás dela, dizendo-lhe silenciosamente que ele não

a deixaria ir. Ainda não. E por algum motivo estúpido, isso a emocionou. Ela se perguntou se tinha enviado a mensagem inconscientemente porque ela estava ciente disso. Ela estava?

Ela não sabia.

Foi exatamente por isso que Tristan Caine a assustou tanto. Não porque ele a estava matando - o 'ela' que ela conhecera a vida inteira.

Ela admitiu a verdade para si mesma quando entrou no elevador que a levaria novamente ao lado dele.

Tristan Caine a aterrorizava, mas não foi por causa da morte que ele a estava trazendo lentamente, a morte que ele a traria um dia, a morte que ele criou nela.

Não.

Foi a *vida.*



CAPÍTULO 13

Conectando

"Quanto mais você sabe, menos sabe."

Morana lembrou-se de ter lido essa citação em algum lugar há muito tempo. As palavras grudaram em seu cérebro, mas ela nunca realmente entendeu. Sendo um gênio certificado, ela sempre acreditou que o conhecimento era o poder supremo. Era sua sede de conhecimento que a tornara ousada o suficiente para sair de suas normas definidas, uma e outra vez. Foi essa mesma crença que a levou a colocar tudo o que tinha e a criar esses códigos que ela tanto temia.

Conhecimento era poder, mas nas mãos erradas, era uma arma.

A Aliança havia terminado vinte anos atrás. Vinte e dois, para ser mais precisa.

Dois dias após sua ridícula tentativa de fuga, dois dias vivendo dentro do quarto como uma hóspede de verdade e não como alguém desprezada, a bagunça fervilhante das emoções de Morana estava finalmente calma.

Pela primeira vez em muito, muito tempo, Morana se sentiu no controle. Ela sentiu que estava vendo as coisas de forma clara e lógica novamente, não deixando suas emoções correrem sobre ela em ondas furiosas. Seja por ter enfrentado e aceitado alguns fatos sobre si mesma, ou porque Tristan Caine estivera ausente de sua casa fazendo Deus sabe o que há dois dias, Morana só sabia que sua cabeça calma e centrada estava de volta e ela ficou agradecida. Ela não gostava de se sentir fora de ordem, descontrolada por seu próprio corpo.

E embora sua ausência e falta de perseguição a confundissem até certo ponto, ela aprendeu a não pensar muito no que ele fazia ou não. O fato era que ela era filha de Gabriel Vitalio, que nunca retornara à prisão de uma casa depois de sair. Ela estava se refugiando no campo do inimigo. O fato é que o referido inimigo havia esmurrado seu pai em plena vista de seu povo em seu território, e se recusava a voltar ao seu próprio quando convocada. O fato é que, conhecendo o pai, ela estava ficando nervosa porque ele não reagiu a nada disso.

Isso não era como ele. O pai dela faz declarações; ele retalia de uma maneira que deixa exemplos. Deixar Tristan Caine se safar com algo assim não estava em seu DNA. Era por isso que Morana estava um pouco preocupada, esse silêncio do pai mais irritava do que qualquer outra coisa, como a calma antes da tempestade. E no mundo deles, uma

tempestade pode significar qualquer coisa, de um cadáver a uma guerra de rua. Não era um pensamento reconfortante.

Quanto a Lorenzo Maroni, ela não sabia como ele reagiria. Pelo que ela ouviu falar do homem, suas mãos eram ainda mais sujas que o pai dela, e Dante parecia preocupado com a reação dele. Mas, novamente, o que ela sabia? Talvez recusar sua convocação fosse algo normal no relacionamento Caine-Maroni. Se Tristan Caine não estivesse preocupado com isso, o que ela realmente não sabia se ele estava, ela também não pensaria muito.

Seus pensamentos objetivos estavam focados em duas coisas muito importantes - encontrar os códigos e o fim da Aliança.

Agora que ela estava racional e quase sozinha na enorme cobertura com a vista deslumbrante, Morana tinha um plano. Ela e os irmãos Outfit estavam concentrados em tentar encontrar os códigos e depois destruí-los, mas com o sucesso até agora, isso não parecia muito plausível no futuro próximo.

Então, ela mudou os planos e decidiu que escreveria um novo conjunto de códigos e criaria um software que desfizesse completamente os efeitos dos códigos originais quando fossem inicializados. Embora ela não soubesse muito bem como agir, sabia que tinha a capacidade e o incentivo. E como Tristan Caine era um fantasma em sua própria casa,

Morana ligou para Dante depois de acordar para discutir isso com ele.

Enquanto se sentava enrolada no sofá macio da sala com mais roupas que Amara trouxe para ela ontem, ela viu a luz do sol dançar com os altos picos dos edifícios. Filtrar-se através das janelas e a aquecer, esquentando todo o apartamento com seu brilho suave, Morana deixou sua mente se desviar para a outra coisa que ela precisava saber.

A aliança. Ou melhor, seu fim.

A Aliança existiu há tanto tempo, pacífica e benéfica para ambas as famílias envolvidas, então por que exatamente ela terminou? O que aconteceu vinte e dois anos atrás que levou ao fim de uma das associações mais lucrativas da história da máfia? Não houve guerras. Morana pesquisou por eles e a última guerra conhecida entre as duas famílias foi há mais de cinquenta anos atrás. Foi o fim da guerra que criou a Aliança. Por quase três décadas, funcionou bem.

Então o que aconteceu?

Mais importante, o que isso tinha a ver com Tristan Caine a odiando? Como todo mundo sabia disso? Ela nem sabia muito sobre a Aliança, o que era surpreendente, considerando que ela cresceu ouvindo tudo o que seu pai e seus homens conversavam. Ela conhecia o Outfit e seu povo através do boca a boca. Ela sabia dos muitos jogadores em torno de sua área através dessas conversas. Então, por que ela nunca soube da Aliança? Eles nunca mencionaram isso

de propósito? Ou ela estava imaginando coisas? Por que o pai esconderia dela exatamente o que fez seu inimigo a desprezar?

Morana pegou o telefone e entrou no mecanismo de pesquisa personalizado, continuando a ler rapidamente sua antiga pesquisa sobre o assunto. Ela rezou por boas pistas enquanto vasculhava o conteúdo.

O som da abertura do elevador a sacudiu em sua busca, fazendo-a apressadamente bloquear o telefone. Ela olhou para cima e viu a enorme forma de Dante sair suavemente pelas portas, o corpo dele em um daqueles ternos escuros imaculados que ela passara a associar a ele. Morana inclinou a cabeça, considerando o homem, percebendo que o julgara um pouco rápido demais no começo, seus próprios preconceitos cobrindo a realidade.

Assim como Tristan Caine e ela, Dante usava uma máscara do lado de fora. Estando na companhia dele por alguns dias, vendo como ele reagira ao corpo machucado dela naquela noite, o que ele havia feito apesar de suas apreensões, Morana tinha gostado dele. Embora ele ainda fosse o inimigo, ele foi bom com ela até agora. E isso era mais do que ela poderia dizer de seu próprio pai.

Sacudindo seus pensamentos, Morana acenou para ele e ele avançou para tomar a cadeira à sua frente, seu sorriso educado no lugar, mesmo que seus olhos escuros estivessem

menos cautelosos do que o habitual. Acho que ele também se interessou por ela.

"Então, o que você gostaria de discutir comigo, Morana?", ele perguntou no mesmo tom cordial que sempre usava com ela.

Morana brincou com o telefone enquanto perguntava, já sabendo a resposta. "Temos alguma pista sobre os códigos?"

Dante balançou a cabeça. “Não. Houve uma situação em Tenebrae, e todos estão ocupados lidando com isso.”

Morana fez uma careta. "Essa situação com os traficantes falsos que estavam fingindo ser Outfit?"

"Sim."

Morana refletiu sobre isso por um longo momento, as rodas em sua cabeça girando rapidamente. "Você acha que poderia estar conectado?"

As sobrancelhas de Dante franziram em confusão. "O que poderia estar conectado?"

Morana suspirou impaciente, inclinando-se para a frente nos cotovelos, sua mente acelerando quando os pontos começaram a fazer um tipo estranho de sentido.

“Tudo isso! Você não acha estranho? O momento de tudo isso? Alguém finge ser o Sr. Caine e rouba os códigos de mim, enviando esforços extras para enquadrá-lo, caso os códigos sejam usados. Além disso, o suficiente para chamar

minha atenção, que se não fosse eu, significaria a atenção da minha família. E então alguém finge ser da Outfit em algo que vocês costumavam fazer negócios e obtém os lucros enquanto emolduram as perdas. Realmente, quais são as chances?"

Como ela não poderia ter visto isso antes? Havia um padrão claro. Havia uma pessoa, ou um grupo fazendo tudo isso, um mentor. Mas quem eles estavam tentando enquadrar - Tristan Caine ou a Outfit? Era pessoal ou era maior que isso? E como ela descobriu tudo isso?

Dante ficou em silêncio atordoado por um minuto inteiro, absorvendo o que ela havia dito, as implicações do que ela disse passando pela cabeça dele a uma velocidade vertiginosa. Ela podia sentir isso, embora o rosto dele se recusasse a trair um pensamento. Ele e seu irmão de sangue eram certamente parecidos nesse aspecto.

"Poderia ser seu pai?" Dante finalmente quebrou o silêncio, fazendo a pergunta mais óbvia.

Morana sacudiu a cabeça. "Não. Se fosse ele, ele ordenaria que eu desse os códigos e nunca deixaria que a coisa Jackson-sendo-meu-namorado acontecesse. Isso prejudicaria seu objetivo maior de me casar com algum idiota que quer uma intocada, uma noiva da máfia virgem."

A boca de Dante se achatou em uma linha dura, seus olhos escurecendo um pouco. "É assim que este mundo funciona, Morana. Eu gostaria que não. Eu daria tudo para

que não fosse, mas é assim que é. Você tem muita sorte de poder escapar. Nem todo mundo tem."

Morana olhou para ele, com o coração amolecendo ao se lembrar do que Amara havia dito em palavras semelhantes.

Respirando fundo antes que ela pudesse responder, ele beliscou a ponta do nariz, claramente terminando com qualquer emoção que ele expressou. "Ok, então temos que considerar a possibilidade, que é grande, de que todos sejam eventos conectados e não isolados, como estávamos tratando. Obrigado por isso. Algo mais?"

Morana sacudiu seus próprios pensamentos sombrios e inalou. "Sim. Vou criar um software à prova de falhas que evitará quaisquer consequências dos códigos originais, pois não podemos obtê-lo e destruí-lo. Portanto, este software desfará tudo o que se faz quando eu o inicializar."

Dante levantou as sobrancelhas. "Será que vai dar certo?"

"Em teoria, já existe. Criar dará um pouco de trabalho."

Ele assentiu. "Ótimo. Se isso funcionar, todos dormiremos muito melhor."

Morana mordeu o lábio, as mãos querendo se torcer para a próxima parte. "Mas, para criar isso, vou precisar de minhas próprias coisas. Meu laptop e discos rígidos, principalmente. Que, a propósito, ainda estão no meu

escritório. Na minha suíte. Na minha casa. A que eu deixei algumas noites atrás."

Dante assentiu, levantando-se. "Será tratado. Você precisa de mais alguma coisa?"

Morana sacudiu a cabeça. "Obrigada. Eu estou bem."

"Bom. Ligue para mim se pensar em mais alguma coisa."

Com outro aceno educado para ela, ele caminhou em direção aos elevadores quando as portas se abriram, e Tristan Caine, de terno e sem gravata, saiu, parando abruptamente ao ver Dante.

Então, o gelo entre eles não esfriou desde o desastroso almoço. Bom saber.

Os olhos dele nunca se moveram na direção dela do outro homem, e Morana se forçou a não se mexer, a não atrair sua atenção, a não permitir que ele influenciasse suas emoções. Ela gostava muito de si mesma, muito obrigada. E esse homem a fez querer gritar como uma maníaca alucinada, que, embora não fosse a imagem mais atraente, era muito apropriada.

Também ajudou a saber que primeiro - ele a evitava por dois dias - e segundo - que ele nunca se dirigia a ela desde que houvesse outros seres humanos na sala. Ela não conhecia sua política sobre gatos ou filhotes até agora. Então,

ela estava a salvo de si mesma por mais um tempo, e se tudo desse certo, ele teria ido embora e ela continuaria racional.

"Nós precisamos conversar, Tristan."

Não é a mais convidativa das declarações. Mas, pelo menos a voz uniforme de Dante cortou a tensão entre os dois homens o suficiente para fazê-la olhar para eles - dois homens altos, largos e bonitos que eram tão letais quanto homens poderiam ser.

"Sim, precisamos", respondeu Tristan Caine, o aviso em seu tom claro para ela ouvir, advertindo Dante para não abrir a boca com os ouvidos colados a eles. Até parece. Ela revirou os olhos e voltou para o telefone, ciente dos dois homens saindo do apartamento e entrando no elevador. As portas se fecharam com um suave som e Morana sentiu a tensão que ela não tinha percebido deixar seu corpo em uma expiração alta.

Assim, novos códigos fora do caminho até que ela pegasse suas coisas, Morana desbloqueou o telefone e voltou a pesquisar o misterioso término da aliança de vinte e dois anos atrás.



Morana acordou abruptamente, desorientada, o pescoço em uma posição estranha na parte de trás do sofá, as pernas dormentes e enroladas embaixo dela, os cabelos espalhados por todo o lugar enquanto as mãos seguravam o telefone, perdido em algum lugar no colo. Ela endireitou o pescoço, uma dor surda onde latejava, os olhos indo para as janelas deslumbrantes, vendo o crepúsculo se espalhar pela cidade em um abraço ardente, perdendo-se para o veludo escuro da noite chegando. As luzes cintilantes da cidade e as ondas frias do mar no lado oposto eram um contraste frio com seus sentidos.

Esta era uma visão que ela curtia nas últimas noites sem falhar, essas janelas se tornando parte dela desde aquela noite chuvosa da maneira que seu carro era. E, no entanto, ela não achava que se cansaria de assistir a mesma coisa repetidamente. Não era apenas a beleza de tudo. Era mais do que isso. Era a lembrança do que acompanhara essa beleza, a lembrança de uma noite triste e solitária que não estava mais tão sozinha.

Ela teria se sentido da mesma maneira sobre essas janelas se essa memória não estivesse lá? Ou teriam sido como as janelas de sua própria casa? Apenas janelas. No entanto, toda vez que ela olhava em sua direção, toda vez que via a cidade, via o mar, via as estrelas e o céu sem limites, ficava com a respiração presa na garganta.

Assim como estava no momento.

De repente, ela se deu conta de seu entorno, enquanto o sono se afastava cada vez mais da sua mente.

As luzes ainda estavam apagadas, apenas o brilho do mundo exterior penetrando por dentro, seduzindo as sombras, o som de sua própria respiração pairando ao seu redor na quietude.

Mas ela sabia que não estava sozinha.

Ele estava lá. Em algum lugar no escuro. Observando-a.

Ela não sabia onde ele estava, não virou a cabeça para senti-lo naquelas sombras seduzidas, não fez nada, mas ficou quieta, deixando-o assistir, deixando-se emocionar ao ser observada. Era torcido. Era errado de muitas maneiras. Mas nunca pareceu tão certo.

E isso, bem aqui, era exatamente o que ela não entendia sobre si mesma, sobre eles. Essa necessidade de dar e procurar atenção um do outro enquanto detestam isso. Essa emoção a atravessou, mesmo sabendo que não deveria. Essa consciência aumentada dentro de cada poro do corpo dela assim que ele chegou à vizinhança.

Tinha sido assim desde a primeira noite em Tenebrae? Ou aconteceu depois? Onde ela havia perdido seu corpo, seus sentidos para ele? Em que ponto, ser observada por alguém no escuro por trás não se tornou algo ameaçador, mas emocionante? E só por ele, porque Morana sabia, se fosse outra pessoa, ela estaria correndo para a faca.

Seu coração batia forte no silêncio, enquanto ela permanecia imóvel, mal respirando, os nervos se esticando cada vez mais apertados a cada respiração, seus mamilos endurecendo sob o tecido restritivo do sutiã, o calor acumulando-se entre as pernas. Bom Deus, ela estava pronta para entrar em combustão e nem sabia onde ele estava. Não sabia se ele também estava afetado. Ela mudaria isso. Verificaria se ele estava tão afetado quanto ela. Ela não queimaria sozinha, não se ela pudesse evitar. Se ele a afligia com esse desejo insano, o mínimo que ela podia fazer era retribuir o favor.

Ele gostava de assistir? Ela daria a ele um show de merda.

Confiando em seus instintos, que funcionaram muito bem para ela até agora, Morana lentamente desenrolou seu corpo de sua posição adormecida, esticando os braços acima da cabeça e as pernas diante dela, arqueando a coluna, jogando o jogo dele. Ela foi pega de surpresa pela súbita corrente de sangue nas pernas adormecidas, o repentino milhão de alfinetadas estourando em sua pele.

Um gemido de alívio escapou de seus lábios espontaneamente antes que ela pudesse pegá-lo de volta, e de repente ela ficou tensa.

Aquele único som no silêncio tinha sido alto como um grito. Não havia quebrado a tensão. Isso tinha engrossado.

Morana podia sentir os olhos dele vagarem vagarosamente por todo o corpo examinando-a minuciosamente, o que deveria ter sido perturbador, mas não era, teria sido perturbador, mas não era. O silêncio espesso pairava sobre ela como uma nuvem de trovão. Ela prendeu a respiração, com o coração batendo forte, para os raios dividirem o ar entre eles, para o trovão rugir em seu corpo, para a eletricidade chamuscá-los e deixar sua marca.

Ela esperou.

Seus olhos nunca se afastaram, mesmo quando ela sentiu seu movimento na sala, o ar estalando ao redor dele, mudando ao seu redor. Ele estava se aproximando? Ou se afastando? Ela sentiria a respiração dele em sua pele ou sentiria a carícia vazia do ar?

Ela esperou, com os nervos tão esticados que ela teve medo de estalar.

A súbita vibração do telefone na coxa a fez pular, o coração batendo contra as costelas. Consciente dos olhos dele, Morana pegou o telefone com as mãos levemente instáveis e destrancou a tela, piscando com a mensagem.

Tristan Caine: *Encontre-me no estacionamento em 5 minutos.*

Morana poderia ter falado. Ela poderia ter conversado e perguntado o porquê. Mas ela não queria quebrar esse silêncio, neste momento em que estava sentada sozinha no escuro sendo observada por ele nas sombras mais escuras.

Eu: *Planejando me levar a algum lugar, Sr. Caine?*

Tristan Caine: *Pelo contrário, estou planejando fazer você vir*[1] *em algum lugar, Srta. Vitalio. 5 minutos.*

A respiração dela ficou presa ao ler a mensagem, o som do elevador alto no silêncio da cobertura, dizendo que ele a deixara sozinha e deu um passo para trás. Sabendo que ele se fora, Morana pôs a mão em seu coração acelerado, sentindo o baque forte sob os dedos, os seios pesados e pesando enquanto inspirava e expirava, regularizando a respiração.

Ela realmente faria isso de novo? Deixaria ele fazer isso de novo? Aquele tempo no restaurante fora para tirá-lo de seu sistema. Falhara espetacularmente. Dessa vez o tiraria? E caso isso não acontecesse, ela o deixaria transar com ela de novo? A que custo? Ela não era tola o suficiente para se iludir pensando que isso não iria aprofundar qualquer conexão que já tivessem. Ela poderia arriscar? Talvez ela estivesse

[1] Aqui a autora usou "come", que pode ser tanto vir, quanto gozar, deixando a interpretação no ar.

pensando demais. Talvez ele sairia de seu sistema e Morana desenvolveria os códigos contrários e deixaria tudo pacificamente com o fechamento.

Outro texto recebido interrompeu seus pensamentos.

Tristan Caine: *Se você está com medo...*

Ele a estava provocando. Por quê?

Eu: *De quê?*

Tristan Caine: *Venha e veja por si mesma.*

O que, ele estava desfilando nu no estacionamento com chantilly espalhado nas partes masculinas?

Eu: *Você usa muito 'vir', sabia?*

Tristan Caine: *As mulheres geralmente são gratas de várias maneiras possíveis.*

Morana zombou, tentando não deixar a imagem dele emaranhado com uma mulher linda, ou várias mulheres, chegasse até ela. Isso não a incomodou. *De. Jeito. Nenhum.*

Levantando-se e ajeitando as roupas, ela colocou os pés nos sapatos e foi para o elevador, digitando o tempo todo.

Eu: *Você realmente as deixou falar durante o sexo? Fora de um banheiro? Que classe.*

As portas do elevador se abriram e ela entrou, olhando-se novamente no espelho, os cabelos despenteados e na blusa que tendia a deslizar nos ombros. Os jeans que Amara lhe emprestara estavam levemente soltos, a barra dobrada para trás para acomodar sua altura mais baixa. Ela parecia um pequeno hipster que explodiu em uma música e dançou com um chapéu, como em um videoclipe.

Zombando, ela enfiou o telefone no bolso, endireitando a alça da blusa e saiu quando as portas se abriram. Dante e Tristan Caine estavam juntos, conversando em voz baixa ao lado de sua motocicleta. Foi seu primeiro vislumbre dele desde a tarde, e ela ficou surpresa ao encontrá-lo vestindo não o terno que ele usava durante o dia, mas jeans bem gastos que abraçavam sua bunda de maneiras que ela podia invejar, e aquela jaqueta preta de couro dele. Ela ficou

surpresa porque isso significava que ele estava no apartamento há mais tempo do que ela imaginara. Isso significava que ele a deixou dormir sem incomodá-la, e ela não sabia o que fazer com isso.

Dante olhou para ela, assentiu com a cabeça e foi até o carro, discando para alguém no telefone.

E então, Tristan Caine colocou uma das mãos naquele monstro de motocicleta, passou uma perna por cima dela, os músculos de suas coxas flexionando-se sob o jeans de uma maneira que a fez rugir por dentro com apreciação feminina. Ele colocou a bunda no banco, pegando um capacete atrás dele e finalmente olhando para ela com aqueles penetrantes olhos azuis. Foi só então que ela notou um segundo capacete no banco. Um capacete menor e mais feminino.

Porra.

Ele a estava levando de motocicleta? A moto dele? A sagrada, fodida motocicleta? A que ele realmente gostava de andar?

“Se você terminou de ficar de boca aberta, Srta. Vitalio, temos pouco tempo”, sua voz baixa e rouca tomou conta dela, tirando-a de seu estupor, os olhos fixos nela.

Morana engoliu em seco e caminhou para frente, a apreensão enrolando em seu estômago junto com a excitação, olhando o belo monstro de cromo preto e vermelho, o assento mais alto que a cintura. Como no mundo ela subiria nisso?

Ela pegou o capacete menor, ciente de seu olhar nela. Não era novo e era claramente feminino. A quem isso pertenceu? Ou era como o capacete comum para toda e qualquer mulher subindo na garupa? Por alguma razão, a ideia não se encaixou bem nela.

"De quem é isto?", ela deixou escapar antes que pudesse se conter, repreendendo-se assim que as palavras deixaram seus lábios.

Tristan Caine levantou uma sobrancelha para ela, mas ficou em silêncio e, de repente, um pensamento horrível ocorreu a ela. Havia alguém com quem ele deveria estar de volta...? Ela sacudiu o pensamento antes mesmo que ele pudesse ser concluído. Não. O pouco que ela sabia dele, pelo que tinha visto e ouvido, Tristan Caine não maltratava mulheres. Ela era a única exceção e, mesmo com o ódio dele, ele lhe dera refúgio quando ela precisou dele para lamber as feridas e curar.

Se houvesse outra pessoa, ele não a teria perseguido tão sexualmente quanto fez.

Morana estava certa disso.

Foi exatamente por isso que ela respirou fundo e colocou o capacete, olhando para ele, para encontrá-lo olhando para ela com um olhar inescrutável.

"Melhor você remover esses óculos", ele comentou, seus lábios em uma linha completamente reta.

Puxando-os sem dizer nada, ela vacilou por um segundo, perguntando-se onde colocá-lo para mantê-lo seguro, antes de colocar uma alça no decote, deixando os óculos pendurados em sua blusa. Ela olhou para cima e encontrou aqueles olhos duros e azuis observando sua pele exposta descaradamente, antes de acariciar vagarosamente seu pescoço, sua boca e parar diante de seus olhos.

Eles ficaram assim por um momento antes que ele se virasse para a frente, seu corpo flexível e gracioso se movendo quando ele chutou a motocicleta do suporte. Ele começou com um impulso poderoso, esperando.

Morana sentiu um tipo estranho de excitação a enchendo.

Ela nunca esteve em uma motocicleta. Apenas sempre no seu carro e no de seu pai.

Sua primeira vez na traseira de uma moto, com Tristan Caine.

Morana respirou fundo, colocando os pés no suporte e as mãos naqueles ombros largos e musculosos para apoio, balançando a perna. Ela se sentou no assento, com as pernas abertas e seguradas pelos quadris dele entre elas. A besta da moto retumbou embaixo dela, enviando vibrações para cima e para baixo em sua espinha, vibrações em seu núcleo, fazendo-a morder de volta em um suspiro.

"Você precisará segurar mais do que meu ombro, se você não quiser cair", sua voz retumbou sobre o barulho do motor.

Ela não queria.

Mas queria, ao mesmo tempo.

Morana hesitou, mas lentamente colocou as mãos nas laterais da jaqueta dele, sentindo apenas músculos tensos embaixo do couro, os dedos flexionando contra o calor da carne dele.

"E mantenha sua perna fora da haste grande à direita."

Ela já havia descoberto isso sozinha.

Depois de um segundo, a motocicleta trovejou embaixo dela quando ele saiu do local, as vibrações acelerando contra sua carne quando a moto ganhou velocidade, pressionando-a contra suas costas maciças.

Caro Senhor, como ela deveria sobreviver a um passeio inteiro como este?

Ele abaixou a viseira e acelerou o motor uma vez antes de sair do estacionamento, saindo para a rua tranquila em frente ao prédio, virando uma vez à esquerda na ponte, voando sobre ela.

O mundo passava cada vez mais rápido, tornando-se um borrão que ela não podia ver sem os óculos, o movimento da motocicleta mais suave do que ela pensava que seria. O

vento soprava através de suas mechas livres, enviando-as de maneira selvagem em diferentes direções, enquanto seus seios achatavam-se completamente contra ele, seu corpo grudava no dele enquanto ela o segurava pelo estômago, seu abdômen duro contra as palmas das mãos. A moto ronronou embaixo dela como um animal contente sendo acariciado sedutoramente por seu amante.

E ela teve que admitir, Tristan Caine andava bem na moto. Muito bem. Ele manobrou habilmente as áreas lotadas, deu-lhe rédea livre na estrada aberta, o tempo todo no controle total do monstro. Nem por um segundo ela se sentiu preocupada em quebrar o pescoço, e deveria fazê-lo enquanto corriam pela estrada quase vazia, além do limite de velocidade. Ela deveria ter se preocupado quando sentiu a arma que ele enfiou na parte de trás de seu jeans pressionando contra seu estômago. Mas ela não fez.

Tudo o que ela sentiu foi liberdade.

Rebeldia.

Alegria de uma maneira que nunca sentiu antes.

Era esse máximo que ele tinha toda vez que subia na moto? Era essa a liberdade que ele experimentava que, era tão ilusória em suas vidas? Era essa selvageria que ele sentia bater como uma pulsação em seu sangue?

Morana inclinou a cabeça para trás, sentindo a carícia do vento sobre a pele, sentindo uma onda tão profunda que

ela nem conseguia explicar isso para si mesma. Então ela não fez. Ela se deixou ir, deixou-se levar, libertou-se de uma maneira que nunca imaginara ser possível.

Removendo os braços ao redor dele, ela apertou os quadris dele com as coxas e levantou as mãos acima da cabeça. Alguns interruptores dentro dela haviam mudado. Ela sabia que ele não a deixaria cair, ou ele já teria, nas muitas chances que ele teve de destruí-la. Ela sabia que ele a destruiria, mas não hoje. Hoje, pela primeira vez, ela não era ninguém além de uma garota na traseira da motocicleta de um homem, mesmo que por um momento. Hoje, pela primeira vez, ela era apenas uma mulher sem passado e sem futuro, apenas esse caminho sem fim com esse homem, essa liberdade e essa vida.

Ela não conseguia conter o grito alto de pura alegria correndo pelos lábios, o grito alto anunciando ao mundo sua alegria, deixando o homem que controlava esta moto saber que ela estava gostando. Ela não foi inibida sobre isso.

Morana abriu os braços, fechando os olhos, sentindo o vento esfregar contra ela, sentindo-o esfregar contra ela, sentindo a moto esfregar contra ela.

Ela gritou ainda mais alto – sem vergonha, sem limites, sem corrente.

Ela se deixou sentir mais profunda – indiferente, desequilibrada, descarada.

Era só uma motocicleta. Era só uma carona. Era só um homem.

Apenas *era*.



Foi quase uma hora depois que a realidade se intrometeu.

Tristan Caine virou da estrada principal para uma estrada de terra que ela conhecera toda a vida e, pela primeira vez em uma hora de felicidade, seu coração começou a bater novamente. Os dedos dela flexionaram contra o abdômen dele quando ela viu a estrutura maciça da mansão Vitalio aparecer atrás dos portões de ferro forjado.

Que diabos?

Ele parou a motocicleta na lateral da propriedade, mais perto da asa do que dos portões. Ele estacionou atrás de arbustos grossos, altos o suficiente para escondê-los da vista.

O silêncio repentino sob suas coxas contrastava fortemente com o zumbido que percorria seu corpo, colocando seus sentidos em alerta máximo, apenas o som de

criaturas noturnas penetrando na área ao seu redor, juntamente com seu próprio sangue batendo nos ouvidos.

Lentamente, ela tirou os dedos do estômago dele e os braços ao redor dele. Ela se afastou o suficiente para dar a ele espaço para descer. Ele fez um daqueles movimentos de perna que ela só tinha visto em *Sons of Anarchy*[2], e estava em pé em solo sólido em poucos minutos, esperando que ela desembarcasse.

Morana tirou o capacete e entregou a ele, puxando os óculos entre os seios e colocando-os no nariz, piscando para o mundo subitamente entrando em foco. Ela encontrou seus intensos olhos azuis nela, apenas observando-a enquanto jogava a perna ao redor da motocicleta e pulava.

Grande erro.

A repentina posição em pé fez com que seus joelhos se dobrassem sob ela, quando as mãos a agarraram pelos quadris e a puxaram para cima, as mãos pousando no peito duro dele em busca de apoio enquanto o sangue corria para suas pernas.

"Você gosta de montar", ele disse suavemente no espaço entre seus rostos.

Morana observou o luar brincar com as sombras em seu rosto. Sua barba escondia as bochechas enquanto seus olhos pareciam ainda mais azuis, focados nela com a mesma

[2] Série de TV sobre MC

expressão que ela podia sentir pulsando dentro de si mesma – exuberância pura e não diluída.

"Você gosta de me fazer montar", Morana retrucou com a mesma calma.

Os lábios dele se contraíram por um segundo, os olhos se voltaram para a boca dela por um longo e inebriante momento, antes que o véu retornasse ao seu rosto e ele deu um passo para trás, deixando-a em pé, com as pernas agradecidamente firmes.

Pegando o telefone, ele pressionou-o no ouvido e falou: "Agora", antes de desligar.

Morana levantou as sobrancelhas. Quão eloquente.

Um momento depois, um pedaço da parede da propriedade saiu. Um homem de barba grossa estava do outro lado, de uniforme de guarda, acenando respeitosamente para Tristan Caine.

Ele tinha espiões na casa do pai dela?

Claro que ele tinha.

Foi assim que ele entrou e escalou a parede dela com tanta facilidade todas aquelas semanas atrás. Deus, isso foi há muito tempo. Ela estava tão diferente agora, de muitas maneiras.

Morana olhou para ele, observando-o e percebeu o quanto ela havia mudado desde então, e o quanto ele tinha a ver com isso.

"Limpo?" Tristan Caine perguntou ao guarda, sua voz fria e letal.

O homem assentiu. “Sim senhor. Vocês podem ir direto para a asa. Ninguém vai incomodá-los.”

Porra... tudo bem. Essa era a primeira vez. Outra primeira.

Morana assistiu, atônita, quando Tristan Caine entrou no local, dizendo-lhe com os olhos para segui-lo.

Ele estava invadindo a casa do pai dela.

Ela estava invadindo a casa do pai.

O pai dela - o homem mais perigoso deste lado do país.

Agora não, uma voz sussurrou dentro de sua cabeça enquanto ela observava o homem ao seu lado. Ele se moveu com sua graça furtiva quando o guarda desapareceu em algum lugar nos arbustos, a luz da lua era o único guia pelas árvores que ladeavam a propriedade.

O coração de Morana bateu de forma irregular no peito. Isso estava além de qualquer coisa que ela já imaginou que faria. No entanto, lá estava ela, seguindo os passos do inimigo enquanto ele entrava e saía do verde, invadindo a propriedade do pai para recuperar algo dela.

Observando-o tecer o seu caminho, Morana percebeu o quão bem ele conhecia essa propriedade. Melhor do que qualquer inimigo deveria saber. Ela se perguntou se o pai tinha alguma ideia.

Morana viu a janela do quarto dela aparecer minutos depois. Eles fariam a escalada louca que ele fez da última vez? Porque ela não podia voar, e com certeza não tinha esses bíceps para segurá-la enquanto ela pendia quinze pés do chão. Ela também não era a maior fã de altura, algo que ela não podia deixar que ele descobrisse, ou ele provavelmente a mataria jogando-a de um penhasco alto. Preferia morrer com um tiro na cabeça. A vertigem era uma merda.

Sacudindo seus pensamentos sombrios, Morana engoliu em seco, as mãos suando e o coração disparado. Sem pensar, ela colocou a mão nas costas dele.

Ele parou completamente, virando-se para fixá-la no local com aqueles olhos magníficos brilhando ao luar.

Ela apagou.

Tristan Caine, em movimento, era lindo. Mas Tristan Caine, em absoluta quietude, não pôde ser descrito.

Ela nem tentou.

"Como entraremos?", ela sussurrou, mantendo a voz o mais baixa possível, o medo da descoberta, da execução, não apenas a dela, mas dele, deixando-a nervosa.

"Pela porta."

Antes que Morana pudesse pronunciar uma palavra, ele colocou os dedos longos e ásperos em volta do pulso dela. Puxando-a para trás dele, eles atravessaram a grama vazia com pés silenciosos, seus passos mais longos fazendo-a trabalhar duas vezes para alcançá-lo. Atravessaram a clareira, à vista de quem por acaso olhava para eles.

Com o coração na garganta o tempo todo, o medo e a emoção lutando pelo domínio em seu corpo, Morana correu mais rápido do que jamais correra, ainda muito mais lenta que ele, a mão dele a puxando ao longo era a única coisa que a impedia de tropeçar na velocidade.

Chegaram à porta lateral da ala dela, a do lado da escada, e ele a abriu. Deslizando para dentro, ele a puxou em um movimento suave. Em silêncio, impressionada com o fato de terem conseguido sem serem descobertos, eles caminharam pelo corredor escuro que se abria para a escada.

A mesma escada temida que seu pai a empurrou para baixo.

Morana parou abruptamente ao pé da escada, a lembrança de sua desilusão colidindo com seu corpo, o mesmo corpo machucado que acabara de curar nas mãos do inimigo. Seu pai não sabia se ela vivera ou quebrara o pescoço na queda. Ele apenas a soltou e montou uma armadilha na qual ela caíra como um peixinho e afundou em seu estado emocional.

Ela não estava emocional agora. Não. Ela estava lógica, calma e racional em relação a ele.

Por alguma razão, as emoções inspiradas pelo homem a seu lado eram muito maiores em intensidade do que as inspiradas por essas escadas, proporcionando-lhe aquela calma. E pela primeira vez, ela ficou agradecida por isso. Ela não queria que ele testemunhasse isso, que ela estivesse mais vulnerável do que já estava quando se tratava de seu pai.

Sem outra palavra, constantemente ciente de seu escrutínio, ela rapidamente subiu as escadas, sabendo que ele estava logo atrás dela, mesmo que ela não pudesse ouvi-lo. Ela nunca pensou que daria esses passos novamente, e parecia surreal fazê-lo não apenas furtivamente na calada da noite, mas também com o homem que jurou matá-la. Ela precisava se lembrar disso, mesmo quando sentiu as coisas mudarem dentro dela. Havia uma razão pela qual ele a odiava o suficiente para fazer esse voto, e até que ela descobrisse, não podia, não decepcionaria todos os seus guardas.

Ela caminhou apressadamente para sua suíte, destrancando a porta e indo em direção ao escritório onde guardava o equipamento, ignorando qualquer nostalgia inspirada em seu pequeno refúgio. Abrindo a porta, ela ficou por um momento na soleira, olhando ao redor do pequeno céu que ela havia criado para si neste lugar estranho. Lembrou-se de todas as incontáveis noites que passou trabalhando aqui, lembrou-se dos sonhos que teve de se afastar de tudo aqui.

Aquela garota parecia tão diferente de quem ela se tornara. Aquela garota com esperança, sonhos e fogo para fazê-lo.

Ela nem sabia mais quem ela era de tantas maneiras. Ela perdeu o fogo em algum lugar ao longo do caminho?

"Consiga o que você precisa."

Uísque e pecado. Lava derretida e chamas dançantes.

Não, ela não perdeu o fogo. Ele estava adormecido dentro dela na maioria dos dias. E o que ela não conseguia descobrir era por que ele. Por que não Jackson, ou qualquer um dos homens de seu pai, ou mesmo Dante? Por que esse homem com a voz do pecado e o corpo de um pecador? Ele acendia o fogo dela como um mago e ela não entendia.

Morana assentiu para reconhecer suas palavras e rapidamente se apressou, pegando o laptop de onde ainda estava sobre a mesa. Abrindo a gaveta de baixo, ela puxou seus discos rígidos, jogando-os todos em uma pequena mochila sobre a mesa. Fazendo um inventário rápido, percebendo que tinha tudo o que precisava, Morana olhou pela sala uma última vez, memorizando-a e engoliu o nó na garganta.

Ele a estava observando, e ela precisava ser legal.

Inspirando profundamente, ela se virou para ele, apenas para encontrá-lo encostado na porta casualmente, como se ele fosse o dono do lugar. Aqueles olhos azuis focados

observaram tudo o que cruzou seu rosto enquanto o dele permaneceu cuidadosamente em branco. Morana sentiu seu coração começar a gaguejar da maneira familiar que fazia com ele, o fogo inundando sua corrente sanguínea, acendendo todas as células que tocavam.

Este não era o lugar para isso. Se já houve um *não* lugar para isso, era a casa de seu pai.

"Tudo feito?", ele perguntou baixinho, sua voz calma, mas com tom quente com algo que seu corpo reconheceu e chamou de volta.

Ela assentiu.

Ele a deixou pegar a bolsa e saiu da suíte enquanto ela seguia, seu corpo quente não lhe dando o luxo de emoções naquele momento. Desceram as escadas, a casa escura e silenciosa, e ela não sabia se o pai estava ou não. Ela também não se importava.

Abrindo a porta lateral, ele escapou primeiro, puxando-a para trás enquanto eles ficavam nas sombras, caminhando em direção à linha das árvores.

De repente, um grupo de guardas dobrou a esquina, conversando entre si, com as armas relaxadas nos ombros.

Morana parou, sua mente empalideceu quando o medo encheu suas veias, e ela se virou para correr para se esconder no exato momento em que uma mão a puxou bruscamente e empurrou seu rosto contra uma alcova na parede ao lado da

casa. Com o coração martelando em seus ouvidos, o sangue correndo em seu corpo como uma vingança, Morana ficou completamente quieta, sensações esmagadoras colidindo sobre ela enquanto o perfume de couro e almíscar permeava ao seu redor enquanto ela respirava fundo algumas vezes, percebendo muitas coisas de uma só vez.

Os braços dele a prenderam contra a parede, as mãos estendidas ao lado de sua cabeça enquanto seu corpo cobria completamente o dela, sua grande forma enrolada sobre ela de uma maneira que não era protetora, mas algo completamente diferente, algo que ela não podia definir. A respiração dele roçava a orelha dela, sua nuca raspando contra a pele do pescoço dela enquanto ele colocava a cabeça para fazê-las se fundir ainda mais nas sombras.

Mas era o corpo dele contra as costas dela, o corpo alto, duro e letal contra as costas lombares que fazia seus joelhos tremerem.

A respiração dela ficou presa na garganta.

Ele não se mexeu.

Sua ereção empurrou em suas costas.

Ele não se mexeu.

As vozes dos guardas desapareceram.

Ele não se mexeu.

O fogo se acumulou em sua barriga, abaixo entre as pernas, fazendo-a instintivamente arquear contra ele.

Então, ele se moveu.

Ele empurrou a bolsa do ombro dela para o chão, com a alça da blusa caindo no cotovelo. A mão dele traçou sua pele nua com um dedo áspero. Respirando, Morana fechou os olhos, sentindo os calos na mão dele esfregar deliciosamente contra sua pele macia, os arrepios espalhando-se por todo o braço, fazendo seus mamilos arrepiarem, fazendo seus seios doerem enquanto o calor lambia entre suas pernas.

Ele não a tocou assim da última vez. Ele não tinha respirado contra o pescoço dela assim e esfregou a mandíbula sobre o ombro dela, o tempo todo mantendo a boca longe dela. Sua mão se moveu lentamente ao redor de seu pescoço, deixando seus seios intocados, sem vigilância como da última vez. Ela queria – não, *precisava* – que ele os tocasse. Ela precisava que ele puxasse seus mamilos e lhe desse aquele doce prazer que sabia que seu corpo era capaz. Ela precisava esfregá-los contra o polegar e criar aquele delicioso atrito que ela podia sentir pulsar dentro de seu núcleo.

Ela precisava das mãos dele nos seios.

Mas a mão dele se fechou em volta do pescoço dela, naquele aperto que ela passou a reconhecer, firme, mas não apertado, enquanto os lábios dele se moviam ao lado da orelha dela.

"Você me sentiu dentro de você no dia seguinte?", ele sussurrou contra a pele macia de sua concha, o uísque em sua voz indo direto para a cabeça dela, suas palavras indo direto para o núcleo dela. Suas paredes se fecharam na memória daquela foda rápida e dura no balcão do banheiro.

Morana mordeu o lábio, não dando a resposta verbal, mesmo quando seus quadris empurraram contra os dele. Ela sentiu o pênis dele deslizar contra sua bunda enquanto ela ficava na ponta dos pés, o atrito erótico fazendo-a se comportar como uma gata no cio, em vez da mulher inteligente e racional que ela era até momentos atrás.

Sua raiva de si mesma, porém, seu arrependimento por deixar isso acontecer novamente era muito menor do que havia sido alguns dias atrás. Ela não sabia o que aquilo falava sobre ela, ou mesmo o que isso significava, mas, por enquanto, ela a abraçou, a cabeça caindo contra o ombro dele enquanto se apoiava nele, com a frente pressionada contra a parede.

A mão dele apertou em torno de sua garganta, seus quadris empurrando contra ela enquanto a outra mão deslizava dentro de seu jeans, sua calcinha, voltando diretamente para seu ponto doce. Sua boca se abriu ofegante quando ele enterrou seus dedos profundamente dentro dela.

"Tão molhada para mim, porra", ele rosnou em seu ouvido, seus quadris empurrando com força contra sua bunda. Seus dedos trabalharam na frente dela, a parede de

tijolo duro esfregando contra seus seios, raspando contra seus mamilos, fazendo suas paredes tremerem cada vez que seus dedos deslizavam para dentro e para fora. O polegar dele esfregou seu clitóris.

"Foda-se se eu não sou difícil para você", ele cuspiu, seu ódio, seu desejo, sua posse escorrendo de sua voz em seu corpo. Seus batimentos cardíacos pulsavam em todos os lugares em que ela o sentia. Seu cheiro, seu calor, seu toque a cercavam, aprisionando-a, invadindo-a de uma maneira que a deixou tão quente que ela se sentiu como uma bomba-relógio esperando para explodir.

A mão dele se moveu contra ela, dentro dela, enquanto se movia atrás dela. O ataque duplo enrolou o calor cada vez mais forte em sua barriga, sua coluna formigando, arqueando e pulsando com faíscas elétricas de prazer enquanto ela mordeu o lábio para manter as calças contidas.

Antes que ela pudesse questionar ou parar, Morana passou a mão atrás dela, segurando-o através do tecido de sua calça jeans. Ela o apertou com força enquanto ele amaldiçoava em seu ouvido, seus dedos acelerando impossivelmente dentro dela.

"Não – aqui - porra."

Ele esfregou seu clitóris, depois outro logo antes de beliscá-lo com força, e simultaneamente cobriu a boca com a outra mão. Abafando seus ruídos como antes, ele a empurrou para o alto quando ela gozou por todos os dedos, ofegando

alto, com os seios arfando. Cada batida do seu coração palpitava por todo o corpo.

Ela palpitou. Pulsou. Apertou. Estremeceu.

Seus dedos permaneceram dentro dela por alguns momentos, ordenhando seu orgasmo o máximo que podia antes que ele puxasse seus dedos para fora de suas calças, limpando-os sobre seus jeans e pegando a bolsa caída enquanto examinava a área.

E Morana ficou ali – sem fala, atordoada – olhando para a parede.

A parede da casa de seu pai. A parede da mesma casa onde seu pai morava. A parede do coração do seu território.

E Morana deixara Tristan Caine fazê-la *vir*[3] como fogos de artifício, contra aquela parede a céu aberto enquanto guardas patrulhavam a área, enquanto ele permanecia completamente sob controle.

Porra.

Porra.

O que havia de errado com ela? O que havia de errado com ele?

Isso foi como no restaurante novamente, exceto muito, muito mais distorcido. Não, isso não foi uma foda de verdade, e sim, foi a mãe das rapidinhas.

[3] gozar

A pior parte, porém? Ela não sentia um pingo de remorso.

Uma mão se fechou ao redor de seu braço e a virou, fazendo-a encarar aqueles olhos azuis ainda aquecidos pela luxúria de um animal que havia captado o cheiro de sangue, a fome neles tão intensa que seu corpo ainda quente estava coberto de lava derretida, pronto novamente. Apenas com os olhos.

Ele se inclinou para frente, sua respiração sussurrando em sua bochecha, seu perfume a envolvendo enquanto seus lábios se alinhavam contra seus ouvidos.

“Da próxima vez, vou ver o quão alto você pode gritar, senhorita Vitalio. Vou deixar você tão dolorida que não saberá se é dos gritos ou da foda.”

Esse homem precisava de uma trela para aquela boca suja e explícita.

Morana revirou os olhos enquanto seu coração gaguejava, as palavras dele se instalando em seu corpo inflamado.

"Você se dá muito crédito."

"Diga isso quando eu não conseguir mais sentir seu cheiro nos meus dedos."

Ela poderia também. E o fato de que esse conhecimento a despertou enquanto não deveria, fez Morana franzir os

lábios, a lembrança de seu controle e a falta dele como um tapa em seus sentidos.

Ela se endireitou, puxando a bolsa por cima do ombro e deu-lhe um olhar gelado. "Podemos sair?"

Os olhos dele se estreitaram levemente ao tom dela e ele a considerou por um longo momento, os dedos flexionando o braço dela antes de assentir. Virando-se, ele a puxou para a linha das árvores. Eles caminharam em silêncio por alguns minutos, Morana contemplativa.

Eles estavam quase na parede da propriedade quando seu telefone vibrou de repente com uma mensagem recebida no bolso.

Ignorando, Morana concentrou-se em chegar ao buraco pelo qual haviam entrado, vendo o guarda esperando por eles lá. Morana alcançou a abertura e saiu dela, caminhando em direção à besta estacionada em forma de uma motocicleta, não disposta ou pronta para pensar no que acabara de acontecer lá dentro.

Em vez disso, concentrou-se no cheiro da terra, a luz da lua banhando a casa dos horrores em branco limpo, enquanto observava Tristan Caine falar baixinho com o guarda.

Lembrando da mensagem anterior enquanto esperava ao lado do veículo, ela pegou o telefone e o desbloqueou.

Número desconhecido.

Franzindo a testa, Morana clicou para abrir a mensagem, para encontrar uma imagem multimídia anexada e nenhum texto. Ela clicou na imagem, franzindo as sobrancelhas ao ver a imagem digitalizada de algum artigo de jornal antigo.

Morana bateu na imagem e deu um zoom, as palavras ficando mais claras na tela e leu.

A contagem de meninas desaparecidas chega em 25

***Tenebrae, 8 de julho de 1989**: Em uma horrível reviravolta que chocou a cidade, 25 garotinhas entre 4 e 10 anos desapareceram nos 2 anos. No entanto, esta é apenas a ponta do iceberg. Fontes revelam que esses são apenas os casos abertos e relatados nos quais a polícia está trabalhando.*

A vítima mais recente é Stacy Hopkins, de 6 anos, que desapareceu na calçada enquanto a mãe fazia a curva na Madison Avenue. Não está claro quem é o culpado. Enquanto alguns acreditam que esse seja o trabalho de grupos do crime organizado, alguns até falaram sobre o ocultismo. A maioria das meninas, pelo que revelaram nossas fontes, desapareceu sob a supervisão de um adulto...

Morana leu o artigo inteiro descrevendo os detalhes terríveis, sem entender por que alguém havia enviado isso a ela. Quem o enviou? E por quê? Foi enviado por engano? Deve ter sido.

Preocupada com o que tinha lido, mas pronta para deixar isso de lado por um momento, enquanto Tristan Caine caminhava em sua direção, Morana quase travou o telefone quando algo na tela chamou sua atenção. Uma pequena nota estava escrita à mão no canto com a manchete.

Confira o artigo de 5 de julho de 1998.

Um artigo datado de vinte e dois anos atrás.



CAPÍTULO 14

Decidindo

Ela não conseguia decidir se era muito corajosa ou muito estúpida.

Talvez uma combinação estranha de ambos.

Honestamente, houve momentos em que Morana não estava particularmente orgulhosa de si mesma, mesmo enquanto queria dar um soco no ar e pular de alegria. A razão para isso era simples – às vezes, Morana fazia coisas com sua imprudência que ela sabia que não deveria, mas, mesmo assim, quando conseguia fazê-las, ela queria se cumprimentar.

Naquele momento, foi um daqueles momentos imprudentes que a fizeram querer isso.

Ela conteve o desejo. *Quase.*

O motivo de sua estupidez e sua bravura estava cinco carros abaixo, dirigindo um enorme SUV preto, o veículo tão grande que ela era facilmente capaz de ficar de olho nele de tão longe na pista. Não é um bom veículo para operações secretas. Mas, como funcionou a seu favor, ela gostou.

Depois de voltar de sua antiga casa para a cobertura com suas coisas, Morana se trancou no quarto de hóspedes e começou a trabalhar no novo conjunto de códigos, enquanto também fazia uma verificação de antecedentes para o artigo de jornal que uma pessoa misteriosa a enviara, de mais de trinta anos atrás. Rastrear a misteriosa pessoa dita era impossível, apesar de suas inúmeras tentativas, dizendo a única coisa que ela precisava saber sobre ele ou ela – ele ou ela conhecia computadores. Realmente conhecia computadores, por tê-la enganado.

E isso a fez pensar se eles não estavam relacionados ao roubo original dos códigos.

Ela refletiu sobre muitas possibilidades enquanto fazia o trabalho. Felizmente, o dono do apartamento não a incomodou nem a interrompeu. Nem uma vez nas trinta horas em que ela trabalhava incansavelmente nos códigos – não por comida, bebida, ou apenas olhando.

Nada.

E, honestamente, depois de receber o artigo, ela ficou agradecida. Porque havia coisas acontecendo, coisas que ela não tinha ideia. Ela precisava de algumas respostas antes de se aprofundar mais do que já estava. Seus pensamentos perdidos haviam sido evidentes o suficiente para ele no caminho de volta para o apartamento, e ele se retirou.

Por quase trinta horas, Morana havia trabalhado na base dos novos códigos. Na verdade, ela fez muito progresso,

mas não foi isso que a levou ao caminho da imprudência. Ah não. Tinha sido o artigo, ou melhor, a pesquisa de antecedentes.

Tentar encontrar algo na Aliança não resultou em absolutamente nada. Mas tentar descobrir sobre a série de sequestros em Tenebrae trinta anos atrás havia produzido mais resultados e verdades terríveis do que ela foi capaz de digerir.

Foi uma série de quarenta e cinco sequestros (pelo menos aqueles conhecidos do público). Raptos de meninas de suas casas ou parques que duraram dez anos. As meninas desaparecidas nunca foram encontradas, nenhuma. Desde que foram sequestradas esporadicamente ao longo dos anos, foi difícil para a polícia reunir muitas evidências.

Morana foi esperta o suficiente para conectar alguns pontos, mas não fazia ideia de como isso estava relacionado à queda da Aliança. Ela nem sabia *se* tinha algo a ver com isso. Pelo que ela sabia, a pessoa por trás do artigo poderia ter sido um lunático ou apenas um brincalhão.

No entanto, ela sabia em seu interior que estava conectado.

Ela soube desde o momento em que viu o artigo e a nota. A nota a levou ao último artigo relatando o desaparecimento de uma bebê Jane Doe.

Morana tentou, depois de recuperar o sono necessário, conversar com Amara sobre isso. Afinal, fora a mulher bonita que lhe dera a primeira pista. Mas assim que trouxe os sequestros e a Aliança, Amara endureceu e fechou os lábios com força. Morana sabia que era por causa da lealdade que sentia por Tristan Caine, mas isso só a frustrou. Dante teria sido tão útil quanto uma cabra, e pedir a Tristan Caine sozinho teria resultado em que ela fosse pressionada contra a superfície plana mais próxima ou morta.

E ela queria respostas. Não seus dedos causando estragos nela, ou sua faca cortando sua pele.

Apenas respostas.

Foi por isso que, em circunstâncias terríveis, seu cérebro elaborou um plano depois de esgotar todas as opções (exceto abduções alienígenas). O plano era simples em teoria - descobrir algo sobre Tristan Caine, algo para segurar sobre sua cabeça (porque o armário de esqueletos daquele homem poderia acomodar um país pequeno, ela tinha certeza), e depois chantageá-lo para lhe dar a verdade.

Ou morrer. Mas, pelo menos ela cairia sabendo que havia se esforçado ao máximo para descobrir a verdade.

Em teoria, era um bom plano. Na execução, foi imprudente.

Essa foi exatamente a razão pela qual ela estava pronta e vestida no quarto de hóspedes esta manhã, esperando que

ele fosse embora para que ela pudesse segui-lo. Seu carro, seu lindo bebê, estava esperando por ela, ronronando embaixo dela quando ela ligou. Feliz por estar de volta, disse ao guarda no portão que precisava de algumas coisas de computador. Depois que ele abriu os portões, ela pisou no acelerador, disparando na estrada como uma bala, passando zunindo pelos outros carros para alcançar o que Tristan Caine levou.

Ela o seguia há quase uma hora, a uma distância muito segura, onde tinha certeza de que ele não podia vê-la no espelho retrovisor, admirando ocasionalmente suas habilidades de dirigir. O homem manobrou o grande SUV quase tão bem quanto ele fez naquela motocicleta animal. Por alguma razão que ela não queria explorar, era parcial com a moto.

O sol forte brilhava implacavelmente na estrada enquanto ela o seguia para fora da cidade. A cidade foi lentamente abandonada para mais e mais campos, enquanto ela mantinha distância, sabendo o quão atento ele era.

Ele dirigiu na estrada por quase dez minutos antes de virar para uma estrada de terra à esquerda, desaparecendo atrás da linha de árvores que envolvia o caminho.

Morana parou o carro, o sol cintilando no capô enquanto o ar fresco e condicionado roçava a pele de seus braços nus. Mordendo o lábio, ela esperou o SUV se afastar o

suficiente para poder segui-lo. O fato de ela não poder mais ver o veículo a deixou nervosa.

Ela lentamente reiniciou o carro, pairando na beira da curva, as palmas das mãos levemente suadas, porque ela não tinha ideia do que ele faria se a descobrisse atrás dele. Mas era tarde demais para voltar. Ela já estava no caminho imprudente, poderia muito bem seguir adiante. Além disso, respostas.

No momento em que o outro veículo não passaria de um ponto à distância, Morana virou lentamente para a estrada de terra. O carro dela pisou bruscamente enquanto ela dirigia na velocidade do caracol, sua escolha de veículo de repente fazendo sentido para ela. Mas isso a fez pensar: como ele conhecia as áreas em torno de sua cidade tão bem como um morador? Poderia ser algo tão simples quanto o GPS?

Ela cerrou os dentes, seguindo o mais discretamente possível, seu corpo todo zunindo pela estrada ruim e silenciou sua mente, guardando pensamentos aleatórios para mais tarde.

Quase cinco minutos depois de dirigir a uma velocidade mais lenta do que o carro era capaz, um velho celeiro apareceu. Era alto e abandonado sob o sol alto, a floresta ao redor o escondia da vista da estrada.

O SUV parou do lado de fora e Morana rapidamente manobrou o carro atrás de algumas árvores no lado do caminho, escondendo-o completamente da vista atrás da

folhagem densa. Tirando a arma da bolsa, Morana abriu silenciosamente a porta e saiu, enfiando a arma na parte de baixo das costas na cintura da calça jeans, agachando-se silenciosamente ao lado de uma árvore para assistir à cena.

Ela viu a forma musculosa de Tristan Caine dobrar-se para fora do lado do motorista, os olhos escondidos por trás de sombras escuras quando ele tirou o paletó do terno e o jogou no carro. Sem perder um passo, ele fechou a porta, o tecido da camisa branca agarrado aos músculos que ela sabia que eram mais duros do que pareciam. Ele começou a caminhar em direção à entrada principal do celeiro, desaparecendo por dentro.

Morana esperou um pouco, a adrenalina inundando seu sistema enquanto ela caminhava silenciosamente para o prédio, ainda agachada, olhando em volta para verificar constantemente se não estava sendo observada.

A porta estava parcialmente aberta.

Sem emitir nenhum som, ela deslizou para dentro com cuidado, piscando uma vez e depois duas vezes, para permitir que seus olhos se ajustassem ao escuro enquanto vozes abafadas chegavam aos seus ouvidos.

Olhando para um pilar bem perto da entrada, Morana deslizou atrás dele. Olhando para fora, ela teve o cuidado de permanecer baixa nas sombras enquanto a luz do sol entrava pelas janelas altas, os raios iluminando o centro do espaço vazio.

Tristan Caine estava no centro, quatro homens altos cercando-o enquanto ele ainda estava parado, apenas observando-os.

Segurando o pilar com as mãos em busca de apoio, ela se inclinou um pouco mais perto, as vozes se tornando mais claras à medida que ecoavam no espaço cavernoso.

“A última vez que soube, Doug correu pelo oceano sem terminar o seu acordo. Onde ele está agora?” Tristan Caine perguntou calmamente, em uma voz baixa que fez um arrepio percorrer a espinha de Morana. Ele falou como se não estivesse cercado por bandidos perigosos com armas enquanto ele não tinha absolutamente nenhuma.

Um dos homens riu, balançando a cabeça. "Por que você quer Doug?"

"Isso é da minha conta", respondeu Tristan Caine na mesma voz, seu corpo imóvel, mas alerta, seus olhos nunca se movendo dos homens.

"Você acordou velhos esqueletos, Caine", advertiu o homem que ela assumiu ser o líder do grupo. “Há um boato sobre você. 'Sobre' as meninas desaparecidas.”

Morana prendeu a respiração.

Tristan Caine suspirou.

Suspirou.

"Você quer sair daqui, diga-me onde está Doug", ele os informou, desabotoando lentamente a camisa nas mangas e enrolando-as nos antebraços, a sugestão de sua tatuagem saindo por baixo, uma tatuagem que ela ainda via em detalhes.

Os dois homens atrás dele trocaram olhares, antes de, de repente, puxarem as facas e jogá-las nas costas dele.

Morana cobriu a boca para reprimir o suspiro, com o coração batendo forte enquanto observava incrédula. Tristan Caine se abaixou sem se virar nem uma vez, como se tivesse estado ciente de todos os movimentos o tempo todo, as facas o perdendo completamente e caindo com um barulho.

Antes que os outros pudessem reagir, ele estava de pé, socando um cara na garganta, quebrando o osso com um estalo alto, enquanto chutava o outro simultaneamente com o pé.

Os outros dois vieram para ele, um com uma arma que ele desarmou em segundos enquanto quebrava o pulso do sujeito e sufocava o outro homem com um braço em volta do pescoço.

O homem desmaiou.

Pegando a arma da qual despojara o líder, Tristan Caine atirou nele nos joelhos, nos dois, o som da arma alto no celeiro. Morana assistiu em silêncio, engolindo os nervos dela, enquanto ele se sentava de bruços na frente do homem

que sangrava e inclinava a cabeça para o lado casualmente, com as mãos preguiçosamente sobre os joelhos.

"Onde está Doug?" Tristan Caine perguntou novamente.

O homem chorou de dor, amaldiçoando tudo ao inferno e voltando. "Não sei, cara."

Tristan Caine empurrou a arma contra a ferida e o homem gritou tão alto que Morana sentiu-se recuar.

"Não sei, eu juro", o homem chorou. "Juro. Só sei que ele visita a *sala dos* fundos de *Saturno* todos os sábados. Isso é tudo que eu sei. Eu juro."

Era sábado.

Tristan Caine o considerou por um segundo, depois assentiu, largando a arma ao lado do homem e se levantando.

Sem se importar com o mundo, ele caminhou em direção à porta, a alguns passos de onde Morana estava escondida, sangue bombeando em sua cabeça, olhando-o com reverência. Não era apenas espanto por causa da rapidez e suavidade com que ele lidou com quatro grandes homens armados sem uma arma, ou por quão casual ele era sobre se afastar de um homem ferido com uma arma ao seu lado.

Ela estava admirada porque, ao vê-lo, naquele momento, ela entendeu exatamente quem ele era.

O Predador.

Sempre o caçador, nunca o caçado. Ele não pode ser caçado. Não podia ser domado. Não pode ser destruído. Esse tipo de aura inquebrável era tentadora para ela.

Ela deveria estar com nojo, exasperada e horrorizada. Mas ela ficou encantada porque se lembrava de todas as vezes que viu o pai atirar em um homem; ela conseguia se lembrar da maneira como o sangue jorrou da carne, revestindo-se em seus dedos enquanto ele torturava um homem. Crescendo do jeito que tinha feito, ela viu homens fazerem outros sangrarem, ela os viu cobertos de sangue, ela os viu se banharem nele.

Para ela, por mais horrível que fosse, não era estranha a presença de sangue.

O fato de Tristan Caine ter extraído informações de um homem, fazê-lo sangrar, mas não deixou que o sangue sequer o tocasse, era estranho.

Morana olhou para as mãos dele do esconderijo dela, olhou para ele enquanto ele fazia um telefonema e falava baixinho demais para que ela ouvisse, apenas um pensamento passou por sua cabeça depois de testemunhar a cena que ela tinha, em contraste com as outras memórias incontáveis.

Suas mãos – suas mãos grandes e ásperas que a tocavam tão intimamente - estavam limpas.



Saturno.

Ela ouviu falar sobre o lugar, é claro, mas nunca realmente o viu. Nunca quis ver isso.

Era um cassino em East Shadow Port que era frequentado por muitos mafiosos – como um terreno neutro para membros de famílias diferentes realizarem uma reunião no território de seu pai. Até onde ela sabia, todas as cidades tinham um *Saturno* – e esse cassino servia apenas a um propósito: deixar os homens se encontrarem sem derramar sangue nos territórios de outros. Em face disso, *Saturno,* como todos os outros cassinos, era chamativo – todo o brilho era um convite para turistas e civis inocentes gastarem seu dinheiro e tentarem a sorte.

Depois de saber para onde Tristan Caine estava indo, Morana fez uma rápida parada no caminho de uma boutique. Comprando para si o primeiro vestido chamativo que viu – um muito prateado e muito curto que mostrava muito mais pele do que ela mostrava à vontade. Mas como estava com pressa, trocou de roupa e correu para o carro, escondendo os saltos de prata no assento ao lado dela.

Pressionando o acelerador para chegar ao cassino rapidamente, ela amaldiçoou a necessidade de usar um

vestido para entrar no local, porque isso significava que não havia arma. Nenhuma arma significava coisas ruins. Ela até dormia com uma arma – pelo menos quando não estava dormindo em sofás estranhos.

Morana inalou profundamente, olhando o SUV escuro onde estava estacionado inocentemente, e estacionou seu próprio carro no estacionamento.

Já estava ficando mais escuro lá fora, o sol desaparecendo para dar espaço à lua, o ar frio enquanto ela atravessava o estacionamento até a porta principal, calafrios percorrendo sua espinha, não inteiramente devido ao frio.

O guarda ergueu os olhos quando ela se aproximou, olhando-a de uma maneira familiar demais, graças ao pai e à escolha dos companheiros de jantar. Era exatamente o que ela precisava no momento. Sua coluna se endireitou, seus dentes rangendo quando ela passou pela guarda, desejando pela centésima vez que ela tivesse sua arma em vez da pequena faca de borboleta em seu sutiã.

Apertando a mandíbula, ela limpou a mente de tudo, menos de chegar à sala dos fundos, para poder espiar em paz e entrar no cassino.

Luzes brilhantes e uma infinidade de cores assaltaram suas pálpebras, o som de música e risos flutuando por toda parte, junto com as vozes dos traficantes e as máquinas caça-níqueis pingando.

Morana ficou parada por um momento, apertando as mãos ao lado dela, absorvendo tudo. Ela não estava acostumada a tantas multidões e suas experiências com um número tão grande de pessoas nem sempre foram as melhores. Não. Ela preferia o computador e a solidão, talvez algumas pessoas.

O jantar com Dante, Amara e Tristan Caine na cobertura foi bom, uma voz sussurrou dentro dela. Inábil, mas agradável.

Morana silenciou a voz, não querendo ouvir o que tinha a dizer, sacudindo suas reflexões. Ela começou a caminhar em direção à parte traseira da área grande, mas superlotada. Quanto mais perto ela chegava, mais claramente ela via algum tipo de corredor estreito, com uma única cortina vermelha no final.

Supondo que fosse o quarto a que o homem se referia, Morana olhou em volta para se certificar de que não estava sendo observada e depois seguiu para o corredor. Uma vez em segurança lá, ela parou na cortina, tentando ouvir com atenção qualquer som, mas não ouviu nada. Hesitando por um segundo, afastou a cortina um pouco, espiando ao redor, e viu uma porta simples de madeira com um teclado ao lado.

Bingo.

Entrando na pequena área, ela puxou a cortina de volta no lugar, escondendo-a de todos lá fora, e verificou o teclado. Ela conhecia a segurança de seu pai, tendo instalado muito

dela sozinha. Ela sabia que se arrombasse a fechadura, não haveria nenhum tipo de alarme. O teclado era complexo, mas não quebrável, pelo menos para ela.

Puxando o lábio sob os dentes, Morana concentrou-se completamente na fechadura, desfazendo-a em questão de segundos.

No minuto em que a fechadura se abriu, uma mão a agarrou pelas costas.

A mão de Morana foi instantaneamente para a faca que ela havia escondido, mas uma arma pressionou suas costelas, acalmando-a.

Ela se virou devagar, olhando para um homem mais velho da sua altura, o rosto cruel e severo, principalmente sob a luz fraca da cortina.

"O que você está fazendo aqui?", o homem exigiu, sua mão a sacudindo de uma maneira que ela sabia que deixaria contusões.

Morana abriu a boca para inventar uma desculpa quando os olhos do homem caíram na fechadura aberta. Merda.

"Bem, bem", ele a olhou com interesse. “Você quer entrar, garotinha? Vamos entrar.”

Empurrando-a com força pela porta, ele pressionou a arma contra o lado dela, ordenando que ela se movesse.

Morana não tentou lutar. Em um lugar como aquele, ela sabia que seria inútil, que ela teria sua própria faca nas costas antes mesmo de se virar adequadamente. Ser inteligente sobre isso era a única maneira de fazê-lo.

Porra.

A sala escura na parte de trás do cassino estava iluminada com luzes multicoloridas que deveriam fazer com que parecesse barato e chamativo, mas tinham o efeito oposto. Ao contrário do lado de fora, não havia garçonetes do sexo feminino lá. Essa foi a primeira coisa que Morana notou. Nenhuma mulher e isso lhe dizia algo muito importante – o que estava acontecendo aqui era altamente privado e muito importante. Era somente nessas circunstâncias que as servas seriam recusadas em uma reunião.

Está bem então.

Morana deixou seus olhos verem tudo. Havia uma enorme mesa redonda no centro da sala, com homens de aparência perigosa ao redor. Havia uma única arma no meio da mesa, ao alcance de todo e qualquer homem.

E sentado em frente à entrada, de frente para a porta e todas as outras pessoas na sala, estava Tristan Caine.

Os olhos dele se voltaram para ela quando o homem a arrastou pelo braço, e o coração de Morana bateu forte no peito. Não apenas porque ela havia sido descoberta, mas porque ela não tinha ideia de como ele reagiria a isso,

encontrá-la aqui onde estava fazendo o que estava fazendo, o que era algo importante pela aparência.

Seu rosto não tremeu nem um pouco.

Nenhuma faísca de reconhecimento naqueles magníficos olhos azuis, que pareciam ainda mais azuis sob as luzes. Nenhuma contração no músculo da mandíbula em qualquer tentativa de controlar sua expressão. Nenhum movimento de seu corpo.

Absolutamente. Nada.

E, no entanto, ela podia sentir o peso do olhar dele sobre cada centímetro de sua pele exposta. Passou pela parte de cima do vestido e pela mão que estrangulava o braço.

Deus, como ela admirava essa quantidade de autocontrole. Como ela invejava.

Ela manteve suas emoções furiosas completamente fora de seu rosto também, com bastante facilidade, e tentou esconder isso em seus olhos também, mas não tinha certeza de que conseguia completamente. Mas ninguém a conhecia lá, incluindo-o para todos os efeitos.

Parada, ela tirou os olhos dele e examinou a sala (algo que ela deveria ter e teria feito primeiro assim que entrou em um ambiente desconhecido antes de conhecê-lo, e odiava o quão profundamente ele estava afetando seu bom senso). Havia um total de seis homens, incluindo ele, todos vestindo

ternos caros e cabelos arrumados, alguns fumando charutos, todos na casa dos quarenta ou cinquenta, talvez.

Ele era o homem mais jovem da sala, e ainda assim emanava o ar mais perigoso, mesmo em sua quietude. Ou talvez fosse porque ela viu o que a quietude dele continha, o que havia feito à tarde.

O homem que segurava o braço dela a empurrou para frente e ela cerrou os dentes, o desejo de socar o idiota no nariz, fazendo-a apertar o punho. Ela engoliu.

"Encontrei-a escondida atrás da porta", ele informou a sala em sua voz áspera. "Alguém a conhece?"

Todo mundo ficou em silêncio.

Assistindo.

Morana ficou calada.

Esperando.

O homem que segurava o braço dela virou-se para ela, com o rosto um pouco acima dela. "O que você estava fazendo, garota?"

Morana ficou calada.

"Qual é o seu nome, porra?", o homem cuspiu.

Morana olhou para ele tentando intimidá-la, sabendo que não podia deixar seu nome verdadeiro ser conhecido, não em uma multidão que ela não conhecia, em um cassino no

território de seu pai, e especialmente quando Tristan Caine estava quieto. Isso lhe disse o suficiente para o momento.

"Stacy", ela finalmente disse o primeiro nome que lhe veio à mente.

O homem levantou uma sobrancelha cética. "Stacy?"

"Summers", ela forneceu docemente.

"Bem, Srta. Summers", o homem falou, sua voz áspera, seu tom alegre. “Você vê esta sala? Aqui é onde jogamos. Mas não é por dinheiro. Por informação."

Ah, isso fazia sentido.

"Existem apenas duas maneiras de sair quando você chega a este lugar", ele sorriu, seus dentes manchados de tabaco brilhando na luz vermelha maldosamente. "Você joga e ganha, ou sai com uma bala em você."

Morto ou vivo. Agradável. Muito parecido com uma máfia.

Morana levantou uma sobrancelha, olhando fixamente para a arma em cima da mesa, com a mente acelerada. Ela não sabia o que era o jogo, mas sabia que, se recusasse, a arma cravada em suas costelas dispararia em um segundo, lançando a bala muito, muito perto de seu coração. Além disso, esses homens estavam jogando por informações. Se havia algo que ela queria mais do que se libertar deste mundo, era informação.

"Eu vou jogar", ela informou ao homem em um tom de voz doce, escondendo completamente seus nervos.

Ela viu a descrença brilhar no rosto do homem momentaneamente antes de empurrá-la para uma cadeira vazia, bem na frente de Tristan Caine.

Morana sentou-se de costas para a porta. Era uma posição vulnerável. Qualquer um poderia entrar e atirar nas costas dela.

Mas ela olhou para cima e viu Tristan Caine observando-a, observando a porta, observando todos na sala sem tirar os olhos dela, e ela sentiu seu interior relaxar minuciosamente. Se havia uma coisa que ela sabia de fato, era que esse homem não deixaria mais ninguém a matar. A morte dela era dele, e apenas dele. E olhando para ele, vendo não Tristan Caine, mas *O Predador*, ela acreditava nisso com todas as fibras de seu ser. Essa também era a razão pela qual ela não conseguia relaxar. Porque ela não conhecia esse homem. Ela o conheceu uma vez quando ele empurrou sua própria faca contra sua garganta em Tenebrae. Ela o conheceu quando ele a ameaçou em cima de seu carro. Desde então, ela tinha visto apenas vislumbres terríveis dele.

Mas ele estava completamente em seu elemento agora, qualquer vestígio do homem que a tinha levado andando de motocicleta, dado refúgio em seu território ou feito refeições enquanto ela assistia, desapareceu completamente.

Ela percebeu naquele momento o quanto ela conhecera Tristan Caine sem realmente conhecê-lo. E o quanto ela não conhecia aquele homem recostado na cadeira, casual, composto, como uma pantera adormecida, agachado, preparando-se para o ataque.

Ele já deveria ter percebido como ela tinha acabado lá. Isso fez seu estômago dar um nó. Ela não sabia como ele reagiria, não sabia se a mataria exatamente nesta mesa ou a levaria a algum lugar para torturá-la primeiro.

Seu coração batia forte no peito enquanto mantinha os olhos nele, a coluna ereta e todos os sentidos do corpo em alerta máximo. Ela estava em uma selva de predadores e o mais mortal estava olhando para ela.

O homem viscoso, que a arrastou para dentro, carregou a arma no centro com uma bala e a colocou de volta na mesa, ao alcance de todos os braços, dando um passo para trás.

Foi nesse exato momento que Morana percebeu o jogo.

Havia uma bala.

Seu estômago afundou.

Foda-se, foda-se, foda-se, foda-se.

Ela estava morta. Ela sabia que estava morta. Não havia como ela sobreviver a esse jogo.

"As regras são simples, Srta. Summers", informou o homem. “Você pega a arma, faz uma pergunta. O homem não

responde, você puxa o gatilho. Tiro vazio, você faz outra pergunta. O homem não responde, atira novamente. Mas ele pode perguntar de volta, e se você não responder, você leva a bala."

Morana conhecia esse jogo. Ela ouvira o pai e os homens dele quando jogavam na casa. Ela espionou os jogos quando era pequena. Havia seis slots na arma e seis perguntas para ir entre um par. Se ela sobrevivesse a todas as doses vazias, poderia fazer outras perguntas. Mas o outro homem também.

O homem mais velho ao lado de Morana pegou a arma, apontando-a para um homem ainda mais velho fumando um charuto, com as costas da mão enrugadas com a idade.

"Para onde está indo a próxima remessa?", o primeiro homem perguntou com força. Morana observou enquanto o Cara do Charuto soprou uma espessa espiral de fumaça no ar, recusando-se a responder.

Morana assistiu a procissão, uma gota de suor escorrendo por sua espinha.

Sem mais delongas, o primeiro cara puxou o gatilho, mas o tiro ficou vazio. O Cara do Charuto apagou o charuto em uma bandeja e puxou a arma em sua direção.

"Quando você começou a lamber os sapatos do Big-J?"

O primeiro homem apertou os lábios quando Charuto apontou a arma para o peito e atirou.

O estrondo ecoou na sala e Morana mal se encolheu, apenas anos ouvindo o som lhe permitiu manter a compostura, quando o primeiro cara tossiu sangue e ficou mole, os olhos sem vida.

Oh Deus.

Este jogo era como contar tiros, em vez de contar cartas. Ela era boa no último, mas não fazia ideia do primeiro. Olhando para Tristan Caine, ela percebeu pela maneira fácil como ele se sentou que, não era a primeira vez que ele participava de um jogo como esse. Inferno, ela ficaria surpresa se alguém realmente o questionasse. O fato de ele estar lá disse a ela que nunca havia perdido.

Ela não queria jogar. Mas ela sabia que não havia melhor momento para obter informações de Tristan Caine.

Ela olhou para a arma no meio da mesa, carregada novamente com uma única bala, o coração batendo forte e se balançou.

Porra, ela não era uma covarde.

Preparando-se, inclinou-se para a frente e segurou a arma na mão, deixando a palma da mão se familiarizar com o peso, e apontou para o homem sentado à sua frente, completamente imóvel.

A sala ficou completamente silenciosa – tão silenciosa que ela podia ouvir um suspiro. Dizia a ela o que ela suspeitava estar correta – ninguém puxou a arma contra

Tristan Caine. Sim, bem, ninguém fez sexo com ele a seco contra a parede da casa do pai deles também.

Limpando o rosto de todas as emoções, sabendo que sua voz seria firme, mesmo quando suas pernas tremiam sob a mesa, ela o encarou com os olhos e falou baixinho, sem saber se conseguiria a resposta. Ela não queria pensar em puxar o gatilho e matá-lo, e ela definitivamente não queria investigar, não por enquanto.

"Conte-me sobre a Aliança."

Seu olhar azul a prendeu na cadeira dela, sem um lampejo de nada em seu rosto enquanto seu corpo permanecia relaxado, a jaqueta do seu terno se abriu para revelar a camisa esticada sobre o peito. A gola foi separada para revelar a linha forte do pescoço. Morana observou a veia no pescoço, sem vê-la vibrar ou dar qualquer indicação de angústia. Apenas estava contra sua pele, beijando sua carne, provocando-a por todo o seu controle.

"Terminou há 22 anos", ele falou em voz baixa, sua voz uniforme, tom neutro, como se estivesse discutindo o clima sem uma arma apontada para ele.

Morana rangeu os dentes, sabendo que não podia atirar porque ele havia respondido, mas não disse nada que ela não sabia.

Inteligente.

Ela colocou a arma sobre a mesa quando ele estendeu a mão e a pegou, os dedos a roçando, enviando formigamentos por todo o braço.

Ela viu os olhos dele verem o machucado em seu braço, onde o bruto a agarrou bruscamente antes que ele se recostasse novamente. Mantendo a mão na arma, ele a deixou em cima da mesa. Morana sabia, tendo-o observado em ação, que ele poderia ter a arma apontada e matá-la antes que ela pudesse piscar. Ele era enganador dessa maneira. Perigoso.

"Por que você está aqui?", ele perguntou, sua voz não deixando nenhuma inflexão para ela ler.

Morana sentiu um pequeno sorriso por dentro. Ele não era o único que sabia brincar de palavras.

Ela levantou as sobrancelhas, inclinando a cabeça para o lado. "Por informação."

Ela viu a sobrancelha dele se erguer um pouco, antes que ele deslizasse a arma sobre a mesa para ela, com as mãos nos braços da cadeira.

Morana pegou a arma, apontando-a novamente, consciente de todos os olhos neles, de todos os homens assistindo ao jogo astutamente.

"Por que terminou?", ela perguntou, sua pele rastejando por todos os olhares dos homens, sabendo que seus olhos estavam demorando em lugares que ela preferia não ver.

Tristan Caine falou, seus olhos nunca se afastando dos dela. "Interesses mútuos não eram mais tão mútuos."

Sério?

Ela não havia arriscado o pescoço por isso. Ele precisava lhe dar algo.

Pensando na próxima pergunta em sua cabeça, com os sentidos alertas, ela deslizou a arma sobre a mesa, onde ele a parou com a mão, mantendo uma palma casual sobre ela, aquela palma enorme cobrindo a arma inteira.

Ele a considerou por um segundo em silêncio, antes de inclinar a cabeça para o lado, sua boca se curvando deliberadamente na imitação de um sorriso, enquanto seus olhos permaneciam em branco.

"Como você gosta de ser fodida, Srta. Summers?"

A respiração dela ficou presa na garganta. Ela estava ciente dos homens lascivos da sala que começaram a rir ao seu redor. Ela sentiu seu corpo queimar com raiva, o sangue correndo através de seu sistema em um tornado quando seu peito se apertou, seus punhos cerrando debaixo da mesa.

E através da névoa vermelha, ela viu algo que de repente a fez parar.

Os olhos dele.

Aqueles magníficos olhos azuis – sem riso, nem crueldade, nem aquecidos. Apenas completamente em branco.

O rosto dele estava cruel. Os olhos dele não estavam.

A clareza voltou repentinamente com pressa. Ele a estava provocando. Tentando jogá-la fora de seu jogo. Deliberadamente fazendo a única coisa que ela tinha sido bastante óbvia sobre enfurecê-la. Ela estava entregando a arma para atirar nela.

Morana piscou, respirando fundo para se refrescar e deliberadamente enrolou os lábios, imitando os dele. Ela deixou seu corpo lembrar da hora em que seus dedos estavam dentro dela, sua respiração quente em seu pescoço, seu pênis pressionando suas costas.

Ela deu a ele um olhar aquecido por baixo dos cílios e murmurou em uma voz baixa, sexy e como se tivesse acabado de ser fodida no quarto.

"Da forma que eu poderia sentir, toda vez que andar."

Algo brilhou bruscamente em seus olhos por um segundo antes de desaparecer. Ela teria perdido se tivesse piscado. Mas ela não piscou. Ela tinha visto, e sabia que ele se lembraria da pergunta que ele fez contra a parede da casa de seu pai. A pergunta que ela não respondeu por ele.

Um dos homens mais velhos, com um bigode malvado, assobiou alto antes de falar: “Volte para casa comigo esta noite, baby. Você sentirá isso no próximo mês.”

Todo mundo riu. *Bastardo do caralho.* Ela estava transando com outro idiota no momento, então sua agenda estava cheia. Tristan Caine não reagiu a nenhum dos homens, apenas deslizou a arma de volta para ela.

Seis tiros. Seis perguntas. Essa era a última.

Morana pensou na questão por um minuto, antes de redigir cuidadosamente.

"O que aconteceu para quebrar a Aliança?"

Ela deveria saber que ele não responderia se não quisesse.

“As duas partes discordaram sobre o assunto, mas não queriam uma guerra. A aliança terminou.”

Morana exalou, fechando os olhos por um segundo. Ela perdeu a chance. Ela havia perdido a única chance de fazê-lo responder a algumas perguntas e expôs sua mão no processo.

Ela deslizou a arma de volta para ele quando, de repente, seu coração começou a bater forte.

Era o último tiro. A última questão. E algo lhe disse que ele não desperdiçaria.

Morana sentiu o coração bater forte no peito quando, pela primeira vez, ele pegou a arma, recostando-se na cadeira, completamente relaxado, mas pronto para entrar em ação em um segundo, o cano apontado para o peito.

Sua intenção de matá-la no coração ficou clara se ela desse uma resposta que ele não gostasse.

As mãos dela tremiam enquanto as segurava juntas, mantendo o queixo travado com força, o olhar preso no dele.

"O que você sabe sobre a minha história e a Aliança?"

Morana sentiu um nó na garganta.

Ela sabia.

Oh senhor, *ela sabia.*

Ela sabia que a irmã dele era uma das meninas desaparecidas.

Ela descobriu isso rapidamente em sua pesquisa, sabendo que tinha sido vinte e dois anos atrás, o que o faria ter com oito. O que ela não sabia, no entanto, era o que isso tinha a ver com a Aliança.

Mas quando ela olhou para ele, olhou para os homens ao redor da sala – todos mais velhos que ele, todos com medo dele, respeitosos com ele, o Predador em um mundo onde a reputação importava mais do que vidas, nenhum deles sabendo nada sobre Tristan Caine – o coração de Morana apertou.

Ele compartilhou a memória de sua irmã com ela naquela noite chuvosa. Ele ofereceu essa lembrança, em uma noite solitária, apenas um homem solitário com uma mulher solitária, dando-lhe uma trégua, uma trégua por algumas horas.

Ele apontou a arma para o coração dela, e seus olhos permaneceram duros e frios, mas Morana sabia que ela não poderia morrer sabendo que traíra a única e bela memória poderosa que ela tinha. Ele lhe dera algo incrível naquela noite, algo pelo qual sua alma era tão imensamente grata, e ela não podia violar isso por seus próprios meios, não podia retribuir essa pequena trégua dele, apesar de seu ódio, com essa traição.

Ele quebrou uma pequena luz para ela. Ela não podia sufocar.

Com o coração apertado de medo e a decisão tomada, Morana prendeu a respiração e fechou os olhos, permanecendo em silêncio.

Silêncio.

Houve um silêncio absoluto.

Nenhum som, exceto seu próprio sangue correndo em seus ouvidos. Nada, exceto a escuridão atrás de suas pálpebras fechadas.

Ela estava ciente de todos os homens na sala prendendo a respiração enquanto esperavam a bala perfurar seu

coração, ciente do sangue pulsando em seu corpo. Ela percebeu naquele momento de encarar a morte – a mesma morte que estivera contemplando apenas alguns dias atrás – que não queria morrer. Ela não queria morrer, não quando começou a viver pela primeira vez em sua vida, por causa do próprio homem segurando a arma no peito.

Seu coração batia em rajadas, levando o máximo de batidas possível antes de ser forçado a parar, as mãos trêmulas apertando os braços da cadeira, o suor escorrendo pela linha da espinha.

Ela esperou um suspiro.

Dois.

Outro.

E, de repente, o barulho alto a fez recuar.

O coração dela parou.

Bem diante de seus olhos se abrirem com uma respiração alta. Os dentes dela rangeram de dor quando o fogo queimou o comprimento de seu braço, as chamas lambendo sua carne enquanto a agonia a queimava.

Morana olhou para o sangue encharcando o tecido do vestido, não sobre os seios, onde esperava vê-lo, mas do lado de fora do braço.

Ela levou um tiro na parte externa do braço.

Bem no local onde o machucado estivera.

A bala nem estava em seu braço.

Foi apenas um raspão.

Ele não a matou. Nem a machucou gravemente.

Os olhos dela voaram para ele, para encontrar algo completamente ilegível nos olhos dele, seu olhar pesado e intenso com algo que ela não tinha nome. Ela reconheceu a fúria, o ódio, mas havia algo mais, algo *tão vivo*, algo que ela não reconheceu. Ele pulsou entre eles, fazendo-a perceber o quanto ele estava totalmente controlado e, de repente, a represa explodiu.

Os olhos dele a prenderam, o azul feroz naquela estranheza. A respiração dela gaguejou, os olhos nos dele, a descrença a inundando porque ele estava apontando para o peito dela. A regra do jogo era responder ou morrer. E, no entanto, ela estava apenas roçando seu braço machucado.

Um dos homens a mataria porque eles jogavam de acordo com as regras. Ela não podia sair viva depois de tudo.

No entanto, ela sabia, ela faria. Porque ele decidiu que ela iria viver. Porque ele atirou nela, e os homens não podiam discutir com isso.

Os olhos deles permaneceram trancados sobre a mesa, a mão dele segurando a arma frouxamente e a dela pressionando o braço que sangrava, o estômago em nós.

Ela deveria ter ficado brava. Ela deveria ter se sentido traída. Ela deveria ter sentido ódio.

Ela deveria ter se sentido aliviada por estar viva. Deveria ter se sentido trêmula ao fechar a porta. Ela deveria ter se sentido incerta sobre o que estava por vir.

Ela deveria ter, poderia ter sentido tantas coisas ...

Mas enquanto ela estava sentada, observando-o, depois de não ter dito uma palavra nessa selva de caçadores para fazê-lo parecer menos do que mortal, ela ficou surpresa consigo mesma. Morana não sentiu nenhuma dessas emoções.

Isso quase a fez querer sorrir.

Quase.

Ela deveria ter sentido muitas coisas, mas o que sentiu foi uma mudança.

Algo mudou quando ela optou por ficar em silêncio em vez de falar, perdendo sua vida, e ele escolheu dar um tiro nela no braço em vez de no coração, poupando sua vida. Algo entre eles mudou, exatamente como naquela noite no escuro, desta vez no meio de uma multidão de homens letais.

Ela sentiu a conexão entre eles que tentara negar com tanta força, sentiu-a girar e girar, aprofundando, engrossando, sufocando todas as sombras que encontrava em sua mente, estrangulando toda a incerteza.

Ela escolheu não o trair para essas pessoas. Ele escolheu não a deixar morrer.

Ela não queria pensar nisso. Não queria pensar nas implicações. Não queria reconhecer a conexão deles que continuava se dobrando repetidamente entre eles, algo fundamental mudou com ela nas duas decisões.

Porque ela percebeu, ela não era a única imprudente entre eles.

As coisas, embora iguais, haviam mudado. Inadvertidamente, hoje à noite, os dois decidiram.



Despojando

Ela estava sangrando.

Uma gota de sangue deslizou por seu braço.

Morana virou a cabeça e assistiu com um ligeiro fascínio, enquanto a gota rolava sobre a curva do cotovelo, deixando uma nova mancha vermelha sobre a pele. Seus olhos seguiram a gota solitária, que descia suavemente, pelas costas da mão, pelo dedo anelar vazio, até a ponta. Ele pairava na borda precária, oscilando, tremendo no ar condicionado levemente frio, lutando contra a gravidade com toda a sua força para se agarrar à sua pele.

Perdeu.

A queda perdeu a batalha com uma força que era muito mais forte do que ela própria – uma força que nem sequer entendia – e caiu no chão limpo do elevador, respingando em derrota, estragando as linhas brancas e limpas com seu vermelho.

Outra gota tomou seu lugar e se juntou à irmã no chão.

E outra.

Morana olhou para a gota de sangue por um momento, seu braço latejando onde o corte da bala estava aberto, a noite inteira e a consequência dela finalmente afundando lentamente em sua mente.

O fato de ela ter saído do cassino viva era um milagre em si. O fato de ela ter saído viva com nada além de um raspão era um milagre maior.

Mas agora, na privacidade de sua própria mente, quando a adrenalina deixou seu corpo frio e a lógica se enraizou, Morana engoliu em seco. Porque lá, naquele assento no cassino escuro, ela fez uma escolha, uma escolha que ela não tinha ideia de que faria até aquele exato momento. E sua escolha incitara uma decisão no homem que se tornara a desgraça de sua existência. Se tivesse sido uma escolha particular, conhecida apenas por si mesma, ela não teria se preocupado tanto. Seria desconcertante, com certeza, mas saber que o conhecimento de sua escolha estava apenas dentro dela teria sido muito melhor.

Mas não foi assim. A escolha dela não era apenas óbvia para ele, a dele também era óbvia para ela, e ela não podia imaginar que ele gostasse mais do que ela no momento. Francamente, ela não tinha ideia do que diabos isso poderia significar.

As portas do elevador se abriram, sacudindo-a de seus pensamentos, e Morana respirou fundo, entrando na sala de estar, o horizonte da cidade brilhando como diamantes

coloridos do lado de fora das enormes janelas. Mantendo a mão elevada para estancar o fluxo de sangue, ela foi direto para a cozinha, largando a bolsa e o telefone no balcão e retirou a toalha limpa da prateleira. Ligando a torneira, ela molhou a toalha e limpou lentamente a área, sibilando com a leve dor causada pela pressão, antes de pressionar a toalha com força no braço.

A dor subiu por seu ombro, até os dedos, e ela cerrou os dentes, respirando uniformemente enquanto a dor diminuía em uma pulsação baixa, o fluxo de sangue já diminuindo.

Mantendo a toalha pressionada em seu braço, olhando pelas janelas, Morana deixou sua mente vagar para aquele momento no cassino, naquele momento depois que ele atirou nela. Aquele momento em que o homem que a trouxera protestara que ela não levara uma bala, para o acordo dos outros homens presentes.

Morana lembrou-se da maneira como Tristan Caine olhou suavemente para o homem e apenas levantou uma sobrancelha, recostando-se na cadeira. Lembrou-se da maneira como o silêncio na sala ficou tenso, como prendeu a respiração, sem saber se essas pessoas a deixariam ir.

E então Tristan Caine falou, sem tirar os olhos do homem atrás dela.

"Saia."

Levou um momento para perceber que ele estava falando com ela. Mas, pela primeira vez, ela não queria continuar sentada e discutir com ele. Pegando as chaves, Morana afastou a cadeira, observando o tempo todo, não as pessoas na sala, mas *o Predador*, como ele observara os outros, seu olhar quieto desafiando alguém a fazer um movimento para detê-la.

Nenhum homem se mexeu.

Com o coração na garganta, ela saiu rapidamente e correu para o carro, não permitindo um momento sequer para pensar no que tinha acontecido. O caminho para o apartamento tinha sido curto e agora, de pé dentro da segurança dessas paredes, Morana não tinha ideia do que iria acontecer.

O que aconteceu no cassino depois que ela saiu, ela não podia imaginar. Uma parte dela se perguntou se os seis homens haviam confrontado Tristan Caine. Outra parte dela estava admirada com o poder que ele realmente possuía na máfia.

Ouvir algo e ver algo eram duas coisas completamente diferentes. E, tendo visto o medo genuíno nos olhos de homens muito mais velhos e mais experientes que o pai, pela primeira vez, ocorreu a Morana, *verdadeiramente,* com quem ela estava lidando.

Um arrepio percorreu sua espinha.

Aqueles homens no cassino haviam lidado com sangue e areia a vida inteira e temiam Tristan Caine. Morana não podia sequer imaginar o tipo de coisa que ele deve ter feito para perpetuar esse medo em uma idade tão jovem.

Em retrospectiva, ela podia ver o quão incrivelmente tola fora, escondendo-se para matá-lo. Depois de sua proeza hoje, ela não sabia se ele voltaria e finalmente a mataria, ou se livraria dela, ou a enviaria de volta para o pai com um pequeno laço arrumado.

Deus, ela estava tão completamente fora de seu elemento.

E isso a assustou.

O som repentino da abertura do elevador a fez começar.

Seu coração acelerou.

Ele estava aqui.

Foi preciso um esforço para não ir para o quarto de hóspedes e trancar a porta. Pela primeira vez, ela estava tão confusa que queria correr. Em vez disso, girando no local, ela se virou para encarar as portas do elevador de frente.

E sentiu a respiração presa na garganta no meio da inspiração.

Tristan Caine estava lá na semiescuridão, sem o paletó e as mangas arregaçadas, as pernas separadas enquanto as

sombras brincavam sobre seu rosto duro à luz do lado de fora.

Mas não foi isso que a deixou sem fôlego. Não.

Foram os olhos dele.

Olhos azuis e magníficos.

Olhos ardentes.

Um frisson de algo deslizou por sua espinha, causando arrepios por seus braços, seu coração explodindo em seu peito quando a mão segurando a toalha do braço caiu. A toalha caiu do aperto frouxo no chão, e Morana não conseguiu tirar os olhos nem olhar para baixo para ver se o ferimento ainda estava sangrando.

Ela ficou parada, os olhos nele.

Ele ficou parado, olhando-a.

Silêncio.

E então ele deu um passo à frente.

Os pés dela se afastaram.

Seus olhos brilharam com a ação involuntária dela, seu próximo passo mais lento, mais deliberado.

Com o coração batendo forte, pela primeira vez desde que o conheceu, Morana não conseguiu se manter firme.

Suas pernas se afastaram por conta própria, algo profundo, profundamente dentro dela, trazendo à tona todos os seus instintos de sobrevivência quando ele se aproximou, algum senso de autopreservação profundamente enraizado fez seus pés se moverem antes que ela pudesse processar a ação.

Olhos fixando os dela, seus próximos passos de alguma forma pareciam mais agressivos, seu corpo flexível e fluido em seus movimentos, as roupas da civilidade não fazendo nada para mascarar o animal nele, enfatizando ainda mais.

Tudo dentro dela se rebelou com o pensamento de ser perseguida, mas ela não conseguia impedir que os pés voltassem, o peito arfando levemente, as mãos trêmulas, com medo ou emoção ou algo mais que ela não sabia. Suas emoções eram uma massa indistinguível de *algo* e *tudo* no momento.

Morana deu um último passo para trás, sentindo o balcão separando a cozinha e a área de jantar nas costas, o tampo de granito fresco pressionando a base da coluna, provocando pequenos calafrios percorrendo seu corpo. Ela apertou a mandíbula, seu pulso pulsando com vingança em seu corpo, pulsando por toda parte enquanto mantinha os olhos nele.

Ele parou a alguns passos de distância.

Mas então continuou, apenas perseguindo, seu corpo solto, mas controlado.

Morana pressionou mais fundo no balcão.

Ele precisava *parar.*

Ele não fez.

E pela vida dela, ela não podia expressar uma única palavra, não quando os olhos dele a penetraram, vislumbrando coisas que ela nem sabia que existiam dentro dela.

Ele entrou direto no espaço pessoal dela, tão perto que ela teve que inclinar a cabeça para trás para manter os olhos trancados, tão perto que as pontas dos seios roçaram o torso duro dele enquanto ela inalava, uma corrente passando por seu núcleo enquanto ela se inclinava longe, meio dobrada sobre o balcão.

Seus olhos brilhavam enquanto as sombras dançavam sobre seu rosto, fazendo-o parecer ainda mais perigoso do que ele era, seus magníficos olhos azuis com suas pupilas bem abertas, dizendo a ela que ele não estava no controle agora, não como se estivesse o dia inteiro que ela o seguiu.

Deus, ela precisava de controle. Ela precisava *respirar.*

Fazendo-se focar na pulsação maçante em seu braço, Morana quebrou o olhar, desviando os olhos e virando o rosto para o lado.

O rosto dela nem se virou quando as mãos dele dispararam, plantando-se de cada lado dela no balcão,

prendendo-a completamente. O peito dele pressionou seus seios, não completamente, mas o suficiente para fazer com que a fricção de sua respiração a deixasse louca, o calor quente de seus músculos sólidos contrastava com o granito frio em suas costas, sua respiração roçando levemente sobre o topo de sua cabeça.

Seu coração batia forte, pulsando como um pássaro enjaulado de repente, os dedos curvando-se no balcão ao lado dela, segurando o mármore frio, a vontade de pressionar a palma da mão contra o peito duro e em movimento agudo. O desejo de sentir o cheiro tentador daquele almíscar que ele sempre cheirava estava na língua dela, ainda mais profundo.

Que diabos ela estava pensando em ter esses pensamentos, especialmente depois desta noite?

A jugular dela havia sido exposta a ele por um longo tempo, mas mais por circunstâncias do que por escolha. Não essa noite.

O coração dela se rebelou.

De repente, ela sentiu a mão dele em seu pescoço, a mão inteira segurando sua mandíbula por baixo quando ele virou o rosto para ele.

Polegadas.

Meras polegadas.

As respirações dele roçaram o rosto dela, enquanto os olhos dela se fixavam nos dele novamente por alguma compulsão interior que ela não conseguia entender, os olhos dele procurando os dela febrilmente, ardendo enquanto o rosto dele continuava duro e frio, a dicotomia no homem a irritava e a fascinava na mesma medida.

Inclinando a cabeça para trás completamente, ele deu o passo final para diminuir a distância entre seus corpos, sua ereção semidura aninhada contra o estômago dela, enquanto seus seios estavam completamente achatados contra seu torso. Seus mamilos se arrepiaram em resposta, sua coluna curvada sobre o balcão. Ela manteve as mãos ao seu lado, segurando a pedra, mantendo os lábios fechados com esforço deliberado, determinada a não quebrar o silêncio entre eles, a não ceder de pelo menos uma maneira.

Mas não era realmente uma competição, porque na respiração seguinte, ele falou, sua voz uísque lavando seus lábios.

"Eu não sei se vou quebrar seu pescoço ou foder a vida fora de você", essa voz tomou conta de seus sentidos, tão baixa que a fez querer revirar os olhos para dentro de sua cabeça e repentinamente se deitar no balcão.

Suas palavras afundaram.

Morana endireitou a coluna, o movimento aproximando infinitamente o rosto dele, os corpos pressionados para fechar, ela podia sentir cada entalhe de seu abdômen em seu

próprio corpo, sentir o corte dos músculos que ele estava usando para intimidá-la.

Morana olhou para ele, estreitando os olhos, seu sangue esquentando de raiva e excitação.

"Você quer me tocar, Sr. Caine?", ela falou em uma voz igualmente baixa. "Você me diz a verdade."

Seu rosto se fechou tão rápido que Morana teria perdido em um piscar de olhos. Toda a raiva, tudo de *tudo o* que esteve em seu rosto? Foi-se. Bem desse jeito.

Os olhos dele permaneceram nos dela, o fogo contido, mas não se foi, enquanto os dedos dele se apertaram em sua mandíbula, puxando-a para cima até que ela teve que ficar na ponta dos pés para acomodar.

Ele se inclinou, seus lábios quase alinhados com os dela enquanto seus olhos a espetavam como lascas de gelo, sua mandíbula apertada com tanta força que a nuca parecia ainda mais pronunciada.

“Nunca. Mais. Tente. Me. Controlar. Porra."

Morana sentiu o corpo tremer com a fatalidade em sua voz, o tom tornando evidente que tinha sido a coisa errada a dizer. Ela não tinha influência sobre ele. Absolutamente nenhuma. E pensar que sua luxúria funcionaria como se tivesse sido um tiro no escuro de qualquer maneira.

Ninguém poderia segurar nada sobre esse homem para fazê-lo fazer algo que ele não queria.

Alguém já tentou isso? A maneira como ele reagiu, com tanta veemência gelada, certamente implicava isso.

Mas, brincando com fogo como fazia regularmente nos dias de hoje, Morana sorriu levemente e deliberadamente apertou os quadris contra os dele, rolando-os em um movimento suave. Ela sentiu a resposta dele automaticamente, empurrando em seu estômago, com *força*, seu núcleo apertando em necessidade quando a respiração dele passou por sua boca. Seus lábios formigavam quando a umidade inundou entre suas pernas, seus mamilos se apertaram contra a rocha dura e incrivelmente quente, seu corpo vivo, tão vivo, porra, com sensações.

Tentando manter a calma, sorrindo atentamente, ela roçou o nariz sobre o dele, numa zombaria do beijo íntimo, e falou sobre os lábios dele.

"Então eu sugiro que você se controle, querido."

O canto de seu lábio se contorceu levemente, logo acima daquela cicatriz deliciosa, seus quadris balançando nela uma última vez antes de, de repente, se afastar. Já do outro lado da sala, suas calças tendiam evidentemente, sua postura sem vergonha enquanto a examinava.

Sentindo-se como se tivesse acabado de perder um jogo, não tinha ideia de que estavam jogando, incapaz de entender

o que nele a fazia se comportar assim, como um animal devasso em busca de emoções. Morana engoliu em seco e virou-se para o quarto de hóspedes, afastando-se o mais rápido que pôde sem parecer que estava correndo, o que estava totalmente.

Ela sentiu os olhos dele recuarem até o quarto e manteve a cabeça inclinada, fechando a porta atrás dela, fechando os olhos.

Respirando fundo pela primeira vez no que pareceu minutos, Morana se sacudiu e caminhou até o banheiro, fechando a porta atrás de si, mesmo que não tivesse uma fechadura. Ele nunca havia entrado nesta sala antes, então ela não estava realmente preocupada com ele. Por todas as suas maneiras arrogantes, ele parecia ter algo pela privacidade dela, algo que ela não podia deixar de aprovar de todo o coração.

Tirando o vestido ensanguentado, Morana deixou-o cair no chão com um estalo e olhou para o espelho para verificar o braço.

O sangramento parou, assim como a dor. Era apenas um corte que palpitava, nada que algumas ataduras e um pouco de sono não curariam. Decidindo tomar um banho primeiro e depois ir para a cozinha para um curativo, Morana foi até o box de vidro no final do banheiro aconchegante e girou a torneira para se aquecer.

Ela passou por baixo da ducha, deixando a água quente deslizar sobre ela, sentindo o suor e a sujeira do dia descerem pelo ralo, juntamente com a exaustão, tomando cuidado para manter o braço ferido longe da água. Olhos fechados, cabeça inclinada para trás, ela deixou a água molhar seus cabelos escuros, acariciar seus músculos enquanto soltava o fôlego que estivera segurando o dia inteiro. Sua mente repetiu o que havia acontecido lá fora, o que ela quase queria que acontecesse.

Ela o viu. Olhos em chamas, corpo tremendo com aquele controle fino, sua agressão, sua fisicalidade, seu foco – tudo nela. Ela o viu e, como todas as outras vezes, algo nela havia respondido a essa chamada de animais selvagens. Só que desta vez, estava mais alto do que nunca, mais ardente.

Um calafrio percorreu sua espinha mesmo quando a água quente deslizou por sua pele.

Foi quando ela sentiu.

Os olhos dele.

Ela parou, seu coração quase calmo acelerando novamente enquanto a água escorria sobre seu corpo. De repente, percebeu o jorro, todo o fato de estar ciente do homem parado na porta de vidro.

O homem que nunca havia entrado no quarto de hóspedes. O homem que agora estava encostado no chuveiro casualmente, observando-a com os olhos firmes e prontos de

uma pantera. O homem que estava descalço, mas ainda vestido com essas roupas.

Esse foi o momento exato em que ela percebeu, olhando para os pés dele que – por algum motivo que fez seus mamilos se arrepiarem – ela estava nua. Completamente nua. Pela primeira vez, ela estava nua nos olhos dele.

Ela não gostou, não gostou do jeito que ele a observava sem suas camadas, sem óculos, sem roupas, nada.

Despojada.

Ela se sentiu *crua.*

Exposta.

Sangrando.

E ele ficou lá, cheirando o sangue dela, observando-a.

Ela pediu que ele se controlasse e, no entanto, lá estava ele, exibindo exatamente a mesma protuberância em suas calças.

Morana respirou fundo, mordendo o interior da bochecha e moveu a cabeça para encará-lo, mantendo o rosto limpo de todos os pensamentos e erguendo uma sobrancelha imperiosa.

Oh-oh.

A sobrancelha dela bateu na linha do cabelo; a mão dele bateu na tenda de vidro.

E então ele *se moveu*.

Endireitando-se de sua posição, ele entrou na cabine, encolhendo o chuveiro anteriormente grande para algo muito menor. Sua estrutura alta e larga diminuiu as paredes e o teto. O vapor rodopiou em torno dele, agarrando-se ao corpo e umedecendo o tecido da camisa. Morana assistiu, encantada, como uma gota de água condensada em seu pescoço apertado, bem ao lado daquela veia irritante, e rolou pela pele, em sua camisa agora completamente transparente.

Pela primeira vez, nessa proximidade, Morana viu com clareza as sombras de suas tatuagens espalhadas entre suas numerosas cicatrizes.

Não havia como ela ficar nua na frente dele enquanto ele ainda estava coberto. De jeito nenhum.

Antes que ele pudesse se mexer, Morana colocou as mãos na gola úmida e puxou a camisa dele com força, arrancando os botões, enviando-os para o chão, uma faixa de carne descoberta em seus olhos quando suas mãos se apertavam nos pulsos dela, os olhos inflamados.

Todo esse controle legal que ela testemunhou cinco minutos atrás... *evaporou.*

Com os pés descalços, ele passou sob a ducha com ela, empurrando-a de volta contra a parede e a virou. A frente dela estava pressionada, como na casa do pai.

Seu coração batia forte no peito tão rapidamente que ela podia sentir o pulso nos ouvidos, o corpo dele não pressionando o dela, mas ali, *ali mesmo,* pairando atrás dela. Ele estava tão perto que ela só precisou recostar-se um pouco para tocar sua pele, o desejo de fazer isso tão intenso que ela levou as mãos à parede e ficou parada.

E, pela primeira vez, ela sentiu as mãos dele em sua pele nua.

As mãos grandes e ásperas na pele dela.

Respirando fundo, Morana sentiu a mão dele agarrar a parte de trás do pescoço dela enquanto a outra se movia pela linha da espinha dela, em um toque gentil que a embalava em uma falsa sensação de segurança. Só conseguiu enrolá-la com mais força, a água caindo de lado neles, no lado de seu braço bom enquanto o ferido permaneceu seco.

Morana sabia que poderia detê-lo, se quisesse. Exceto que ela não queria.

Em algum lugar ao longo do caminho, ela ficou tão bem em desejá-lo, tão bem com essa luxúria que ela podia sentir o sangue correndo, que estava bem em admitir isso para si mesma. Isso não a fez se odiar menos, mas a sensação inebriante quando as mãos ásperas e calejadas se moveram sobre ela a fizeram desejar.

Ela o sentiu se abaixar, seus lábios roçando a concha de sua orelha enquanto ele sussurrava suavemente em sua pele,

sua mão vagando até a base de sua coluna, lentamente descendo para sua bunda com segurança.

"Este corpo pertence a mim, Srta. Vitalio", ele murmurou em voz baixa, o uísque e o pecado se combinando para fazer a cabeça dela inclinar-se sobre seu ombro largo enquanto seu estômago se apertava.

"Este corpo é meu", ela respondeu, incapaz de reconhecer sua própria voz pingando em sexo.

Ele continuou, como se ela não tivesse falado, segurando sua bunda. “Sou um homem territorial. E isso tem sido meu desde o momento em que você trancou a porta do banheiro.”

"Foi uma vez", ela o informou, mesmo sabendo que não havia como detê-los agora.

"Então vamos fazer uma segunda, certo?"

Morana podia sentir a raiva fervendo em seu corpo atrás dela, a raiva que ele estava controlando, ouvir o tremor em sua voz suave.

A mão na bunda dela mergulhou mais baixo, os dedos dele roçando seus lábios inferiores, antes de entrar nela com uma certeza que a fez fechar os olhos, as abrasões ásperas nos dedos dele esfregando-a profundamente das maneiras mais deliciosas, molhando-a ainda mais do que ela já esteve.

Ela ouviu o som do zíper dele caindo e o rasgo do preservativo antes que a perna dele se abrisse. A mão dele se moveu para a base da coluna dela e pressionou, fazendo-a empurrar os quadris para fora e apoiar o peso nos braços contra a parede.

Morana olhou para a parede à sua frente, os seios arfando e o coração batendo em antecipação.

Ela sentiu os braços dele prendê-la como antes e observou fascinada quando as mãos dele pousaram na parede um pouco acima das dela para o lado. Morana olhou para as mãos deles, tão perto e tão distantes, comparando as diferenças e as semelhanças. Os dois pares de mãos eram excelentemente talentosos em seus respectivos campos, mas as dele eram escuras, ásperas, com veias e dedos longos e largos, com unhas ásperas e um punhado de cabelos nas costas. A dela parecia muito mais pálida, suave e muito menor, as pontas pintadas de um verde brilhante.

Vendo as mãos juntas assim, observando o antebraço grosso ao lado de seu delicado pulso, algo vibrou na boca do estômago.

Não. Ela não gostou disso. Não queria nada disso.

Morana fechou os olhos, fechando a vista, mas a imagem estava impressa em seu cérebro.

Cerrando os dentes quando a raiva a encheu, a raiva por ser incapaz de sacudir algo tão trivial quanto as mãos lado a

lado, algo tão estúpido, Morana empurrou os quadris para trás, querendo que ele entendesse.

Ela sentiu a ponta do pau dele cutucar em sua abertura e respirou profundamente, com o batimento cardíaco irregular, a água caindo sobre eles pelo lado.

Com completa e absoluta facilidade, ele a penetrou lentamente, polegada por polegada deliberada, fazendo-a prender a respiração na garganta com o tamanho dele. Porra, ela tinha esquecido como ele era dentro dela, preenchendo cada grama vazia de espaço, percorrendo suas paredes de uma maneira que ela não pensava ser possível, fazendo suas costas arquearem ainda mais para absorver tudo dele. Ela pensou que ele entraria como tinha feito no restaurante e estaria dentro.

Ele não fez.

Em vez disso, ele se afastou um pouco, antes de empurrar-se novamente, facilitando-a, fazendo-a sentir, realmente sentir cada centímetro dele.

Morana abaixou a cabeça enquanto as palmas das mãos pressionavam a parede, o corpo levantado na ponta dos pés para permitir alguma influência, os quadris empurrando de volta para ele.

Ele a penetrou ao máximo, suas paredes apertando-o, o novo ângulo a penetrando de maneiras que a fizeram ver

estrelas, pressionando em pontos dentro dela que ela não tinha conhecimento.

E todo esse tempo, ela manteve os olhos deliberadamente fechados, sentindo-o dentro dela, mas não sentindo seu torso contra suas costas, ciente da distância entre seus corpos.

Ela estava feliz por isso.

Porque no restaurante tinha sido fácil explicar a si mesma, culpar principalmente o fato de que ela estava desafiando o pai bem debaixo do nariz dele com o inimigo. Lá, tê-lo pressionado contra ela havia sido um ato de rebelião. Mas no chuveiro, não havia ninguém que ela pudesse culpar além de si mesma, tendo-o perto de um desejo que ela não queria definir.

Ele a puxou de repente, tornando-a consciente de seu corpo, e empurrou dentro dela, duro, todos os traços de gentileza desapareceram. Morana respirou fundo, enrolando as mãos nos punhos na parede enquanto o prazer passava por seu núcleo até a ponta dos dedos dos pés, as pernas tremendo com o esforço de permanecer em pé.

"Você faz algo assim de novo, eu vou atirar em você no coração."

Sua voz gutural a fez estremecer quando suas paredes se apertaram ao redor dele.

"Eu decido quando você morre."

Morana bufou uma risada que foi estrangulada em sua garganta. "Você é louco."

Sem uma pausa, os quadris dele começaram a estalar nos dela rigorosamente, rolando cada impulso de uma maneira que a fazia morder os lábios para manter os gemidos para si mesma, o suor escorrendo pela testa, os seios arfando quando a cabeça se arqueava, os cabelos flutuando pelas costas em um emaranhado de mechas molhadas.

"Não. Eu sou louco *pra caralho*."

Ela recuou contra o ardor dele, a fricção dentro de suas paredes fazendo-a apertar seus músculos ao redor dele quando a ponta de seu pênis esfregou sobre aquele ponto dentro dela uma e outra vez. Seus quadris nunca pararam, o ritmo nunca quebrou, e sua mandíbula afrouxou quando o calor se enrolou profundamente em sua barriga. Era uma cobra enrolada cada vez mais forte em torno de sua presa, espremendo a própria vida com tanta força brutal, pronta para afundar suas presas em êxtase divino.

Morana tremeu por toda parte, seus lábios inchados por seus próprios dentes mordendo, em um esforço para manter seus sons para si mesma.

Ele teve a mão cobrindo a boca dela nas últimas vezes em que a fez gozar, abafando todos os ruídos que ela fez e de uma maneira complicada, concedendo-lhe a liberdade de deixar escapar todo o barulho dentro dela, sabendo que isso não aconteceria, não seria ouvido.

Desta vez, não houve mão abafando sua resposta e, por mais que tentasse, gemidos escaparam do fundo de sua garganta quando ela o sentiu entrar e sair dela, repetidamente, suas pernas tremendo e as mãos doendo, mas os quadris se movendo com o seu. Ela tentou conter o barulho, mas não conseguiu, não completamente.

De repente, ela o sentiu se ajoelhar, mudando o ângulo da penetração. Um rosnado baixo retumbou de sua garganta quando ele empurrou com tanta força que a boca dela se separou em um gemido alto, todo sentido, todo o controle de seu corpo perdido para ela quando a visão escureceu. O tremor em seu corpo se intensificou, assim como os movimentos dele, agressivos, fervorosos, mas tão distantes de seu corpo, não a tocando em lugar algum, exceto onde estavam unidos.

Morana queria recostar-se em sua massa sólida, deixá-lo suportar seu peso, porque seu corpo estava muito frouxo para fazê-lo mais, que suas mãos cobrissem seus seios e seu rosto se transformasse em seu pescoço. Ela queria cada mordida, cada mordidela e palavras pesadas e sujas em seu ouvido enquanto seu pênis a cortava.

Seus dedos se cravaram na parede com o esforço de não fazer nada disso enquanto o prazer balançava sobre seu corpo, lavando-a com tanta repentina intensidade que ela ficou atordoada por sua intensidade, incapaz de conter o grito que começou como um gemido e ficou cada vez mais alto. Ele empurrou, atingindo aquele ponto doce dentro dela, uma e

outra vez, com tanta precisão que sua cabeça pendia na parede, seu corpo relaxando completamente contra ela quando seu orgasmo estalou dentro dela. Seu coração disparou com tanta força que ela podia senti-lo palpitar nos dedos dos pés, no núcleo, na porra dos dentes. Seu corpo tremia por toda parte, suas paredes se apertando contra ele, ordenhando-o, enquanto ele empurrava uma última vez e parou, sua respiração alta atrás dela.

Eles ficaram em pé assim, ele a enjaulando sem tocá-la e ela tremendo contra a parede de felicidade.

O som da água penetrou em seu prazer induzido pela neblina primeiro.

Ela ficou sozinha, apesar de ele ainda estar dentro dela. Seu corpo estava saciado, mas ela ainda podia sentir algo faminto roendo dentro dela, tentando arranhar e encontrar satisfação. Ela continuou a socá-lo. Seria o suficiente? Alguma coisa seria suficiente?

Foi quando ele deslizou para fora dela, enquanto seu coração gaguejava a uma batida mais calma, que ela percebeu que a água estava fria, fluindo contra suas costas por causa do espaço entre seus corpos.

Atenta a ele atrás dela, Morana permaneceu de pé do jeito que estava, sem se mexer, sem se virar, sem ter certeza de que queria encará-lo naquele momento. Esta foi a primeira vez que eles estavam juntos fisicamente apenas consigo mesmos, sem fatores externos em jogo, e tinha sido

igualmente removido, se não mais. Isso fez algo dentro de seu peito parecer apertado antes que ela se afastasse e concordasse. A distância era necessária.

Ela abriu os olhos, apenas para ver aquelas mãos, cerrando os punhos contra a parede - punhos cerrados que fizeram seus braços tremerem.

"Por quê?"

Uma palavra.

Gutural.

Falado naquela voz baixa. A voz que tremia. Fizeram tantas perguntas nessa única palavra. Ela entendia algumas delas.

Por que ela não o vendeu quando teve a chance? Por que ela ainda não estava fora do sistema dele? Por que esse desejo louco não foi saciado, apesar de seus corpos terem encontrado a conclusão? Por que ela o seguiu? Por quê...

Havia muitas outras perguntas lá, perguntas que ela não entendia, perguntas que ela tinha certeza de que ele nem sabia que ele havia perguntado.

Por quê?

Por que isso estava acontecendo? Por que ela sentiu essa conexão com o único homem de quem deveria fugir? Por que ele a deixou tão viva quando lhe disse que a queria morta? Por que ele não a matou ainda?

Por quê?

Por quê?

Morana olhou para os punhos dele, engolindo a repentina onda de emoções dentro dela e respondeu suavemente, com uma palavra.

"Por quê?"

Silêncio.

Por longos, longos momentos, ela não sentiu nada além da respiração dele nas costas dela, viu nada além das mãos dele ao lado das dela, tão perto, mas tão longe.

E então, de repente, ele puxou a mão e bateu com força na parede acima da mão dela.

"Porra!"

Morana ficou totalmente quieta, atordoada com o jeito que ele agiu.

Uma, duas vezes, três vezes.

"Porra!"

Uma frustração tão completa sangrava de sua voz. Tanta *dor*.

Ele continuou xingando até que ela não ouviu nada além de palavrões. Palavras doloridas. Palavras agravadas.

Ele continuou socando a parede até que os nós dos dedos estalaram até a parede amassar e o gesso ficar manchado de vermelho.

E por tudo isso, por toda aquela demonstração de raiva, ele nunca a tocou, nem uma vez.

Apesar de sua resposta ter provocado isso, apesar do desejo dele de matá-la, ela permaneceu intocada.

"Filho da puta!"

E acabou assim como começou.

Antes que ela pudesse piscar, ela estava completamente sozinha, o corpo dele passou por trás dela, as mãos dele ao lado dela.

Morana ficou lá, respirando com dificuldade, apenas observando o lugar onde suas mãos estiveram.

A parede branca outrora lisa ao lado de suas mãos estava rachada, fissuras aparecendo em pequenos sulcos, o espaço branco limpo pintado de vermelho.

Ela engoliu em seco, com os olhos presos em uma gota de sangue escorregando pela parede, deixando uma marca na cicatriz atrás dela, estragando o branco imaculado.

Uma gota de sangue escorrendo.

Ele estava sangrando.



Tremendo

Ela foi dormir mais tarde naquela noite, depois de cuidar do ferimento, deitou-se em silêncio, tentando entender o que havia acontecido, quando o telefone tocou.

Era uma mensagem, de um número desconhecido, com um arquivo multimídia anexado. Morana olhou para ela, com o coração acelerado quando se sentou na cama e viu o número.

Era o mesmo número que lhe enviara o artigo; o mesmo número que ela não conseguiu rastrear.

Respirando fundo, incerta do que iria encontrar em seguida, Morana tocou no ícone multimídia para encontrar uma pasta. Apertando os olhos, Morana olhou para as pequenas fontes, lendo o nome da pasta.

Luna Evelyn Caine.

A respiração dela ficou presa. Com as mãos trêmulas, Morana clicou no ícone e descobriu por que ele estava sangrando.



Ela não conseguia parar de tremer.

Algo se moveu dentro dela novamente, mudou, foi substituído, despertado e amortecido. Turbulência enrolou em sua barriga como uma fera faminta salivando por comida.

Morana fechou a porta do quarto atrás dela e saiu para a pálida luz da manhã que inundava a sala. Seus olhos olhando pelas janelas altas, ela pegou o sol que mal estava no céu. As nuvens tremulavam ao longo do horizonte, dirigindo-se para a cidade, dando ao horizonte um cenário majestoso, embora sombrio, enquanto o vento soprava o mar em correntes.

Eram apenas quatro da manhã e ela não dormiu uma piscadela a noite inteira. Nem sequer tentou.

E não foi por causa do braço dela.

Foi por causa do que ela descobriu.

Morana não sabia quem era o homem ou mulher anônima, ou se era apenas uma pessoa em vez de um grupo, que havia lhe enviado o artigo algumas horas atrás, mas eles eram engenhosos, encontrando coisas que ela nem sequer tinha uma ideia, de fontes que ela não sabia que existiam.

Coisas pessoais.

Coisas que torceram seu estômago e fizeram bile subir em sua garganta.

De acordo com as informações na pasta intitulada 'Luna Evelyn Caine', Morana descobrira, em certa medida, verdades que faziam muito sentido, mas ela nunca soube.

Ela já sabia sobre as meninas que desapareceram para nunca mais serem encontradas em Tenebrae e áreas próximas cerca de vinte anos atrás. Ela também sabia que a irmã bebê de Tristan Caine tinha sido uma das meninas desaparecidas.

O que ela não sabia eram as especulações sobre os sequestros. Como as autoridades suspeitaram de uma, ou talvez duas pessoas trabalhando juntas, sem nenhuma pista sobre qual objetivo. Mas a fonte anônima havia lhe dado provas suficientes – que ela examinara por horas – para fazê-la perceber que era muito maior que um ou dois homens. Foi o trabalho de um grupo de pessoas muito fortes e muito poderosas. Para que, ela não sabia. O que jovens garotinhas poderiam conseguir de alguém se não fosse resgate?

Havia detalhes indecentes o suficiente para fazê-la querer ficar enjoada, mas ainda assim, não foi isso que a levou à beira do abismo.

Era sobre ela.

O fato de que ela também era uma das meninas.

Ela viu sua própria fotografia olhando para ela, suas bochechas gordinhas molhadas de lágrimas enquanto se sentava junto com outras duas meninas.

Uma das quais tinha sido Luna Caine. Cabelo vermelho escuro, apenas um pouco mais velha que ela, boca rosada, olhos verdes brilhantes brilhando com as próprias lágrimas. Havia outra criança na foto entre elas.

Três garotas na foto.

Vinte e cinco meninas desaparecidas.

E Morana foi a única a ser encontrada.

Como? Por quê? Por que apenas ela e mais ninguém?

Com as pernas tremendo, Morana caiu no banquinho da cozinha, olhando pela janela, tentando se lembrar de algo, qualquer coisa de anos atrás.

Ela não conseguiu.

Ela tentou durante horas pensar em algo para recordar até os mínimos detalhes de ser sequestrada, mas tinha ficado absolutamente vazia com apenas uma leve dor de cabeça para responder por isso. Era porque ela tinha apenas três anos na época, ou porque ela enterrou a memória como as pessoas às vezes fazem? Ela poderia fazer isso?

E era por isso que Tristan Caine a odiava tanto? Porque ela voltou quando a irmã dele não? Ela viveu a vida enquanto sua irmã, provavelmente não? Foi por isso?

Suas mãos estavam tremendo. Elas estavam tremendo a noite toda e não importava o que ela tentasse, isso simplesmente não parava.

Deus, ela estava desmoronando.

Por que seu pai nunca contou a ela sobre isso? Quando fazia parte de desaparecimentos em série? Por que alguém não contou a ela? A Aliança terminou misteriosamente na mesma época e alguém a enviou isso?

Sua cabeça doía.

O som repentino de um pigarro a fez pular na cadeira. Ela se virou rapidamente e viu Tristan Caine parado ao pé da escada, sem camisa, mas com jeans desabotoado, o cabelo arrepiado como se ele passasse os dedos repetidamente, os olhos levemente vermelhos.

Ou ele estava chorando ou também não tinha dormido.

Ela apostou que não era a primeira.

Seu rosto era sua máscara neutra e controlada de sempre, enquanto a olhava, seus olhos demorando por uma fração de segundo em suas mãos trêmulas antes de voltar para ela.

Deus, ela não poderia fazer isso. Este jogo intenso de contato visual que eles jogavam. Ela simplesmente não podia fazer isso agora, não com o jeito que ela mal conseguia conter o grito que vinha construindo em sua garganta. Não era um

grito de medo, devastação ou desespero. Nem mesmo frustração, verdadeiramente. Estava preso em algum lugar entre todos, saltando de um para o outro enquanto eles riam na cara dela.

Ela se virou para encarar a janela.

"Eu machuquei você?"

A pergunta, feita naquele tom baixo e áspero, pegou-a desprevenida.

Mantendo as costas para ele, as mãos atadas no colo, Morana zombou deliberadamente. "Por que você se importa?"

Silêncio.

Ele ainda estava exatamente onde estava. Ela estava tão completamente sintonizada com os movimentos dele que seu corpo ficou tenso com a consciência, a coluna se endireitando e os ombros rolando para trás, enquanto mantinha o olhar fixo no horizonte.

"Eu machuquei você?"

Baixo. Rude. Novamente.

"Você atirou em mim", Morana apontou com uma leveza que não sentia.

Antes que ela pudesse respirar novamente, ele estava subitamente ao seu lado, os dedos no queixo, as pontas

calejadas pressionando-a, seu aperto firme, mas gentil, quando ele a virou para encará-lo.

Morana piscou para seus olhos azuis privados de sono, mas magníficos, penetrando nela, seu aroma quente e almiscarado ainda mais proeminente, nem uma pitada de sua colônia em qualquer lugar, o pomo de Adão balançando uma vez enquanto ele engolia em sua visão periférica.

"Eu machuquei você?", ele perguntou novamente, sua voz quase um sussurro, sua respiração quente no rosto dela enquanto seus olhos examinavam os dela.

Ela sabia o que ele estava perguntando. Ele não a machucou fisicamente no chuveiro, ele sabia disso também. Era outro tipo de mágoa que ele queria conhecer, outro tipo de mágoa que, francamente, ela nem considerara à luz das informações que a inundavam.

Então, ela pensou nisso enquanto ele esperava sua resposta. Ela pensou em como se sentiu quando ele a viu nua, como se sentiu quando o puxou para mais perto, como se sentiu quando ele afirmou a intensidade que fazia parte dele tanto quanto aquele membro a segurando.

Como ela se sentiu? Ele tinha sido surpreendentemente possessivo e surpreendentemente irritado. À luz do dia, ela conseguia entender o porquê. Para não dizer que ela concordou com muita coisa que ele disse, mas ela podia entender a raiva. Ela sentiu essa dor.

Mas ela estava machucada?

Ela era mais forte que isso.

"Não", ela disse calmamente.

Ele esperou uma batida, piscando uma vez antes de se afastar, largando a mão e caminhando em direção à escada sem outra palavra.

Morana olhou para as costas dele, a fera no peito apertando cada vez mais forte até que ela pensou que isso a sufocaria, e antes que pudesse pensar nisso, as palavras saíram de sua boca.

"Eu sei sobre sua irmã."

Morana viu quando ele parou de repente. Ele parou, o braço no parapeito, os músculos das costas cheias de cicatrizes, um músculo solitário por um enquanto enrolava completamente o corpo, a ação de sua pele nua visível aos olhos dela. Suas palavras eram mais altas que balas disparadas entre eles, confirmando suas piores suspeitas e revelando a mão dela.

Ela não sabia se deveria ter dito a ele ou não. Ela nem pensara antes de falar.

Deus, ela estava cansada de pensar, de tentar decodificar tudo.

Ela engoliu em seco, sua bravata fazendo-a se levantar lentamente, ela precisava saber, para finalmente saber se era

por isso que ele a odiava tão forte que apertava cada cavidade de ar em seu peito a ponto de sentir dor.

Porque se ele a odiava por estar viva quando sua irmã provavelmente não estava, ela realmente não via nenhum caminho a seguir. E olhando para as costas dele, para a multidão de cicatrizes que cobriam sua carne como os beijos de um amante, depois de testemunhar aquele momento de profunda dor e agonia que sangrava dele poucas horas antes, ela queria um caminho a seguir.

Ela apertou as mãos trêmulas em punhos.

"Eu sei que ela foi levada e nunca mais voltou."

Ele não se mexeu.

Nem sequer respirou.

Suas costas ficaram completamente imóveis.

Seu coração se apertou por ele, pela dor que ele deve ter sentido, ainda evidentemente sentido. Lembrou-se da suavidade com que ele falara de sua irmã.

Mordendo o lábio, ela deu um passo mais perto dele. "Eu sei que fui levada também."

Mais um passo.

"Mas eu voltei."

Quietude.

"E ela não."

Fodido *silêncio.*

O ar pesado entre eles, como se tivesse sido irritado demais, esfregou cru e tinha inchado de dor.

Morana fechou a distância entre eles com as pernas trêmulas, até que ela ficou ao lado dele, e olhou para o rosto dele, colocando uma mão no queixo desalinhado como ele segurou o dela apenas momentos atrás. Ele virou o rosto para ela, uma lousa limpa de toda expressão, os olhos vazios, mortos, apenas olhando para ela.

"É por isso que você me odeia, não é?", ela sussurrou no ar entre eles, sua voz tremendo levemente. "Porque eu fui encontrada e ela não foi?"

Seus lábios tremeram por uma fração de segundo antes de serem franzidos novamente, um movimento tão minúsculo, tão rápido, tão real que ela teria perdido se não estivesse tão perto dele.

Sua mandíbula apertou.

Morana soltou o queixo e olhou para baixo. “Como você consegue olhar para mim? Deus, como você pode me deixar ficar aqui quando você me odeia por... ”

"Eu nunca te odiei por isso."

Quase um sussurro, mas as palavras a alcançaram.

Os olhos dela se voltaram para ele. Os dele ainda estavam desprovidos de todas as emoções.

Mas ela sabia que ele estava dizendo a verdade. Um homem como ele, que tornara seu ódio tão honesto desde o começo, não mentiria quando questionado descaradamente.

"Então por que você me odeia?", ela perguntou suavemente, todas as suas especulações, confusões, causando uma morte difícil.

A luz na sala diminuiu ainda mais, as sombras se alongando enquanto as nuvens tomavam conta do céu.

Ele quebrou o olhar, olhando para o outro lado.

Ela esperou que ele respirasse algumas vezes, esperou que ele olhasse para ela, esperou que ele falasse. Ele não fez.

A raiva inundou suas veias com uma velocidade surpreendente.

Agarrando o bíceps dele, ela o sacudiu, tentou sacudi-lo, rangendo os dentes. “Diga-me, maldito seja! Diga-me por que você quer me matar. Diga-me por que você não fez quando poderia. Diga-me por que você está tão preocupado em me machucar quando me promete a minha morte com cada palavra que você fala. *Diga-me!*"

Ela estava gritando ao final de seu discurso, sacudindo o braço dele, sua raiva, sua confusão, sua frustração, seu desejo, tudo em guerra de uma maneira que ela não conhecia

antes de conhecê-lo, uma maneira que se tornara seu companheiro de cabeceira agora. Ela havia sido sequestrada junto com outras 25 garotinhas, incluindo a irmã dele, e ninguém havia retornado além dela. Ela nunca foi informada disso, nunca teve nenhuma indicação, mas claramente, tinha sido importante o suficiente para a pessoa anônima contar a ela. E mesmo que pudesse ter sido uma razão compreensível para seu ódio, não era uma razão.

Que porra foi então?

Seus olhos azuis cravaram nos dela, uma centelha de raiva neles, dando-lhes vida repentina. Sua mão livre subiu para segurar seu pulso enquanto ele a afastava daquele bíceps esticado, puxando-a para mais perto até que de repente eles estavam nariz com nariz, seu peito subindo e descendo tão rapidamente quanto o dela, seu coração batendo com força quando ela olhou para ele.

"Eu não lhe devo nada", ele rosnou a centímetros de distância da boca dela. "Eu faço o que faço. Só eu preciso saber as razões disso."

Morana rosnou de volta. "Não quando afetam outras pessoas, que neste caso sou eu."

"Não é problema meu."

Ela estreitou os olhos. "É, se eu começar a acreditar que você está cheio de merda e ar quente. Você está perdendo seu toque, *Predador.*"

Os lábios dele se curvaram levemente com o tom de escárnio dela, mesmo quando seus olhos se fixaram nos dela com intensidade inabalável, sem uma pitada de diversão.

"Você esquece que eu realmente não toquei em você."

A respiração dela parou quando ela entendeu a deflexão dele. Ele soltou a mão dela e subiu as escadas três degraus de cada vez, sua bunda esticada enquanto Morana o observava desaparecer de volta para dentro de seu quarto, mais uma vez deixando-a sem resposta alguma.

Morana fechou os olhos, respirou fundo e caminhou para o quarto, decidida, de uma vez por todas, que obteria algumas respostas de algum lugar, não importa o que ela tivesse que fazer. Ela precisava dessas respostas para manter sua sanidade, que ela podia sentir escapando com várias epifanias afundando nela – a percepção de que ela fez parte de algo tão horrível em uma idade tão jovem; a percepção de que apenas ela tivera a sorte de ter sido recuperada; a constatação de que todos a deixaram deliberadamente no escuro por algum motivo.

Sua cama estava uma bagunça de rolar e virar a noite toda. Rapidamente arrumando a cama, ela vestiu jeans escuro e a primeira blusa que pôde encontrar da coleção de Amara. Vestindo sapatilhas, ela amarrou os cabelos em cima, ajeitou os óculos, pegou as chaves e a arma e saiu.

Tristan Caine estava na cozinha, surpreendentemente vestido e recém banhado pela aparência. Ele não olhou para

ela enquanto batia ovos com eficiência, seu pulso se movendo a uma velocidade rápida, e ela não parou no caminho para o elevador, não poupando-lhe outro olhar.

"Indo para algum lugar?"

Duh, imbecil.

Ela ficou em silêncio e continuou andando, as chaves cavando na palma da mão.

"Os guardas não vão deixar você sair até que eu diga."

As palavras a detiveram. A raiva inundou seu sistema enquanto ela girava para olhar para ele.

"Eu não recebi o memorando de que tinha sido promovida a prisioneira", ela falou em uma voz fria, completamente em desacordo com o tumulto dentro dela.

Seu rosto permaneceu vazio quando ele colocou a tigela no balcão e se inclinou contra ela, cruzando os braços sobre o peito.

"Tratei você como convidada aqui, Srta. Vitalio, nós dois sabemos disso", ressaltou ele de maneira uniforme. “Você teve acesso ao seu carro amado. Você teve a liberdade de ir e vir como quisesse. Mas ontem, você mudou a equação. Você me seguiu o dia inteiro, colocando não apenas sua vida em risco, mas a minha. Não apenas uma vez, mas repetidamente.”

Ele se afastou do balcão e começou a caminhar em direção a ela lentamente, os braços ainda cruzados e o rosto duro, as sombras brilhando em seu rosto, a nuca mais longa e a aparência rígida, fazendo-o parecer ainda mais intimidador do que ele.

"Eu preciso lembrá-la que estamos à beira da guerra aqui?", ele riu, olhos azuis acendendo fogo. “Só porque seu pai ainda não retaliou, não pense que não faria. Eu o insultei em seu território, não apenas batendo nele, mas deixando você ficar aqui. Isso sem considerar seus códigos selvagens por aí que precisam ser encontrados.”

Ele não estava errado. Mas Morana não pronunciou uma palavra, deixando-o falar quando ele parou a alguns metros dela.

"Então, sim, eu disse explicitamente aos guardas para não a deixar sair, a menos que eu o diga, porque se seu pescoço bonito for torcido antes que os códigos sejam encontrados, todos nós estaremos ferrados."

Seu coração parou por um segundo antes de acelerar novamente. “Foi por isso que você não me matou no cassino? Por que você não me matou ainda?”

Ele inclinou o rosto para o lado, expressão em branco. "Claro."

Uma pitada de dor se curvou dentro de seu coração, mas ela a empurrou, sabendo que este homem tinha mais

camadas para descascar do que uma cebola teimosa, e ela não podia vê-las com olhos lacrimejantes. Ela estreitou o olhar e se concentrou nos olhos dele, vendo-os sem as próprias emoções nublando-os.

Seus lábios se curvaram quando ela balançou a cabeça, virando-se para sair antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, pressionando o botão do elevador. “Diga aos guardas para me deixar passar. Caso contrário, eles vão se machucar, ou eu vou. Escolha do negociante.”

As portas se abriram e ela entrou, apertando o botão do estacionamento e finalmente olhando para ele novamente.

“Ah, e continue dizendo a si mesmo que é por isso que você não me matou, Sr. Caine. Você pode dormir um pouco em paz.”

Seus olhos brilharam e as portas se fecharam, fechando-o, os painéis espelhados refletindo sua própria forma.

Morana olhou para si mesma, para o sorriso presunçoso em seu rosto e percebeu que, depois de alguns minutos com o homem irritante, suas mãos finalmente pararam de tremer.

Ela estava no cemitério, deitada na grama, olhando para o céu nublado.

Este era *o* lugar *dela* .

Morana descobrira este pequeno cemitério ao lado do aeroporto, por acidente, alguns anos atrás. Estava fechado da pista por um enorme muro cercado. Quando ela tropeçou neste lugar enquanto dirigia, tornou-se viciada em paz e sossego imediatamente. O chão tremeu sob seus pés e ela olhou para cima, para ver a barriga de um avião monstruoso a poucos metros acima de sua cabeça, voando. Algo muito maior que a fez se sentir tão pequena embaixo dela. Esse foi o momento em que ela foi fisgada.

Ela veio a este lugar inúmeras vezes desde então. Só se deitar na grama e ver avião após avião sair a cada cinco minutos, o barulho estrondeando por todo o corpo, o isolamento desse lugar tornando-o apenas dela. Era aqui que ela pensava melhor. Ela havia tomado muitas decisões corajosas por si mesma aqui e, na loucura das últimas semanas, havia esquecido o quanto sentia falta desse lugar.

Deitada na grama macia agora, Morana sentiu o revelador ronco no chão e sorriu para o céu nublado, cruzando as mãos na barriga enquanto o estrondo crescia e crescia até que todo o corpo tremia com o chão. Com um rugido, o nariz do avião apareceu, seguido pelo ventre, tão

vasto e tão próximo que ela podia sentir em todos os poros, o barulho ensurdecedor.

Ela manteve os olhos fixos no avião, que subiu mais alto e desapareceu de vista, deixando um silêncio absoluto.

Fazendo-a sentir-se viva e depois deixando-a com os mortos. Literalmente.

Morana riu de seus próprios pensamentos, antes de ficar sóbria, resolvendo a bagunça que sua cabeça estava há dias, dividindo e categorizando seus problemas em três pilhas arrumadas.

A primeira pilha era sobre os códigos. Embora ela quase tivesse escrito o programa irmão que tornaria esses códigos inúteis, não era isso que a preocupava. Alguém contratou Jackson, enquanto fingia ser Tristan Caine, para cortejar e fazê-la fazer os códigos, enquadrando o outro homem sem o seu conhecimento. Se ela não o tivesse confrontado em sua festa, ele provavelmente não teria descoberto até que fosse tarde demais.

Mas quem e por quê? A pessoa claramente conhecia Tristan Caine o suficiente para querer enquadrá-lo, mas como eles sabiam dela? As únicas pessoas que sabiam sobre sua experiência eram pessoas que estavam em programação, e poucas delas foram encontradas na máfia. Exceto em algumas semanas, ela encontrou duas dessas pessoas. Claramente, sua fonte anônima era especialista em encontrar coisas digitalmente, coisas que nem ela conseguira encontrar.

Os dois poderiam estar relacionados? E o que tudo isso tinha a ver com a Aliança?

A segunda pilha era Tristan Caine. Mesmo que tudo dentro dela evitasse querer olhar de perto o que ela sentia por ele, ela se forçou a fazer exatamente isso. Negar não faria bem a ela.

Ela o desejava, admitira isso. Não apenas uma foda rápida contra uma parede, pois eles não se entreolharam. Ela queria que ele a afagasse de volta, como ele fez ontem à noite por alguns segundos. Ela queria, pela primeira vez, que ele segurasse seus seios e não apenas deixá-la molhada com os dedos. Ela queria poder acariciar a mandíbula e sentir a nuca roçar na palma da mão. Ela queria sentir as cicatrizes debaixo da língua. Ela queria traçar essas tatuagens com os dedos. Ela o desejara antes e ainda o desejava. No entanto, sua fome não foi aplacada, nem saciada, e fora estúpido da parte dela pensar que uma vez seria suficiente.

Ela se sentia viva com ele, sabia disso também. Mas, apesar do incidente do cassino, e na noite passada, quando as emoções corriam muito perto da superfície para os dois, e nesta manhã, quando ele precisava saber se a machucara, Morana, por algum motivo, se sentia segura com ele. Era uma coisa estúpida sentir com um homem como ele, mas ela não conseguia entender.

No momento em que entrou no cassino e o viu, algo nela relaxou. No momento em que ela deixou o pai e veio até ele,

algo nela havia entrado em colapso. No momento em que ela o deixou vê-la nua, algo nela estalou. Ele a viu vulnerável várias vezes e aninhou sua jugular em vez de rasgá-la. Ele a vira mal-humorada tantas vezes e a alimentara com fogo em vez de apagá-lo. Ele a via como ela e, apesar de tudo, não havia explorado isso, como o pai dela havia feito tantas vezes.

Ela não podia ignorar essas coisas. Ela sabia que ele era um homem complexo, um quebra-cabeça mais difícil do que qualquer coisa que ela já havia encontrado. Ela sabia que ele a odiava, e se não fosse por estar viva no lugar de sua irmã, tinha que ser muito, muito pior. Algo que ele se recusou a falar com ela. Por quê?

E, se fosse pior, para onde ela iria adiante com ele? E sim, ela queria. Ela não sabia onde, mas em algum lugar.

Outra vibração a assustou, mas ela percebeu que era muito cedo e muito pequeno para ser outro avião. Era o telefone dela.

Morana tirou-a do bolso e olhou para a tela.

A terceira pilha estava ligando para ela.

Papai querido.

Morana olhou para a tela, a mão pairando sobre o ícone verde.

Ela não tinha falado com ele desde aquela noite. Quaisquer ilusões que ela já tivera foram destruídas não

apenas por sua queda, mas por ele usá-la como isca, nunca pedindo uma vez. Agora que descobrira os sequestros, seus próprios e outros, sabia que tinha que falar com ele.

E, no entanto, seu polegar não pôde descer.

A tela morreu.

Outro avião foi.

A tela acendeu novamente.

Morana respirou fundo e engoliu em seco, certificando-se de que sua voz permanecesse completamente uniforme e pressionou o ícone verde, colocando o telefone no ouvido.

“Você se estabeleceu muito bem como a prostituta dele, Morana”, a voz do pai dela saiu fria. "Eu tinha tantos planos para você."

Morana rangeu os dentes, mas falou com um sorriso deliberado. “Tenho certeza de que você não ligou para obter os detalhes da minha vida sexual escandalosa, pai. Ah, esqueci de perguntar, como está seu nariz?”

Silêncio.

Pontuação 1.

"Eu sei que você está fora do prédio, sozinha", informou o homem. Ah, os espiões sempre fiéis. Claro, ele tinha pessoas observando.

"E?"

“Você foi marcada como traidora, Morana. Este território não será mais seguro para você. Você será caçada e levada a mim por justiça, se não for morta imediatamente.”

Morana sacudiu a cabeça. “Você se importa muito com sua reputação para fazer isso comigo, pai. Seu nome é tudo para você. Uma filha dormindo com o inimigo? Oh, você enterraria as notícias tão profundamente no chão que nunca veriam a luz do dia.”

Ela fez uma pausa, respirando fundo. "Não foi por isso que as notícias sobre o meu sequestro nunca foram reveladas?"

Morana ouviu a respiração do pai parar.

Ele esperou um momento, depois soltou o sotaque mais pronunciado. “Aquele maldito verme! Ele era um pirralho de merda naquela época, e continua um pirralho merda agora. O que aquele merda te disse?”

Interessante.

Morana piscou para o céu, vendo as nuvens rolando acima, o vento acelerando.

"O que você acha?" Morana blefou, mantendo a voz controlada, vendo o que mais ela podia colher. "Eu sei pai."

Ela ouviu as respirações dele no telefone, respirações profundas, claramente tentando controlar sua agitação.

"Você sabe tudo?"

"Sim."

"Então, você está certa", ele falou finalmente, sua voz tão fria que enviou um arrepio na espinha dela. “Eu me preocupo com minha reputação. Eu trabalhei muito por muitos anos para deixar isso atrapalhar.”

Morana franziu o cenho, tentando juntar tudo o que o pai dizia.

"Você já sabe há um tempo, não é?"

Ela continuou a blefar. "Sim, eu sei."

"Você deveria ter morrido", o pai dela repetiu as palavras da outra noite. "Pelo menos eu não teria que lidar com você todos esses anos."

Morana ficou quieta, deixando-o falar.

“Você me desprezou, envergonhou-me e agora sabe a verdade sobre nós. Você não apenas assinou sua sentença de morte, Morana. Você assinou a dele também.”

Sua mente girou, não apenas por causa da gravidade das ameaças, mas por causa do que ele havia dito.

Verdade sobre nós?

A quem seu pai estava se referindo?

"A partir de agora, você está morta para mim."

A linha ficou morta.

Morana olhou para o telefone, outro tremor estremeceu seu corpo, arrepios irromperam por seus braços.

Ela olhou em volta, vendo a área isolada pela primeira vez como não o porto seguro que era, mas o local perfeito para se desfazer de um cadáver. Seus sentidos estavam formigando de medo.

A urgência a atingiu de repente.

Ela precisava voltar para a cobertura, para segurança. *Agora.*

Embolsando o telefone, levantou-se rapidamente e começou a caminhar em direção ao portão do cemitério a uma boa distância, além do qual o carro estava esperando por ela. Apressando os passos, ela manteve os sentidos vigilantes, olhando em volta e por cima dos ombros, vendo nada além de sepulturas, grama e árvores na outra extremidade deste lado da cerca, em silêncio absoluto.

O portão de ferro forjado apareceu e Morana pôde ver seu carro um pouco além disso.

Soltando um suspiro de alívio, ela acelerou e saiu do cemitério.

Talvez porque ela estivesse alerta para qualquer coisa fora do lugar combinado com o silêncio absoluto que, ela ouviu o pequeno bip que ela teria perdido ao se aproximar do carro.

O som voltou, como um chicote estalando no chão antes de encontrar a carne, fazendo seu coração palpitar quando o sangue correu por seu corpo em um tsunami.

Parando exatamente onde estava, Morana caiu de joelhos e se inclinou para olhar embaixo do carro, as mãos raspando a terra e o corpo pronto para pular e correr, se o que suspeitava fosse verdade.

Era verdade.

Uma pequena caixa preta estava presa sob o carro, um ponto vermelho de uma luz piscando nele a cada bipe alternativo. Como não havia temporizador, isso significava que era controlado remotamente. O que significava que alguém estava assistindo e esperando que ela chegasse perto o suficiente.

Com o coração na garganta, a adrenalina afogando seu sistema, Morana se afastou e se levantou, virando-se e correndo de volta para o cemitério sem desperdiçar um suspiro. O sangue batia nos ouvidos e os músculos da panturrilha queimavam. Pequenas pedrinhas ficaram sob a sola de suas sapatilhas, mas ela continuou correndo, sentindo um ponto do lado, assim que o chão sob seus pés começou a roncar.

Oh Deus, agora não.

Com uma explosão de velocidade, sem olhar para trás nem uma vez, quando um avião rugia no céu, uma rajada de

vento quente soprou nela por trás, forçando-a a cair no chão. O calor queimou suas costas quando ela caiu de bruços, a respiração a deixou sem ar, a pele exposta em seu pescoço e os braços chamuscados enquanto o tecido rasgava suas costas.

Ofegando, Morana rolou de costas, estremecendo de dor ao pressionar a pele sensível, o ferimento no braço sangrando novamente, a sujeira cobrindo sua pele, enquanto olhava para o portão.

Um soluço partiu de seu peito.

O carro dela.

Queimando em chamas.

Deus não.

A visão apareceu em sua visão, as altas chamas de laranja lambendo o vermelho de seu carro, sugando sua vida, transformando-o em preto carbonizado diante de seus olhos.

Lágrimas escaparam de seus olhos enquanto ela olhava para o único amigo, o único que ela teve por tanto tempo, ser brutalmente assassinado, dor e raiva a inundando a cada momento que passava. Aquele carro tinha sido sua liberdade, sua fuga, seu companheiro. Aquele carro a segurou quando ela gritou músicas no topo de seus pulmões e quando ela caiu em prantos, entregando-a em segurança.

Aquele carro.

O carro dela.

Morana olhou para ele, soluços saindo do peito. O pai dela fez isso. Seus homens haviam feito isso.

Por um longo minuto, ela olhou para a massa ardente de metal e a lamentou por um longo minuto. Então, ela enterrou a dor profundamente e deixou a raiva tomar conta.

Os homens tinham que estar por perto, para ter certeza de que ela estava morta e para obter a prova para o chefe deles.

Levantando-se, ela limpou os olhos e tirou a arma da cintura.

Eles queriam a morte? Ela entregaria em uma bandeja com sangue do lado.

Limpando os restos de todas as lágrimas, Morana deixou que o calor a infundisse e se agachou, rastejando lentamente em direção à estrada por dentro, limpando sua mente de todos os pensamentos, toda dor em seu corpo ignorada.

Depois de alguns minutos se aproximando do limite, o SUV preto usado pelo capitão de seu pai apareceu, estacionado a uma boa distância.

Morana ficou agachada, reconhecendo-os.

Dois homens. Apenas dois homens foram enviados para cuidar de sua filha. Mas dois de seus homens mais próximos.

Que pena.

Os homens estavam ao lado do veículo, seus olhares nos destroços em chamas onde eles pensavam que ela estaria.

Ela precisava tirá-los, fazer um exemplo próprio e enviar ao pai uma mensagem clara. Ninguém mexia com a dela e escapava ileso. *Ninguém.*

Ela sabia que não podia atirar em um sem alertar o outro, e seu corpo ferido não aguentaria uma luta se fosse vista. Precisava ser rápida, eficiente. Estreitando os olhos, Morana apontou a arma para o veículo, para o tanque de gasolina, para ser específico, obtendo um tiro certeiro de sua vista.

Sua mão tremia um pouco, mas ela a firmou.

Dê um exemplo. Diga ao querido papai para se foder.

Respirando fundo, Morana fechou um olho, mirou e disparou.

O SUV estava intacto em um segundo, explodido no seguinte. Não era como nos filmes. Foi feito e terminado em segundos. Ela observou enquanto seu braço recuava enquanto as mesmas chamas lambiam o veículo e os homens de seu pai junto com ele. Ela caiu de bunda, exausta, no chão frio, não sentindo satisfação, nada além de vazio.

Ela ficou sentada, escondida da vista, atrás de duas lápides, querendo nada mais do que ir para a cobertura e

dormir. Mas ela não pôde ir. Não sem carro e não quando os capangas de seu pai poderiam muito bem-estar por perto.

Com as mãos trêmulas, ela largou a arma e pegou o telefone, com lágrimas escorrendo pelo rosto novamente.

Ela sabia que poderia ligar para ele. De alguma forma, ela também sabia que ele viria.

Ela não iria. Ela estava uma bagunça, novamente, e ela não podia criar o hábito de deixá-lo ajudá-la. Mas então, quem ela poderia ligar? Ela não tinha ninguém.

Abrindo seus contatos, Morana olhou para o terceiro número bem perto do topo, um número que ela havia adquirido recentemente, e engoliu em seco, ligando antes que pudesse pensar.

Ela apertou o telefone na orelha, puxando os joelhos em direção ao peito e olhou sem ver o chão tocar.

Ela mordeu o lábio, decidindo desligar quando a ligação foi atendida e uma voz suave e rouca veio.

"Morana?"

Ela podia ouvir a surpresa, o interesse, a preocupação envolvida naquela pequena palavra, e isso a derrubou.

“Amara,” Morana falou, sua voz tremendo. "Eu não sabia para quem mais ligar."

"Estou feliz que você ligou, mas você está bem?" Os tons suaves de Amara estavam cheios de preocupação.

"Na verdade, não."

“Você está machucada? Diga-me onde você está, eu já vou.”

"Eu estou... eu estou bem", Morana soluçou. "Preciso da sua ajuda. E eu realmente aprecio se você não contar a ninguém sobre isso, por favor.

"Não se preocupe com isso", veio a resposta imediata. "Apenas me diga o que posso fazer."

"Eu preciso que você me pegue."

Morana disse-lhe o lugar, disse-lhe para ter cuidado e garantir que ela não fosse seguida.

“Estou a dez minutos. Aguente firme, ok?”

Morana assentiu, os lábios tremendo. "Obrigada."

"A qualquer momento, Morana."

Largou o telefone ao lado da arma e recostou-se na lápide. Suas costas doíam, sua pele sensível pela explosão, mas felizmente não queimava. Ela olhou para o céu.

Então foi isso.

O carro dela estava morto. E ela matou alguém, dois, pela primeira vez.

Ela nunca pensou que ela tinha isso nela. Mesmo que ela nunca tenha se recusado a machucar homens tentando machucá-la. Ela nunca pensou muito em se e quando mataria pessoas, não em proteção, mas em ódio, em vingança. Ela teve. Ela revidou e não sentiu remorso. Ela não sentiu nada. Não agora. Talvez sentisse mais tarde, mas no momento, ela não era nada além de uma bola gigante de vazio.

Pelo menos a pilha com o pai havia caído e queimado. Ela sabia exatamente o que ele queria fazer, sabia que ele tentaria fazê-lo por qualquer meio, e ela precisava estar preparada.

O telefone tocou com uma mensagem de texto recebida.

Morana inclinou o pescoço para vê-lo brilhar na tela.

Tristan Caine: *Tsk tsk, gata selvagem. Você deveria, pelo menos, ter me permitido outro soco em seu pai antes de assinar minha sentença de morte. Agora eu tenho que me libertar. Onde está a diversão nisso?*

Morana leu o texto, uma risada borbulhando enquanto ela respondia. Como ele sabia? O pai dela tinha feito alguma coisa? Além de explodir uma bomba com a intenção de matá-la, é isso?

Eu: *Droga. Eu sei, certo? Eu perguntei a ele como estava o nariz dele.*

Tristan Caine: *Isso deve ter sido colorido.*

Eu: *Ele usou muitos palavrões para você.*

Tristan Caine: *Nem um pouco cavalheiro, ele.*

Morana sorriu, balançando a cabeça.

Eu: *Olha quem fala, senhor.*

Tristan Caine: *Eu disse que não era um cavalheiro naquela primeira noite.*

Morana lembrou-se daquela conversa naquela primeira noite em Tenebrae, na mansão, com as facas na garganta e ele a pressionado na frente dela.

Eu: *Sim, você fez. Ainda bem que não gosto de cavalheiros. Eles não podem lidar comigo.*

Tristan Caine: *Eu não acho que alguém possa lidar com você. Não se você não quiser ser lidada.*

Morana leu a mensagem, seu coração trovejando. Essa foi provavelmente a coisa mais legal e empoderada que alguém já lhe disse, que ela era forte o suficiente para se controlar, que ela escolhia quem ela permitia lidar com ela. Foi especialmente surpreendente, considerando o tipo de mundo em que ela vive.

Eu: *Engraçado, eu ia dizer a mesma coisa sobre você.*

A ligação recebida de Amara encheu a tela. Morana atendeu e rapidamente a direcionou para sua localização. Outra mensagem a esperava, uma mensagem que a deixou sóbria, trazendo de volta o que ela conseguiu esquecer por alguns segundos felizes.

Tristan Caine: *Eu acho que meus guardas têm medo de você.*

Ela leu a mensagem uma vez. Duas vezes. Estava escrito no mesmo tom de provocação que ela não conseguia imaginar falando com ele descaradamente, mas a resposta em seu coração estava lentamente devorando o vazio.

Eu: *Eles deveriam ter. Afinal, acabei de explodir um carro e matar dois homens a sangue frio.*

Ela guardou o telefone antes que ele pudesse responder e viu Amara emergir de trás das árvores. A outra mulher, por mais linda que estivesse, vestia uma camisa amarrotada, jeans e um cachecol estampado no pescoço, os cabelos presos em um rabo de cavalo torcido, como se estivesse se apressando. Aquele fato aqueceu algo dentro de Morana, que alguém largou o que estava fazendo para procurá-la.

Algo pesado se alojou em sua garganta quando a viu se aproximar e levantou uma mão, acenando para ela.

Ela viu os passos de Amara vacilarem quando a outra mulher viu a aparência de Morana. Entre a sujeira na pele e os cabelos desgrenhados, as roupas um pouco rasgadas e sujas e a placa de neon invisível que pairava sobre sua

cabeça gritando *"ela está infeliz",* ela tinha certeza de que Amara sabia que algo bastante drástico havia acontecido.

Ela finalmente parou na frente de Morana e, sem pensar em sujeira, grama ou outros enfeites, caiu de bunda, recostando-se na lápide oposta à dela. Silenciosamente, sem pedir uma palavra, a outra mulher vasculhou sua bolsa e tirou uma garrafa de água selada, entregando a ela.

Morana tirou a tampa, colocou a garrafa na boca e bebeu a água com goles de sede. A bebida gelada escorreu por sua garganta, fazendo-a gemer de felicidade. Ela não tinha percebido como estava com sede até que provou a deliciosa água.

Depois que ela se satisfez, Morana lavou as mãos e jogou um pouco no rosto, respirando fundo, tentando se limpar o máximo possível.

"Isso é bastante bonito para um cemitério."

As palavras suaves de Amara fizeram Morana olhar para ela. Vendo a preocupação em seus olhos verdes escuros, Morana respirou fundo.

“Isto é. A melhor visão está do outro lado, no entanto. Perto do portão.”

As sobrancelhas de Amara subiram. "Eu não acho que você quer dizer os veículos queimados."

Morana riu. “Não, não estou falando dos veículos queimados. Mas temos que conversar sobre eles, não é?”

“Só se você quiser, Morana,” as palavras de Amara tornaram as palavras ainda mais doces. Morana tinha certeza de que, a essa altura, ela estava mais da metade apaixonada por Amara. Era impossível para ela não a amar.

E depois de tudo o que tinha feito por ela, ela merecia uma amiga. Morana também. Dane-se tudo, ela ia fazer uma amiga.

Só porque ela tinha perdido tudo o que sabia, não significa que ela não poderia encontrar algo bonito no desconhecido.

Com esse pensamento, Morana pigarreou. “Descobri muitas coisas sobre mim e as pessoas ao meu redor recentemente, Amara. E nada é o que parece ser.”

A outra mulher inclinou a cabeça para continuar sem interromper uma vez.

Morana sorriu levemente com isso.

"Eu sei sobre Luna", ela disse, vendo seus olhos se arregalarem um pouco. “Eu sei de todos os desaparecimentos e das vítimas. Sei também que eu era um desses bebês, a única a ser encontrada.”

Amara tragou visivelmente, assentindo. “Sim, você era. Nem todo mundo sabe disso. Foi mantido muito quieto.”

Morana assentiu, sem empurrar. “Sei que esses sequestros têm algo a ver com a Aliança, talvez até meu próprio sequestro. E sei que ele não me odeia por estar viva e aqui quando sua irmã não está.”

Os olhos de Amara se encheram de lágrimas quando ela mordeu o lábio. Mas ela não pronunciou uma palavra e, por algum motivo, essa lealdade fez Morana respeitá-la ainda mais.

Morana continuou. “Eu sei que meu pai não se importa nem um pouco comigo. Algo maior do que eu está acontecendo, com os códigos, com tudo. Eu sei disso. Sei que meu próprio pai me acertou, explodiu meu carro e quase me matou. Mas eu não entendo o porquê. Por que ele fez isso?”

Amara engoliu em seco, seus profundos olhos verdes brilhando com sinceridade. "Eu sinto muito."

Morana assentiu. “Acabei de matar dois homens e, quando não tinha ninguém a quem recorrer, decidi confiar em você. Eu só quero que você saiba que se você decidir retribuir, eu não trairia você.”

Ela fez uma pausa, depois declarou claramente, com o coração apertado. “Eu não tenho ninguém para trair você, Amara. O homem que deveria me proteger me quer morta, e o homem que deveria me matar me oferece proteção. Por mais complicado que seja, não trairia esse ato de bondade. Eu não sabia muito disso, e o pouco que tenho veio de você, Dante e ele. Não posso trair isso.”

Ela respirou fundo. “Mas o fato é simples, não sei quem era Tristan Caine. Quem é ele. Ajude-me a entendê-lo. Ajude-me a lutar.”

Amara inclinou a cabeça para trás, encarando o céu por um longo momento. Morana deu a ela tempo para refletir sobre as coisas antes que a outra mulher falasse novamente, em um tom de voz ainda mais suave.

“Eu sei por que ele te odeia, Morana. Não porque ele confiou em mim. Ele não confia em ninguém. Ele não deixa ninguém chegar perto dele. Tão solitário quanto todos nós, ele é o mais solitário de todos.”

O coração de Morana se apertou quando a lembrança de uma noite chuvosa e janelas de vidro a filtraram. Ela assistiu em silêncio enquanto uma lágrima riscava a bochecha de Amara enquanto ela continuava falando.

“Dante sabia a verdade porque ele é o herdeiro. E em um momento de confiança, para aliviar o desamparo de ver seu irmão sangrar, mas não conseguir fazer nada a respeito, ele me disse. E jurei a ele com minha vida que a verdade de Tristan nunca escaparia dos meus lábios.”

Morana ouviu o não dito 'mas' pairando no ar entre elas. Ela mordeu a língua, não querendo quebrar o momento.

Outra lágrima escorreu pelo rosto de Amara.

“Eu vejo como ele olha para você. Apesar de saber sobre você a vida toda, nunca pensei que ele seria como ele é com você.”

"Como ele é comigo?", as palavras escaparam dela suavemente antes que ela pudesse pensar nelas.

Amara não olhou para ela, ficou encarando as nuvens acima, seus lábios se curvando levemente.

"Vivo."

Morana sentiu algo passar por seu coração. Uma corrente, um zap, algo.

“Não há outra palavra para isso. É por isso que não acredito que ele possa realmente te machucar. Porque depois de provar a vida, você realmente nunca a deixa ir, deixa?”

Não. Ela não deixaria.

Suas insistentes palavras da manhã vieram para ela.

"Eu machuquei você?"

Amara estava certa?

Morana ficou quieta, contemplando.

"Eu gosto de você, Morana", Amara finalmente olhou para ela, seus olhos determinados, mas doloridos. “Eu

adoraria nada mais do que ter você como minha amiga. É também por isso que acredito que devo avisá-la. Conhecendo Tristan, sabendo por que ele mantém esse ódio tão próximo de si, ele inevitavelmente machucará você. Não porque ele queira, mas porque ele não conhece outra maneira de ser. Ele viveu vinte anos sem sentir um pingo de afeto por ninguém além de Dante e eu. E apenas um pingo. Nós sabemos e aceitamos. Tem certeza de que será capaz?”

Morana piscou, seu coração batendo forte. "O que você está me perguntando, Amara?"

Amara respirou fundo. “Quero que saiba os motivos, Morana. Eu quero que você saiba, mulher para mulher, amiga para amiga, mas também porque você é a única que eu acho que pode salvar Tristan de si mesmo. Para fazer isso, você precisa saber a verdade. Para fazer isso, você precisa entender e aceitar que tudo será menos fácil, e o próprio Tristan será o maior obstáculo no seu caminho.”

Com as mãos trêmulas, Morana inalou profundamente, ponderando as palavras de Amara.

“A verdade mudará a maneira como você o entende, Morana. Isso mudará as coisas para você, mas não mudará as coisas para ele. Você ainda quer saber?”

Deus, isso é uma bagunça.

Saber ou não saber, eis a questão.

Ignorância é felicidade, eles dizem. Desculpe, filósofo antigo, a ignorância é péssima.

Mas uma vez que ela soubesse, ela nunca poderia voltar. Eles nunca poderiam voltar. Como isso mudaria as coisas entre eles? Como isso mudaria as coisas entre suas famílias? E se ele decidisse se livrar dela, porque ela descobrira a verdade e ele não queria isso, o que então?

Ela poderia deixar tudo para trás e ir embora.

Não, ela não podia. Não mais. Não até que ela soubesse tudo sobre ela que ela não sabia que existia.

O conflito dentro dela, a preocupação, a raiva, a curiosidade, todos emaranhados juntos em um nó alojado bem em seu peito, deixando sua respiração pesada e dolorida. As sensações retorcidas correram em seu estômago, quando Morana fechou os olhos, respirou fundo e assentiu.

"Eu quero saber."

Com essas palavras, ela selou seu destino. Ela sabia que não seria a mesma novamente.

Com essas palavras, ela se recostou e abriu os olhos, as mãos tremendo de novo quando Amara, lenta e suavemente, começou a falar.



Temendo

Tristan, 8 anos.

Cidade de Tenebrae.

Ele estava assustado.

Ele não deveria estar aqui.

Tristan sabia que ele estava quebrando uma regra, mesmo quando se esforçou o máximo que seus dedos pequenos permitiam. Seu corpo pequeno estava encostado no pilar enquanto tentava olhar para o refeitório da casa grande. Era um grande espaço, com luminárias altas em todos os cantos da sala, iluminando a área com brilho, mesas laterais espalhadas perto das paredes. Havia uma longa mesa marrom no centro, com vinte cadeiras de cada lado e duas na cabeceira da mesa. As paredes eram da mesma pedra da casa grande, cujo nome ele não conseguia se lembrar e as cortinas eram de um azul profundo. Tristan gostou da cor. Ele também gostou do lugar.

Ele só esteve dentro de casa duas vezes antes, nas duas ocasiões em que o chefe estava realizando alguma festa. Sua mãe ajudou a organizar tudo. Tristan estava ansioso para ver essa reunião de jantar, enquanto seu pai protegia o chefe.

Era um trabalho muito importante, disseram a Tristan várias vezes. Por isso, sua mãe sempre o deixava no jardim para brincar e nunca o deixava entrar em casa. Nas duas vezes em que ele se infiltrou, ele apenas vagou pelos corredores grandes e escapou, com medo de que alguém o visse e reclamasse.

Tristan tinha idade suficiente para saber que, se a reclamação chegasse ao chefe, ele estaria com um grande problema. O chefe não matava garotinhos, ou pelo menos ele tinha ouvido falar, mas os punia como quisesse. Tristan não queria ser punido.

Embora ele tivesse entrado furtivamente antes, fazia muito tempo desde que ele entrou na casa. Ele realmente deveria sair, mas seus pés permaneceram colados enquanto observava o corredor. A princípio, seus arrombamentos foram por curiosidade. Desta vez, porém, foi para obter informações.

Ninguém lhe disse nada, já que ele não tinha idade suficiente para saber coisas adultas. Isso não significava que ele não sabia.

Ele sabia.

Ele viu.

Ele ouviu.

Ele *sentiu*.

Muita dor. Tanta culpa.

Sua irmãzinha se foi e a culpa era dele. A proteção dela tinha sido seu dever; a segurança dela era responsabilidade dele. Fazia dezessete dias e nem uma pista sobre ela.

Tristan ainda se lembrava da noite tão claramente que era uma imagem vívida em sua cabeça. Ele se lembrou de fazer cócegas em sua pequena Luna enquanto ela ria com aquela voz mais doce, rindo com ele de pijama branco com corações vermelhos neles. Ele se lembrou dos grandes olhos verdes dela, olhando para ele com um amor inocente, com tanta devoção que sempre o fazia se sentir engraçado em seu peito. Lembrou-se de checar debaixo da cama e dar um abraço de boa-noite, lembrou-se do suave cheiro de bebê dela enquanto ela segurava o cabelo dele com um punho minúsculo.

Ela era a irmã mais bonita do mundo. Tristan jurou no primeiro momento que viu seu rosto rosado e apertado e segurou seu pequeno corpo em seus braços finos de que, ele sempre a manteria segura. Ele era o irmão mais velho dela, afinal. Era o que os irmãos mais velhos faziam. Eles protegiam suas irmãs a qualquer custo.

No entanto, naquela noite, ele falhou. Ele não sabia como, mas de alguma forma falhou.

Suas janelas estavam trancadas – ele mesmo as trancara. E a única maneira de entrar no quarto era através delas. Nem mesmo sua mãe poderia passar pela porta sem que ele acordasse para verificar sua irmã.

Naquela noite, ele a abraçou como qualquer outra noite.

E de manhã, sua cama estava vazia.

As janelas estavam trancadas. Ele não tinha acordado uma vez durante a noite. Era como se ela tivesse desaparecido sem deixar vestígios, e de alguma forma, ele dormiu quando ela precisou do irmão mais velho. Ele falhou com ela.

O buraco de sua ausência estava corroendo nele. Ele só a queria de volta. Ele queria cheirar aquele cheiro de bebê em sua pele e ouvi-la rir e apenas abraçá-la. Ele sentia *muito* a sua falta.

Tristan enxugou as lágrimas que caíam por suas bochechas silenciosamente com suas longas mangas brancas. Seu pai havia lhe ensinado a nunca chorar. Ele era um garoto grande e, se quisesse ser poderoso, nunca poderia chorar.

Tristan tentou. Ele tentou muito não chorar.

Mas, todas as noites ele olhava para a pequena cama vazia do outro lado do quarto e as lágrimas caíam. Toda noite ele ouvia o pai gritando acusações e gritando com a mãe com dor, e as lágrimas caíam. Toda noite ele ouvia sua mãe tentar

acalmar seu pai com tanta mágoa em sua própria voz, e as lágrimas caíam.

Todo mundo estava chorando nos dias de hoje. Ele apenas garantiu que seus pais nunca soubessem que ele também chorava. Ele lavava todas as evidências pela manhã e ficava muito quieto sobre isso.

Ninguém sabia que ele fechava os olhos e sussurrava orações todas as noites por sua irmãzinha. Ele rezava para que ela voltasse. Ele rezava para que ela estivesse segura, quente e alimentada. Ele rezava para que ela não sentisse muita falta dele.

Ele orava muito e estava cansado de orar.

A necessidade de fazer algo, qualquer coisa, empurrou nele.

E, embora ninguém lhe dissesse nada, ele tinha ouvidos afiados. Ele ouvira seu pai gritar com sua mãe na noite passada, sobre alguma conspiração que havia tirado Luna e muitas outras meninas da cidade. Isso o deixou irritado ao perceber que havia outros irmãos mais velhos se sentindo do jeito que ele estava, impotente e magoado. Tristan ouvira tudo, olhando a chuva do lado de fora da janela, lembrando o quão feliz havia deixado Luna.

Ele esperava a felicidade dela novamente.

Mas dezessete dias era muito tempo sem uma palavra e, embora ele nunca considerasse a possibilidade de algo ruim acontecer com ela, ele sabia que seus pais o faziam.

E então seu pai mencionou a garota - a garota que havia sido encontrada.

A única garota que voltou para casa.

Foi por isso que Tristan entrou furtivamente.

Tristan tinha ido ver a garota. Ele veio ver quem havia voltado enquanto sua Luna ainda estava perdida. Ele só queria vê-la, talvez entender algo sobre o que havia acontecido com sua irmã. Ele queria saber se ela estava com ela; se ela viu Luna.

Enquanto Tristan se escondia atrás do pilar, ele deixou seus olhos vagarem pelo corredor, observando as pessoas. Havia dez homens no total, incluindo os guardas e uma mulher.

Seu pai sempre lhe dizia para se lembrar de rostos. Os rostos de seus negócios, ele ensinara ao pequeno Tristan, eram segredos. E segredos eram armas que poderiam ser usadas algum dia.

Sua mãe sempre lhe dizia para ler os olhos. Olhos, ela disse, eram janelas para a alma. Foi por isso que Tristan sabia que sua irmãzinha tinha a alma mais pura de qualquer pessoa que ele já conhecera. Era assim que Tristan sabia que a alma de seu pai estava ficando mais escura a cada dia que

Luna não era encontrada. Era assim que Tristan sabia que a alma de sua mãe estava morrendo sob o peso de toda a dor.

Tristan demorou-se, observando os rostos e os olhos das pessoas ao redor da mesa, sem olhar para a segurança que flanqueava toda a sala circular. Seus olhos foram direto para o pai.

David Caine estava ao lado da cadeira do chefe, um homem alto e magro com as mãos atrás das costas – mãos que Tristan sabia que estavam tremendo. Elas tremiam há um longo tempo, e só piorou nos últimos dias. Não permitindo que esse pensamento o incomodasse, ele deixou seus olhos se voltarem para o chefe.

O chefe - seu nome real era Lorenzo Maroni, mas o pai de Tristan o chamava de chefe – estava sentado à cabeceira da mesa de um lado. Ele usava o terno preto que todos da família usavam, o rosto coberto de barba e a cabeça coberta de cabelos curtos, os olhos escuros.

Tristan lembrou da primeira vez que conheceu o homem. Ele estava sentado do lado de fora no jardim, enquanto sua mãe estava organizando outro jantar quando o chefe saiu. Tristan não sabia quem ele era na época. Ele tinha acabado de olhar para o homem alto e grande, seus olhos escuros e rosto duro, e ele o detestou em um instante.

O chefe sustentou seu olhar. "Eu como pessoas por me olhar assim, garoto."

Tristan não tinha dito nada, apenas não gostava dele ainda mais por isso.

O homem sorriu então, um sorriso ruim. "Você não é como os outros garotinhos, é?"

"Não, eu não sou", Tristan disse, estreitando os olhos.

O homem o observou atentamente e depois se afastou, depois disso Tristan voltou ao seu banco, para nunca mais encontrar o chefe desde então. Ele nunca entendeu por que seu pai trabalhava para um homem com olhos escuros e rosto duro.

Tristan estudou o homem agora, enquanto fumava um charuto, uma arma sobre a mesa diante dele, o metal brilhando nas luzes brilhantes da sala. Alguns outros homens também estavam com suas armas.

Isso não incomodou Tristan. Armas nunca o incomodaram. Seu pai havia lhe ensinado a segurar uma arma e, embora nunca tivesse disparado, Tristan gostava de armas. Ele gostava da sensação em suas mãos. Um dia, ele pediria seu pai para treiná-lo para matá-los adequadamente e ele possuiria uma coleção delas.

Um dia. Depois que Luna estivesse em casa, a salvo.

Passando dos rostos familiares da família, os homens que Tristan só tinha visto de passagem com o pai, mas não sabia os nomes, ele virou o pescoço para olhar para o outro

lado da mesa. Era lá que estavam os convidados de fora da cidade.

Ele examinou-os de perto. O homem na cabeceira da mesa era grande, maior que o chefe, mas não maior que o pai, em um terno escuro como todo mundo e uma barba curta. Tristan olhou para o rosto dele por um longo momento, memorizando-o e olhou para os olhos dele.

Algo pesado se instalou em seu estômago.

Ele não gostou deste homem. Ele não gostava desse homem.

Seu rosto era regular e os olhos escuros, mas havia algo neles que assustaria qualquer outro garoto da sua idade. Isso apenas fez Tristan não gostar ainda mais do homem.

No entanto, não foi ele quem prendeu sua atenção um momento depois.

Era a mulher, sentada ao lado do homem mau em um lindo vestido azul, segurando um bebê.

Tristan sentiu a respiração sair do peito.

Ela era tão *pequena.*

Muito menor que Luna. Vestindo um vestido rosa, com a cabeça escassamente polvilhada com cabelos escuros encaracolados, Tristan só podia vê-la de volta enquanto a mulher a segurava.

Ela esteve com Luna? Ela esteve com a irmã dele, sentou-se com ela, chorou com ela?

Como ela foi encontrada? Por que apenas ela e nenhuma outra garota?

As perguntas nunca saíram de sua mente enquanto ele observava o pequeno embrulho nos braços da mulher, tudo o mais esquecido. Ela estava se mexendo como uma minhoca curiosa, tentando se afastar da mulher que ele supôs ser sua mãe. Tristan lembrou quando Luna costumava fazer isso, os barulhos que ela fazia em seu pequeno peito em frustração, a risada feliz que tinha saído dela após a liberação.

Este bebê estava fazendo os mesmos barulhos. Tristan podia ouvi-la do outro lado da sala.

"Apenas coloque-a sobre a mesa, Alice!", a voz do homem mau estreitou os olhos de Tristan.

Ele viu a mulher, Alice, apressar-se a sentar a criança na mesa de uma maneira que ela pudesse ver a sala de costas para a mãe.

Tristan olhou para o rosto dela, sentindo o mesmo tremor no peito que sentiu na primeira vez que viu Luna.

Ela era linda – bochechas rosadas e gordinhas no rosto rosado, perninhas fofas dobradas na madeira da mesa, boca rosada aberta em um pequeno 'O' de admiração enquanto olhava ao redor da sala para todas as pessoas. Mas não foi isso que Tristan achou tão bonito. Foram os olhos dela. Olhos

grandes e bonitos da cor do trigo e da grama se misturavam. Aqueles olhos estavam piscando para as pessoas, para as coisas – claros, doces, puros. Intocado pelo mal ao seu redor.

Tristan esperava que sua irmã estivesse da mesma maneira. Ele esperava vê-la assim um dia em breve. Ele esperava beijar seus dedinhos e soprar novamente em sua barriga.

Outra lágrima saiu de seus olhos.

E então algo aconteceu.

Ele não entendeu como. Ele não entendeu o porquê. Mas, de repente, os olhos da menininha vieram até ele ao lado do pilar nas sombras, encontraram-no.

Ela inclinou a cabecinha gordinha, maravilhada.

E então ela sorriu.

Um sorriso completamente desdentado, completamente adorável que apenas o bateu no estômago.

Tristan sentiu seus próprios lábios se moverem.

Ele se sentiu sorrir pela primeira vez em dias desde que Luna desapareceu.

O bebê bateu os braços gordinhos descontroladamente, mexendo-se sobre a mesa, suas gargalhadas rindo alto na sala.

"Fico feliz em ver que a pequena Morana está bem."

A voz do chefe apagou o sorriso do rosto de Tristan.

Morana. Um nome bonito. Tristan viu o bebê se virar na direção do som da voz e inclinou a cabeça novamente. Ele não gostou. Ele não gostou de como eles a colocaram na mesa junto com tantas armas. Ele não gostou de como a sala estava cheia de homens com olhos escuros e todos estavam olhando para ela.

Isso o fez querer buscá-la e sair da sala como ele fez com Luna quando os homens vieram para sua casa. Ele não gostava de ninguém vendo sua irmãzinha com seus olhos escuros. Ele também não gostava de ninguém vendo esse bebê com aqueles olhos escuros.

Mas ele ficou escondido em silêncio.

"Você queria vê-la por si mesmo, Lorenzo, aqui está ela", o homem mau falou de uma ponta da mesa para o chefe na outra ponta. Ele se recostou na cadeira, com a mão na mesa. "Agora, podemos começar a trabalhar?"

Tristan cerrou os dentes com o tom do homem.

"Em um segundo", disse o chefe, apagando o charuto, a fumaça ondulando ao seu redor. O ar girava ao redor da sala pelo ventilador, espalhando a fumaça ao redor.

"Alice", o homem mau falou com a mulher. "Pegue a Morana e nos deixe."

"Deixe o bebê", o chefe falou enquanto a mulher se levantava. Ela hesitou por um segundo, mas depois se virou e saiu da sala. A porta se fechou atrás dela. A menininha, Morana, completamente alheia a tudo, colocou um pedaço do vestido rosa na boca e começou a mastigá-lo.

A voz do chefe quebrou o silêncio. "Como apenas sua filha foi encontrada de todas as meninas desaparecidas, você me fará a cortesia de responder a algumas das perguntas do meu homem, não é, Gabriel?"

Havia algo em sua voz que Tristan não entendeu - como se estivesse falando em enigmas.

O homem mau ergueu as sobrancelhas. "Quem tem essas perguntas?"

Os olhos do chefe brilhavam nas luzes do quarto. “Meu chefe de segurança. A filha dele está desaparecida há algumas semanas.”

Tristan inalou profundamente quando seu pai deu um passo à frente, aproximando-se da mesa enquanto o homem mau, Gabriel, acenou para ele.

"Como sua filha desapareceu?" Tristan ouviu seu pai perguntar com sua voz fria. Ele nunca tinha entendido como seu pai podia gritar e berrar em casa como ele fazia e ainda assim, permanecer tão composto fora de casa.

Gabriel indicou a porta da qual a mulher de vestido azul havia saído. “Minha esposa a levou ao parque e a perdeu. Não

sabíamos que ela havia sido levada até que não foi encontrada por quatro dias."

Os homens do lado do chefe endireitaram-se quando o pai assentiu, aproximando-se da mesa. "E como você a encontrou?"

"Nós não encontramos", disse o homem mau, Gabriel. "Ela foi deixada do lado de fora de nossos portões à noite."

Bem desse jeito?

Mas por quê?

Aparentemente, os pensamentos de seu pai estavam no mesmo caminho.

"Então, ela foi levada e quatro dias depois, entregue à sua porta?", seu pai perguntou, sua voz perdendo a calma e parecendo o tom que Tristan ouvira por tantas noites. "Quão conveniente."

O homem mau olhou para o pai. "Você está implicando alguma coisa?"

"Sim, porra, estou", respondeu o pai, caminhando direto para a mesa.

Inclinando-se, o rosto de seu pai brilhava nas luzes, o olhar em seus olhos assustando Tristan.

Tristan olhou para o rosto dele, olhou para o homem mau sentado na beira da cadeira, olhou para o bebê entre

eles e seu estômago caiu nos joelhos. Ela precisava ser levada antes que o pai dele começasse a gritar e o homem mau respondesse.

"Eu pesquisei sobre você, Gabriel Vitalio", seu pai falou, sua voz se aproximando da escuridão em seus olhos. “Eu olhei as coisas que você fez. Tantas garotas desapareceram e nenhuma voltou. No entanto, quando é sua filha, ela é enviada de volta para você embrulhada para presente. Significa apenas duas coisas – você os assusta ou os conhece. Qual dessas, hein?”

Gabriel Vitalio virou a cabeça na direção do chefe, com os olhos zangados, os homens no limite e os dedos nas armas. “Foi por isso que você me convidou aqui, Lorenzo? Para isso?”

O chefe riu. “Você sabe exatamente por que eu te convidei, Gabriel. Estamos terminados.”

“Você realmente quer que eu lave nossa roupa suja aqui? Eu tenho você pelas bolas e você sabe, Bloodhound.”

O chefe recostou-se na cadeira e riu enquanto seus olhos permaneciam mortos. “Olhe ao seu redor, Viper. Você está na minha cidade. Meu território. Minha casa. Cercado pelos meus homens. Com seu círculo interno aqui.”

Como se na sugestão, todos os homens do chefe apontassem suas armas para os homens de Vitalio. Tristan engoliu em seco, observando.

Gabriel Vitalio respirou fundo. “Mesmo se você quebrar nossos acordos, não poderá me matar. Eu tenho meu próprio território e mecanismos de segurança no local.”

"Eu sei. Eu não posso te matar agora,” disse o chefe. "Mas eu posso fazer com você o que fizemos com Reaper."

Gabriel Vitalio ficou em silêncio.

"Seu filho da puta."

As sobrancelhas de Tristan subiram em sua cabeça. Quem era Reaper e o que eles fizeram com ele?

“Como eu disse, terminamos, Viper. Isso significa que meu chefe de segurança pode jogá-lo na lama por tudo que eu me importo. Se você não é o aliado, é o inimigo.”

"Você é estúpido por pensar que pode me ameaçar em silêncio, Bloodhound", disse Gabriel Vitalio em voz baixa. "Eu posso queimar seu império com as coisas que sei."

"Então esteja pronto para queimar comigo."

Silêncio.

Tristan não entendeu o que eles estavam falando, mas ele prendeu a respiração enquanto observava a sala inteira. Os dois homens se entreolharam sobre a mesa, a tensão tão pesada no ar que Tristan sentiu arrepios em seus braços. Ele esfregou-os suavemente, tentando se acalmar.

Talvez ele deva sair. Apenas deixar os adultos falarem. O pai dele estava lá. Ele descobriria o que pudesse sobre Luna.

Mas Tristan não se mexeu.

Seus olhos continuavam voltando para a bebezinha bem no meio dos homens, a bebê que talvez tivesse sido a última de todos a ver sua irmã. A bebê que estava curiosamente inspecionando uma colher que ela pegou com a mão.

Mordendo o lábio, ele ficou parado.

Foi a voz de seu pai que quebrou o silêncio, suas palavras duras dirigidas ao homem mau. Viper.

"Onde estão as garotas?"

Viper rangeu os dentes. "Como diabos eu deveria saber?"

Seu pai não gostou dessa resposta.

Em um piscar de olhos, seu pai sacou a arma e apontou para a cabeça de Viper, enquanto o chefe sentava-se, assistindo ao show.

A mão de Viper avançou em direção ao bolso. Seu pai balançou a cabeça.

"Não mexa uma polegada."

Tristan segurou o pilar com a mão, seus músculos se contraindo instintivamente. Sem afastar os olhos da cena, Tristan rapidamente se abaixou sobre a meia e tirou a faca

suíça que ele roubou do esconderijo de seu pai um dia, apenas no caso de ele ter que proteger Luna. A faca parecia um pouco pesada em sua mão pequena, mas Tristan a segurou, pronto para lutar, se necessário.

Seu pai virou-se para o homem mau e falou naquele tom alto que fez Tristan se encolher, a faca deslizando na mão, cortando a palma da mão. A dor explodiu em sua pele, mas ele mordeu o lábio, não querendo revelar sua presença a ninguém, enxugando as lágrimas que riscavam suas bochechas.

“Eu sei que você sabe, Gabriel Vitalio. Eu sei que você sabe alguma coisa. Fale agora, ou não serei responsável pelo que acontece.”

Viper riu. "Pobre bastardo, você não tem ideia do que está acontecendo, não é?"

Tristan queria dar um soco no homem em seu rosto. Esqueça sua ferida sangrenta, ele queria bater no homem e quebrar o nariz. A irmã dele desapareceu e o homem estava rindo? Quando a filha dele acabara de voltar?

Tristan não conhecia homens assim. Ele nunca quis conhecer homens assim. Homens que podiam rir com tanta maldade.

Ele estremeceu.

Seu pai enfiou a arma mais fundo no rosto do homem. "Conte-me! O que você sabe?"

O homem riu. “Você quer que eu conte a ele, Bloodhound? Quer que eu diga a ele por que você quer tanto quebrar a Aliança?”

Tristan olhou para o chefe, que estava parado.

"Lembre-se de Reaper toda vez que você pensa em abrir a boca, Viper."

O outro homem arreganhou os dentes, mas ficou em silêncio.

O pai de Tristan estalou os dedos. "O que isso tem a ver com minha filha?"

Viper deu de ombros.

E então o pai de Tristan se moveu.

Antes que Tristan pudesse piscar, seu pai puxou a mão e moveu a arma, apontando-a diretamente para um rosto pequeno e gordinho e olhos castanhos brilhantes, estudando a arma fascinada.

Tristan não conseguia respirar.

A mão trêmula de seu pai se firmou, seus olhos ficando completamente pretos.

"Você não me diz o que eu quero saber", seu pai disse calmamente, “ela morre. Sua filha por minha filha.”

Tristan só podia assistir a cena com horror, mas se impediu de ter pensamentos ruins. Seu pai estava apenas

blefando. Ele estava tentando encontrar tudo sobre Luna e interpretando o outro homem. Sim. Era isso.

Talvez Tristan pudesse ajudá-lo se Viper fizesse alguma coisa.

Engolindo seus nervos, saindo de trás do pilar, Tristan ficou na sombra, olhando em volta.

Seus olhos pousaram na pistola que estava à direita na mesinha contra a parede. Sem pensar, Tristan colocou a faca em sua mão sangrando silenciosamente na superfície de madeira e pegou a arma. Ele não sabia que tipo era, ou quantas balas tinha. Mas era pesada em suas mãos pequenas e trêmulas. Estava pesada.

No entanto, Tristan levantou os braços finos, apontando a arma para Viper, destrancando-a como seu pai havia lhe ensinado a fazer. Ele estava pronto para atirar no homem mau que não percebeu o milagre que recebeu quando a filha voltou para ele. Ele faria qualquer coisa, daria qualquer coisa para ter sua irmã de volta com ele.

Ele queria tanto sua irmã de volta.

Seu pai também sentia falta dela. Por isso ele estava blefando. Era por isso que ele estava tentando obter informações da maneira que pudesse. Tristan entendeu isso.

Ele apenas manteve as mãos firmes, mesmo quando começaram a doer, o corte sangrando na palma da mão latejando.

Cerrando os dentes para não fazer barulho, Tristan, das sombras, manteve os olhos na cena. Ele viu os olhos do Viper se moverem para o chefe, viu o chefe balançar a cabeça levemente, viu o homem recostar-se novamente.

"Eu não posso te dizer nada", disse ele em voz alta, sua voz controlada. "Faça o que você quer fazer."

O sangue correu por seus ouvidos. Os homens do chefe mantinham suas armas nos homens de Viper, enquanto seu pai mantinha sua própria arma apontada para a cabeça da menina. Tristan entendeu a motivação de seu pai, mas ele foi incapaz de entender como esses outros homens podiam fazer o que estavam fazendo, e por que ninguém mais ali fazia algo para detê-los.

Como um homem poderia fazer isso com sua própria filha?

Tristan engoliu em seco, esperando o pai abaixar a arma e fazer outra coisa.

Ele não fez.

Seu coração começou a bater forte, a arma tremendo nas mãos trêmulas.

Por que ele não estava baixando a arma?

Por que ele não estava se afastando do bebê?

Por que mais ninguém estava fazendo alguma coisa?

"Última chance, Vitalio", disse o pai suavemente.

Viper balançou a cabeça.

O chefe falou. "Deixe como está, David."

Mova a arma, pai, Tristan insistiu em sua cabeça, seus lábios tremendo.

Seu pai balançou a cabeça. "A filha dele pela minha filha."

Afaste-se, pai.

Ele não deveria estar aqui.

Ele não deveria ter se infiltrado para ver isso.

Ele não conseguia entender.

Ele não entendia.

Oh Deus, por que seu pai não estava se movendo?

Ele estava com tanto medo. Ele estava tão, tão assustado.

Ele queria ir embora.

Mas seus pés não se mexiam. Eles não se *mexiam.*

Ele tentou engolir seus gemidos quando seu coração começou a doer. Ele só queria ir para casa. Só queria dormir na cama dele. Só queria sua irmã de volta. Queria ir para casa.

Mas seus sapatos estavam presos no chão.

Ele não deveria estar aqui.

Oh Deus, ele estava com tanto medo.

Seu coração batia tão forte que ele podia ouvi-lo em seus ouvidos, seu estômago pesado.

Todo o seu corpo começou a tremer, os braços tremendo, sangrando, doendo.

Seu pai engatilhou a arma, destrancando-a.

Tristan começou a chorar, incapaz de parar mais suas lágrimas. Ele amava muito seu pai. Mas por que ele estava fazendo isso? Ele não entendeu. Isso não traria Luna de volta.

Sua respiração ficou pesada.

Tristan viu o dedo do pai segurar o gatilho e viu seus músculos se moverem, e ele soube, com súbita certeza, que seu pai iria puxar o gatilho.

Isso não foi um blefe. Isto não era um jogo. Era vida e morte.

Tristan olhou para o rosto do pai e não viu nada. Nenhuma dica do rosto que ele tinha quando olhava para Luna. Nenhuma dica de qualquer suavidade.

Tristan esperou.

Inspire.

Expire.

Dentro.

Fora.

O dedo do pai flexionou.

Dentro.

Fora.

O dedo começou a puxar.

Tristan choramingou, aterrorizado.

E antes que ele entendesse, ele puxou o gatilho.

A força do golpe empurrou Tristan para o chão, a arma ainda agarrada em seus braços quando o som alto da bala atravessou o corredor, acompanhado por palavrões e gritos, e pelo choro da garota.

Oh Deus.

O repentino barulho acalmou quando Tristan olhou de volta para a mesa, apenas para ver a menina com sangue respingado no rosto.

Sem pensar, com a mente silenciosa, completamente silenciosa, Tristan saiu à tona, direto para a garota que estava ficando vermelha de tanto chorar. Com as mãos

trêmulas, Tristan limpou o sangue do rosto macio, esquecendo a palma da mão que sangrava.

Em vez de limpar a pele dela, ele a sujou ainda mais com seu próprio sangue.

Seu pai iria castigá-lo tanto por isso.

Pronto para se desculpar por atirar nele, para aceitar qualquer punição que ele desse, Tristan virou-se para o lado.

O coração dele parou.

Não não não não não.

A arma caiu de sua mão, batendo ruidosamente no salão subitamente silencioso.

Tristan balançou a cabeça.

Não não não não não.

O pai estava deitado no chão, os olhos abertos, olhando para o teto, o corpo imóvel.

Com um buraco bem no centro da cabeça.

O buraco de uma bala.

Algo se alojou em seu peito.

"Você matou seu próprio pai?"

Tristan ouviu a voz do chefe. Ele o ouviu perguntar, ouviu as palavras, mas continuou olhando para o pai, negando isso em seu coração.

Não não não não não.

"Esse é o pai dele?", alguém perguntou.

"Como ele poderia mirar a partir daí?"

"Como ninguém sabia que ele estava aqui?"

“Ele é cruel para uma criança. Você pode imaginar como ele seria?”

Palavras.

Sobre ele.

Correndo por toda parte.

Sobre ele.

Uma palavra.

Repetindo.

Não não não não não.

"O próximo prato está pronto quando..."

Foi o som da voz de sua mãe que levantou a cabeça de Tristan.

Oh Deus, o *que ele fez?*

Tristan viu quando ela parou na porta, seus olhos nele.

"Tristan, o que você está fazendo aqui?", ela perguntou, com os olhos zangados quando se aproximou dele. Virando-se para o chefe, ela começou a falar: “Peço desculpas por ele, Sr. Maroni. Ele é apenas uma criança. Ele não sabe o que está fazendo...”

Sua voz interrompeu abruptamente quando seus olhos caíram no pai dele, as palavras sufocando em sua boca.

Tristan viu quando suas mãos chegaram aos lábios, lágrimas escorrendo por suas bochechas quando um som escapou de seu peito. Sua mandíbula começou a doer pelo jeito que a apertou.

"Quem?", a voz da mãe vacilou com a palavra.

O chefe deu um passo à frente em direção a Tristan. "Seu filho."

Os olhos de sua mãe se voltaram para ele, a descrença gravada em seu rosto. Tristan deixou que ela o observasse em silêncio, viu a descrença mudar de horror quando ela viu a verdade em seu rosto. O horror que ele viu nos olhos dela matou algo dentro dele. Sua mandíbula tremeu quando ele se aproximou dela, querendo correr para seus braços e pedir que ela dissesse que tudo ficaria bem.

Ela se afastou dele, a boca aberta de terror. "Saia de perto de mim."

Tristan parou.

Sua mãe olhou para ele por um longo tempo, balançando a cabeça. "Por quê?"

"Eu... isso...", as palavras grudaram em sua garganta, alojando-se ali, incapazes de escapar.

Ela deu um passo para trás. "Você perdeu sua irmã. Agora, você matou seu pai. Meu marido. Minha filha."

Tristan apertou as mãos para não a alcançar, sem dizer uma palavra. Não havia nada que ele pudesse dizer.

"Meu filho era um menino doce", sua mãe sussurrou quase até a porta agora. "Você não é ele. Você é como *eles*. Monstros."

Algo quebrou - danificado além do reparo em seu peito.

"Eu não quero ver você de novo", sua voz falhou quando ela entrou pela porta de onde ela entrou. "Você está morto para mim."

Ela se foi.

Tristan ficou lá.

Sozinho.

Sem a irmãzinha dele.

Sem o pai dele.

Sem a mãe dele.

Somente com homens que olhavam para ele como se o comessem vivo.

E um bebê que parou de chorar.

Um bebê que, alguns minutos atrás, não era nada para ele. Um bebê por quem ele assassinou o pai que amava tanto.

Tristan olhou para ela – seus olhos inchados de tanto chorar, as cores neles brilhando e reluzindo; sua boquinha rosada e macia; o rosto gordinho dela manchado com o sangue dele e do pai.

A vibração que ele sentiu em seu peito minutos atrás se foi. Em seu lugar, havia outra coisa. Algo que ele nunca sentiu antes. Algo que ele não entendeu. Algo torcido e feio e vivo, enraizando-se dentro de seu peito enquanto a observava respirar, por causa dele. Algo venenoso sangrava em seu coração, paralisava, amortecia, até que ele não podia mais sentir.

Até que ele não podia sentir nada além do veneno. Até que ele não podia ver nada além do rosto dela com o sangue dele.

Ele havia derramado o sangue de seu pai para protegê-la.

Sua mãe o chamara de monstro. Ela estava certa. Ele se tornou um monstro, mais maligno do que todos os homens na sala, em um segundo.

Tudo por causa *dela* .

Porque ela o fez escolher.

E ele não tinha nada.

Ninguém.

Nada.

Nada, exceto esse sentimento em seu peito. Ele a agarrou, olhando para o rosto dela, gravando-o na memória. Ele olhou nos olhos dela, vendo a alma dela sempre manchada com o sangue dele.

A partir desta noite, a vida dela era dele. Ele desistiu de tudo para que ela pudesse viver.

A vida dela era dele.

Ele não sabia o que faria com isso. Mas era dele.

"Venha comigo, garoto."

A voz do chefe o alcançou. Não. Não é o chefe. Ele tinha sido o chefe de seu pai. E o pai dele estava morto.

Tristan Caine também estava morto. Em seu lugar, outra pessoa nasceu. Alguém que olhou para Lorenzo Maroni e o brilho em seus olhos escuros desapaixonadamente.

Ele ficou quieto, tudo dentro dele destacado, exceto a sensação estranha e amarga que ele sentiu quando olhou para a garota. Os homens ao seu redor o consideravam, todos

maiores do que ele, com armas pesadas e o poder de assustá-lo.

Ele não estava mais assustado.

Esta foi a última vez, prometeu a si mesmo, que ficaria assustado.

Nunca mais.

Ele se tornaria o mais assustador de todos.

Salvá-la o destruiu. Um dia, ele jurou enquanto observava um homem pegar a menina e levá-la embora, seus olhos azuis nela, ele cobraria sua dívida.



Escolhendo

Morana.

Nos Dias de Hoje.

Ela não sabia disso, esse nó enrolado de emoções em seu peito.

Apenas doeu.

Tudo doeu. Tudo, porra.

Suas mãos trêmulas, seus lábios trêmulos, seu coração trêmulo. Tudo isso.

Ela não conseguia respirar. O ar estava preso em algum lugar do peito, perto do coração sangrando. Sua garganta estava apertada, trancada; um peso se assentou baixo no estômago quando o barulho do avião sobrevoou a morte no cemitério.

O avião veio e se foi.

E ainda dói.

Ela doía.

De uma maneira que ela não se considerava capaz de machucar. De uma maneira que ela nunca soube que uma pessoa poderia machucar.

Com os olhos ardendo, Morana piscou rapidamente, anos se treinando para não derramar uma lágrima na frente de alguém que, não lhe permitiu a liberdade de deixar cair uma única gota. Mas teria parado em uma única gota? Teria parado quando o peso em seu peito parecia ficar cada vez mais pesado a cada respiração passageira?

Ela queria gritar até sua garganta doer como seu coração. Ela queria ficar rouca até que o som desaparecesse no nada interior. Ela queria gritar, mas não conseguiu encontrar sua voz.

Ela era inocente.

Completamente inocente.

Ela não fez nada de errado, exceto existir.

No entanto, sua própria existência a fez querer chorar. Sua própria existência a fez querer quebrar ossos.

Ela existia por causa dele. Ela era inocente, mas ele também era inocente. Ela era inocente e, no entanto, estava manchada de sangue.

O sangue dele.

O sangue do pai dele.

O sangue que ele derramou para salvá-la; o sangue que ele a havia marcado tentando limpá-la.

As pessoas que conheciam a história pensaram que ele fez uma reclamação nesse gesto. Mas ela sabia, sabia que ele acabara de ser um garoto doce tentando limpar o sangue do rosto de um bebê inocente.

Dor e raiva, ódio e turbulência, compaixão e desgosto, amontoados dentro dela em um nó que ela podia sentir em sua garganta, transfundidos em seu sangue que batia em cada centímetro de seu corpo, uniram-se de uma maneira que ela não conseguia distinguir, não entendia o que era direcionado a quem.

Ela fechou os olhos, seu corpo começando a tremer, incapaz de suportar o conflito dentro de sua própria alma.

"Morana".

A voz quebrada de Amara fez seus olhos se abrirem. Ao contrário de si mesma, a outra mulher chorava abertamente, a dor nos olhos refletia os seus. Morana devia muito à outra mulher, tanto que ela não podia sequer começar a compreendê-la, por simplesmente lhe dizer a verdade que havia sido impedida dela a todo momento, por quebrar sua promessa e depositar sua fé nela.

"Você quer que eu pare?"

Morana balançou a cabeça imediatamente, sua voz perdida dentro dela, emaranhada na massa de emoções que a agrediam, sua mandíbula doía com a força que a mantinha apertando. Ela precisava saber. Ela precisava saber tudo o que havia para saber sobre ele, sua alma faminta pelo conhecimento de que havia sido negado. Ela precisava saber, entendê-lo. Ela estava trancada há anos com a verdade e ele sempre fora a chave.

Ela precisava saber.

Limpando as bochechas com as mãos pequenas, as unhas pintadas de verde que combinavam com seus olhos incomuns, continuou Amara, sua voz tremendo como uma folha ao vento.

"Eu conheci Tristan quando o Sr. Maroni o trouxe para a casa naquele dia...", seus lindos olhos inchados vidrados, perdidos na memória de que ela estava falando, fazendo Morana cerrar os dentes com mais força à imagem das consequências.

“Ele estava vestindo uma camiseta branca de mangas compridas, salpicada de gotas de sangue, uma mão inteira completamente ensanguentada, o cabelo uma bagunça. Ele era apenas dois anos mais velho do que eu, mas ele parecia muito mais velho. Seus olhos... Deus, seus olhos, Morana... eles estavam tão *mortos”,* Amara estremeceu, olhando para o espaço, arrepios irromperam sobre seus braços.

Ela os esfregou lentamente. “Sr. Maroni disse a todos que ele ficaria no complexo. Ele falou sobre Tristan, mas Tristan apenas ficou lá, sem se mexer, sem reagir, com os olhos se movendo sobre todos. Mas ele não olhou para ninguém, olhou através deles... como se não estivesse vendo nada... Foi tão aterrorizante vindo de um garoto tão jovem.”

Morana tentou encontrar a congruência no que Amara estava dizendo a ela, o que tinha visto por si mesma. Ela o viu olhar assim para outras pessoas – para os homens no cassino, para as pessoas no celeiro, para a multidão no restaurante. Ela até se lembrava dele olhando para ela naquela primeira noite em Tenebrae, quando ele não sabia quem ela era, e sua própria faca foi pressionada contra o pescoço por suas mãos.

Agora que sabia, percebeu que ele evidentemente nunca, desde então, não a olhou sem nada. Sempre, sempre havia algo naqueles olhos azuis dele. Ele sempre olhou para ela, daquela maneira intensa que a queimava.

A voz de Amara interrompeu seus pensamentos, uma rajada de brisa fresca erguendo uma mecha de seus cabelos escuros, arrepiando Morana.

“Lembro de perguntar à mamãe sobre ele naquela noite. Ninguém em nosso mundo sabia por que um estranho fora trazido para a família, mais ainda para viver no complexo. Isso nunca tinha acontecido antes. Mas alguns dias depois, houve rumores.”

Morana passou os braços em volta de si mesma, um calafrio nos ossos enquanto esperava Amara continuar.

“Minha mãe me disse que ouviu sussurros entre os criados sobre ele. Os criados sempre sabiam o que acontecia no complexo, mas nunca falavam disso por medo – por suas famílias, por si mesmos, alguns até por lealdade. Mas eles conversaram entre si, e Tristan criou uma grande agitação. Mamãe me contou sobre esses sussurros, sobre como ele assassinou seu próprio pai a sangue frio em uma sala cheia de homens, sobre o quão perigoso ele era, sobre como eles disseram que ele seria o mais temido de todos os homens quando crescesse. Ela me disse para manter distância dele. Todo mundo fez. E tenho vergonha de admitir, mantive distância, eu o evitei como todo mundo porque, é claro, fiquei com um pouco de medo.”

"Você era apenas uma criança", Morana falou antes que ela pudesse se ajudar, sua voz enferrujada e pequena.

Amara sorriu tristemente, mexendo na barra da blusa. “Ele também era, Morana. Todos nós esquecemos que ele também era.”

Morana engoliu o nó na garganta, segurando a blusa com os dedos.

“Ele ser um garoto tão assustadoramente silencioso apenas alimentou a cautela que todos sentiam por ele ainda mais. As pessoas falavam dele, e tenho certeza que ele sabia,

mas ele nunca pronunciou uma palavra. Nada. A primeira vez que o ouvi falar foi anos depois que ele foi morar lá."

Balançando a cabeça, como se quisesse afastar a memória, Amara continuou. "Sr. Maroni ordenou que seus homens se calassem sobre a verdade de Tristan – não pela bondade de seu coração, se é que ele tem alguma, e não porque ele queria proteger o garoto. Oh não, foi para que o homem que Tristan se tornasse um dia lhe devesse."

O desgosto na voz de Amara se infiltrou em Morana, seu coração estremecendo. A profundidade da crueldade em seu mundo a surpreendeu. Mesmo sabendo o quão brutal era o mundo deles, isso ainda conseguia pegá-la desprevenida. Não havia lugar para inocência aqui. Nenhum. O que um garotinho fez por instinto lhe custou tudo. Não porque alguém queria se vingar dele, ou porque alguém queria matá-lo por si. Não, mas porque alguém queria simplesmente explorá-lo. Ele deveria ter sido amado e protegido. Mais importante, ele deveria ter sido perdoado. Em vez disso, seu calvário só começara nas mãos das pessoas que o haviam derrubado.

"Foda-se", ela sussurrou, sem saber mais o que dizer, a única palavra que abrange toda a situação perfeitamente.

"Sim. Como se isso não bastasse, ele foi mantido longe de todas as outras crianças da família, em uma ala separada," Amara relembrou, outra lágrima escorrendo por sua bochecha, sua voz rouca tremendo. "Durante o dia em

que outras crianças frequentavam a escola fora dos muros ou brincavam até a hora de treinar, ele era trancado no complexo com professores particulares. Os melhores homens de Maroni o treinaram, torturaram-no e ele nunca disse uma palavra. Mamãe disse que ouvia seus gritos de vez em quando, quando ia para a ala. Todos nós fizemos em algum momento. Mas nunca ouvi suas palavras. E depois de um ponto, os gritos simplesmente pararam."

Morana fechou os olhos, a raiva infundindo seu sangue, o desejo de matar todas aquelas pessoas, a necessidade de matar todas essas pessoas, destruí-las quando destruíam uma criança, tão aguda que se tornou uma dor no coração. Lembrou-se das profundas cicatrizes manchadas que vira por todo o corpo, as marcas de queimadura nas costas. Quantas foram infligidos por essas pessoas? Quantas quando ele era apenas um menino? Quantas o levaram à beira da morte? À beira da insanidade?

Uma lágrima desceu por sua bochecha - uma lágrima de dor, de raiva, de compaixão – antes que ela pudesse detê-la. Ela deixou rolar, respirando fundo para acalmar seu coração acelerado.

Ela abriu os olhos. "Continue."

Amara suspirou suavemente, seu rosto gravado em remorso. "Eu nunca vou me perdoar por ignorá-lo naquela época. Eu sei que era apenas uma criança, mas mesmo naquela época, eu sabia que não deveria estar acontecendo

assim. Eu sabia que não estava certo. E, no entanto, não fiz absolutamente nada para ajudá-lo, de forma alguma. E às vezes, me pergunto se, talvez, uma palavra amável, um gesto altruísta, uma mão amiga, teria melhorado um pouco as coisas para ele...”

Morana não disse nada sobre isso. Ela não conseguiu. Não com a raiva que ela estava sentindo.

Amara engoliu em seco, evidentemente lutando com algo antes de respirar fundo e continuar. “Eu o vi ao redor do complexo por anos. Eu andava pelos aposentos, brincando com as outras crianças que não estavam em treinamento, ou ajudando minha mãe, e eu via vislumbres dele ao longo dos anos.”

Esfregando a mão no rosto drenado, ela continuou. “Ele estava sempre machucado. Ele andava mancando às vezes. Às vezes, ele mal conseguia andar. E mesmo assim, ninguém se atreveu a ter pena dele ou a falar com ele. Tornou-se claro em anos que ele era letal. Seu silêncio alimentou isso ainda mais. As pessoas da família o evitavam por ser um estranho e as pessoas de fora o evitavam por estar do lado de dentro. Ele não pertencia a lugar algum. E enquanto ninguém mexia com ele, ninguém falava com ele também.”

"O-o que aconteceu então?", Morana gaguejou, mal conseguindo dizer as palavras, com o coração apertado pelo garoto que ele fora, desejando tê-lo conhecido naquela época. Ela estava tão sozinha crescendo também, cercada por

pessoas, mas ninguém com quem conversar. Talvez ela pudesse ter estendido a mão da companhia, surreal como teria sido. Talvez eles pudessem ter se ajudado a se sentir menos solitários.

Talvez...

Amara sorriu um pouco, interrompendo os pensamentos de Morana, todo o rosto suavizando. "Dante aconteceu."

Morana franziu a testa, sem entender.

Amara balançou a cabeça, sorrindo baixinho, seus lindos olhos brilhando. “Alguns anos depois, o Sr. Maroni começou o treinamento de Dante com os mesmos homens que treinaram Tristan por anos. Os dois treinavam no mesmo lugar algumas vezes. Já havia rumores sobre Tristan assumir a família quando ele crescesse, e Dante era o herdeiro óbvio, sendo o filho mais velho e tudo. Não ajudou que Tristan mal reconhecia alguém, muito menos falava com alguém. Dante tentou falar com ele e Tristan o desligou tão rápido... ele era assim com todos. Só falava quando queria, e na maioria das vezes, nem mesmo nesse momento. Dante não estava acostumado a não conseguir o que queria. Isso criou muita tensão entre eles.”

Ela podia imaginar.

“Então, uma noite após o treino, Dante perdeu. Entrou no rosto de Tristan. Tristan tentou se afastar e Dante deu um soco nele. Tristan quebrou sua mandíbula.”

Amara fez uma pausa. "Ele quebrou a mandíbula do filho mais velho de Lorenzo Maroni, o chefe da Outfit Tenebrae."

Morana sentiu os olhos se arregalarem, as implicações a deixando sem ar, um arrepio percorreu sua espinha.

O vento rodopiava ao redor delas, trazendo folhas perdidas e caídas no colo.

"Ele foi punido?", ela perguntou em um sussurro, com medo da resposta.

A risada de Amara a surpreendeu quando ela balançou a cabeça novamente. “Sr. Maroni chamou todos para a mansão. Toda a equipe estava lá também, assistindo em silêncio. De qualquer forma, ele criou uma grande cena, exigindo o culpado, exigindo quem havia quebrado a mandíbula de seu filho. Ele tomou isso como um golpe em sua honra, ou algo assim.”

Morana se inclinou para frente, sua respiração acelerando. "Então?"

Aquele pequeno sorriso no rosto de Amara permaneceu. “Dante nunca falou ou olhou na direção de Tristan – ele odiava o pai. Mas Tristan fez. Lembro-me de como fiquei atordoada quando Tristan se adiantou sem hesitar. Não havia medo naquele garoto. Nenhum mesmo. Quero dizer, eu tinha visto homens adultos se encolherem diante de Lorenzo

Maroni e ele... de qualquer forma, Maroni tentou ameaçá-lo sutilmente...”

O vento aumentou. Morana estremeceu. Isso ficou cada vez melhor.

"...e essa foi a primeira vez que ouvi a voz de Tristan."

Morana ergueu as sobrancelhas, com o coração batendo forte. "O que ele disse?"

O olhar de reverência no rosto de Amara, mesmo com a memória antiga, correspondia à maravilha em sua voz. “Deus, eu ainda me lembro como se fosse ontem. O Sr. Maroni ameaçou Tristan, pensando que se sentiria obrigado, talvez assustado, talvez respeitoso – Deus sabe o que ele estava pensando – e Tristan... ele ficou cara a cara com o Sr. Maroni e disse a ele: 'Você me colocou uma trela, eu vou estrangulá-lo com ela.”

Morana piscou, atordoada. "Ele disse o quê?!"

Amara assentiu. “Você me colocou uma trela, eu vou estrangulá-lo com ela. Palavra por palavra.”

Ela tentou entender quando o espanto a atravessou. "Quantos anos ele tinha?"

"Quatorze."

Morana recostou-se, sentindo o vento bater nela.

Amara assentiu, como se entendesse completamente. “Ele era destemido, Morana. Foi a primeira vez que um de nós viu um garoto calar a boca do chefe. Esse também foi o momento em que Dante decidiu que era completamente do Team Tristan. E quando seu pai lhe disse a verdade sobre Tristan para fazê-lo ficar longe, isso só fez Dante mais inflexível em fazer amizade com aquele garoto.”

Roubando uma respiração rápida, Morana perguntou: "Então eles se tornaram um time?"

"De jeito nenhum!" Amara respondeu, balançando a cabeça em boas lembranças. “Dante sempre foi um encantador do lado de fora. Ele poderia seduzi-la em um suspiro enquanto planejava um milhão de maneiras de matá-la no próximo, e você nem saberia. Tristan não confiava nele nem um centímetro, mas também não conseguia se livrar dele. Dante era, ainda é, enganosamente teimoso. E embora ele fosse o filho mais velho com responsabilidades, Dante foi contra seu pai repetidamente, sustentando sua associação com Tristan. Maroni queria que eles competissem. Eles basicamente lhe deram o dedo. Ao longo dos anos, eles meio que caíram nesse relacionamento – eles não são realmente amigos ou irmãos, mas não teriam mais ninguém do seu lado na batalha. É complicado com eles.”

Morana ficou calada, digerindo tudo.

Torcendo a tampa da garrafa na mão, Amara tomou um gole de água, engolindo lentamente e recostando-se na lápide,

quieta por um longo momento enquanto Morana absorvia tudo.

"Fui levada alguns anos depois", ela falou baixinho no espaço entre eles, sua voz rouca, olhos embotados pelas lembranças. "Tristan foi quem me encontrou."

Morana começou por isso.

Amara assentiu. “Sim, ele me encontrou e me deixou com Dante enquanto cuidava dos homens que me mantiveram em cativeiro. Foi depois que fui localizada que realmente interagi com Tristan. Enquanto eu estava me recuperando, ele se tornou... mais presente, eu acho, sem ser óbvio. Naquela época, eu não sabia que ele chegava perto de casa. Ele estava sendo protetor comigo. Não de forma óbvia, e nunca com pessoas por perto, mas ele apenas... se tornou uma presença na minha vida. Ele nunca falou muito, mas o fato de que ele olhou para mim, ouvia se eu falasse, disse tudo. É por isso que eu sei que ele é incrivelmente protetor com mulheres e crianças. Eu o vejo assim há anos.”

Ficou claro para Morana – sua profunda necessidade de proteger. O fato de ele ter sobrevivido a tudo o que tinha e não ter se livrado dessa necessidade de proteger dizia mais sobre ele do que qualquer coisa jamais poderia, mais do que ele jamais poderia mostrar.

"Ele nunca confiou em ninguém, Morana", continuou Amara, sua voz tingida de tristeza. "Ele nunca teve muitos motivos para isso."

"Ele confia em você e em Dante", lembrou Morana.

Amara sorriu tristemente novamente. “Apenas até certo ponto. Ele vive atrás de seus muros, sozinho, morto para o mundo. Estamos autorizados a chegar perto desse muro, mas nunca atrás dele. É por isso que ele é tão temido. Todo mundo sabe que ele não tem nada a perder. Suas fraquezas foram exploradas fora dele. Agora? Sem pontos fracos. Nada. Nunca, em todos os anos que o observei, eu o vi ser qualquer coisa, exceto mortal. Ele não está feliz. Não está triste. Não está com dor. Ele simplesmente não está nada...”

Memórias vieram à Morana às pressas.

"Eu machuquei você?"

Seus olhos insones, a intensidade de sua pergunta, a quietude em seu corpo.

A raiva nele quando ela o machucou. O calor em seus olhos quando ele a fodeu em sua mente. As maldições no chuveiro quando ele se abriu, sangrando de dor.

Amara estava errada - ele não sentia nada.

Ele *sentia.*

Ele sentia tão profundamente que não se deixava sentir.

Ele sentia tão profundamente que temia suas próprias reações a isso.

Ou tudo foi um truque para manipulá-la? Para torná-la compatível com a vingança dele?

Um trovão alto ecoou pelo céu, assustando-a.

Morana olhou para cima, surpresa ao ver que o sol estava baixo no horizonte, escondido atrás de grossas nuvens escuras que se agitavam. O vento soprava através do cemitério, chicoteando as folhas das árvores em um frenesi, chicoteando seus cabelos ao redor do rosto, assobiando através das colunas, fazendo-a ciente do sangue seco em seu braço, de onde o ferimento de bala havia aberto na explosão.

Tomando emprestada a garrafa de água de Amara, sem palavras, Morana rasgou um pedaço de tecido relativamente limpo da parte inferior da blusa, limpou o ferimento o melhor que pôde com a pouca água que tinha e o enrolou no pano para evitar que sangrasse novamente. A garrafa quase vazia, ela a devolveu à outra mulher, ciente de que estava sendo observada por ela em silêncio.

Ela precisava ficar sozinha.

Ela precisava estar sozinha para começar a processar tudo o que havia aprendido. Ela precisava de tempo para si mesma, para entender a magnitude de quão interligados eles sempre foram, como eles foram definidos – ele mais do que ela – pelo passado. Mais importante, porém, ela precisava de

tempo para descobrir seu futuro, o futuro deles ou se eles poderiam ter um.

Respirando fundo e empurrando o peso da garganta de volta, Morana olhou Amara nos olhos.

"Eu só... eu preciso...", ela lutou por palavras, sem saber o que dizer.

Ela viu os olhos da outra mulher amolecerem quando assentiu, empurrando-se do chão para se ajoelhar. Pegando sua bolsa espaçosa e colocando a garrafa dentro dela, Amara se levantou, passando a bolsa por cima do ombro, escovando as costas para tirar a grama.

Morana permaneceu sentada no chão duro, encostada na lápide, e olhou para a mulher alta, a luz do céu caindo diretamente sobre a cicatriz no pescoço esguio. A cicatriz que ela recebeu quando se recusou a falar sobre seu povo aos quinze anos. Morana nunca tinha visto claramente antes – por causa de lenços, maquiagem ou sombras –, mas agora estava nua aos olhos, uma grossa e branca linha branca de carne levantada atravessando sua garganta.

Morana olhou para seus lindos olhos antes que ela pudesse olhar. Amara a procurara com a cicatriz exposta, mostrando um tipo de confiança que Morana nunca sentira antes, e ela não a decepcionaria, fazendo-a sentir-se consciente.

“Não consigo nem imaginar o quão difícil isso deve ser para você, Morana,” a mulher bonita falou suavemente em sua voz rouca, a voz que de alguma forma começou a acalmar Morana. "Apenas me ligue se precisar de mim."

Era assim que era a amizade?

Ela não sabia. Lágrimas ameaçavam de novo com a bondade que essa mulher estranha lhe mostrara repetidamente, com a dura verdade que ela havia trazido à luz, apesar de estar vinculada por sua própria palavra a alguém que amava, por deixar tudo para ajudá-la em um telefonema – Morana era estranha a isso. Mas o céu a ajude, ela tentaria.

Ela engoliu em seco, tentando impedir que seus lábios tremessem.

"Obrigada, Amara", um sussurro escapou dela, arrancado direto do fundo de sua alma. "Obrigada por tudo."

Amara fungou, enxugando as lágrimas, sorrindo. “Estou feliz por ter você. Na minha vida e especialmente na de Tristan. Ele... ele passou vinte anos sofrendo sem reconhecer. Eu o amo, Morana. Ele é como um irmão que eu nunca soube que tinha. E ele passou por tanta coisa, tão sozinho... apenas...”

Morana inalou sua hesitação, esperando que ela continuasse.

Amara respirou fundo. “Eu posso entender se for demais para você... se ele for demais para você. Francamente, eu ficaria surpresa se ele não fosse. Apenas – se for demais – apenas não lhe dê esperança, se não houver. Ele nunca mostra fraqueza. Ele não espera que ninguém fique com ele, fique por ele. Essa é uma razão pela qual ele não confia em ninguém. Então, por favor, este é o meu único pedido para você, Morana. Por favor, não o encoraje a confiar em você se você for embora no final.”

Soltando um suspiro de ar, ela passou a mão pelos cabelos escuros. “Eu te contei tudo isso porque você precisava saber a verdade sobre si mesma e sobre ele. Faça o que você precisa fazer, Morana. Não negarei que uma parte de mim espera que seja o que ele precisa também, mas, caso não seja, faça o que você tem que fazer por si mesma e, por favor, não o machuque.”

O nó na garganta cresceu até sua visão ficar embaçada.

Ela fechou os olhos e assentiu. “Eu preciso... processar. Isso é muito.”

“Eu sei. Vou deixar você em paz.”

"Só não... não conte a ninguém sobre isso por um tempo, por favor."

"OK."

Com uma palavra suavemente murmurada, Morana ouviu os passos de Amara se distanciarem quando ela a deixou sozinha no cemitério com os mortos.

Morana fechou os olhos, inclinando a cabeça para trás contra a pedra.

Morte. Tanta morte.

No passado dela. No presente dela. No futuro dela também? Era para isso que ela estava se movendo? Ela queria seguir em frente assim? Sabendo que ela não fez nada de errado? Ela era apenas um bebê. Ela nem se lembrava de nada, pelo amor de Deus!

E, no entanto, uma parte dela, profundamente em seu interior, pesada em seu peito, enraizada em seu coração, estava banhada em dor – dor pelo garoto que ele foi, dor pelo homem que ele se tornara, dor por tudo o que ele perdeu.

Faz vinte anos.

Como ele sobreviveu?

Os olhos dela se abriram.

Ela sabia.

Ele sobreviveu por pura vontade, por ela.

Ela imaginou todas as cicatrizes que tinha visto em seu corpo, todas as cicatrizes que ela ainda tinha que ver. Ela o imaginou, o jovem garoto que havia perdido tudo, recebendo

nada além de dor, cicatriz após cicatriz, dia após dia, ano após ano. Por vinte anos, ele não teve nada, absolutamente nada, exceto o que ele acreditava que ela lhe devia.

A vida dela.

Ele viveu pela vida dela. Ele manteve sua vida pela dela. E enquanto seu coração sangrava por ele, enquanto ela o entendia, era isso que ela merecia? Era certo ela ficar com um homem que prometeu cobrar sua dívida um dia? Ela poderia viver com uma espada assim pendurada sobre a cabeça?

Ela não conseguia.

Morana olhou para os dedos, dedos sujos, e deixou-se ser absolutamente honesta consigo mesma. Não há mais negação. Ela se deixou refletir sobre cada momento que passara com ele – desde o primeiro momento daquela faca no pescoço até o último momento da mensagem de texto dele, dizendo que ele não acreditava que alguém pudesse lidar com ela se ela não quisesse ser lidada. No curto espaço de algumas semanas, ela mudou. Ela se rebelara contra essa mudança, temia essa mudança, mas fora incontrolável.

Ela mudou.

E ela não podia acreditar, depois da honestidade que testemunhara nos olhos dele, repetidamente – sobre sua luxúria, seu ódio e até sua dor – que ele não havia mudado em algum lugar também. Enquanto o garoto que ele foi pode

querer a vida dela, ainda pode querer manter a dívida em sua mente, o homem que ele era apenas a queria.

Essa era a fraqueza dele.

Ele a queria e tornou óbvio. Ele a queria e essa era a razão pela qual ela ainda estava viva. Ele a queria e foi por isso que a protegeu, guardou-a, salvou, vez após vez, de seu próprio pai.

Esse desejo era sua fraqueza.

E ela tinha duas opções diante dela – ela poderia explorar essa fraqueza e lutar com ele para transformá-lo, ou ela poderia expor sua própria garganta e confiar nela, sua confiança nele, para não a rasgar.

Todos os instintos de sobrevivência que ela aperfeiçoou durante anos protestaram apenas com o pensamento da segunda opção. No entanto, havia uma pequena voz dentro dela, dizendo que esse era o único caminho a seguir. Nas últimas semanas, ele sempre agiu em reação às escolhas dela. Ela teria que ser a primeira a agir.

Todo o resto, a parte inferior era que ela estava viva hoje porque ele escolheu salvá-la. E ela não podia sair, não sem dar-lhe um fechamento. Ela devia muito a ele por sua vida. Fugir não era mais uma opção. A vida dela importava tudo para ele. Ele estava fazendo isso importante para ela novamente.

Ela havia matado dois dos homens de seu pai. Ela matou com raiva e vingança que sentira por vinte minutos por seu carro.

Ele abrigou essa raiva dentro dele por vinte anos.

Deus, isso é uma bagunça. E ela nem estava se permitindo pensar em seu pai, ou em Lorenzo 'Asshole' Maroni e toda a merda de confusão com a Aliança. Seu cérebro não conseguia aguentar tanta coisa junta.

Respirando fundo, ela olhou para o céu agora escuro enquanto outro avião voava alto, as nuvens cinzentas contra o pano de fundo preto da noite.

Ela precisava de algo. Se ela iria expor sua própria fraqueza, sua própria vulnerabilidade, precisava de algo, qualquer coisa para lhe dizer que não era o pior erro de sua vida. Qualquer coisa para dizer a ela que tudo o que ela experimentou até agora não foi manipulado da parte dele e não foi interpretado por ela em sua cabeça.

Um barulho perto dos portões de entrada deslizou repentinamente através do silêncio vazio.

Morana parou.

Era tarde, mais tarde do que ela havia percebido.

Com o coração batendo forte, ela apalpou a arma ao lado dela silenciosamente, forçando as mãos a parar de tremer. Ela não seria capaz de tomar nenhuma decisão se

acabasse morta. E ela não poderia morrer assim – não depois de sobreviver à tentativa do pai, não depois de aprender a verdade, não depois dos vinte anos que Tristan Caine passara querendo o fechamento.

Pingos de chuva caíam pesadamente das nuvens, o crepitar dos raios alto ao vento. Morana podia sentir isso no ar, a chuva forte que a afogaria esta noite. Já estava escuro, o sol estrangulado no horizonte durante a noite, e ela percebeu o quanto estava isolada.

Levantando-se o mais silenciosamente que pôde, com o vento frio nos braços nus, Morana rapidamente saiu de trás da lápide e agachou-se, dirigindo-se para o local da explosão perto dos portões de onde o barulho vinha. Ficando nas sombras, grata pela sujeira que impedia seus sapatos de fazer barulho, grata pelas nuvens que escondiam a lua e fornecia cobertura, ela avançou, seus próprios olhos acostumados à escuridão atrás dos óculos, deixando-a ver na maior parte claramente .

Finalmente, atrás de uma árvore com uma visão clara dos portões, Morana pressionou-se contra ela, inclinando-se ligeiramente para fora, apenas o suficiente para poder ver o que estava acontecendo.

Dois homens atarracados de terno vasculhavam o veículo que ela explodira – claramente os homens de seu pai. Um tinha um telefone pressionado no ouvido enquanto o

outro olhava em volta, fumando um cigarro, o brilho laranja da ponta um ponto ardente de sua vista.

Mantendo a arma pronta na mão, Morana ficou parada e vigiando.

E então, seu coração parou.

Ele estava lá.

De alguma forma, de alguma maneira, ele encontrou o lugar dela.

Sua surpresa durou apenas um momento, seu coração pesado com o conhecimento que ela não tinha antes. Amara estava certa. Saber a verdade mudaria as coisas para ela, mas não mudaria as coisas para ele – ela teria que fazer isso sozinha.

Com o coração acelerado, o corpo dela consciente de uma maneira que estava apenas na presença dele, com os sentidos alertas, Morana viu como ele saía sem problemas do SUV preto que costumava dirigir, o corpo envolto em um terno, o habitual colarinho aberto fechado com uma gravata de tom escuro. Suas roupas lhe disseram que ele esteve em algum lugar importante, em algum lugar fora, e ele veio direto para cá.

Por quê?

Os dois homens levantaram os braços para apontar as armas para ele.

Ele deu um tiro no joelho antes que a porta do veículo estivesse fechada.

O homem caiu no chão, gritando de dor quando seu parceiro mirou em linha reta. Morana nem sequer estremeceu. Ela já tinha visto o suficiente dele em ação para saber que ele não teria um único arranhão.

Batendo a porta atrás dele, ele caminhou lentamente para a frente, seu corpo inteiro apertado, ágil, fluido em seu movimento sem pressa, um flash de luz dando a ele um brilho mortal antes de envolvê-lo de preto.

E então sua voz, aquela voz de uísque e pecado, falou na morte.

"Onde ela está?"

Silêncio.

Seu coração começou a bater de forma irregular, trovejando em seu peito. Sem um pensamento consciente, Morana pressionou-se mais profundamente na casca da árvore, segurando-a com força com os dedos até as juntas dos dedos ficarem brancas, os olhos fixos no homem que decidiria hoje à noite se ele seria sua vida ou sua morte.

Sua garganta travou, de repente querendo chamá-lo. Ela estrangulou o desejo.

O homem não ferido do pai não disse uma palavra; ele apenas manteve a arma apontada.

"Onde. Ela. Está?"

Ele não ameaçou. Não gritou como ela viu muitos homens fazerem.

Ele não precisava. As três palavras estavam envolvidas em tanta morte que era difícil perder.

Evidentemente, o homem de seu pai, aquele que choramingava no chão, também pensava assim. “Acabamos de chegar aqui. A explosão acabou com os dois carros. Vamos embora, por favor. Nós temos uma família.”

Morana observou quando ele de repente parou, seus olhos indo, pela primeira vez, para os restos queimados de seu carro.

Por um momento, nada se moveu - nem o vento, nem as folhas, nem os homens.

"Onde diabos ela está?"

Trovões dividiram o céu; os ventos se tornaram caóticos, fazendo a gravata e o paletó aberto baterem contra o peito duro, o braço da pistola apontando diretamente para o outro homem, a morte iminente em sua voz fazendo-a recuar.

Mas os olhos dele permaneceram no carro dela.

Algo apertou em seu peito.

“Nós não sabemos. Disseram-nos para vir conferir nossos caras.”

Ele se virou para os homens, abaixando a arma, sem movimento no rosto.

“Saiam. Agora. Se voltarem, vocês morrem.”

O homem que estava em pé assentiu, guardando a arma enquanto ajudava o homem ferido a subir em direção ao seu próprio carro. Em questão de minutos, eles estavam no veículo e se afastavam, as luzes traseiras desaparecendo, deixando tudo de volta na escuridão.

Ele os deixaria ir.

Morana se afastou um pouco ao lado da árvore, incapaz de entendê-lo, as batidas de seu coração feroz, a corrente de sangue quente em suas veias.

A poeira se assentou lentamente.

Ela o observou dar alguns passos em direção à pilha de metal carbonizado que havia sido seu carro amado e parar.

A arma balançou frouxamente na mão ao seu lado.

Ele ficou diante dos restos queimados do carro dela, de costas para ela, o paletó do terno grudando nos músculos enquanto eles se apertavam, antes de bater no ataque do vento.

Morana ficou quieta contra a árvore à vista de todos e o observou por trás, querendo ver sua reação, precisando ver sua reação. Porque se ela ia jogar com esse homem, precisava conhecer suas cartas.

Ela não tinha falado com ele desde o último texto que ela enviou. O telefone dela estava desligado e ela fez Amara prometer dar algum tempo a sós para descobrir as coisas. Ela estava desaparecida há horas, e precisava ver a reação dele, não na frente daqueles homens, mas apenas a reação dele. Porque mesmo que ela não tivesse descoberto nada, se ele lhe desse um pedaço de esperança, ela sabia que não iria fugir. Pela primeira vez na vida, ela queria ficar.

Suas costas se moveram enquanto ele respirava, as mãos apertadas ao lado dele enquanto ele ficava olhando para o carro morto dela. A escuridão se agarrava ao seu corpo, apenas o relâmpago o iluminava intensamente por alguns segundos antes de deixá-lo sozinho no escuro novamente no cemitério.

Trovões rugiram em agonia.

Os ventos lamentavam.

Morana engoliu a dor que crescia no peito, mas não se mexeu, sabendo instintivamente que mesmo um pequeno movimento o faria ciente dela.

Então, ela continuou olhando para ele, esperando que ele fizesse alguma coisa.

Ele fez.

Ele tocou no carro dela.

Acariciou.

Só uma vez.

Mas ele fez.

Ele fez isso quando pensou que ninguém estava assistindo.

Ele fez isso quando pensou que estava completamente sozinho.

Morana piscou com o ardor nos olhos ao ver a mão grande e áspera dele atravessar os restos carbonizados com ternura, a fatia de esperança se expandindo para um fragmento agora.

Ela sabia.

Ela viu.

E ela ia lutar com ele, lutar por ele, como se ele tivesse lutado por ela. Ela iria jogar. Ela ia se jogar do penhasco e torcer para que ele a pegasse. Porque ela não viu como eles poderiam seguir em frente se ela não fizesse isso. Deus sabia que não.

Respirando fundo, ela deu um passo à frente na escuridão, com os olhos nele.

Por um momento, nada aconteceu.

Ficou em silêncio. Estava escuro. Estava vago.

Ela estava à vista agora, o suficiente para que ele pudesse virar o pescoço e vê-la.

Mas nada aconteceu.

Com o coração batendo forte, Morana engoliu em seco, com a própria arma na mão e deu outro passo à frente.

Ele apenas respirou fundo, suas costas se expandindo, o tecido de seu paletó esticando através daqueles músculos cicatrizados, mas ele não se virou.

E, de repente, Morana soube que ele sabia que ela estava lá.

Ele sabia que ela estava de pé atrás dele, observando-o, e ele não se virou.

Deus, ele não facilitaria isso para ela. Bem, ela também não facilitaria as coisas para ele.

Ela deu outro passo à frente, depois outro e depois outro, observando os músculos de suas costas se contraírem com cada um dela, seu corpo enrolado.

Déjà vu a atingiu, a partir daquela manhã, quando o confrontou sobre seu ódio por ela, sobre sua irmã e o fato de ter sido uma daquelas garotas desaparecidas.

"Eu nunca te odiei por isso."

Não. Ele nunca. Não por isso.

Tinha acabado de ser naquela manhã? Apenas algumas horas? Pareceu uma vida.

Mas ela havia incitado uma reação dele.

Respirando fundo, fechando os olhos momentaneamente e chamando toda a força dentro de si, Morana se jogou do penhasco.

"Eu sei."

Duas palavras.

Perfurando o silêncio entre eles como balas.

Pairando no ar entre eles.

Ele não se virou, não se mexeu, apenas as costas esticadas uma vez, enquanto respirava fundo. Suas mãos doíam para sentir esses músculos, sentir aquelas cicatrizes sob os dedos. Ela os cerrou em punhos.

Sua própria arma pendia frouxa ao seu lado, a outra mão entrando no bolso da calça. No entanto, ele não se virou, não a encarou, não a reconheceu.

"Eu sei...", ela mordeu o lábio, "Tristan."

Silencioso. Tudo ficou quieto.

Ele parou ainda mais, impossivelmente.

Ela parou ainda mais, reflexivamente.

O ar entre eles parou, perigosamente.

Ela sabia que tinha cruzado uma linha invisível que ambos haviam repetidamente reconhecido, mas nunca tocado. Ela sabia que, chamando-o pelo nome, aventurou-se em território desconhecido. E isso a assustou. Tanto que ela estava tremendo contra os vendavais agora calmos, com as mãos em punhos ao lado do corpo enquanto mantinha os olhos grudados nas costas dele, esperando por uma reação.

Ele veio.

Ele virou.

Um raio dividiu o céu.

E naquela luz momentânea, seus magníficos olhos azuis a encontraram, aprisionaram-na e queimaram-na.

Sua garganta travou, o coração batia forte, o sangue batia forte em seus ouvidos.

Sua respiração começou a ficar mais rápida, até que ela estava quase a ponto de ofegar, porque ele estava a poucos metros dela, cortando uma forma letal na escuridão que o envolvia, envolvida em torno dele como um amante, envolvida em torno dela como um inimigo .

E ele não pronunciou uma palavra.

Deus, ele não daria a ela uma polegada, a menos que ela o obrigasse. E ela o forçaria a fazê-lo. Não havia outro caminho, não agora, nem para ela, nem para ele, nem para eles.

Com esse conhecimento no fundo do coração, ela fechou os olhos uma vez, ofegou outra vez e se forçou a pelo menos parecer um pouco calma.

"Obrigada", ela começou em voz baixa, suas palavras, embora suaves, altas no silêncio do cemitério.

Ela não conseguia ver seus olhos claramente, então não sabia como ele reagiu a isso. Ela estava quase entrando nisso com fé cega e esperança.

Então, sem esperar pela reação dele, ou se dar mais tempo para entrar em pânico, ela começou a conversar.

"Obrigada, por me salvar", ela falou com sua forma dura e imóvel. De certa forma, era melhor que ela não pudesse vê-lo. Isso tornou isso muito mais fácil. "Não apenas nas últimas semanas, mas há vinte anos."

Seus dedos flexionaram a arma.

"Eu sei que teve um custo que ninguém deveria ter pago, muito menos um garoto, e eu sinto muito, muito mesmo por tudo isso".

Apenas o movimento do peito.

Dentro. Fora.

Sua própria respiração sincronizada com a dele.

OK.

“Mas eu não vou discutir isso, não assim e não quando você não quiser. Só falaremos disso quando você estiver pronto, porque é a sua história.”

E agora veio a parte complicada.

Permitindo que a explosão de raiva passasse por suas veias, Morana deu um passo à frente, seu medo se misturando com a raiva dentro dela.

“Você me odeia, por algo que nunca fiz. Embora eu possa entender isso – eu o entendo completamente – não posso viver com isso. Não sabendo que eu era inocente,” ela respirou fundo. "Mas você me salvou e minha consciência não me permite seguir em frente sem lhe dar uma chance de fechamento."

O cheiro da chuva que entrava permeava o ar, junto com o cheiro das flores da noite que cresciam descontroladamente na área. Morana aspirou o perfume, tirando forças da lembrança de outra noite chuvosa que provocou a mudança nela.

Molhando os lábios, ela falou, mantendo a voz o mais firme possível enquanto seu interior tremia.

"Então aqui está a questão, Sr. Caine." Ela não o chamará pelo nome dele novamente, não até que ele lhe dê o direito. “Eu tomei minha decisão – para o bem ou para o mal. Agora, é sua hora. Estou lhe dando a chance de me matar, aqui e agora.”

Uma batida passou.

Com essa força mencionada, ela jogou a arma que tinha na mão, a arma que havia sido sua salvadora por tanto tempo, muito deliberadamente para o lado.

A dele ficou na mão, os olhos ardendo nela.

Morana avançou, reunindo coragem quando as palavras vieram a ela. “Meu pai já tentou me matar e se eu morrer hoje à noite, ninguém seria o mais sábio. Todos eles acham que eu morri quando a bomba explodiu e toda a responsabilidade recairia aos pés do meu pai – não você ou a Outfit. Ninguém nunca precisaria saber que você veio aqui, ou que você estava envolvido. Nenhuma culpa jamais iria para Tenebrae. Sem bagunça. Sem culpa. Nada.”

O vento chicoteou seus cabelos ao redor de seu rosto, tocando-a por todo o corpo antes de alcançá-lo, acariciando-o, fazendo seu paletó bater contra seu tronco.

Trovões rugiram pelo céu novamente.

Morana esperou que se acalmasse antes de continuar.

“Quanto aos códigos”, ela falou, incapaz de parar agora, querendo saber se alguém já havia argumentado por sua própria morte como ela estava, “nós dois sabemos que você pode obter outros especialistas em computadores, então essa não é a questão principal. Você nunca teria uma oportunidade melhor de me matar. Você sabe disso, eu sei disso. Isso ficaria apenas entre nós e os mortos que estão

enterrados aqui. Então, aponte essa arma para mim mais uma vez e mire no meu coração. Atire em mim. Encontre o seu encerramento. Encontre o que procura há vinte anos."

Sua mão não se moveu, mesmo quando seus dedos se contraíram. O silêncio, embora seu aliado ao proferir suas palavras, estava a desfazendo, pouco a pouco.

Ela deu um passo mais perto dele, ainda mantendo muitos pés entre eles, para cobrir seu corpo trêmulo.

"Mas, entenda isso", ela continuou falando, no mesmo tom firme, agradecida por não tremer. "Esta é a única chance que estou lhe dando para me matar. Depois disso, se você optar por não, isso nunca mais será exibido. Depois disso, você precisará deixar a ideia de que quer me matar. Depois disso, você nunca *mais* me ameaçará com a minha vida novamente."

A mão em seu bolso saiu, seu punho apertando e soltando.

Aquele pequeno movimento externo lhe deu coragem.

"Você entrega minha morte ou deixa para lá. De qualquer maneira, você precisa fazer uma escolha, como eu fiz a minha e estou em paz com ela. Porque se suas escolhas afetam minha vida tão profundamente, se uma escolha que você fez duas décadas atrás está definindo minha vida agora, então eu farei você escolher novamente. Desta vez, não como um menino, mas como um homem adulto."

E então o tremor em sua voz saiu, sua mandíbula apertando quando sua voz quebrou. “Porque com toda certeza, nunca, *nunca* deixarei que você ache que pode me matar de novo. Esta é a única chance que você terá.”

Seus instintos estavam furiosos dentro dela. "Então escolha."

Suas mãos começaram a suar.

Ela viu seu aperto na arma ficar mais forte, seu braço começando a se mover e ela fechou os olhos.

Os barulhos ao seu redor pareciam mais altos na escuridão atrás de suas pálpebras. Os sons das criaturas realizando seus rituais noturnos, o som do vento soprando através das folhas, o som do coração dela batendo nos ouvidos.

Os aromas eram mais agudos também. O cheiro das nuvens pesadas no ar, o cheiro de seu próprio medo permeando sua pele, o cheiro das flores silvestres à noite. A tempestade se formando lá fora, a tempestade se rompendo por dentro, combinando, colidindo, capturando.

Ele estava apontando a arma para ela?

O peito dela ficou pesado.

Ele estava pensando sobre isso?

O chumbo se instalou em seu estômago.

Ele estava prestes a puxar o gatilho e acabar com seu sofrimento? Seu último ato na Terra seria colocar sua confiança no homem errado, mais uma vez?

Seu coração bateu forte.

Deveria ter fugido e vivido a vida inteira com o arrependimento de nunca saber, nunca explorar a possibilidade entre eles? Ela poderia ter vivido melhor sem oferecer a ele uma chance de encerramento?

O corpo dela começou a tremer.

Segundos, minutos, horas. Suspensos entre eles. Entre a escolha dele e a dela.

Memórias, momentos, uma história inteira. Preso entre eles. Entre a escolha dele e a dela.

Perguntas, dúvidas, medos. Estabelecendo-se entre eles. Entre a escolha dele e a dela.

Silêncio.

Ela estava se desfazendo, pouco a pouco. Ela estava se desfazendo nas bordas, pouco a pouco. Ela estava implodindo em si mesma, pouco a pouco.

Ela precisava dele para fazer uma escolha. Ela precisava que ele a escolhesse como a havia escolhido anos atrás. Ela precisava que ele a escolhesse – porque, depois do dia que ela teve, seu pai tentando matá-la como se sua vida não tivesse

valor, ela precisava que ele a escolhesse, não por sua vida, mas por si mesma.

Silêncio.

Uma mudança no ar ao seu redor.

O cheiro de madeira e almíscar.

O calor de uma respiração em seu rosto.

E então ela sentiu.

Lábios.

Lábios suaves e macios se apoiando nos dela.

O coração dela parou.

Porra, parou quando seu estômago se afundou.

Seu suspiro ficou preso na garganta quando seus lábios começaram a tremer contra os dele, os olhos ardendo, o coração cheio.

Ela não se atreveu a abrir os olhos, com medo de que isso parasse, que ele parasse. Ela não se atreveu a abrir os olhos, com medo de que o momento fosse quebrado para nunca mais se realizar. Ela não se atreveu a abrir os olhos, com medo da lágrima que pairava no limiar de seus cílios.

Ela não se atreveu a *respirar.*

E ele roçou aqueles lábios macios contra ela, antes de se estabelecer novamente.

Ela fechou os olhos com força, a respiração apressando-se, os dedos curvando-se nas palmas das mãos para não o tocar, já que ele não a estava tocando, mesmo quando ela inclinou a cabeça para trás o máximo possível, deixando os lábios dele se fixarem nos dela.

Uma gota fria de chuva caiu em sua bochecha. Trovões cortando o céu.

Ela separou os lábios, sentindo a forma, a marca, a beleza dele. Ele capturou seu lábio inferior, chupando-o levemente antes de escovar seus lábios novamente.

A chuva caiu, encharcando os dois em segundos.

Ela soltou aquela lágrima nos olhos, misturando-se com a chuva, os tremores de seus lábios evidentes nos dele. A boca dele pressionou a dela com mais firmeza, nenhuma outra parte do corpo dele tocou a dela. A barba em torno de seus lábios irritava os dela de uma maneira que lhe provocou um formigamento na carne, imaginando os lugares em que sua boca poderia ir e como seria sentir aquela deliciosa barba, fazendo-a balançar um pouco para a frente.

Morana inclinou a cabeça instintivamente para o lado, as mãos tremendo enquanto o fogo corria por suas veias a partir daquele contato mínimo de seus lábios.

Ele a beijou – suavemente, simplesmente, habilmente.

Ele a beijou – até que seus joelhos se transformaram em geleia e o calor invadiu sua barriga.

Ele a beijou – sem a língua, sem as mãos, sem o corpo.

Apenas os lábios dele – macios, firmes, presentes – nos dela.

Foi o beijo mais bonito que ela já poderia ter sonhado, o mais imaculado que ela já havia imaginado dele, com uma suavidade que ela nunca pensou que ele fosse capaz. Com sua intensidade, com seus olhos ardentes, as promessas silenciosas foram devoradoras.

Isso não era devorador.

Isso era saboroso.

Ele estava saboreando seus lábios, memorizando seu gosto, apresentando-se a ela muito mais intimamente do que ele já havia feito. Os dedos dos pés se curvaram quando o coração dela apertou, pulsando por todo o corpo.

A chuva caía sobre eles, o cheiro de terra molhada subindo e misturando-se com o cheiro dele, invadindo seus sentidos, enterrando-se sob a pele, deixando seus seios pesados e uma chama acesa profundamente em seu núcleo.

Ele a beijou por longos, longos momentos – por mais castos que pudessem ser, mas ela sentiu isso em sua alma.

E então, ela sentiu a ponta fria da arma dele, acariciando seu rosto, o metal beijando sua pele molhada da têmpora à mandíbula.

Ela se afastou um pouco, apenas uma polegada, para encontrar aqueles magníficos olhos azuis nela em um inferno, o rosto sombrio molhado, os lábios um pouco inchados e gritantes.

Os olhos dela se voltaram para a grande arma na mão grande dele, surpresa enchendo-a ao ver os nós dos dedos – a pele recém-quebrada sobre eles, gotas de chuva escorrendo sobre a carne tumultuada. A contradição – dele de terno e gravata enquanto usava juntas machucadas ficando ensopada na chuva – a assustou. Quem ele bateu tanto antes de vir aqui?

Ele pressionou um pouco a mandíbula dela com a arma, exigindo que os olhos dela retornassem aos dele silenciosamente.

Morana obedeceu, ciente de seu dedo no gatilho e a arma em sua jugular.

E, no entanto, ela havia lhe dado a escolha.

Ele localizou sua boca inchada com a ponta da arma, uma vez, antes de colocá-la de volta sob a mandíbula.

Ele olhou para o rosto dela por longos momentos enquanto ela mantinha a cabeça inclinada para cima, a arma embaixo do pescoço, os corpos molhados e fechados, mas não pressionados um ao outro. O vento frio e a água chiavam sobre sua pele quente, escorrendo pelo peito quente, o contraste erigindo seus mamilos quase dolorosamente. Seu

coração começou a bater mais rápido do que já estava, a necessidade dentro dela, de tantas coisas surgindo. Os olhos dele pegaram, o fogo neles chamuscando-a, inflamando diante dela.

Antes que ela pudesse piscar, a boca dele estava sobre a dela, abrindo os lábios com a língua dele, sacudindo a língua em um movimento que ela sentiu entre as pernas. Apertando as coxas para aliviar a pulsação, ela fechou os olhos e ficou na ponta dos pés, permitindo-lhe instintivamente mais.

E então, ele a *devorou* .

Cumprindo todas as promessas que seus olhos lhe fizeram.

Ele a devorou na chuva, com a arma embaixo da mandíbula.

Ele a devorou enquanto experimentava o uísque e o pecado que ela ouvia em sua voz.

Ele a devorou sem tocar outra polegada de seu corpo, acariciando sua língua com a dele, provando-a tão profundamente que suas pernas enfraqueceram, suas mãos agarrando as lapelas de seu paletó para se manter de pé, sem tocar sua pele como ele não estava tocando a dela, mas deixando que ele a apoiasse.

Elétrico.

Não havia outra palavra para isso.

Chiou. Isso faiscou. Consumiu.

A barba dele raspou sua pele molhada, os lábios se entrelaçando quando o calor a infundiu, e ela sabia que carregaria a evidência daquela queimadura pela boca mais tarde. Ela queria essa evidência. Ela queria que ele olhasse para sua carne avermelhada amanhã e sentisse o calor em seu corpo como faria toda vez que a visse. Ela queria que ele olhasse para os lábios inchados e se lembrasse da linha invisível que ele cruzava com ela. Ela queria que ele olhasse para ela e se lembrasse daquele primeiro beijo na chuva.

Segurando seu paletó molhado, ela chupou a língua dele, convidando-o mais fundo, e beliscou o lábio inferior em resposta, a arma beijando sua pele, deslizando para baixo de sua mandíbula, descendo pela inclinação do pescoço, descendo pelo decote, para parar entre os seios dela.

Ele parou sobre o coração dela, fazendo-o pular para fora de seu peito, enquanto ele continuava devastando sua boca, todo o seu calor, sua intensidade, derramando sobre ela junto com a chuva.

Um calafrio percorreu sua espinha, seus dedos apertando o tecido de seu paletó, seus lábios tremendo contra os dele, e ele se afastou.

Morana abriu os olhos, atordoada com a força daquele beijo, atordoada com sua própria reação, atordoada com ele.

Ela viu os lábios dele, inchados, usando a evidência de sua boca selvagem, e sua pele aquecida, seus mamilos se mexendo ainda mais, mesmo com a arma pressionada contra seu coração.

Sua mandíbula apertou, uma veia estalando no lado de sua cabeça enquanto seus olhos perfuravam os dela por um longo momento. Ela segurou o olhar dele, nunca piscando uma vez, a água escorrendo pelo rosto deles enquanto se encaravam.

Ele ficou imóvel por um instante, depois dois, os lábios pairando um ao lado do outro, nenhum movimento, os olhos um no outro antes dele fechar os olhos por um pequeno segundo.

Ele fechou os olhos por um pequeno segundo.

O pomo-de-adão balançou acima do nó da gravata por um pequeno segundo.

E então o braço dele caiu.

Um suspiro que Morana não sabia que ela estava segurando escapou dela rapidamente.

Ele deu um passo para trás, sem olhar nos olhos dela novamente, deixando-a ser beijada pela chuva fria e pelo ar frio, o paletó caindo das garras dela quando ele se inclinou rapidamente para recuperar a arma do chão lamacento.

De pé até sua altura total, sua camisa branca grudada no tronco, pele molhada e tinta espreitando por baixo do tecido transparente, fazendo Morana engolir reflexivamente, ele estendeu a própria arma de volta para ela. Morana deixou os olhos se afastarem do peito dele para a mão de nós vermelhos que fazia a arma pesada parecer pequena.

Ela a pegou silenciosamente, seus dedos roçando os dele, provocando formigamentos em seu braço.

Ele não reagiu, como de costume com ele.

Ele também não olhou nos olhos dela, o que era incomum.

Ele apenas girou nos calcanhares e seguiu em direção ao seu enorme veículo, a chuva caindo sobre sua figura imponente na noite inteira, depois de beijar a respiração dela.

'Toco com a boca em você, você nunca mais será a mesma.'

Suas palavras voltaram para ela. Ele estava certo.

Morana olhou para a arma que ele pegou e devolveu a ela.

Ela queria alguma coisa. Ele tinha dado a ela, de uma maneira que só ele podia. Ele não pronunciou uma palavra. Mas ele fez sua escolha. Ela também.

Respirando fundo, Morana engoliu em seco, dando um passo à frente.

E ela o seguiu no escuro.

A ser continuado em ***The Reaper.***



RECONHECIMENTO

Quero agradecer a muitas pessoas por tornar este livro e a mim possível. Este livro tem sido um trabalho de amor por muitos anos. Devido a isso, gostaria de agradecer, em primeiro lugar, a todos os meus leitores que se mantiveram comigo ao longo dos anos. Cada comentário, peça, tweet, parabéns, mensagem, tudo isso. Nunca consigo expressar em palavras o quanto seu amor e apoio significam para mim. Todos vocês me ajudaram a atravessar alguns dos momentos mais sombrios da minha vida e todos os dias me inspiram. Obrigada nunca será suficiente para transmitir tudo o que sinto por você. Tudo o que espero é continuar contando histórias que vocês gostem.

Em segundo lugar, quero agradecer aos meus pais por sempre me encorajarem a prosperar e por acreditarem em mim, mesmo quando os tempos eram difíceis e havia solavancos ao longo do caminho. Seu amor me mostra o caminho todos os dias. Obrigada por me amar tão incondicionalmente.

Também quero agradecer a Nelly por ser a estrela absoluta que você é. Eu já disse isso inúmeras vezes e repetirei – sua visão e seu talento me surpreendem. Obrigada por dar a esta história uma capa tão bonita, algo além dos meus sonhos mais loucos.

Na mesma nota, quero agradecer ao meu editor e revisor, MT Smith (que me pediu para não mencionar o nome completo). Obrigada pelo seu entusiasmo e por respeitar o meu estilo de escrita, por mais estranho que lhe parecesse no começo.

E por último, mas não menos importante, quero lhe agradecer, T. As chances de você ler isso são pequenas, mas se você ler, sabe o que significa para mim. Obrigada por me fazer perceber que existem almas gêmeas. Continue acreditando.

E para você, meus novos leitores. Espero que este livro tenha lhe proporcionado uma ótima fuga por algumas horas. Obrigada por escolher me ler.